Organizado por

Darrell L. Bock e Mitch Glaser

O SERVO SOFREDOR

A interpretação de Isaías 53 nas Teologias Judaica e Cristã

Importante referência para ensinar essa mensagem profunda e alcançar judeus e gentios sem Cristo com a mensagem de redenção.



Um livro voltado para evangelização e missões, indispensável para cada crente e para a igreja.

Organizado por

Darrell L. Bock e Mitch Glaser

O SERVO SOFREDOR

A interpretação de Isaías 53 nas Teologias Judaica e Cristã

Importante referência para ensinar essa mensagem profunda e alcançar judeus e gentios sem Cristo com a mensagem de redenção.



Um livro voltado para evangelização e missões, indispensável para cada crente e para a igreja.

O Servo Sofredor

Organizado por

Darrell L. Bock e Mitch Glaser

O SERVO SOFREDOR

A interpretação de Isaías 53 nas Teologias Judaica e Cristã

Importante referência para ensinar essa mensagem profunda e alcançar judeus e gentios sem Cristo com a mensagem de redenção.



Um livro voltado para evangelização e missões, indispensável para cada crente e para a igreja.

O Servo Sofredor © 2015, Editora Cultura Cristã. © 2012 by Darrell L. Bock and Mitch Glaser. Publicado originalmente com o título The Gospel According to Isaiah 53 pela Kregel Publications, Grand Rapids, Michigan. Traduzido com permissão.

Todos os direitos são reservados.

1ª edição 2015

Conselho Editorial	Produção Editorial
Cláudio Marra (Presidente)	Tradução
Christian Brially Tavares de Medeiros	Vagner Barbosa
Filipe Fontes	Revisão
Heber Carlos de Campos Jr	Claudete Água
Hermisten Maia Pereira da Costa	Mauro Filgueiras Filho
Joel Theodoro da Fonseca Jr	Alzira Muniz
Misael Batista do Nascimento	Editoração
Tarcízio José de Freitas Carvalho	Rissato
Victor Alexandre Nascimento Ximenes	Capa
	Osíris C. R. Rodrigues
Produção de ebook	S2 Books

B665e

Bock, Darrell L.

O Servo Sofredor / Darrell L. Bock; Mitch Glaser; Traduzido por Vagner Barbosa. _ São Paulo: Cultura Cristã, 2015

Recurso eletrônico (ePub)

ISBN 978-65-5989-194-8

Tradução de The gospel according Isaiah 53

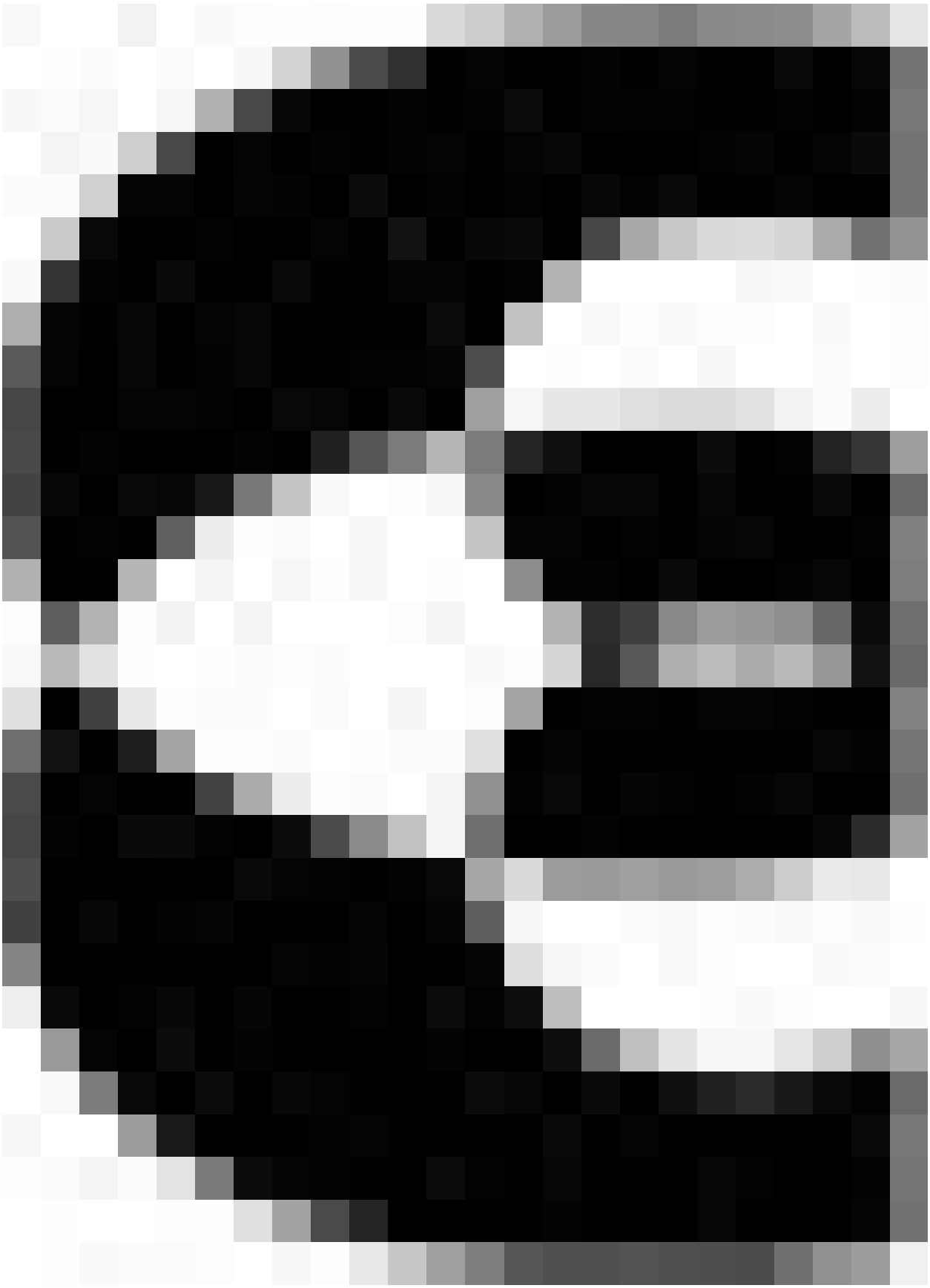
1. Cristo no AT 2. Estudo Bíblico 3. Vida Cristã I.Título

CDD 248

A posição doutrinária da Igreja Presbiteriana do Brasil é expressa em seus “símbolos de fé”, que apresentam o modo Reformado e Presbiteriano de compreender a Escritura. São esses símbolos a Confissão de Fé de Westminster e seus catecismos, o Maior e o Breve. Como Editora oficial de uma denominação confessional, cuidamos para que as obras publicadas espelhem sempre essa posição. Existe a possibilidade, porém, de autores, às vezes, mencionarem ou mesmo defenderem aspectos que refletem a sua própria opinião, sem que o fato

de sua publicação por esta Editora represente endosso integral, pela denominação e pela Editora, de todos os pontos de vista apresentados. A posição da denominação sobre pontos específicos porventura em debate poderá ser encontrada nos mencionados símbolos de fé.





EDITORA CULTURA CRISTÃ

Rua Miguel Teles Júnior, 394 – CEP 01540-040 – São Paulo – SP

Fones 0800-0141963 / (11) 3207-7099 – Whatsapp (11) 97133-5653

www.editoraculturacrista.com.br – cep@cep.org.br

Superintendente: Clodoaldo Waldemar Furla

Editor: Cláudio Antônio Batista Marra

Sumário

Capa

Folha de rosto

Créditos

Agradecimentos

Colaboradores

Abreviaturas

Introdução – Mitch Glaser

Parte 1: Interpretações de Isaías 53

1. Interpretações cristãs de Isaías 53

2. Interpretações judaicas de Isaías 53

Parte 2: Isaías 53 na teologia bíblica

3. A identidade e a missão do “Servo do Senhor”

4. Isaías 53 e a mensagem de salvação nos Evangelhos

5. Isaías 53 em Atos 8

6. Isaías 53 nas cartas de Pedro, Paulo, Hebreus e João

7. Expiação substitutiva e terminologia cúltica em Isaías 53

8. Perdão e salvação em Isaías 53

Parte 3: Isaías 53 e a teologia prática

9. Temas pós-modernos de Isaías 53

10. Usando Isaías 53 na evangelização de judeus

11. Pregando Isaías 53

Conclusão

Apêndice A: Sermão expositivo sobre Isaías 53

Apêndice B: Sermão dramático-narrativo sobre Isaías 53

Notas

Agradecimentos

Darrel Bock e eu queremos agradecer às muitas pessoas que participaram da preparação e da publicação deste volume composto de notáveis ensaios chamado O Servo Sofredor.

Para mim, foi uma grande alegria trabalhar com um colega judeu convertido que ama o Senhor e sua Palavra e dedicou sua vida ao estudo de ambos os Testamentos. Darrel Bock é um notável pesquisador, artesão teológico, prolífico escritor e, talvez, o acadêmico mais responsável administrativamente que já conheci. Sou grato a Darrel por todo o seu trabalho pesado e pelo seu interminável pensamento crítico construtivo. Este é o segundo volume de ensaios que organizamos para a Kregel Publications – o primeiro foi To the jew first [Primeiro do judeu] – que trata de questões que envolvem a relação de Jesus com o povo judeu, e aguardo ansioso pelo nosso próximo trabalho em conjunto.

Não teríamos este excelente volume de ensaios se não fosse a dedicação e a boa vontade de uma equipe de generosos estudiosos bíblicos. Sei que, quando ler este livro, sua estima por cada um desses autores aumentará. O trabalho deles é bem fundamentado, bem argumentado e bem escrito. O Dr. Bock e eu somos gratos a cada um que participou da conferência na Irving Bible Church, em Dallas, em março de 2009, e contribuiu com um capítulo para o livro.

Sou grato ao Rev. Andy McQuitty e sua equipe da Irving Bible Church, que graciosamente nos permitiu usar suas instalações para a conferência “O evangelho segundo Isaías”.

Provavelmente não teríamos realizado essa conferência sem o trabalho pesado de tantos membros da equipe da Chosen People Ministries, especialmente o Dr. Richard Freeman, Vice-Presidente da Church Ministries and Conferences, e sua assistente, Eileen Baehr, que coordenaram toda a publicidade da conferência e os detalhes operacionais. A esposa do Dr. Freeman, Julia, que dirige o Church Ministries Department da Chosen People Ministries, foi um auxílio tremendo na preparação da conferência, juntamente com o marido de Eileen, Ron.

Muitos outros tornaram essa conferência, e no devido tempo este livro, administrativamente viáveis, incluindo minha assistente executiva, Nicole Foster, que diligentemente acompanhou cada detalhe do livro e foi a administradora do projeto do lado da Chosen People Ministries da equação. Sou grato a Nicole por equilibrar e coordenar tantas responsabilidades e, quando necessário, organizar as atividades de modo a assegurar que este volume se tornasse uma realidade.

Também sou grato à liderança visionária daqueles que servem ao Senhor fielmente na Kregel Publications. Dennis Hillman, o editor, é apaixonado pela Palavra de Deus e por encontrar livros que capacitem o povo de Deus a entender melhor sua mensagem para hoje. Ele é muito ocupado, mas está sempre acessível e pronto para oferecer apoio aos projetos que considera importantes. Jim Weaver, ex-diretor de livros acadêmicos da Kregel, esteve envolvido com a Chosen People Ministries na produção deste livro desde o momento em que este compêndio de ensaios foi previsto pela primeira vez até os detalhes finais da arte da capa. O Dr. Bock e eu admiramos Jim e apreciamos seu espírito generoso e seu profissionalismo.

Os organizadores são a espinha dorsal de qualquer obra erudita na medida em que eles devem assegurar que cada palavra em hebraico e grego foi escrita corretamente e cada nota de rodapé foi documentada adequadamente. Isso é especialmente desafiador numa obra escrita por múltiplos autores, na qual um organizador também tem que assegurar tanto que haja simetria entre os capítulos quanto a correção gramatical. O Dr. Bock e eu tivemos uma excelente equipe trabalhando conosco e frequentemente melhorando o texto, incluindo Shayna McHugh e Alan Shore, da equipe da Chosen People Ministries; Elisa Laird, a talentosa filha do Dr. Bock; e o Rev. Tom Parr, cuja facilidade com as línguas originais é soberba.

Há outros a agradecer, incluindo Scott Nassau, da Chosen People Ministries, que ajudou na pesquisa, e minha esposa, Zhava, diretora de comunicação da Chosen People Ministries, sem a qual este volume nunca teria visto a luz do dia. Seu constante encorajamento, sua sabedoria e suas habilidades editoriais reforçam o desenvolvimento deste volume de mais maneiras do que podem ser mencionadas.

O Dr. Bock também gostaria de agradecer aos líderes do Dallas Theological Seminary, bem como ao seu presidente, o Dr. Mark Bailey, que o apoiaram tanto

no seu ministério escrito quanto no de pregação pública. E à esposa do Dr. Bock, Sally, que permaneceu ao seu lado e forneceu valiosas informações e encorajamento em muitas de suas atividades.

Para concluir, quero expressar minha gratidão ao Deus de Abraão, Isaque e Jacó e a seu Filho Servo, Yeshua (Jesus), que não permitiu que a humanidade vagasse sem rumo nas trevas deste mundo, mas nos deu o dom de sua Palavra para iluminar o nosso coração e nos preparar para Aquele que seria conhecido como o Verbo vivo, a Luz do mundo e o claro cumprimento dessa magnífica profecia.

Mitch Glaser

Presidente da Chosen People Ministries

Colaboradores

David L. Allen, Professor de pregação, Diretor do Southwestern Center for Expository Preaching e Deão da School of Theology do Southwestern Baptist Theological Seminary. Em sua pesquisa e seus escritos ele se concentrou primariamente na área de estudos bíblicos e pregação. Além de numerosos artigos e ensaios para revistas, é autor de Hebrews na série New American Commentary e de Lukan authorship of Hebrews, na série NAC Studies in Bible & Theology.

Richard E. Averbeck, Diretor do Programa de Doutorado de Estudos Teológicos e professor de Antigo Testamento e línguas semíticas, na Trinity Evangelical Divinity School. Suas áreas de pesquisa incluem Antigo Testamento, especialmente o Pentateuco, história e línguas do Antigo Oriente Próximo, crítica do Antigo Testamento, hebraico e aconselhamento bíblico. Escreveu inúmeros artigos para o Evangelical Dictionary of Biblical Theology. Traduziu e escreveu notas sobre Números 18–36 para a The Holman Christian Standard Bible e sobre Levítico para a The NET Bible (nova tradução para o inglês).

Darrel L. Bock, Professor pesquisador de estudos sobre o Novo Testamento e professor de desenvolvimento espiritual e cultura, no Dallas Theological Seminary. Obteve reconhecimento internacional como um Humboldt Scholar (Universidade de Tübingen, Alemanha) e pelo seu trabalho sobre o Jesus histórico em Lucas/Atos e sobre o exame de Jesus perante a liderança judaica. Foi presidente da Evangelical Theological Society (2000-2001) e trabalha como editor geral para a Christianity Today.

Michael L. Brown, Fundador e Presidente de FIRE School of Ministry.

Trabalhou como professor visitante ou adjunto na Trinity Evangelical Divinity School, no Fuller Theological Seminary, no Denver Theological Seminary, no Gordon Conwell Theological Seminary e outros. É doutor em línguas e literaturas do Antigo Oriente Próximo pela Universidade de Nova York e autor de uma série de cinco volumes chamada Answering jewish objections to Jesus. Colaborou com o Oxford Dictionary of Jewish Religion e com o Theological Dictionary of the Old Testament, entre outras publicações acadêmicas.

Robert B. Chisholm Jr., Presidente de Departamento de Antigo Testamento do Dallas Theological Seminary. Seu foco tem sido os livros históricos e os profetas, e é autor de Introdução aos Profetas. Também é autor de Interpretação dos Profetas – da exegese à exposição; A workbook for Intermediate Hebrew, Interpretação dos Livros Históricos e de comentários sobre Juízes/Rute. Foi consultor de tradução da International Children's Bible e da The Everyday Bible e é editor sênior de Antigo Testamento da NET Bible.

Craig A. Evans, Professor de Novo Testamento da Acadia Divinity College. É membro eleito da prestigiosa SNTS, uma sociedade dedicada aos estudos do Novo Testamento. Regularmente leciona e faz palestras em conferências populares e retiros sobre o Jesus histórico, arqueologia e os Rolos do Mar Morto e a Bíblia. É autor e organizador de mais de sessenta livros e de centenas de artigos e resenhas. Suas obras recentes são The world of Jesus and the early church e The Holman quick source guide to the Dead Sea Scrolls.

John S. Feinberg, Presidente do Departamento de Teologia Sistemática e Professor de Teologia Bíblica e de Teologia Sistemática, Trinity Evangelical Divinity School. Suas áreas de interesse incluem o mal e o sofrimento, ética, divórcio e novo casamento, profecia bíblica, teologia e filosofia contemporâneas, salvação e apologética. Seus livros incluem The many faces of evil; Ethics for a brave new world (em coautoria com seu irmão Paul);

Where is God? e No one like Him: the doctrine of God.

Mitch Glaser, Presidente da Chosen People Ministries, Nova York. Tem se envolvido muito na evangelização de judeus em vários países e foi instrumental ao ajudar a estabelecer uma congregação entre imigrantes judeus russos em Nova York. É vencedor do Prêmio de Mérito da Christianity Today na categoria apologética/evangelismo, em 2009, pelo livro To the jew first: the case for jewish evangelism in Scripture and History, organizado em conjunto com Darrel Bock. Também é coautor de The fall feasts of Israel e escreveu muitos artigos para periódicos cristãos; lecionou em importantes escolas teológicas, como o Fuller Theological Seminary e o Moody Bible Institute.

Walter C. Kaiser Jr., Presidente emérito e Professor de Antigo Testamento no Gordon-Conwell Theological Seminary. A paixão de toda a sua vida é o Antigo Testamento e ele lecionou no Wheaton College, na Trinity Evangelical Divinity School e no Gordon-Conwell Theological Seminary. Escreveu mais de trezentos livros e artigos. Duas obras recentes são Recovering the unity of the Bible e Preaching and teaching the last things.

Donald R. Sunukjian, Presidente do Departamento de ministério e liderança cristã, Professor de Ministério e Liderança Cristã e Homilética na Talbot School of Theology. Conhecido por suas habilidades em comunicação, seu desejo é ver a Palavra de Deus ser apresentada com exatidão, clareza, interesse e relevância. É autor de Invitation to biblical preaching e colaborou para o The Bible knowledge commentary e The big idea of biblical preaching. Tem presidido conferências de pastores na maioria dos centros metropolitanos dos Estados Unidos.

Michael J. Wilkins, Deão da Faculdade, Distinto Professor de Novo Testamento na Talbot School of Theology. Especializado em teologia do Novo Testamento, cristologia e discipulado. É membro do IBR Historical

Jesus Study Group e professor visitante em escolas internacionais, incluindo a Universidade de Aberdeen, a Asian Graduate School of Theology, o Chongshin Theological Seminary e a Sheffield University. É autor de Mateus (NIVAC); Following the Master: biblical theology of discipleship; In his image: reflecting Christ in everyday life e discipleship in the ancient world.

Abreviaturas

ABREVIATURAS BÍBLICAS

ArBib	The Aramaic Bible
ESV	English Standard Version
LXX	Septuaginta
MT	Texto Massorético
NASB	New American Standard Bible
NET	New English Translation
NIV	New International Version
NKJV	New King James Version
NJPS	Tanakh: The Holy Scriptures: The New JPS Translation According to the T
NJV	New Jewish Version (veja NJPS)
NRSV	New Revised Standard Version
RSV	Revised Standard Version
TM	Tradução do autor

REVISTAS, OBRAS DE REFERÊNCIA E SÉRIES

AB	Anchor Bible
BDAG	Bauer, W.; F. W. Danker; W. F. Arndt; F. W. Gingrich. Greek-English Lexicon of the New Testament and other Early Christia
BDB	Brown, F.; S. R. Driver; C. A. Briggs. A Hebrew and English Lexicon
CBET	Contributions to Biblical Exegesis and Theology
BBR	Bulletin for Biblical Research
BECNT	Baker Exegetical Commentary on the New Testament
BFCT	Beiträge zur Förderung Christlicher Theologie
BSac	Bibliotheca Sacra
BNTC	Black's New Testament Commentary
BZAW	Beihefte zur Zeitschrift für die Alttestamentliche Wissenschaft
CBET	Contributions to Biblical Exegesis and Theology
CBQ	Catholic Biblical Quarterly
EDNT	Exegetical Dictionary of the New Testament, v. 3. Org. H. Balz e G. S
CTR	Criswell Theological Review
DJG	Dictionary of Jesus and the Gospels. Org. J. B. Green; S. McKnight; e
DSD	Dead Sea Discoveries
DSS	Dead Sea Scrolls
EBC	Expositor's Bible Commentary
EBS	Encountering Biblical Studies
ECNT	Exegetical Commentary on the New Testament
EEA	L'epigrafia Ebraica Antica. S. Moscati. Roma, 1951.
EKKNT	Evangelisch-Katholischer Kommentar zum Neuen Testament
EvQ	Evangelical Quarterly
ExpTim	Expository Times
FAT	Forschungen zum Alten Testament
GKC	Gesenius' Hebrew Grammar. Org. E. Kautzsch. Trad. A. E. Cowley. 2
HALOT	The Hebrew and Aramaic Lexicon of the Old Testament
HNT	Handbuch zum Neuen Testament
HTKNT	Herders Theologischer Kommentar zum Neuen Testament

HTR	Harvard Theological Review
IBHS	An Introduction to Biblical Hebrew Syntax. B. K. Waltke; M. O'Conn
ICC	International Critical Commentary
JBL	Journal of Biblical Literature
JETS	Journal of the Evangelical Theological Society
JSNT	Journal for the Study of the New Testament
JSNTSup	Journal for the Study of the New Testament Supplement Series
JSOT	Journal for the Study of the Old Testament
JSOTSup	Journal for the Study of the Old Testament Supplement Series
JSS	Journal of Semitic Studies
LCL	Loeb Classical Library
MHUC	Monographs of the Hebrew Union College
NAC	New American Commentary
NCB	New Century Bible
NICNT	New International Commentary on the New Testament
NICOT	New International Commentary on the Old Testament
NIDOTTE	New International Dictionary of Old Testament Theology and Exegesi
NIVAC	New International Version Application Commentary
NovTSup	Novum Testamentum Supplements
NTC	New Testament Commentary
NTS	New Testament Studies
OTL	Old Testament Library
PNTC	Pillar New Testament Commentary
SBLSP	Society of Biblical Literature Seminar Papers
SNT	Studien zum Neuen Testament
SPCK	Society for Promoting Christian Knowledge
STN	Studien zum Neuen Testament
StPatr	Studia Patristica
TBC	Torch Bible Commentaries
TDNT	Theological Dictionary of the New Testament. Org. G. Kittel; G. Fried
THKNT	Theologischer Handkommentar zum Neuen Testament
TOTC	Tyndale Old Testament Commentaries
TU	Texte und Untersuchungen
TynBul	Tyndale Bulletin
VTSup	Supplements to Vetus Testamentum
WBC	Word Biblical Commentary

WUNT	Wissenschaftliche Untersuchungen zum Neuen Testament
ZAW	Zeitschrift für die Alttestamentliche Wissenschaft
ZNW	Zeitschrift für die Neutestamentliche Wissenschaft und die Kunde der

FONTES CLÁSSICAS

Demétrio Eloc.	De Elocutione (Estilo)
Herodoto Hist.	Historiae (Histórias)
Josefo Ant.	Jewish Antiquities (Antiguidades Judaicas)
Lucian Eunuch.	Eunuchus (O eunuco)

LITERATURA RABÍNICA

Tg. Ps.-J. Targum Pseudo-Jonathan

ROLOS DO MAR MORTO

1QH	Hinos
1QIsa	Grande Rolo de Isaías
1QS	Governo da Comunidade/ Manual de Disciplina
4QFlor	Florilégio (excertos de textos)
4QpISa	Isaiah Pesher
4QpsDana	Pseudo-Daniel

Introdução

Mitch Glaser

Isaías 53 é uma das mais claras profecias sobre Jesus, o Messias, nas Escrituras Hebraicas. Esse capítulo mudou a vida de milhares de pessoas – judeus e gentios – que o leram e creram naquele que cumpriu essas profecias em detalhes gloriosos.

Este livro, O Servo Sofredor, foi escrito para ajudar os leitores a utilizarem as verdades desse magnífico capítulo para levar as boas-novas para aqueles que ainda não conhecem a Jesus. Ele foi projetado para ajudar os pastores e líderes leigos a aprofundarem seu entendimento de Isaías 53 e a melhorar a equipe de santos para o ministério entre os judeus. Há muito tempo um livro dessa natureza estava sendo necessário.

O Servo Sofredor nasce do desejo da Chosen People Ministries, uma missão ao povo judeu, de equipar os crentes para a tarefa de evangelizar judeus. Os líderes da Chosen People Ministries iniciaram a Campanha Isaías 53 para tornar a comunidade judaica mais consciente dessa passagem. Esse esforço começou com uma conferência, realizada na Irving Bible Church, em Irving, Texas, em março de 2009, que gerou este livro. O intento da conferência era preparar cristãos para a obra missionária entre o povo judeu e fornecer um ponto de partida para a criação deste livro.

Muitos materiais relacionados a Isaías 53, incluindo tratados, livretos, vídeos e um livro de 165 páginas, Isaiah 53 Explained [Isaías 53 explicado], [01]que é escrito diretamente para judeus não crentes, estão disponíveis para judeus interessados no assunto. O website www.isaiah53.com também é um excelente recurso para evangelização e treinamento constante. No futuro, material adicional, como Bíblias de estudo para pequenos grupos para treinar os crentes a usarem Isaías 53 na evangelização de judeus serão produzidos.

A Campanha Isaías 53 tem uma abordagem dupla. Primeiro, a Chosen People Ministries usa ativamente o texto de Isaías 53 para apresentar o evangelho ao povo judeu. No entanto, a segunda parte do esforço também é importante: a Chosen People Ministries fornece material e equipa igrejas locais e congregações messiânicas que queiram alcançar o povo judeu com o evangelho. Ao ler este livro, você faz parte desse segundo aspecto, estratégico, da campanha, quando ajudamos cristãos a aprenderem a usar Isaías 53 para compartilhar o evangelho.

A Chosen People Ministries tem uma longa e fiel história de ministério entre o povo judeu. Leopold Cohn, uma rabino húngaro que veio para os Estados Unidos em 1892, juntamente com muitos outros imigrantes judeus, ouviu o evangelho nas ruas do Lower East Side de Manhattan e recebeu o Senhor – e entender Isaías 53 foi uma parte crucial do seu testemunho. Depois de vir à fé, Cohn começou a alcançar seu próprio povo para Yeshua (o nome hebraico de Jesus). A missão que ele iniciou, agora chamada de Chosen People Ministries, existe para cumprir a visão do rabino de alcançar o povo judeu com o evangelho, tanto por meio de esforços diretos realizados pela equipe do ministério quanto equipando crentes para alcançarem seus amigos, vizinhos e familiares judeus.

Este volume foi elaborado para ajudar crentes e congregações a alcançarem o povo judeu com a mensagem de Jesus, o Servo do Senhor, como ele é descrito e exaltado em Isaías 53.

ISAÍAS 53 E O EVANGELHO

Em levantamentos informais entre judeus messiânicos, é claro que Isaías 53, mais que qualquer outra porção da Escritura, tem sido usado por Deus para atrair para si o povo judeu. Todavia, nunca houve uma campanha evangelística que usasse esse texto como ponto focal para levar-lhes o evangelho.

A tarefa de despertar a consciência do judeu mediano para essa importante passagem das Escrituras Hebraicas é um desafio, pois muitos judeus hoje são secularizados e não estudaram o livro de Isaías nem as Escrituras com profundidade.

A Chosen People Ministries realizou uma pré-campanha profissional por telefone com quase seiscentos lares judeus na cidade de Nova York para medir o grau de familiaridade das pessoas com o Servo sofredor de Isaías 53. Os resultados confirmaram que a maioria dos judeus não está familiarizada com esse capítulo.

Quatro perguntas a respeito de conhecimento bíblico foram feitas às pessoas que participaram da pesquisa. Quando perguntadas se estavam familiarizadas com Moisés no livro de Êxodo, 37% responderam que estavam extremamente familiarizadas, 28% responderam que estavam muito familiarizadas, 16% responderam que estavam um pouco familiarizadas e 18% responderam que estavam pouco familiarizadas com Moisés no livro de Êxodo. As estatísticas eram semelhantes quando as pessoas eram perguntadas sobre a familiaridade com Ester (a personagem principal do livro de Ester e da festa judaica Purim) e com o rei Davi.

Todavia, quando as pessoas eram perguntadas sobre Isaías 53, as respostas eram significativamente mais baixas: 8% disseram que estavam extremamente familiarizadas com Isaías 53, quase 10% responderam que estavam muito familiarizadas e 72% disseram que tinham pouca familiaridade com a passagem e o conceito do Servo sofredor nela. [02]

Portanto, a necessidade de uma campanha evangelística focada em Isaías 53 é evidente. O judeu médio claramente não está familiarizado com os capítulos das Escrituras Hebraicas que fornecem uma forte base para crer que Jesus é o Messias e que ele veio para sofrer e morrer pelos nossos pecados.

A Campanha Isaías 53, iniciada pela Chosen People Ministries no verão de 2010 na cidade de Nova York (lar da maior concentração de judeus fora de Israel), continuará por vários anos e será implementada em muitas cidades da América do Norte e além-mar. As atividades iniciais da Campanha Isaías 53 realizadas na cidade de Nova York o ajudarão a entender o alcance da campanha e o incentivarão a ajudar os crentes a entenderem melhor esse capítulo e usá-lo no trabalho evangelístico, especialmente entre o povo judeu.

A CAMPANHA ISAÍAS 53: VERÃO DE 2010

A Campanha Isaías 53 foi lançada em meados de junho com anúncios em websites como Time out New York, The New York Times e New York Magazine. A Chosen People Ministries também veiculou a campanha no Google e no Facebook.

Em 28 de junho, ficamos assustados quando enormes cartazes, que convidavam as pessoas para receber seu exemplar gratuito de Isaías 53 explicado, apareceram no coração de Times Square, conhecida como a encruzilhada do mundo, e dos dois lados do túnel Lincoln, que tem um tráfego diário de 120.000 veículos e um adicional de 60.000 pessoas que vão de casa para o trabalho e vice-versa.

Mais de vinte grandes anúncios em pontos de ônibus foram colocados em importantes áreas judaicas ao redor de Nova York; mais de quarenta anúncios foram colocados em cabines telefônicas de Manhattan, no Queens e no Brooklin.

Durante a primeira semana de julho, 75.000 cartões postais chegaram às caixas de correio de lares judaicos no Queens, no Brooklin e em Manhattan, juntamente com quarenta mil chamadas telefônicas (breves mensagens telefônicas gravadas que convidavam as pessoas a entrar no nosso website e pedir o livro).

Colocamos anúncios em mais de mil vagões de metrô e um número semelhante de anúncios nas laterais de ônibus por toda a cidade de Nova York – eram cartazes móveis! Mais de vinte membros da equipe e voluntários chegaram em 10 de junho; uma segunda equipe chegou em 18 de julho; e uma equipe especial, focada em alcançar pessoas que falam a língua hebraica, chegou em 24 de julho. Essas equipes fizeram o trabalho de rua e encontraram aqueles que eram os mais interessados em aprender mais sobre Jesus, o Servo do Senhor, como descrito em Isaías 53. O acompanhamento pessoal àqueles que receberam um exemplar do livro continuou por todo o verão e o outono.

Em 1º de julho, um anúncio no The New York Times noticiou dois eventos evangelísticos: um debate público com Michael Brown, o estudioso judeu messiânico que debateu com o rabino Shmuley Boteach, em 15 de julho, e um concerto gratuito realizado pelo músico messiânico Marty Goetz, em 24 de julho – exatamente no meio do Upper West Side judaico, em Manhattan.

Em 16 de julho, colocamos outro anúncio dramaticamente eficaz no The New York Times, com o texto completo de Isaías 53. Mais uma vez, os leitores foram convidados a pedir por telefone, correio ou pelo website um exemplar gratuito

de Isaías 53 explicado.

A SINGULARIDADE DE O SERVO SOFREDOR

Muitos livros foram escritos por cristãos sobre Isaías 53. Um deles se destaca por causa do seu alcance e por incluir documentos judaicos que se referem a essa importante passagem da Escritura: The suffering servant of Isaiah [O servo sofredor de Isaías]. Esse livro foi publicado originalmente em 1877 [03] e é uma grande fonte de pesquisa para aqueles que desejam obter uma compreensão profunda da literatura judaica sobre o assunto ao longo da História. O livro fornece excelente material original para o estudo das interpretações judaicas de Isaías 53.

Foram também escritas muitas obras por judeus crentes em Jesus sobre o tema. Uma delas é Rays of Messiah's glory [Vislumbres da glória do Messias], [04]de David Baron. Baron foi o fundador do Hebrew Christian Testimony to Israel e um dos grandes eruditos missionários entre o povo judeu durante o fim do século 19 e o início do século 20. Esse livro é uma exposição elevada da passagem que leva em consideração a literatura judaica. Judeus crentes em Jesus e missionários escreveram vários outros livros e livretos, bem como folhetos, sobre Isaías 53. [05]

Também há várias obras devocionais bem escritas e entusiásticas sobre o assunto. O pequeno livro de Frederick Aston intitulado The challenge of the ages: new light on Isaiah 53 merece ser lido. Também há muitos outros, incluindo uma série de sermões de João Calvino. [06]

Uma das interações mais interessantes na literatura sobre Isaías 53 envolve os Lubavitch Chasidim, muitos dos quais alegavam que seu rabino, Menachem Schneerson, que tinha acabado de morrer, era o Messias que cumpriu Isaías 53. O historiador judeu David Berger, que leciona na Yeshiva University, em Nova York, escreveu uma resposta a essa possibilidade intitulada The Rebbe, the Messiah, and the scandal of orthodox indifference. Berger repreende o movimento Lubavitch por associar Isaías 53 ao rabino porque sentiu que isso fornecia munição para os missionários.

Recentemente, uma polêmica antimissionária foi escrita por Gerald Sigal, que tenta demonstrar por que Jesus não é o cumprimento de Isaías 53. [07] Todavia, esse ponto de vista não foi extensivamente popularizado dentro da comunidade judaica.

Nas últimas duas décadas, surgiram algumas obras acadêmicas escritas por vários autores sobre Isaías 53. The Suffering Servant, organizado por Bernd Janowski e Peter Stuhlmacher, professores na Universidade de Tübingen, e Jesus and the Suffering Servant: Isaiah 53 and Christian Origins, organizado por William H. Bellinger, professor na Baylor University, são excelentes obras contemporâneas que resultaram de conferências realizadas sobre o assunto. A última conferência foi em 2005, em Baylor, e inclui um capítulo de autoria do pesquisador britânico N. T. Wright. [08]

Alguém pode perguntar: “Por que produzir outro livro sobre Isaías 53?” Há muitas boas razões, mas pelo menos quatro elementos tornam este volume singular.

Erudição evangélica

Entre os autores deste volume há excelentes pesquisadores cristãos evangélicos norte-americanos que lecionam em seminários importantes. Eles abrangem uma multidão de disciplinas acadêmicas e perspectivas teológicas sobre Isaías 53.

Darrel Bock, coorganizador deste volume, é um importante estudioso do Novo Testamento. Seu colega no Seminário Teológico de Dallas, Robert Chrisholm, é um importante pesquisador do Antigo Testamento. Michael Brown, um judeu messiânico, é um dos principais apologetas judeus messiânicos do mundo. Craig Evans é, sem dúvida, um importante pesquisador cristão evangélico sobre os Rolos do Mar Morto. Dois professores do Talbot Theological Seminary, Michael Wilkins e Don Sunukjian, escreveram capítulos que representam a mais tradicional perspectiva premilenista dispensacionalista sobre Isaías 53 em seu cumprimento no Novo Testamento e seu uso na pregação.

Neste livro, evangélicos norte-americanos examinam as implicações teologicamente desafiadoras e práticas das verdades de Isaías 53. As

contribuições desses autores farão com que os evangélicos tenham um melhor entendimento do pensamento crítico e da erudição bíblica.

Foco evangelístico e apologético

Embora a erudição demonstrada pelos autores seja de alto nível, o propósito subjacente deste livro de vários autores é ajudar pastores e líderes leigos a aprofundarem sua compreensão de Isaías 53 para usar o material no compartilhamento do evangelho com o povo judeu. De fato, este livro não é apenas acadêmico, mas também voltado para missões. Isso o evidencia como único entre outras obras de vários autores sobre o mesmo assunto.

O capítulo escrito por John Feinberg, um judeu messiânico e presidente do Departamento de filosofia da religião na Trinity Evangelical Divinity School, trabalha primorosamente com a interpretação de Isaías 53 e de toda a Escritura à luz da evangelização de pessoas pós-modernas. Seu colega, Richard Averbeck, foca a interpretação cristã de Isaías 53 e oferece maneiras convincentes de explicar a crentes e a não crentes a racionalidade de Isaías 53 ter sido cumprida em Jesus.

O mesmo pode ser dito da contribuição de Walter Kaiser, ex-presidente do Gordon-Conwell Theological Seminary, escritor prolífico e pesquisador do Antigo Testamento. Ele explora o papel do Servo do Senhor em Isaías e em todo o Antigo Testamento. O doutor Kaiser talvez articule melhor o importante papel que Isaías 53 tem para o evangelismo pessoal e para a apologética quando escreve que o capítulo “é a mais completa declaração do projeto, do propósito e da importância da morte e da ressurreição do Servo que, em seu cumprimento, claramente é Yeshua”.

Meu próprio capítulo sobre usar Isaías 53 na evangelização de judeus será um recurso útil na transmissão da informação apresentada nos capítulos anteriores a um judeu que precisa de Jesus. Novamente, uma das características marcantes deste livro é seu foco tanto no academicismo quanto em missões, o que faz uma profunda diferença no modo como os vários capítulos são apresentados. Eles pedem mais estudo e mais utilização prática em nosso testemunho do Servo Sofredor.

Isaías 53 é, sem dúvida, o nosso instrumento mais poderoso para a evangelização de judeus, pois responde a muitas das perguntas fundamentais que eles podem fazer sobre a possibilidade de que Jesus seja o Messias prometido. Ao empregar Isaías 53, demonstramos que a mensagem é de caráter judaico porque um profeta judeu escreveu o capítulo e ele está incluído no cânon das Escrituras Hebraicas.

Além disso, a objeção judaica de que o Messias viria como rei, e não para sofrer e morrer pelos nossos pecados – alguns creem que isso é uma invenção cristã – é respondida porque o texto descreve o sacrifício, a morte e a ressurreição do Servo. Se, de fato, o Servo é o Messias, então o próprio profeta é quem derruba essa objeção judaica.

Além disso, muitos judeus jovens são atraídos para a pessoa de Jesus, seu ensino, seu estilo de vida autossacrificial, sua generosidade e seu interesse pelo bem-estar das pessoas em geral. No entanto, muitos desse mesmo grupo demográfico tendem a rejeitar a própria ideia de pecado e sacrifício substitutivo que forma o fundamento do evangelho. Não obstante, esse mesmo profeta judeu une numa só pessoa e num só capítulo os elementos redentores da missão do Servo e o altruísmo de sua vida e de sua mensagem.

A resposta tradicional da comunidade judaica, que identifica o Servo com a comunidade de Israel, é um complexo argumento contextual e não é entendido com facilidade pelo judeu comum, que examina a passagem como é apresentada e interpreta o Servo como um indivíduo. Nesse caso, o argumento em favor do evangelho apresenta a mais simples e mais razoável opção para identificar o Servo do Senhor.

Os capítulos deste livro o capacitarão a dar mais segurança àqueles a quem você ensina e lidera, para compartilharem o evangelho com seus amigos judeus.

Acessibilidade

O Servo Sofredor é escrito para pastores, missionários e líderes leigos que regularmente pregam e ensinam a Palavra de Deus. Não há dúvida de que os acadêmicos também acharão este livro útil, porque ele reflete a melhor erudição evangélica norte-americana contemporânea. Todavia, este livro é elaborado

primariamente para ser usado como livro de referência para pregar e ensinar essa mensagem profunda e usá-la para alcançar os incrédulos com uma mensagem de redenção.

Para esse fim, dois sermões sobre Isaías 53, escritos por Don Sunukjian, foram incluídos como apêndices. Esperamos que você use estas informações para desenvolver uma série própria sobre Isaías 53, bem como um livro texto para pequenos grupos de evangelização ou para aulas de escola dominical.

Consideração sobre a abordagem judaica à passagem

Como é possível alguém fazer um estudo profundo de Isaías 53 e não levar em conta os pontos de vista judaicos? David Allen capacita o leitor a ver o sacrifício de Jesus à luz do material rabínico e bíblico sobre o Dia da Expiação. Seu capítulo é uma importante contribuição para a erudição evangélica contemporânea sobre Isaías 53.

Muitas vezes, a interpretação judaica tradicional é vista como uma interpretação contrária, e não como um recurso para os cristãos enxergarem Isaías 53 pelos olhos dos próprios judeus, o que pode enriquecer o nosso entendimento da passagem. Por que rejeitar milhares de anos de erudição judaica sobre o tema apenas porque a interpretação judaica tradicional não considera Jesus como o cumprimento da passagem? Certamente esse é o objetivo deste livro; contudo, há benefício em se entender a perspectiva judaica em termos mais amigáveis, e Allen faz isso perfeitamente bem.

Michael Brown, fundador e reitor da FIRE School of Theology (uma escola de treinamento missionário na Carolina do Norte), é doutor em línguas e literaturas semíticas pela Universidade de Nova York. Por causa de seu conhecimento das línguas semíticas, estudos judaicos e, em particular, o estudo da literatura rabínica, o doutor Brown fornece a este livro uma perspectiva única. Ele está familiarizado com as respostas teológicas, filológicas e outros tipos de respostas judaicas à alegação cristã de que Isaías 53 aponta para Jesus. Com habilidade, ele desfaz os argumentos judaicos contra essa passagem ter sido cumprida em Jesus e, não obstante, extrai da tradição judaica auxílio para os crentes entenderem essa passagem mais profundamente. [09]

Embora no seu capítulo Craig Evans tenha se concentrado no uso de Isaías 53 nas epístolas de Paulo, Pedro e João, seu domínio do estudo dos Rolos do Mar Morto e dos contextos judaicos do Novo Testamento transparece em todo o seu texto. Seu conhecimento dos grupos sectários judaicos do século 1º reforça seu capítulo quando ele mostra como Pedro, Paulo e João, como homens de sua época, refletiram a influência da literatura judaica do século 1º. Poucos evangélicos são capazes de ligar essa informação a Isaías 53 ou ao modo como esse texto foi entendido e usado no Novo Testamento.

Cada capítulo neste volume ajuda o leitor a interpretar Isaías 53 pela sensibilidade do ponto de vista judaico, mas com um claro e vibrante cumprimento na pessoa de Jesus.

A organização do livro

O Servo Sofredor é dividido em três partes: interpretação de Isaías 53, Isaías 53 na teologia bíblica e Isaías 53 na teologia prática. Cada seção é edificada sobre as outras. Nos apêndices do livro, há duas mensagens sobre Isaías 53.

Antes que você se aventure nesta peregrinação por Isaías 53, é essencial saber que nenhuma outra profecia em todo o Antigo Testamento associa explicitamente a morte do Messias à sua obra de expiação. Essa passagem é, portanto, um dos grandes pilares da nossa fé, um diamante multifacetado que requer que o apreciemos em seu verdadeiro valor.

Por favor, leia o livro à luz do seu propósito evangelístico, porque o propósito subjacente do livro é capacitar os crentes a usarem Isaías 53 como um recurso para compartilhar o evangelho com o povo judeu, de um modo sensível e eficaz.

CONCLUSÃO

A Campanha Isaías 53 fará diferença no coração e na vida dos incrédulos –

especialmente entre os judeus? Sua pregação e seu ensino sobre Isaías 53 capacitam tanto você como aqueles a quem você influencia ao Senhor, para que se tornem mais eficazes em alcançar judeus e gentios com a mensagem do evangelho?

Realmente, podemos nunca saber os resultados espirituais profundos até que cheguemos à presença do Senhor. No entanto, a seguinte história, contada por um dos membros da equipe da Chosen People Ministries, é um relato maravilhoso da obra de Deus no coração de uma pessoa. Ela nos ajuda a ver o que podemos descobrir se dermos um passo de fé e dissermos a nossos amigos e vizinhos judeus por que cremos que Jesus é o cumprimento de Isaías 53:

Havia uma mensagem de voz no meu telefone, de um judeu ortodoxo que me pedia para retornar a ligação. Passei uma parte do dia orando para que Deus me desse as palavras para falar e a sabedoria para responder às perguntas dele. Eu estava esperando uma grande quantidade de ira e resistência ao evangelho. Quando ele atendeu ao telefone, eu me apresentei e ele me disse que precisava ir a um lugar em que tivesse mais privacidade. Ele se afastou do som de crianças brincando e, para minha surpresa, disse que queria um exemplar de Isaías 53 explicado. Disse que estava interessado no que o livro tinha a dizer e que estava muito curioso sobre nossa mensagem sobre o Messias. Ele queria ler o livro e nos chamar se quisesse saber mais. Por favor, ore para que esse judeu ortodoxo seja aberto à mensagem do evangelho em Isaías 53 e que seu coração ouça as palavras do Senhor.

Sabemos que haverá muitas outras histórias como essa e, pela leitura dos capítulos deste livro, você estará em posição de ajudar os crentes a utilizarem Isaías 53, para que alcancem seus amigos judeus para o Senhor. Podemos confiar na Palavra de Deus, e não tenho dúvida de que, se mais e mais crentes em Jesus apresentarem a mensagem do Messias em Isaías 53, muitos judeus e gentios o verão pelas palavras do profeta e o conhecerão como seu Salvador ressurreto.

Parte 1

INTERPRETAÇÕES DE ISAÍAS 53

1

INTERPRETAÇÕES CRISTÃS

DE ISAÍAS 53

Richard E. Averbeck

A história da interpretação e a quantidade de literatura sobre Isaías 52.13–53.12 (daqui por diante chamado, de forma geral, simplesmente de Isaías 53) são complexas, volumosas e continuam a se expandir. [01] Essa passagem faz parecer pequeno todo e qualquer intérprete que se dedique à sua interpretação. Meu interesse primário neste capítulo são os principais fatores contextuais, exegéticos e hermenêuticos que devemos levar em consideração como intérpretes cristãos dessa passagem complexa e fascinante. Para o propósito deste capítulo, estou definindo "interpretações cristãs" estritamente como aquelas que, de um modo ou outro e num grau ou outro, acabam associando o Servo Sofredor de Isaías 53 a Jesus o Cristo (Cristo,õ, "Ungido", jy^v!m*"Messias"), o Filho de Deus, que assumiu "a própria natureza [a forma] de servo" (Fp 2.7 [02]) para viver e morrer sacrificialmente, e ressuscitar de entre os mortos para ser exaltado por Deus Pai acima de todos como o Salvador eterno daqueles que creem nele (Fp 2.5-11). Vários caminhos plausíveis para essa associação foram propostos, e nem todos são mutuamente excludentes. Além do mais, essa definição estrita de modo algum implica que um intérprete não possa ser um cristão genuíno com base em outros fundamentos, se rejeitar a aplicação de Isaías 53 a Jesus. Entre os estudiosos que creem em Jesus como seu Salvador, há muitas opiniões diferentes sobre a relação entre o Antigo Testamento e o Novo e, mais especificamente, sobre como o Novo Testamento usa o Antigo.

Quanto a mim, abordo a discussão como um pesquisador do Antigo Testamento em seu antigo contexto israelita. Estou interessado em interpretar Isaías 53 (1)

exegeticamente, nos detalhes específicos da passagem e em relação ao contexto literário fornecido pela unidade maior de Isaías 40–66; (2) historicamente, à luz da situação do antigo Israel na época em que o texto foi escrito; (3) institucionalmente, de acordo com as experiências e práticas dos profetas do Antigo Testamento; (4) teologicamente, como ele se vale dos temas já evidentes dentro do cânon da Bíblia Hebraica e contribui com eles. Contudo, o leitor deve ter em mente que sou um pesquisador do Antigo Testamento e também cristão; por isso, o Novo Testamento grego é, para mim, Escritura tão inspirada quanto o Antigo Testamento hebraico. Embora deixe para outros a exegese e a interpretação de passagens do Novo Testamento relacionadas a Isaías 53, o fato de que sou cristão significa que interpreto seriamente passagens como Atos 8.30-35, em que Lucas relata que Filipe começou onde o eunuco etíope estava lendo (i.e.,Is 53.7-8) e, dali, “anunciou-lhe a Jesus” (At 8.35b).

FUNDAMENTOS HISTÓRICOS, CONTEXTUAIS E HERMENÊUTICOS

No decurso da segunda metade do século 20, surgiram vários bons catálogos e resumos acadêmicos oferecidos para a interpretação histórica de Isaías 53. Os que considerei mais úteis são C. R. North, The Suffering Servant in Second Isaiah, de 1948, e uma segunda edição de 1956. Essa é, ainda, a fonte mais confiável. Colin Kruse, na revista Studia Biblica et Theologica, atualiza North para 1978. Outra fonte importante é o ensaio de H. H. Rowley de 1965, “The Servant of the Lord in the light of three decades of criticism”. Mais recentemente, um capítulo de cem páginas no livro de Randall Heskett, Messianism within the scriptural scroll of Isaiah, publicado em 2007, mostrou-se extremamente valioso. É claro que há outros resumos encontrados em comentários e publicações interpretativas especializadas. [03]

Alguns aplicam a passagem mais diretamente a Jesus do que fazem outros, é claro. Por exemplo, Hans-Jürgen Hermisson admite a aplicação dos Cânticos do Servo (incluindo Is 53) apenas de um modo tipológico muito indireto. Em sua opinião, os Cânticos do Servo

... não são profecias sobre Cristo, mas nenhuma violência é feita a eles quando

agora, depois do fato, são usados para fornecer um correto entendimento do evento Cristo. Eles podem apropriadamente ser usados para expressar o evento Cristo porque falam da obra escatológica de Deus na salvação de Israel e do mundo; portanto, em última análise, falam do mesmo Deus. Na medida em que ele é uma figura na qual a obra escatológica de Deus encontra expressão, o Servo dos Cânticos do Servo é um "tipo" do Servo Jesus Cristo. [04]

Do ponto de vista do Antigo Testamento, eu incluiria isso entre as "interpretações cristãs", pelo menos em termos de sua abertura a uma aplicação secundária de Isaías 53 a Jesus em sua vida, ministério, morte e ressurreição – o "evento Cristo".

Outros intérpretes entram na discussão de uma perspectiva do Novo Testamento. Por exemplo, uma vez que se passe das suas reflexões metodológicas reconhecidamente importantes para a substância do seu ensaio, a análise de N. T. Wright é uma das mais comoventes, histórica e exegeticamente fundamentadas explicações do autoentendimento de Jesus, de que tudo o que ele fazia estava de acordo com Isaías 53. Wright brevemente ancora sua discussão ao fato de que o judaísmo do século 1º "vivia numa história em busca de um fim"; mais especificamente, "eles criam que o exílio finalmente terminaria". Ele une a interpretação de Jesus de sua própria participação na História ao conteúdo e à intenção de Isaías 40–55 (entre outras passagens do Antigo Testamento) com um argumento triplo: (1) "O próprio Yahweh retornará a Sião", como anunciado em Isaías 40; (2) "Se o exílio é resultado do pecado, o retorno do exílio é simplesmente o perdão de pecados"; e (3) "o anúncio que Jesus faz do reino, portanto, e seu oferecimento regular de perdão de pecados, significam, de fato, que o exílio está terminando". [05]

Para alguns intérpretes, simplesmente fazer referência ao Novo Testamento é tudo de que precisamos quando lidamos com Isaías 53. Para eles, o relato de Atos 8, por exemplo, é suficientemente claro para responder a todas as perguntas, não somente do eunuco, mas de todas as pessoas. Mas há um problema aqui. Isso ignora o "elefante na sala", por assim dizer, ou seja, a interpretação de Isaías 53 em seu contexto literário, histórico e teológico em Isaías e como isso se refere a Jesus. Essa não é uma questão sem importância, especialmente se estivermos realmente interessados em defender a legitimidade da aplicação do que o Novo Testamento faz de Isaías 53 a Jesus, tendo por base

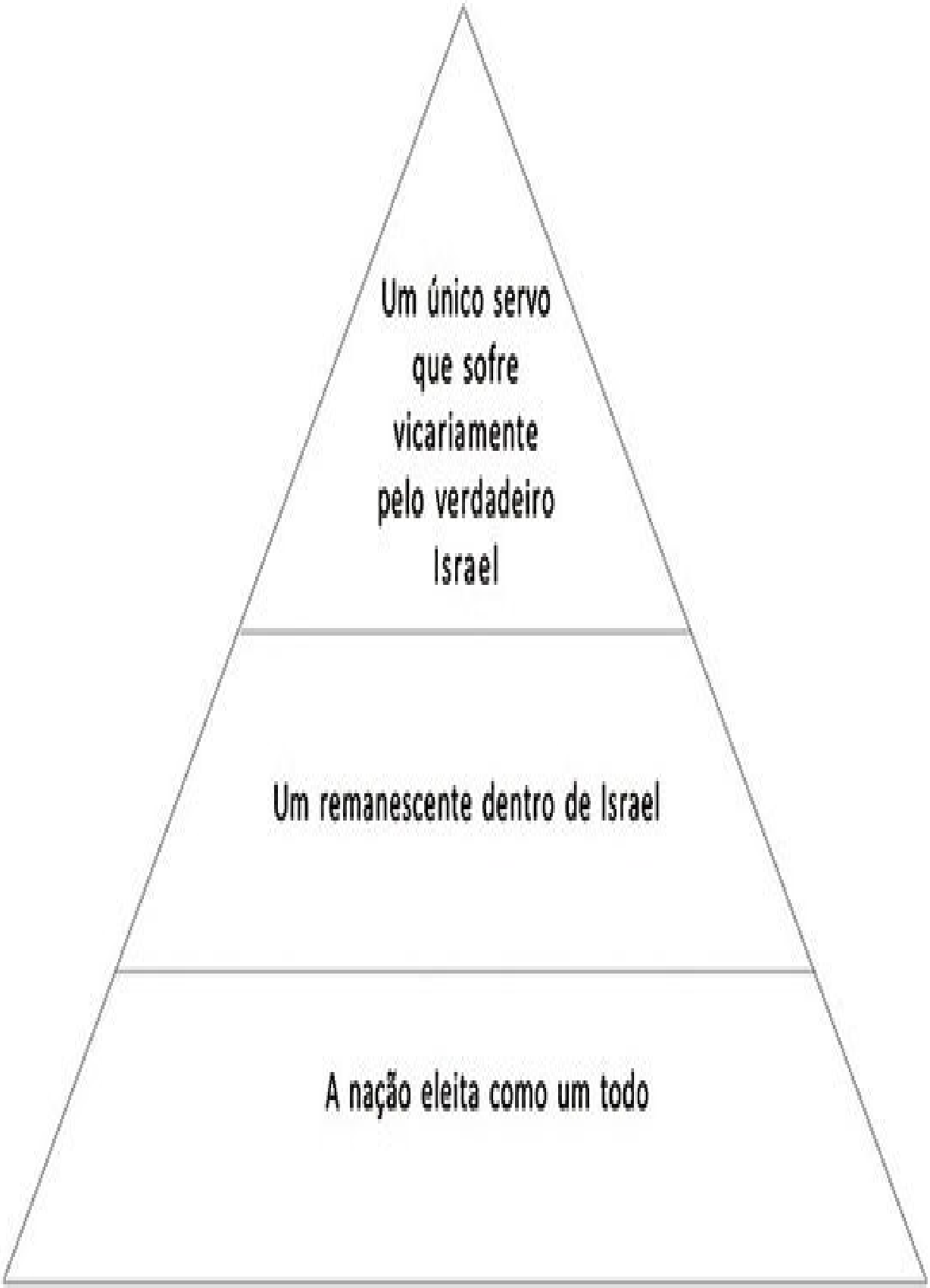
um claro e convincente fundamento interpretativo no próprio Antigo Testamento. Se o evangelho realmente é “primeiro do judeu”, [06] certamente devemos nos interessar em motivar o povo judeu de maneira convincente, diretamente da passagem de Isaías 53, e o mesmo vale para outros leitores que entendem que a honestidade intelectual e a habilidade em nossa exegese e interpretação do Antigo Testamento, e da Bíblia, são assuntos muito sérios.

Este não é o lugar para tratar, com todos os detalhes específicos, do texto de Isaías 53. Em outras partes deste livro o leitor encontrará algumas discussões muito boas de certos elementos específicos ou padrões textuais que se aplicam à interpretação cristã. Há um ponto específico no texto, porém, de que tratarei em alguns detalhes no fim deste capítulo. Ele é de especial importância para nosso entendimento básico de toda a passagem no mundo do Antigo Testamento e para a interpretação cristã do texto e, na minha opinião, precisa urgentemente de esclarecimento. Trata-se da referência ao Servo de Deus (i.e.,“meu Servo”, em Is 52.13; 53.11) como uma “oferta pelo pecado” (<v*a*, Is 53.10).

Isaías 53 no contexto histórico-literário de Isaías 40–66

Os intérpretes que não aceitam o que estou definindo aqui como uma “interpretação cristã” de Isaías 53 geralmente criticam a visão cristã como não histórica, hermeneuticamente ingênua e, talvez, até mesmo exegeticamente desonesta. Eles oferecem vários tipos de interpretação que não aceitam de modo algum que Jesus seja o Servo Sofredor. Por isso, um dos objetivos principais deste capítulo é entender a essência das abordagens cristãs para a interpretação de Isaías 53 e mostrar como elas, de fato, dão a devida atenção ao texto, como ele se apresenta em suas dimensões literária, exegética, teológica e histórica.

A ilustração e a explicação clássicas de Franz Delitzsch são, provavelmente, um bom ponto de partida. Ele une os dados dos Cânticos do Servo e o contexto no qual estão inseridos. Para compreender todos os dados, uma interpretação cristã precisa incluir todos os níveis do diagrama triangular abaixo (Delitzsch o chama de pirâmide): [07]


Um único servo
que sofre
vicariamente
pelo verdadeiro
Israel
Um remanescente dentro de Israel
A nação eleita como um todo

Primeiro, na base, no nível mais amplo, a nação eleita, Israel, como o Servo do Senhor. Segundo, no meio há o remanescente dos justos dentro da nação de Israel, talvez especialmente os profetas, dos quais o autor era um. Esse é um grupo mais limitado. Terceiro, o ponto mais alto e estreito do triângulo está um só Servo que sofre vicariamente como um israelita pelo verdadeiro Israel, o remanescente justo, bem como por aqueles que se converterão a ele de todas as nações.

Antes de discutir a importância de todos esses três níveis de referência ao "Servo" em Isaías 40–66, precisamos examinar os debates sobre a autoria para estabelecer a profecia no seu contexto histórico. É claro que o escritor é um profeta. Mas que profeta ou quantos deles estão envolvidos na escrita? Geralmente é aceito entre os estudiosos crítico-históricos não conservadores que Isaías 1–39 foi, em grande parte (com algumas exceções), escrito por Isaías, filho de Amós, conforme é mencionado no primeiro versículo do livro, enquanto os capítulos 40–66 foram escritos por um ou dois ou até mesmo mais profetas posteriores. Mais especificamente, Isaías 40–55 é geralmente mencionado como "deutero-Isaías", escrito por um autor citado como "segundo Isaías", não o mesmo profeta que escreveu Isaías 1–39.

Na verdade, essa conclusão é totalmente compreensível. É autoevidente que Isaías 40–55 é dirigido a um público posterior, não durante o tempo da crise assíria, no fim do século 8º a.C., mas na crise, no cativeiro e no exílio babilônicos de Judá no fim do século 7º e início do século 6º a.C. Por isso, Isaías 40 começa com "Consolai, consolai o meu povo" (v. 1a), referindo-se à necessidade de consolo em meio ao exílio babilônico. É importante observar aqui que alguns intérpretes cristãos conservadores de Isaías, inclusive Delitzsch, nas edições posteriores do seu comentário de Isaías, também aceitaram essa interpretação crítica-histórica da autoria de Isaías. Afinal, Isaías nunca é mencionado pelo nome em Isaías 40–66, ao contrário do que acontece frequentemente em Isaías 1–39. [08]

Contra o consenso da erudição crítica, no entanto, defenderei aqui um só Isaías (o Isaías de 1.1), mas acrescentarei que esse único Isaías passou por vários estágios em sua vida e em sua atividade profética. Isaías 1–39 contém seus oráculos até o fim do século 8º a.C., que foram selados entre seus discípulos, como sugerido em Isaías 8.16. Os capítulos 38–39 explicam a transição do

período inicial de sua vida profética para o estágio seguinte, durante a primeira metade do século 7º, particularmente no reinado de Manassés (que governou de 687–642 a.C.). [09] A tradição posterior testifica que Isaías foi perseguido e executado por Manassés, filho e sucessor de Ezequias. [10]

Isaías 38.1-6 nos fala sobre a morte iminente do bom rei Ezequias, quando ele orou e recebeu do Senhor mais quinze anos de vida. O texto relata, no entanto, que houve mais na resposta que Deus deu a Ezequias do que quinze anos de vida. Isaías 38.5b-6 sugere que, se Ezequias não tivesse recebido outros quinze anos de vida, a nação teria ido para o exílio durante a crise assíria, não durante a crise babilônica, um século mais tarde: “Ouvi a tua oração e vi as tuas lágrimas; acrescentarei, pois, aos teus dias, quinze anos. Livrar-te-ei das mãos do rei da Assíria, a ti e a esta cidade, e defenderei esta cidade”. Aparentemente, a oração adiou o cativeiro de Judá para o século seguinte. Ela teve um efeito substancial na história. Combinado com isso, o capítulo 39 começa a adquirir um peso extra ao mencionar a visita dos enviados do rei da Babilônia ao rei Ezequias, e o oráculo que Isaías entregou na época, prevendo o posterior cativeiro e exílio na Babilônia. Isso prepara o leitor para a perspectiva futurista de Isaías 40–66.

À luz dessas passagens que estão na articulação entre Isaías 1–39 e 40–66, parece que o profeta Isaías assumiu uma posição proléptica, olhando para o futuro, para uma época muito posterior à sua morte, quando o povo sofreria esse cativeiro e exílio e precisaria de um consolo profético: “Consolai, consolai o meu povo” (Is 40.1). Isaías 40–48 é sobre tudo isso. E, por essa razão, o “Servo”, nesses capítulos, é Israel, sim, mas é também o rei persa Ciro, que é o “ungido” (ty~~v!m*) que libertou o povo do cativeiro. [11] Parte do objetivo desses capítulos é enfatizar o fato de que o Deus de Israel pode prever o futuro como nenhum outro deus (veja, p. ex., Is. 44.6-8; 45.18-21; 46.8-11; 48.3-7). Como o Senhor diz em outro lugar: “Certamente o Senhor Deus não fará coisa alguma, sem primeiro revelar o seu segredo aos seus servos, os profetas” (Am 3.7). O autor espera que o leitor entenda que ele está falando sobre o futuro porque o Senhor conhece esse futuro. [12]

Na parte seguinte do livro, a visão profética oracular do mesmo Isaías refere-se ao fim do século 6º e, muito além, para o tempo em que um profeta novamente sofreria nas mãos do povo, como o profeta Isaías sofreu nos tempos de Manassés, sob cujas mãos Isaías provavelmente sofreu martírio a serviço de Deus e de seu povo, como mencionado acima. Essa visão é a passagem de Isaías 49–57, como a temos hoje. Esse sofrimento foi característico daqueles que

passaram seu ofício profético em fidelidade ao Senhor, começando com Moisés e seguindo por toda a história do Antigo Testamento. Veja, por exemplo, Samuel, Elias, Eliseu e até no Novo Testamento (p. ex.,João Batista). Esse mesmo padrão se destaca claramente até mesmo no fim das bem-aventuranças, em Mateus 5.11-12: “Bem-aventurados sois quando, por minha causa, vos injuriarem, e vos perseguirem, e, mentindo, disserem todo mal contra vós. Regozijai-vos e exultai, porque é grande o vosso galardão nos céus; pois assim perseguiram aos profetas que vieram antes de vós”. O padrão de sofrimento profético, portanto, estende-se até a igreja e a vida cristã, e suportá-lo bem é o que nos torna portadores de sal e luz no mundo, que é o que Jesus nos manda fazer nos versículos imediatamente seguintes (Mt 5.13-16). [13]

O quarto e último estágio na composição dos oráculos de Isaías trata da restauração final e da consumação além do tempo de todo esse sofrimento. Esse é o objetivo alcançado por Isaías 58–66 e essa passagem, também, foi escrita pelo mesmo profeta. Ele caminhou progressivamente de um estágio a outro em suas visões proféticas. Há, é claro, uma superposição entre essas três unidades de Isaías 40–66, em alguns pontos. Deve-se esperar fluidez na experiência profética oracular. O ponto principal é que nosso entendimento de Isaías 53 deve começar com a experiência do Servo Sofredor profético como um fator essencial e central na instituição da profecia. A importância de Jesus como rei messiânico davídico e, portanto, da instituição do reinado também é importante. É duvidoso, todavia, que esse reinado seja o que está sendo apresentado em Isaías 53.

Considerações coletivas e remanescentes

Aqueles que interpretam “meu servo” coletivamente levantam pelo menos três questões exegéticas e hermenêuticas legítimas que os intérpretes cristãos precisam avaliar. Primeiro, o termo “[meu] servo”, em Isaías 40–55 e por conseguinte, é, geralmente, uma referência a Israel (ou a algum grupo dentro de Israel) como povo servo de Deus, não a uma pessoa. [14] As duas primeiras ocorrências do termo, por exemplo, são em Isaías 41.8-9, onde o Senhor proclama: “Mas tu, ó Israel, servo meu, tu, Jacó, a quem elegi, descendente de Abraão, meu amigo... Tu és meu servo, eu te escolhi e não te rejeitei”. Então, em 43.10, lemos: “Vós sois minhas testemunhas, diz o Senhor, o meu servo a quem

escolhi". Aqui o Senhor se refere a eles como "testemunhas" (plural) e depois as identifica como "meu servo" (singular). Disso concluímos que o singular "meu servo" pode, de fato, referir-se à nação de Israel como um todo. Há, de fato, uma grande quantidade de ocorrências do termo "meus servos" em Isaías 40–66 e, na maioria das vezes, ele se refere a Israel de um modo ou outro.

A segunda questão está relacionada com a primeira, e surge do isolamento histórico-crítico original de Bernhard Duhm do texto de Isaías 52.13-53–53.12 e dos outros três assim chamados Cânticos do Servo do seu contexto literário (i.e.,Is 42.1-4[-9]; 49.1-6[-13]; 50.4-9[-11]). [15] Por exemplo, Isaías 42.1 apresenta o primeiro Cântico do Servo da seguinte forma: "Eis aqui o meu servo, a quem sustenho; o meu escolhido, em quem a minha alma se compraz; pus sobre ele o meu Espírito, e ele promulgará o direito para os gentios". Como mostrado acima, Isaías 41.8-9 e 43.10 usam "meu servo" para se referir à nação de Israel como um todo. Então, por que identificamos "meu servo" em Isaías 42.1 diferentemente, especialmente dada a possibilidade de licença poética? Uma nação pode ser tão ofendida quanto uma pessoa, um povo pode ter sobre si o Espírito de Deus tanto quanto uma só pessoa e assim por diante. Além do mais, em Isaías 49.3, lemos: "e [o Senhor] me disse: Tu és o meu servo, és Israel, por quem hei de ser glorificado". Novamente, estamos num dos chamados Cânticos do Servo e a referência é a Israel como servo, segundo a passagem. Há pouca justificativa para uma supressão crítica de "Israel" em 49.3, e então uma interpretação da unidade que identifica o Servo aqui mais individualmente, do que com o Israel coletivo parece estar contra o texto. Isso não deveria afetar o modo como entendemos todos os quatro Cânticos do Servo, inclusive Isaías 53? Veja mais sobre isso abaixo.

A terceira questão legítima surge da possibilidade de que onde o texto se refere a "meu servo" como aquele que sofre em favor de Israel, este talvez esteja se referindo a uma parte da nação – um grupo remanescente dentro de Israel. Ao longo dos séculos, propostas têm incluído um remanescente fiel, a ordem dos profetas e os exilados de 597. Mais recentemente, Fredrik Hägglund propôs uma variação da última interpretação na qual Isaías 53 se refere aos exilados que retornaram do exílio depois de 539 a.C. [16] Ao voltar para Jerusalém, eles sofreram pelos pecados de Israel e teriam sido recebidos como Servo de Deus pelo povo da terra, mas historicamente eles não foram recebidos assim, como fica claro em Esdras e Neemias. Hägglund argumenta que as referências ao Servo como alguém que morreu e voltou à vida novamente em Isaías 53.8-12 tem um paralelo na visão dos ossos secos, em Ezequiel 37, em que a nação de

Israel volta à vida no sentido de retornar para a terra, vindo do exílio.

As três observações ou interpretações textuais esboçadas acima são frequentemente usadas para defender uma interpretação radical coletiva e/ou remanescente do Servo segundo as referências muito claramente coletivas ao Servo em Isaías 40–66. Em geral, os intérpretes judeus naturalmente favorecem essas interpretações, mas muitos que não são judeus também a aceitam simplesmente por causa dos mesmos dados textuais. É claro que há, também, intérpretes judeus que preferem uma interpretação individual, por exemplo, interpretando que o Servo Sofredor é Ciro. [17] O propósito da discussão aqui é somente extrair do texto de Isaías 40–66 aqueles pontos de que precisamos para dar séria atenção aos intérpretes cristãos.

Interpretações individuais

Há várias interpretações individuais de Isaías 53 que, como as interpretações coletivas, limitam a aplicação do texto à situação histórica na época do autor. [18] É importante observar aqui que alguns intérpretes cristãos de Isaías 53 – isto é, aqueles que, de algum modo, em algum ponto, o aplicam a Cristo – usam essas outras interpretações individuais como pano de fundo para tentar mostrar como é, exatamente, que Isaías 53 se aplica a Jesus. Por exemplo, um tipo de interpretação individual foca um de três ou mais padrões mitológicos e rituais do antigo Oriente Próximo, que são supostamente relevantes para descrever o Servo Sofredor de Isaías 53. Essas interpretações podem reduzir o texto a uma mera versão israelita do mito ou ritual sem qualquer identificação com Jesus Cristo ou com outra pessoa ou grupo.

O intérprete cristão John Walton, no entanto, argumentou recentemente que o contexto babilônico para Isaías 53 e sua aplicação a Jesus podem ser traçados a partir de certos temas encontrados no ritual do rei substituto (acadiano v^r P%h]). [19] De acordo com a prática babilônica, quando um rei recebia um prognóstico ruim que o colocava em perigo, outra pessoa assumia o trono até que o prognóstico ruim fosse resolvido. Assim, o rei evitaria as más consequências desse prognóstico ruim. De acordo com Walton, Jesus é nosso substituto que sofre em nosso lugar de acordo com alguns elementos do padrão

encontrado no ritual do rei substituto. Infelizmente, os paralelos traçados nesses tipos de interpretação são geralmente duvidosos, na melhor das hipóteses, em termos de método básico e conteúdo. Os contrastes são ignorados em favor das comparações. Em muitos casos, as aplicações são tão forçadas que se tornam irreconhecíveis. Por exemplo, no caso mencionado acima, quem é o rei em cujo lugar Jesus fica como substituto? Outros paralelos semelhantes são, às vezes, extraídos do mito do sofrimento de Tamuz, morte e ressurreição do deus natureza, ou do ritual de ano-novo babilônico, no qual o rei é tratado de modo humilhante para assegurar sua piedade e humildade diante do seu deus que, então, esperançosamente, abençoará a nação como um todo.

Outras interpretações individuais limitam sua aplicação a uma pessoa específica da época do escritor. Por exemplo, foi sugerido que Isaías 53 se refere aos sofrimentos de Joaquim, o rei de Judá, que foi deportado por Nabucodonosor para a Babilônia juntamente com outros exilados, onde foi aprisionado por vários anos, mas finalmente libertado e colocado em um trono sobre outros reis (2Rs 24.6-16; 25.27-30). Nesse caso, os outros exilados também contribuiriam para a descrição, de modo que uma interpretação coletiva do Servo também seria satisfatória. Como observado acima, também há aqueles que argumentam que Ciro, o governante persa que decretou o retorno de Judá do exílio, é não apenas o “ungido” do Senhor (i.e.,Messias; Is 45.1), mas também o “servo”, especialmente como mencionado em Isaías 42. [20] Ainda outros argumentam que o Servo Sofredor também é o rei messiânico, mas o aplicam a Jesus Cristo como o Messias, com Ciro, talvez, em segundo plano. [21]

Com relação a isso, alguns veem em Isaías 53 a experiência de sofrimento do próprio profeta, seja o autor da passagem ou a experiência de um profeta anônimo que capturou a visão poética do autor. Alguns negam a natureza vicária das atividades e experiências do profeta. Outros sugeriram que o profeta começou a escrever sobre sua própria experiência, mas depois expandiu sua descrição para além de si mesmo para criar uma descrição ideal do ministério profético, ou talvez tenha se baseado na descrição de Moisés no Pentateuco. [22] Outros, ainda, argumentaram que o contexto é encontrado na experiência profética dos profetas do Antigo Testamento de modo geral. Parte da experiência profética regular era que os profetas sofriam nas mãos daqueles a quem serviam. Os Cânticos do Servo, especialmente Isaías 53, referem-se a um profeta ideal que fica entre o homem e Deus em serviço e sofrimento.

Para alguns desses intérpretes, isso se aplica, em última análise, a Jesus Cristo,

que é o profeta “Servo Sofredor” ideal. Assim como o rei Davi, no Antigo Testamento, fornece contexto pessoal, institucional, literário, histórico, teológico e canônico para o entendimento de Jesus como o Rei do reino do céu, conforme revelado no Novo Testamento, do mesmo modo também há um contexto para Jesus como o Servo Sofredor em Isaías 53 e nos outros Cânticos do Servo.

SOFRIMENTO, SACRIFÍCIO E EXPIAÇÃO EM ISAÍAS 53

Um dos debates constantes ao longo dos séculos é se Isaías 53 prevê ou não substituição vicária e sacrificial para fazer expiação. A resposta a essa pergunta é de importância central para as interpretações cristãs e para as relações entre os vários tipos de interpretações. O termo rP#k!, “fazer expiação”, não aparece no capítulo, [23] mas um dos tipos de sacrifício expiatório no sistema sacrificial (<v*a*, “oferta [reparação] pela culpa”) aparece em Isaías 53.10.

Todavia, foi da vontade do

Senhor

esmagá-lo e fazê-lo sofrer,

E, embora o

Senhor

faça de sua vida uma oferta pela culpa

[ou] e embora você faça... [per NIV hebraico, leitura marginal], [24]

Ele verá sua descendência e prolongará os seus dias,

E a vontade do

Senhor

prosperará nas suas mãos.

Como Bernd Janowski disse, essa parte do texto é a “declaração... em direção à qual tudo flui” na passagem. [25] Um entendimento preciso desse elemento do texto, portanto, contribuirá substancialmente para um entendimento mais completo de Isaías 53 exegeticamente e também de sua relação com todo o texto de Isaías 40–66.

O próprio Janowski traduz <v*a** como “o meio de eliminar a culpa”, e traduz a linha inteira da seguinte forma: “E ele fez de sua vida o meio de eliminar a culpa”. [26] Em sua opinião, “a equiparação do Servo com um animal sacrificial conduz... a um beco sem saída, pois em Isaías 52.13–53.12 não há menção ao (derramamento de) sangue do Servo nem o Servo não é visto no papel de um animal sacrificial ritualmente morto por um sacerdote”. Em vez disso, de acordo com sua interpretação, “o termo <v*a* procede originalmente não do culto, mas de contextos nos quais – como em Gênesis 26.10 e 1Samuel 6.3-4,8,17, etc. – transgressões que causam culpa e sua reparação são o tema”. [27] Desse contexto não cúltico anterior, segundo Janowski, os escritores sacerdotais posteriores desenvolveram o uso técnico sacrificial do termo para “oferta pela culpa”.

O problema com a argumentação de Janowski é que a “oferta pela culpa” no material sacerdotal também era sobre “transgressões que causam culpa e sua reparação”. Ele fez uma separação diacrônica e conceitual imprópria entre as passagens narrativas e as cúlticas. De fato, por exemplo, quando os filisteus enviaram a arca de volta, em 1 Samuel 6, eles consultaram os seus sacerdotes, que os instruíram a mandá-la de volta com uma “oferta pela culpa” (<v*a*) porque eles eram culpados de ter usurpado a arca sagrada do Senhor e precisavam fazer reparação por essa usurpação. [28] Além disso, até onde sei, todos aqueles que aceitam o significado de “oferta [reparação] pela culpa” em Isaías 53.10 não querem dizer com isso que o Servo literalmente se torna um animal sacrificial. [29] Em vez disso, trata-se de uma figura de linguagem, referente ao fato de o Servo sofrer substitutivamente as consequências das transgressões do povo de Israel, para fazer reparação por elas e restaurá-los ao Senhor como sua nação serva (veja os usos coletivos de “servo” em Is 40–55 discutidos anteriormente neste capítulo). Além do mais, os gentios que confiam nesse Servo também encontrarão redenção e restauração juntamente com Israel

(veja mais sobre isso abaixo).

O significado e o uso da oferta/reparação pela culpa

Embora haja uma longa história de entendimentos diversos sobre a oferta pela culpa, recentemente Jacob Milgrom mostrou que o propósito da oferta pela culpa (i.e.,ele traduz “oferta de reparação”) era “fazer expiação” pela dessacralização do sancta (veja especialmente as instruções básicas em Lv 5.14–6.7 [5.14-26]), isto é, pelo manejo errado ou pelo uso errado de coisas santas (sagradas) como se fossem coisas comuns:

Quando alguém cometer ofensa [ou transgredir] e pecar por ignorância nas coisas sagradas do

Senhor

, então, trará ao

Senhor

, por oferta [ou restituição], do rebanho, um carneiro sem defeito, conforme a tua avaliação em siclos de prata, segundo o siclo do santuário, como oferta pela culpa. Assim, restituirá o que ele tirou das coisas sagradas, e ainda acrescentará o seu quinto, e o dará ao sacerdote; assim, o sacerdote, com o carneiro da oferta pela culpa, fará expiação por ele, e lhe será perdoado (Lv 5.15-16, ênfase acrescentada). [30]

O tratamento adequado da distinção entre as coisas que são santas versus as coisas que são comuns é um dos dois princípios centrais das regulamentações sacrificiais sacerdotais, como o Senhor deixa claro a Arão depois da morte dos seus dois filhos, Nadabe e Abiú (Lv 10.1-9): “Para fazeres diferença entre o santo e o profano e entre o imundo e o limpo” (Lv 10.10). [31] Este não é o

local adequado para discutir cada detalhe das regulamentações da oferta pela culpa e suas aplicações às várias situações. [32] Todavia, certas especificidades são especialmente importantes para o significado e a importância de <v*a* em Isaías 53.10.

Primeiro, de acordo com Levítico 5.15 (citado acima), a oferta pela culpa era destinada a ocasiões quando “alguém cometer ofensa [ou transgredir] e pecar por ignorância nas coisas sagradas do Senhor” (Lv 5.15a, “coisas sagradas – coisas dedicadas ao Senhor e, portanto, sagradas para ele – “sancta”). [33] Por exemplo, de acordo com Levítico 22.10-16, somente os sacerdotes e seus familiares podiam comer o alimento sagrado ofertado ao Senhor (veja, p. ex., as porções do sacrifício pacífico, em Lv 7.28-34). Se uma pessoa comum comesse essas porções sagradas por engano (i.e.,se pecar não intencionalmente”), essa pessoa deveria fazer reparação por essa violação substituindo-as e acrescentando a quinta parte (Lv 22.14). Isso corresponde a Levítico 5.16a: “restituirá o que ele tirou das coisas sagradas, e ainda acrescentará o seu quinto, e o dará ao sacerdote”. Levítico 5.16b acrescenta, “assim, o sacerdote, com o carneiro da oferta pela culpa, fará expiação por ele, e lhe será perdoado”. [34]

A oferta pela culpa era também exigida para a restauração de um nazireu ao seu estado dedicado depois da dessacralização pelo contato com um cadáver (Nm 6.9-12). Há vários procedimentos sacrificiais envolvidos nesse caso, mas, no fim, o ponto principal que se refere à nossa discussão é: “Consagrará os dias do seu nazireado ao Senhor e, para oferta pela culpa, trará um cordeiro de um ano; os dias antecedentes serão perdidos, porquanto o seu nazireado foi contaminado” (v. 12). A oferta pela culpa era requerida especialmente porque o voto de nazireu dava à pessoa um status santificado especial perante o Senhor durante o período do voto (“até que se cumpram os dias para os quais se consagrou ao Senhor, santo será, deixando crescer livremente a cabeleira”, v. 5b), mas esse período havia sido interrompido pela dessacralização. Assim, o período do voto precisava começar de novo, com a raspagem da cabeça. Quando o voto fosse finalmente completado do modo correto, o cabelo que havia crescido durante o período votivo era raspado e queimado ao Senhor sobre o altar como parte dos procedimentos sacrificiais para a conclusão do voto (v. 18). Os sacrifícios finais para um voto ser cumprido com sucesso incluíam uma oferta pelo pecado, um holocausto e uma oferta pacífica, juntamente com suas ofertas de grãos e bebidas correspondentes, mas não a oferta pela culpa (v. 13-17; cf. o voto de nazireu de Paulo mencionado em At 18.18 com 21.23-24, 26). O ponto é que se deve tomar o cuidado para não violar (i.e.,transgredir) o sancta, e o propósito da oferta pela

culpa era fazer expiação por uma violação se ela viesse a ocorrer.

Segundo, a última unidade das regulamentações primárias da oferta pela culpa refere-se à violação da propriedade de outro israelita como uma violação ao Senhor (Lv 6.2-7 [5.20-26]): [35]

Quando alguma pessoa pecar, e cometer ofensa contra o

Senhor

, e negar ao seu próximo o que este lhe deu em depósito, ou penhor, ou roubar, ou tiver usado de extorsão para com o seu próximo; ou que, tendo achado o perdido, o negar com falso juramento, ou fizer alguma outra coisa de todas em que o homem costuma pecar... o restituirá por inteiro e ainda a isso acrescentará a quinta parte; àquele a quem pertence, lho dará no dia da sua oferta pela culpa. E, por sua oferta pela culpa, trará, do rebanho, ao

Senhor

um carneiro sem defeito, conforme a tua avaliação, para a oferta pela culpa; trá-lo-á ao sacerdote (v. 2-3,5b-6).

A questão é: como uma violação contra a propriedade de uma pessoa se torna uma violação contra o Senhor (observe “contra o Senhor”, no v.2a)? A resposta proposta por Jacob Milgrom e aceita por muitos estudiosos é que a violação contra o Senhor foi cometida ao se usar o nome do Senhor num falso juramento que o ladrão havia feito para negar sua culpa. [36] De fato, um falso juramento é mencionado duas vezes na passagem (6.3,5 [5.22,24]) e, segundo Levítico 19.12, usar o nome do Senhor num falso juramento é profaná-lo: “Não jurareis falso pelo meu nome, pois profanaríeis o nome do vosso Deus. Eu sou o Senhor”. Em outras palavras, o nome do Senhor de fato pertence ao Senhor; por isso, usá-lo num falso juramento viola a santidade desse nome, é uma transgressão do sancta.

Há, todavia, vários problemas com esse entendimento da passagem de Levítico 6[5] citada acima. Novamente, os detalhes são muitos e complicados demais

para receberem um tratamento completo aqui, mas, por exemplo, Israel Knohl salienta o fato de que não há menção a um falso juramento na passagem paralela de Números 5: [37]

Quando homem ou mulher cometer algum dos pecados em que caem os homens, ofendendo ao

Senhor

, tal pessoa é culpada. Confessará o pecado que cometer; e, pela culpa, fará plena restituição, e lhe acrescentará a quinta parte, e dará tudo àquele contra quem se fez culpado... além do carneiro expiatório [i.e.,a oferta pela culpa], com que se fizer expiação pelo culpado (6b-8).

Essa passagem interpreta qualquer erro cometido contra uma pessoa como ofensa “ao Senhor”. Milgrom objeta e responde que a regulamentação de Números 5 é um resumo simplificado de Levítico 6 presumindo que um falso juramento foi feito, sem afirmar isso expressamente. [38]

Uma pesquisa mais profunda sobre toda a questão da oferta pela culpa e sua aplicação no antigo Israel me sugere que todo o argumento vai para o outro lado. Nem em Levítico 6[5] nem em Números 5 um falso juramento é a razão para a oferta pela culpa. Certos fatos textuais levaram a essa conclusão. Mencionarei apenas dois deles aqui. Primeiro, se o falso juramento fosse a chave para esses pecados serem violações contra o Senhor (a interpretação de Milgrom), então parece improvável que Números 5 deixasse de mencionar esse fato. Em vez disso, a razão para um falso juramento não ser mencionado em Números 5 é que ele não era o tema central da regulamentação.

Segundo, de acordo com Levítico 6.6-7 [5.25-26]:

Por sua oferta pela culpa, trará, do rebanho, ao

Senhor

um carneiro sem defeito, conforme a tua avaliação, para a oferta pela culpa; trá-lo-á ao sacerdote. E o sacerdote fará expiação por ela diante do

Senhor

, e será perdoada de qualquer de todas as coisas que fez, tornando-se, por isso, culpada.

Deve-se pensar que, se a razão para se fazer a oferta pela culpa nesses casos fosse fazer expiação pelo falso juramento, o texto teria incluído, pelo menos, "pelo falso juramento que fez", além "de qualquer coisa que fez, tornando-se, por isso, culpado". Essa cláusula deve se referir às inúmeras violações relacionadas anteriormente na passagem (observe o plural "todas as coisas"), não (apenas) por um falso juramento. O tema central em ambas as passagens é a violação da propriedade do próximo, e essa era a razão principal para se fazer a oferta pela culpa. A violação da propriedade do próximo requeria a realização de uma oferta pela culpa porque o povo de Israel também era "sancta" do Senhor. Por isso, violar (profanar, ou transgredir) o povo era violar o sancta do Senhor (veja mais sobre isso na discussão abaixo).

O terceiro ponto principal aqui nos leva à questão crucial de como isso se aplica ao uso do termo "oferta pela culpa" (<v*a*) em Isaías 53.10. A erudição recente reconheceu a conexão entre a promessa de que Israel se tornaria um "reino de sacerdotes e nação santa", em Êxodo 19.6, e o ritual de ratificação da aliança, em Êxodo 24.6-8. Moisés aspergiu o sangue dos holocaustos e dos sacrifícios pacíficos sobre o povo depois de aspergi-lo sobre o altar e de o povo ter jurado lealdade à aliança. Esse foi um tipo de ritual de ordenação geral para o "reino de sacerdotes". John Davies mostrou convincentemente que o ritual de Êxodo 24.6-8 é comparável à ordenação dos sacerdotes araônicos em Levítico 8.22-24, em que o sangue é primeiro passado sobre os "chifres" do altar e depois na ponta da orelha direita, no polegar da mão direita e no polegar do pé direito dos sacerdotes (cf. Êx 29.19-21). [39] O ritual é mais específico e íntimo para os sacerdotes araônicos, isto é, o sangue é não apenas aspergido sobre eles como foi aspergido sobre o povo em Êxodo 24, mas colocado sobre a ponta da orelha direita, sobre o polegar da mão direita e sobre o polegar do pé direito, que correspondem aos "chifres" do altar. Teria sido logisticamente impossível para Moisés, é claro, fazer essa aplicação ritual de sangue em toda a nação.

Vamos dar mais um passo adiante. O sangue para o ritual de ordenação dos sacerdotes regulamentado em Êxodo 29 e realizado em Levítico 8 era do "carneiro da consagração", que era um tipo de oferta pacífica. O ponto mais importante aqui para nosso propósito é que o único outro caso na Bíblia Hebraica, além de Êxodo 24 e Levítico 8 (em paralelo com Êx 29), em que o sangue sacrificial é ritualmente aplicado ao corpo de uma pessoa ou de um grupo de pessoas, é o ritual de purificação de uma pessoa com "enfermidade de pele", em Levítico 14.12-18. [40] Mais uma vez há uma colocação básica do sangue na ponta da orelha direita, no polegar da mão direita e no polegar do pé direito, como na ordenação de sacerdotes. Mas, nesse caso, a pessoa com enfermidade de pele estava sendo purificada de sua enfermidade, e a oferta pela culpa não era uma oferta de consagração (pacífica).

Uma oferta pela culpa em vez de uma oferta de consagração/paz era requerida em Levítico 14 porque a pessoa com enfermidade de pele, que pertencia ao "reino de sacerdotes", tinha se tornado separada da "nação santa" (cf. Êx 19.6) e do tabernáculo, tendo que viver fora do arraial: "Será imundo durante os dias em que a praga estiver nele; é imundo, habitará só; a sua habitação será fora do arraial" (Lv 13.46). A pessoa com enfermidade de pele, então, torna-se "sancta" profanada, pois era membro do "reino de sacerdotes" e nação santa que perdeu seu acesso ao reino israelita de sacerdotes. Como observado acima, o propósito geral da oferta pela culpa era fazer expiação pela profanação do sancta, de modo que restaurar a pessoa com enfermidade de pele à comunidade por meio dos rituais realizados em Levítico 14.4-9 não era suficiente. Também era necessário restaurar a pessoa ao tabernáculo e ao altar, pois estar alienado da comunidade envolvia estar alienado do tabernáculo no meio da comunidade. Isso era realizado por meio da oferta pela culpa como descrita em Levítico 14.12-18.

A aplicação do sangue ao corpo da pessoa com enfermidade de pele, exatamente do mesmo modo de Levítico 14 como o ritual de ordenação sacerdotal realizado em Levítico 8, a restaurava ao seu status consagrado como membro do "reino de sacerdotes". O rito do sangue em Levítico 8 ordenava e consagrava os sacerdotes araônicos como os "sacerdotes do reino". A linha de conexão que sai de Êxodo 19.6a, onde o Senhor designa todo o Israel para ser um "reino de sacerdotes", passa pela ratificação da aliança e pelo ritual de ordenação/consagração para esse reino de sacerdotes, em Êxodo 24, em direção à ordenação e consagração dos "sacerdotes do reino" araônicos, em Levítico 8. Em seguida, volta novamente a Levítico 14, à reconsagração da pessoa que tinha sido separada do "reino de sacerdotes", por causa de sua condição enferma.

A aplicação da oferta pela culpa (reparação) à exegese de Isaías 53.10

Aplicar o entendimento desse contexto da oferta pela culpa (reparação) a Isaías 53.10 contribui substancialmente para a interpretação do ministério do Servo como descrito em Isaías 53 e Isaías 40–66 de modo geral. Quer o profeta Isaías estivesse falando de uma perspectiva proléptica, antecipando o cativeiro babilônico de Israel um século antes de ele acontecer, como argumentei acima, ou um suposto Segundo Isaías estivesse falando no contexto de tempo real do cativeiro babilônico, o principal tema histórico a ser tratado é a restauração de Israel à sua terra e à sua função como Servo de Deus. O exílio da Terra Prometida significava uma profanação do sancta – o sancta específico, sendo o próprio Israel, como "reino de sacerdotes e nação santa" (Êx 19.6). Desse modo, o sofrimento sacrificial do Servo como um <v*a* se harmoniza perfeitamente com o contexto de Isaías 40–66.

Como aquele que transgrediu o sancta do Senhor e precisava fazer reparação juntamente com uma oferta pela culpa, para fazer expiação pela profanação (Lv 5.14-16), e como o nazireu contaminado que precisava fazer reparação com uma oferta pela culpa, para ser restaurado ao seu nazireado (Nm 6.12) e, especialmente, como a pessoa com enfermidade de pele que tinha sido exilada do arraial israelita (Lv 13.45-46) e precisava oferecer uma oferta pela culpa, para ser restaurada ao arraial e à presença tabernacular do Senhor (Lv 14.12-18), do mesmo modo, o Servo, em Isaías 53, ofereceu-se como uma "oferta pela culpa" (Is 53.10b) para fazer reparação e expiação em favor de Israel, pelo seu pecado e pela sua corrupção, para que Israel pudesse voltar do exílio e ser restaurado à sua terra santa e ao seu status de "servo" santo. Isso é o que o termo <v*a*, quando traduzido como "oferta pela culpa [reparação]", traz à interpretação da passagem; não apenas expiação e reparação redentoras, mas restauração real. [41] Por mais severa que fosse (v. 10a), a vontade do Senhor prosperaria (v. 10d) por meio da vida e da morte sacrificiais do Servo sofredor profético:

Todavia, ao

Senhor

agradou moê-lo, fazendo-o enfermar...

E a vontade do

Senhor

prosperará nas suas mãos (Is 53.10a,d).

Reconhecer a associação com a oferta pela culpa para a pessoa com enfermidade de pele influencia a nossa exegese de outros elementos específicos de Isaías 53. Um exemplo claro é o termo “ferido” (ug^n#) no fim do versículo 8: “por causa da transgressão do meu povo, foi ele ferido” (lit., “um golpe é para ele”). [42] Esse substantivo ocorre 78 vezes em todo o Antigo Testamento, e 61 delas são em Levítico 13–14, aparecendo consistentemente em ambos os capítulos, do início ao fim (cf. também Gn 12.17; Êx 11.1; Dt 24.8; 1Rs 8.37-38; par. 2Cr 6.28-29; e talvez Sl 91.10 para o significado “ferido” de enfermidade). Veja, por exemplo, Levítico 13.2: “O homem que tiver na sua pele inchação, ou pústula, ou mancha lustrosa, e isto nela se tornar como praga de lepra [lit., ‘um golpe de enfermidade de pele’]”. Em algumas ocasiões, esse termo se refere a uma ferida física causada por um ataque, e não a uma enfermidade; veja, por exemplo, Deuteronômio 17.8; 21.5; 2Samuel 7.14; Salmo 39.10[11]; 89.32[33]; Provérbios 6.33; e talvez o Salmo 38.11[12], mas o termo é usado predominantemente para indicar enfermidade de pele.

Além do mais, a descrição de sua “forma” e da condição de seu corpo em Isaías 53 lembra a aparência de uma pessoa com enfermidade de pele que cobriu suas deformidades e ficou afastada das pessoas (p. ex.,Is 52.14; 53.2). Do mesmo modo, a primeira linha de Isaías 53.10 traz: “Ao Senhor agradou moê-lo, fazendo-o enfermar” (veja também NRSV: “Foi da vontade do Senhor esmagá-lo com dor e fazê-lo sofrer”, leitura marginal: “esmagá-lo por enfermidade”). A última cláusula consiste de uma palavra em hebraico (yl!h$h#). O verbo básico (hl*h*) normalmente se refere a alguém que está “doente” (p. ex.,“Naqueles dias, Ezequias adoeceu de uma enfermidade mortal”, Is 38.1a). E, na forma usada em Isaías 53.10 pode significar “fazer ficar doente”, como a leitura marginal de NRSV e outras traduziram. [43]

Voltemos, por um momento, a Isaías 53.10b, que traz, na NIV: “e, embora o Senhor faça de sua vida uma oferta pelo pecado”. A terceira pessoa masculina da

tradução da NIV só é possível, no entanto, se o tradutor estiver disposto a se envolver no que parece uma correção muito questionável do texto. O verbo (“faça”) como está no TM pode ser ou segunda pessoa do masculino (veja a leitura marginal na NIV e na NRSV: “Quando você fizer de sua vida uma oferta pelo pecado”) ou, como prefiro, terceira pessoa do feminino, transformando “sua vida/alma” no sujeito vp#n#, “alma/vida” é feminino), de modo que a tradução da linha fica: “se/quando/embora sua vida/alma faça uma <v*a*”. O fato é que uma terceira pessoa feminina do sujeito está presente e não há uma boa razão gramatical para rejeitá-la como do sujeito do verbo. [44]

A palavra hebraica vp#n#, no entanto, é notoriamente difícil de traduzir. Aqui ela parece referir-se à “vida” que vive e respira ou à “pessoa” do Servo Sofredor que faz a oferta pela culpa. A palavra é usada três vezes em Isaías 53, uma em cada um dos últimos três versículos. No versículo 11a, lemos: “Ele verá o fruto do penoso trabalho de sua alma [vp#n#] e ficará satisfeito” [NIV: “Depois do sofrimento de sua alma [vp#n#], ele verá a luz da vida e ficará satisfeito”] [45] e, no versículo 12b, “porquanto derramou a sua alma [vp#n#] na morte”. O contínuo uso dessa palavra nos versículos 11-12 reforça o entendimento de que seu sofrimento e morte devem ser entendidos como sacrificiais (v. 10, “oferta pela culpa”), substitutivos (v. 11d, “as iniquidades deles levará sobre”; v. 12e, “levou sobre si o pecado de muitos”) e eficaz (v. 11c: “com o seu conhecimento, justificará a muitos”; v.12f: “pelos transgressores intercedeu”). [46]

A terceira linha de Isaías 53.10 também confunde os intérpretes. [47] O que pode significar que se (ou “quando”, ou “embora”) sua vida fizer uma oferta pela culpa (reparação), (então) ele “verá a sua posteridade e prolongará os seus dias” (v. 10c)? Talvez deva ser lembrado aqui que o resultado final dos rituais realizados para a purificação da pessoa com enfermidade de pele (incluindo a oferta pela culpa e a manipulação do sangue) é que, em vez de precisar viver (ou morrer) fora do arraial (Lv 13.46), a pessoa será restaurada ao arraial e à sua família (Lv 14.8b-9). Ela, por assim dizer, “verá a sua posteridade e prolongará os seus dias”. Em outras palavras, a aplicação da oferta pela culpa também se aplica a esse elemento do texto. O caso é que, na multidão de sua posteridade e vivendo continuamente com ela, o Servo Sofredor verá os resultados do oferecimento de sua vida como uma oferta pela culpa. Os versículos 11-12 elaboram sobre esses resultados abençoados.

Finalmente, tem havido um intenso debate sobre a tradução de Isaías 52.15a, sobre se ele deve ser traduzido “então ele aspergirá muitas nações” (NIV) ou

talvez “então ele causará admiração a muitas nações” (NRSV). A LXX traz “então muitas nações se maravilharão nele”. [48] Outras propostas também têm sido feitas. [49] Embora a forma do verbo seja claramente correta para a tradução “aspergir” (hz#y de Hz*n*) como aparece em outros lugares da Bíblia Hebraica (veja a discussão abaixo), muitos intérpretes a rejeitam porque supostamente “não se encaixa no contexto”. [50] Contra essa interpretação, todavia, a estrutura concêntrica de Isaías 52.13–53.12 sugere que 52.13-15 e 53.10-12 são unidades correspondentes. [51] Essa estrutura é especialmente importante aqui, visto que o procedimento ritual para purificação da pessoa com enfermidade de pele, para trazê-la de volta ao arraial antes que a oferta pela culpa pudesse ser oferecida, incluía “aspergi-la” (o mesmo verbo Hz*n* que aparece em Is 52.15a) sete vezes com uma mistura de água (veja Lv 14.7 especificamente, com a descrição da mistura nos vs. 4-6; cf. também v. 51 sobre a casa infectada). A referência a <v*a*, “oferta pela culpa”, em Isaías 53.10, ecoa a referência a “aspergir” em 52.15a. O Servo não apenas se oferece como uma oferta pela culpa, mas também purifica as nações, o que parece derivar metaforicamente do ritual de purificação da pessoa com enfermidade de pele.

O argumento apresentado aqui muito certamente não significa sugerir que o Servo fosse, realmente, uma pessoa com enfermidade de pele (i.e.,um “leproso”). Em vez disso, o argumento é que o Servo funciona como uma oferta pela culpa por uma pessoa com enfermidade de pele. E, como tal, o Servo enfrenta o pior tipo possível de dor humana, sofrimento, vergonha, rejeição e humilhação para realizar a vontade do Senhor (Is 53.10a,d). As idas e vindas das metáforas misturadas incluem o Servo como um “leproso” e a oferta pela culpa pelo “leproso” – aquele que faz expiação pela nação “leprosa” de Israel (i.e.,a nação cujos pecados ele leva).

Se a proposta oferecida aqui estiver substancialmente correta, então os elementos da expiação sacrificial substitutiva da passagem como um todo encontram seu fundamento, pelo menos em certa medida, no contexto da oferta pela culpa fornecido pela terminologia e pela teologia da passagem. Lembre-se da pirâmide de Delitzsch apresentada no início deste ensaio (diagramada acima como um simples triângulo) e observe que, em Isaías 53: (1) um Servo do Senhor individual (veja “meu servo” em Is 52.13; cf. 53.11 e “ele, seu” até o fim [52]) sofre para fazer expiação e reparação; (2) por “seu povo” (53.8d, i.e.,o povo do Servo, lendo com 1QIsa, não com o TM “meu povo”; cf. também “nós, nosso” até o fim e também “seu”, em 52.14, onde a NIV e muitas outras versões trazem “dele”, mas o 1QIsa, TMe a LXX trazem “seu” [53]). Isso constitui o

pico e a base da pirâmide de Delitzsch, respectivamente: o servo individual e a nação coletiva eleita como um todo.

Os profetas e seus seguidores constituiriam o meio da pirâmide de Delitzsch – o remanescente dentro de Israel. Lembre-se da discussão acima sobre não isolar os Cânticos do Servo do seu contexto. No contexto imediato de Isaías 52.7-10, os profetas são “atalaias” (v. 8). Eles são aqueles que trazem as “boas-novas” de que o “Senhor consolou o seu povo” (v. 7, 9; cf. Is 40.1) e “desnudou seu santo braço” de “salvação” (Is 52.10; cf. Is 53.1) para trazer Israel do cativeiro, indo “adiante” deles e à sua “retaguarda” (Is 52.12). Compare com a maneira como o Senhor os trouxe do Egito muitos séculos antes (Êx 12.11,33; 14.19-20) e observe especialmente o elo contextual entre Isaías 52.10 e 53.1, que também é reconhecido pelo apóstolo Paulo em Romanos 10.15-16 (cf. a discussão de Craig Evans sobre o rolo de Qunram de Isaías sobre este assunto neste volume). De um ponto de vista contextual, portanto, parece ser o atalaia de Isaías 52.8 que clama em Isaías 53.1: “Quem creu em nossa pregação, e a quem foi revelado o braço do Senhor? [cf. 52.10a]”.

Se essa leitura estiver correta, então os profetas se incluem no “nós, nosso” de Isaías 53 (cf. Is 6.5, etc.). Como os servos do Senhor entre o povo servo do Senhor (i.e.,Israel), eles também tinham uma necessidade desesperadora da expiação sacrificial substitutiva e reparação feitas pelo Servo. Novamente, isso reforça uma das principais preocupações hermenêuticas deste ensaio, a saber, a necessidade de evitar tirar os Cânticos do Servo do seu contexto na nossa exegese e interpretação. Deus sempre teve seu remanescente, mesmo nos dias mais sombrios do antigo Israel (veja, p. ex.,1Rs 19.18). Todos “nós”, como ovelhas, nos desviamos (Is 53.6) e ali estava o “atalaia” entre “nós”, que proclamou as “boas-novas” a todos (Is 52.7-8). A dura realidade, todavia, foi que, ao longo da história da instituição profética, o sofrimento foi uma parte regular da experiência profética. Ele vinha com o território, por assim dizer. E, geralmente, seu sofrimento era nas mãos do próprio povo a quem serviam porque, verdadeira como era, sua mensagem era frequentemente impopular e isso os tornava objeto de rejeição, violência, dor e ridículo.

Assim Isaías, que sofreu sacrificialmente como um profeta no cumprimento de seu próprio ministério profético, ansiava pelo tempo em que um Servo profético viria para viver, sofrer e morrer pelas nossas mãos e em favor de “nós”. De um ponto de vista histórico, portanto, <v*a* (“oferta pela culpa/reparação”) se harmoniza perfeitamente bem com Isaías 53.10 no seu contexto mais amplo.

Aliás, ele dá precisão ao nosso entendimento do sofrimento sacrificial que o Servo suportaria. Do ponto de vista de Isaías, o sofrimento do Servo de Isaías 53 era tão essencial para a restauração dos exilados que voltaram para a Terra Prometida quanto a oferta pela culpa era essencial para a restauração à comunidade de uma pessoa com enfermidade de pele. A reparação pela violação do sancta precisava ser feita para que ele fosse restaurado, o próprio povo sendo o sancta. Historicamente, portanto, o significado e a mensagem de Isaías 53 estão estreitamente ligados às realidades do exílio babilônico que o próprio Isaías viu vindo de um horizonte distante. Mas ainda há muito mais do que isso.

CONCLUSÃO

O Servo de Isaías 53 não apenas sofreria sacrificialmente, mas também sairia dessa experiência "exaltado e elevado e mui sublime" (Is 52.13b). Tanto seu sofrimento quanto sua exaltação são essenciais para a "vontade do Senhor" (53.10a,d). Isso nos leva ao "eu, me, meu" de Isaías 53 – o próprio Senhor Deus (veja 52.13a e 53.11b-12a). O Senhor é mencionado em outros lugares da passagem na terceira pessoa, é claro (53.2,4), mas, no início e no fim da unidade, ele fala na primeira pessoa. As referências na primeira pessoa no início e no fim de Isaías 53, portanto, estruturam toda a seção com as intenções declaradas do próprio Senhor.

Isso coloca Isaías 53 à parte dos primeiros dois "Cânticos do Servo" (49.1-13; 50.4-11), onde o profeta, não o Senhor, é o "eu, me, meu", que se refere a si mesmo como o Servo a quem o Senhor chamou (veja, p. ex., Is 49.1-4; 50.4-6). Uma discussão mais completa de Isaías 53 em relação aos outros "Cânticos do Servo" e no contexto geral histórico e literário de Isaías 40–66 exigirá uma análise cuidadosa dessa mudança nas referências na primeira pessoa, mas isso terá que esperar por outra oportunidade. É importante reconhecer aqui, no entanto, que essa mudança produz uma mudança de perspectiva em Isaías 53. O profeta que escreve isso se inclui entre o "nós, nosso" (veja acima), não no "eu, me, meu". Ele não se identifica como o Servo sofredor em Isaías 53, como faz em Isaías 49 e 50. Em vez disso, ele olha para além de si mesmo, para aquele que não apenas suportaria o sofrimento pelo seu povo, mas realmente se entregaria como uma oferta sacrificial para suportar os pecados de seu povo.

Isaías 53, portanto, é único em Isaías 40–66, se não em todo o Antigo Testamento. [54]

A combinação dessa mudança na referência da primeira pessoa, juntamente com a terminologia sacrificial usada, sugere que, em Isaías 53, a mensagem profética deu um outro passo adiante. Já que o profeta é parte do “nós, nosso” (i.e.,como um dos atalaias de 52.8, ele está entre o “nosso” de 53.1, etc.), ele é um recebedor do ministério do Servo Sofredor e não deve ser identificado com ele. De fato, o padrão do profeta como um Servo Sofredor já tinha sido estabelecido e tem uma longa história na Bíblia Hebraica (veja as observações sobre isso acima). Nesse contexto imediato, veja especialmente Isaías 50.6:

Ofereci as costas aos que me feriam

e as faces, aos que me arrancavam os cabelos;

não escondi o rosto

aos que me afrontavam e me cuspiam.

Novamente, observe que o sofredor nessa passagem é o profeta, que é o “eu, me, meu” da passagem. O fato é que Isaías 53 estende esse sofrimento para além do sofrimento do profeta-atalaia, para aquele que sofre em favor dele e do povo de Israel como um todo.

Além do mais, há, também, nessa passagem, um “eles, deles”. O sofrimento desse Servo fornece redenção e restauração para o “eles” (Is 52.15c-d), isto é, “muitas nações” e seus “reis” (52.15a-b; cf. 53.11d-e;12e-f). O interesse do Senhor pelas nações, e não apenas por Israel, é declarado em outros lugares, no contexto mais amplo (veja Is 49.6-7; 56.6-7, etc.) e, agora, a mesma redenção sacrificial e a mesma restauração aplicam-se também a eles. O Servo Sofredor de Isaías 53 traz redenção e restauração não somente “primeiro ao judeu”, mas “também ao grego” (Rm 1.16).

2

INTERPRETAÇÕES JUDAICAS DE ISAÍAS 53

Michael L. Brown

Foi o famoso pesquisador bíblico e semítico Franz Delitzsch que certa vez exclamou sobre Isaías 53:

Muitos são aqueles cujos olhos foram abertos ao lerem este “passionário dourado do evangelista do Antigo Testamento”, como Policarpo de Lísias o chamou. Como ele derrete a crosta do coração de um israelita! É como se tivesse sido escrito abaixo da cruz do Gólgota e fosse iluminado pelo brilho celestial do pleno sh#B l!m!n!yn!ym!l! bv@ (“sentado à minha mão direita”). É o desenredamento do Salmo 22 e do Salmo 110. Ele forma o centro externo desse maravilhoso livro de consolação (c. 40–66) e é o elemento mais central, mais profundo e mais grandioso que a profecia do Antigo Testamento, sobrepujando a si mesma, conseguiu realizar. [01]

Em contraste com essa avaliação elevada, os judeus que defendem o judaísmo contramissionário relacionam, em seu site, não menos que 27 objeções à aplicação dessa passagem a Jesus, [02] enquanto o contramissionário Gerald Sigal dedicou 287 páginas à sua tentativa de refutar a interpretação cristocêntrica de Isaías 53. [03] Esse texto fundamental é considerado de modo totalmente diferente pelos dois grupos de leitores. Sobre isto, porém, eles concordam (como atestado apenas pelo volume de Sigal): Isaías 53 é a passagem profética central no debate sobre Jesus, o Messias.

O propósito deste capítulo é resumir as principais linhas da interpretação judaica tradicional de Isaías 53, com especial referência às objeções a Jesus que surgem do texto, oferecendo respostas concisas a essas objeções e, depois, sugerindo o modo de utilizar esses comentários tradicionais de maneira redentora.

Antes de ir ao coração do capítulo, permita-me recapitular brevemente algumas das interpretações messiânicas de Isaías 53 na literatura rabínica:

1. O Targum Jonathan interpreta Isaías 53 com referência ao Messias, mas com uma reelaboração totalmente radical do texto, enfatizando a vitória do Messias, em vez do seu sofrimento, e com alguma aplicação do texto à nação de Israel como um todo. [04]

2. O Talmude remonta Isaías 53.4 ao Messias em Sinédrio 98b; conforme traduzido por Soncino: “Seu nome é ‘o sábio leproso’, como está escrito: Certamente ele tomou nossas dores e levou as nossas tristezas: não obstante, nós o estimamos como um leproso, castigado por Deus e aflito”. [05]

3. Ruth Rabbah interpreta Isaías 53.5 como referindo-se ao Messias. [06]

4. O Midrash Tanchuma aplica tanto Isaías 52.13, que fala da exaltação do Servo, quanto 53.3, “um homem de dores e que sabe o que é padecer”, ao Messias. [07]

5. Yalkut Shimoni (a 13ª compilação de antigos escritos midráshicos) aplica 52.13 ao Messias, afirmando que o Messias, chamado de grande montanha, segundo a interpretação de Yalkut de Zacarias 4.7, é “maior que os patriarcas... maior que Abraão... exaltado acima de Moisés... e mais grandioso que os anjos que ministram” (2:571; veja também 2:621). Isaías 53.5 é aplicado aos sofrimentos do “Rei Messias” (2:620). [08]

6. Rambam (Maimônides) associa Isaías 53.2 (juntamente com a profecia “secundária” de Zc 6.12) ao Messias em sua Carta a Yemen (Iggeret Teman). [09]

7. Ramban (Nachmânides), embora afirme que o texto, na verdade, refere-se a Israel, seguiu a interpretação messiânica do texto encontrada no Midrash, começando com o estado elevadíssimo do Messias, baseado em 52.13. [10]

8. Também é digno de nota o comentário frequentemente citado do rabino

Moshe Alshech, que escreveu no século 16, que “nossos rabinos, a uma só voz, aceitam e afirmam a opinião de que o profeta está falando do Messias, e devemos aceitar a mesma interpretação”. [11]

9. A interpretação messiânica da nossa passagem também é encontrada no Zohar e em algumas obras midráshicas posteriores, incluindo o Leqah Tov, que aplica 52.13 ao Messias. [12] Voltarei a duas passagens destacadas do Zohar no fim deste capítulo. [13]

As interpretações messiânicas, no entanto, não se tornaram predominantes no pensamento judaico, especialmente porque os chamados três grandes, a saber, os comentaristas Rashi, Ibn Ezra e Radak (que escreveram nos séculos 11 e 12) interpretaram Isaías 53 como referindo-se à nação de Israel como um todo, ou, mais particularmente, aos justos dentro da nação. [14] Em grande medida, a interpretação judaica subsequente seguiu de perto as interpretações de Rashi, Ibn Ezra e Radak. Também deve ser observado – como geralmente é feito pelos contramissionários – que a interpretação corporativa é atestada por Orígenes, que escreveu em sua obra do século 3º, Contra Celsum:

Agora me lembro que, em certa ocasião, num debate com certos judeus, que eram considerados homens sábios, citei essas profecias, a que meu oponente judeu replicou que essas predições faziam referência a todo o povo, considerado como um indivíduo e como estando num estado de dispersão e sofrimento, para que muitos prosélitos pudessem ser ganhos, por causa da dispersão dos judeus entre inúmeras nações pagãs. E assim ele explicou as palavras: “Tua forma não será de reputação entre os homens”; e então: “Aqueles a quem nenhuma mensagem foi enviada a respeito dele verão”; e a expressão “um homem sob dores”. [15]

No que se refere aos “três grandes” comentaristas, Rashi não fez referência a Jesus (de acordo com seu costumeiro estilo não polêmico); [16] Ibn Ezra começou seus comentários com uma polêmica antijesus, e Radak terminou seus comentários com ela, embora tenha anotado no início: “Agora passarei a expor o Parashah como foi exposto por meu pai, de bendita memória [Joseph Kimchi] no

Sepher HaGaluy e no Sepher HaBrit, compostos por ele em resposta aos hereges". [17]

Ibn Ezra escreveu:

Esse Parashah é extremamente difícil. Nossos oponentes dizem que ele se refere ao Deus deles, supondo que o "servo" significa seu corpo: isso, todavia, não é possível, pois o corpo não pode "entender", nem mesmo durante a vida de um homem. Além disso, se sua interpretação estiver correta, qual será o significado de "verá a sua posteridade"? Pois ele (o Deus deles) não viu filho; ou qual será o significado de "prolongará os seus dias"?, pois isso é igualmente falso sobre ele; ou qual será o sentido de "com os poderosos repartirá ele o despojo"? A prova do significado apropriado dessa passagem está nas passagens imediatamente anterior (52.12, em que "vós" significa Israel) e imediatamente posterior (54.1, onde "a estéril" designa a congregação de Israel); do mesmo modo, "meu servo" significa cada pessoa que pertence a Israel e, consequentemente, "servo de Deus", que está no exílio. Mas muitos têm explicado isso como referindo-se ao Messias, porque nossos rabinos disseram [Midrash Ekha, i.6] que, no dia em que o santuário foi assolado, o Messias nasceu, e que ele estava atado com cadeias (Jr 40.1). Vários desses versículos, todavia, não têm esse significado, por exemplo, "desprezado e o mais rejeitado entre os homens"; "por juízo opressor foi arrebatado"; "deram-lhe a sepultura com os perversos"; "verá a sua posteridade e prolongará os seus dias". R. Sa'adyah interpreta todo o Parashah de Jeremias; e essa interpretação é atrativa... Mas, em minha opinião, o Parashah está mais intimamente associado ao contexto, pois qual propósito pode haver em mencionar Jeremias quando as consolações dirigidas a Israel formam o tema do discurso do profeta antes e depois? De fato, ele está falando simplesmente de cada um dos servos de Deus que está no exílio; ou, o que é mais provável, "meu servo" pode significar Israel como um todo, como em 41.8. [18]

Radak terminou seus comentário com um ataque semelhante:

Gostaria de perguntar aos nazarenos que explicam esse Parashah de Jesus, como o profeta poderia ter dito "ele será exaltado e elevado e será mui sublime"? Se

isso se refere à carne, Jesus não foi “elevado” a não ser quando foi pendurado na cruz; se isso se refere à Divindade, então ele é poderoso e exaltado desde o princípio. Além do mais, o profeta diz wml, versículo 8 (plural), mas então ele deveria ter dito wl (singular), pois wml é plural, sendo equivalente a <hl. Novamente ele diz: “Ele verá a sua posteridade”. Se isso se refere à carne, ele não teve posteridade; se isso se refere à Divindade, como o sentido literal é inapropriado, eles explicam a palavra “posteridade” como referência aos seus discípulos, embora seus discípulos não sejam em lugar algum citados como filhos ou posteridade. Ele diz, também: “[Ele] prolongará os seus dias”. Mas, na carne, ele não teve dias longos e, se isso se referir à Divindade, isto é, que como recompensa [pelo sofrimento] ele terá uma vida longa, não são os dias de Deus de eternidade a eternidade (cf. Sl 90.2)? Finalmente, ele diz: “Pelos transgressores intercedeu”. Mas se ele é o próprio Deus, a quem ele poderia interceder? Nossos rabinos explicam a passagem como referindo-se a Moisés, supondo que ele “foi contado com os transgressores” porque foi contado com aqueles que morreram no deserto; que ele “levou sobre si o pecado de muitos” quando fez expiação pela confecção do bezerro de ouro; e que “pelos transgressores intercedeu” quando buscou misericórdia pelas transgressões de Israel. [19]

Na verdade, Ibn Ezra e Radak podem ser desculpados por não entenderem o significado da encarnação – eles, certamente, não são os primeiros a se esforçar para entender a completa divindade e, simultaneamente, a completa humanidade de Yeshua – e o “cristianismo” ao qual estavam expostos (na maior parte, um catolicismo romano medieval, cheio de ícones) não podia ter ajudado a torná-los sensíveis a essas verdades espirituais altamente nuançadas. [20] Além do mais, não havia desejo de “redimir” Yeshua como um dos seus – o judeu mais desprezado e rejeitado e, assim, um sujeito digno para o texto. Também é importante lembrar que o povo judeu, no exílio medieval, era, de modo geral, rigorosamente religioso, daí a percepção, por esses comentaristas, de que o Servo era justo e obediente, sofrendo por causa dos pecados das nações opressoras. Tudo isso deve ser levado em conta na leitura que eles fazem do texto.

Permita-me resumir a interpretação do “Israel corporativo” (ou “remanescente justo de Israel”) segundo Rashi, Ibn Ezra e Radak, seguindo versículo a versículo pelo texto, conforme a tradução da Nova Versão Judaica (agora

conhecida como NJPS).

52.13 “De fato, meu servo prosperará, será exaltado e elevado a grandes alturas.” Rashi diz que isso se refere a “meu servo Jacó”, ou seja, “o justo entre eles”, apontando para “os últimos dias” como cumprimento do texto. De acordo com Radak, “como a exaltação de Israel será muito grande, o profeta usa a multiplicidade de termos para expressar a ideia: hbgw a?nw <wry”. [21]

52.14 “Assim como os muitos ficaram assustados com ele – tão desfigurada era sua aparência, diferente da de homem, sua forma, além da semelhança humana.” As nações ficaram assustadas com o estado degradante de Israel, até mesmo comentando umas com as outras: “Como sua [de Israel] aparência é desfigurada, diferente da de um homem! Veja como seus traços são mais escuros que os de outros povos, assim os vemos com nossos olhos” (Rashi). Ibn Ezra observa: “Quantas nações há no mundo que acham que os traços dos judeus são desfigurados e diferentes dos dos outros homens, e perguntam se um judeu tem uma boca ou um olho! Isso é feito, por exemplo, nos países de Ismael e Edom” (significando o Islã e o cristianismo).

52.15 “Assim também ele causará admiração a muitas nações. Reis serão silenciados por causa dele, pois verão o que não lhes foi dito sobre eles, e verão o que nunca tinham ouvido.” Nenhum dos grandes comentaristas entende o termo hebraico Hz#y como significando “arpergir” (traduzido como “assustar” na NJV [e como “causar admiração” na ARA]) num sentido positivamente sacerdotal com implicações de redenção. [22] Para Ibn Ezra, é o sangue das nações que Israel espargirá quando chegar o tempo da vingança, enquanto Rashi interpreta a aspersão como “subjugar”, explicando: “Agora, sua mão se tornará poderosa e ele subjugará os chifres das nações que o dispersaram”, com evidente referência a Zacarias 1.21. Radak, todavia, associa o verbo a “falar”, sugerindo que as nações ficarão constantemente falando sobre a exaltação de Israel, embora, por fim, “os reis ficarão em silêncio por causa dele”, porque a exaltação de Israel aparecerá diante deles em sua grandeza. A exaltação de Israel, então, significará defesa e até mesmo vingança.

53.1 “Quem pode crer naquilo que ouvimos? A quem o braço do Senhor foi revelado?” Em contraste com a interpretação-padrão cristã, que entende que o povo de Israel está falando, aqui, sobre o Servo do Senhor – significando Jesus, o Messias – a interpretação judaica tradicional coloca essas palavras nos lábios dos governantes das nações, que estão, então, falando sobre Israel, o Servo do

Senhor. [23] E observe a conexão verbal entre 52.15 e 53.1, a primeira com Wu%m+v*, “ouviram” (“na cláusula “aquilo que não ouviram”) e a segunda com Wnt@u*m%v+l!, “o que ouvimos”. Radak explica “os gentios dirão... nunca cremos no que agora estamos vendo com nossos olhos”.

53.2 “Pois ele cresceu, por seu favor, como uma ponta de árvore, como um tronco de uma terra seca. Ele não tinha forma nem beleza, para que pudéssemos olhar para ele: não havia nele nenhum atrativo para que o considerássemos agradável.” Radak é o mais específico em sua interpretação, afirmando que “a alusão à volta de Israel do exílio foi tão surpreendente e maravilhosa como um broto nascendo de uma terra seca ou como uma árvore florescendo ali”. Radak também encontra um significado profundo na palavra wynpl [wyn*p*l=], lit., diante dele (traduzida “por seu favor”, na NJV), explicando “que Israel estava continuamente diante de Deus e, assim, mais perto dele do que de qualquer outra nação”. No entanto, enquanto estava definhando no cativeiro, o “rosto de Israel foi deformado e desfigurado, diferente dos outros homens”, abominado pelas nações.

53.3 “Ele foi desprezado, evitado pelos homens, um homem de sofrimento, familiarizado com a enfermidade. Como um que esconde o rosto de nós, ele foi desprezado, e não fizemos caso dele”. Rashi observa: “Assim é o costume desse profeta: ele menciona todo o Israel como um homem, por exemplo (44.2), ‘não temas, ó Jacó’ (44.1); ‘ouve, ó Jacó, servo meu’ (44.1). Aqui também (52.13): ‘Eis que o meu Servo prosperará’, ele disse isso a respeito da casa de Jacó”. Quanto à natureza dos sofrimentos descritos aqui, Ibn Ezra escreve: “As dores e enfermidades mencionadas são os sofrimentos do exílio; e uwdyw [u~~Wdyw! aqui, “familiarizado com”] significa que ele foi ensinado e estava acostumado a ter o jugo do exílio sobre si”. E as nações não podiam nem mesmo olhar para Israel por causa da aversão que sentiam por ele.

53.4 “No entanto, era nossa enfermidade que ele estava suportando, era nosso sofrimento que ele estava levando. Nós o consideramos maldito, ferido e aflito por Deus.” Agora começamos a entrar no ponto crucial da passagem e, para Ibn Ezra, trata-se simplesmente de Israel, o Servo justo, sofrendo por causa dos pecados das nações. Ele afirma que a substância do versículo é esta: “Fomos nós que causamos sua enfermidade; no entanto, ele a levou, e suportou todas as dores que daí por diante colocamos sobre ele... Foi Deus quem o golpeou e afligiu porque a enfermidade devia ter vindo sobre nós, cujas leis são totalmente vaidade, mas, em vez disso, vieram sobre Israel, cuja lei era uma lei de

fidelidade”.

A explicação de Radak vai além, começando com uma discussão filosófica, que é comum nos seus escritos: baseado em Ezequiel 18.20, que afirma que o filho não pode ser punido pelos pecados do pai, ou vice-versa, ainda mais verdadeiro é que “um homem não pode sofrer por outro, ou um povo por outro povo. Qual, então, é o significado de que ele certamente levou as nossas enfermidades, foi ferido pelas nossas transgressões e por suas feridas fomos sarados?” Ele não acha que Lamentações 5.7 forneça uma resposta a essa pergunta (ali é afirmado que os filhos estão sofrendo pelos pecados de seus pais), explicando o versículo com referência a Êxodo 20.5, ou seja, “quando os filhos continuam a aderir às obras de seus pais”. Ele também acha que Lamentações 5.7 deve ter sido dito por Jeremias “no estilo dos pranteadores”, isto é, mais motivado pela emoção que pela razão. [24]

Como, então, essas expressões devem ser interpretadas? As palavras são meramente os pensamentos dos gentios: “Não é afirmado que Israel realmente levou a iniquidade dos gentios, mas estes apenas imaginam isso quando veem, no tempo da libertação [deles], que a fé a que Israel tinha aderido era a verdadeira, enquanto eles mesmos tinham aderido à falsa”. Assim, a tentativa dos gentios para explicar o paradoxo – por que Israel sofreu quando era justo, enquanto nós desfrutamos de paz e tranquilidade, embora tenhamos “aderido à falsidade”? – “segue-se, portanto, que a enfermidade e a dor que deviam ter caído sobre nós [os gentios] caíram sobre Israel e eles são nosso resgate [rp#K] e nossa expiação [hr*P~~K*]. “Enquanto estavam no exílio”, erradamente conjecturamos que Deus os tinha golpeado por causa da própria iniquidade deles; agora percebemos “que não é pela iniquidade deles, mas pela nossa, que é dito: ‘Ele foi traspassado pelas nossas transgressões’”.

Essa é uma explicação notável. O texto fala claramente de sofrimento expiatório vicário – de fato, alguns creem que era isso que Ibn Ezra tinha em mente quando disse que a passagem era “extremamente difícil” – e Radak reconhece esse fato. Mas como ele acha que o conceito é contrário à verdade bíblica, ele tem que creditar isso ao pensamento errado das nações gentias, o que é uma interpretação totalmente forçada, para sermos gentis. Talvez todas as supostas reflexões das nações nessa passagem sejam apenas produto de seu pensamento incorreto – que é o exato oposto de toda a lição que o capítulo supostamente está ensinando, ou seja, que os gentios finalmente entenderam por que Israel sofreu e o quanto ele é justo e amado.

É interessante observar que Rashi não tem problema em interpretar o texto em termos vicários, explicando que a palavra inicial, /k@a*, que é normalmente traduzida como “certamente”, realmente significa “mas”, de modo que temos: “Mas ele tomou as nossas enfermidades”. Em outras palavras, Rashi explica: “Mas agora vemos que isso lhe aconteceu não por causa do seu estado inferior, mas porque ele foi castigado com dores para que todas as nações fossem expiadas pelo sofrimento de Israel. A enfermidade, que corretamente teria vindo sobre nós, ele suportou... Pensamos que ele era odiado pelo Onipresente, mas não era; ele foi afligido por causa das nossas transgressões e esmagado por causa das nossas iniquidades”.

53.5 “Mas ele foi ferido por causa dos nossos pecados, esmagado por causa das nossas iniquidades. Ele suportou o castigo que nos curou, e pelas suas pisaduras fomos sarados”. De acordo com Rashi, “ele foi castigado para que houvesse paz para o mundo inteiro”. Para Ibn Ezra, ser “ferido pelas nossas transgressões” significa que Israel sofreu porque as nações pecaram contra ele, e ele entende “o castigo que nos curou” significando “o castigo de nossa paz”(Wnm@olv)+), explicando que “é bem sabido que, durante todo o tempo em que Israel estiver na humilhação do exílio, as nações terão paz”, em contraste com o tempo da libertação de Israel, que será “tempo de angústia” (com referência a Dn 12.1). Ele encontra apoio para esse conceito em Zacarias 1.11-12: as nações da terra descansarão até que Deus tenha misericórdia de Jerusalém. De acordo com Radak, as feridas (ou, mais especificamente, os açoites) eram os sofrimentos do exílio; quanto às nações serem curadas, Radak sugere que o texto “pode fazer alusão aos infortúnios que cairão sobre os gentios, mas prevalecerão apenas por um tempo: os gentios, então, seriam curados, enquanto Israel seria deixado em calamidade”. A “cura”, então, vivenciada pelas nações, refere-se a algo que aconteceu no passado, e, logo que Israel for exaltado, o feitiço virará contra o feiticeiro e as nações receberão o que merecem.

53.6 “Todos nós fomos desviados como ovelhas, cada um seguindo seu próprio caminho; e o Senhor colocou sobre ele a culpa de todos nós.” Todos os três comentaristas explicam que as nações, agora, estão reconhecendo e confessando o erro dos seus caminhos, enquanto Israel, Radak observa, “tinha estado na posse da verdade”. Ibn Ezra cita Jeremias 16.19, em que as nações finalmente percebem que nada herdaram de seus ancestrais, senão mentiras. Rashi interpreta a última cláusula de Isaías 53.6 de maneira forçada – como observado por Ibn Ezra – interpretando o verbo u^yG!p+h! no sentido de “interceder”, em vez de “fazer cair”, “colocar”, de modo que a tradução fica: “Ele aceitou suas orações e

foi pacificado a respeito da iniquidade de todos nós, para não destruir seu mundo".

53.7 "Ele foi maltratado, mas foi submisso e não abriu a boca; como uma ovelha sendo levada ao matador, como uma ovelha, muda diante dos seus tosquiadores, ele não abriu a sua boca." De acordo com Radak, a referência a uma ovelha (lj@r*) aponta para "a excessiva fraqueza e prostração [de Israel] durante o cativeiro, pois, como acontece com todo animal, a fêmea é mais fraca que o macho". Quanto ao silêncio do Servo, Ibn Ezra explica: "Não há necessidade de interpretar essas palavras, pois todo judeu no exílio exemplifica a verdade delas: na hora de sua aflição, ele nunca abre a boca para falar, muito embora somente ele seja justo entre todos eles, pois não tem cuidado neste mundo a não ser pelo serviço de Deus; ele não conhece príncipe ou dignitário que permaneça diante dele na brecha, quando os homens se levantam contra ele (Sl 106.23; 124.2). Ele não abre sua boca em tempo algum".

53.8 "Por juízo opressivo ele foi tomado; quem poderia descrever sua moradia? Pois ele foi cortado da terra dos viventes pelo pecado do meu povo, que merecia a punição." Os três comentaristas concordam que Israel será libertado do aprisionamento no exílio, com as nações novamente confessando que reconhecem a razão para a humilhação de Israel à luz de sua redenção. O que é único aqui, dado o entendimento judaico tradicional de que as nações é que estão falando nesse capítulo, é que cada nação (ou rei) agora fala individualmente, uma conclusão extraída das palavras "por causa do pecado do meu povo". De acordo com Rashi, "as tribulações caíram sobre ele porque, desde o princípio, ele foi cortado e exilado da terra dos viventes, que é a terra de Israel; por causa da transgressão do meu povo, essa calamidade veio aos justos entre eles". Do mesmo modo, Radak escreve: "Cada nação fará esta confissão, dizendo que, em consequência da sua própria transgressão, e não da transgressão de Israel... o golpe caiu sobre eles".

O que é fundamental aqui é a palavra final wm)l*, que normalmente significa "para eles, por eles", apontando, assim, para um Servo plural se, de fato, wm)l* se referir ao povo de Israel (ou aos justos entre eles) como oposto às nações. Este, deve ser lembrado, foi um dos argumentos polêmicos levantados por Radak contra um Servo singular. [25]

53.9 "E seu túmulo foi colocado entre os ímpios, e com o rico, em sua morte – embora não tenha feito injustiça e não tenha falado falsidade." Rashi afirma:

“Ele se sujeitou a ser sepultado de acordo com o que os ímpios, dentre os pagãos, decretassem sobre ele, pois eles o penalizariam com a morte e o sepultamento de asnos nos intestinos de cachorros”, enquanto Radak alega que a palavra hebraica /T@Y]w literalmente “ele deu”, significa “que ele se entregou voluntariamente à morte”, escolhendo lealdade à lei, ao invés de libertação ao preço de infidelidade a Deus. Radak também entende a referência a estar “com o rico” como significando que o povo judeu foi assassinado por causa de sua prosperidade, não por causa de sua impiedade.

De particular importância nesse versículo é wyt*m)B=, literalmente “em suas mortes”, o que seria um modo semítico aceitável de falar de uma morte particularmente violenta para uma pessoa. O plural, no entanto, é interpretado como outra sugestão de que o Servo é uma entidade coletiva, de modo que, para Rashi, o povo esta sujeito a “todos os tipos de morte”, enquanto, segundo Radak, “O plural wytwm é empregado porque eles costumavam matar de muitas maneiras: alguns eram queimados; outros, assassinados com violência; outros, apedrejados – eles se entregavam a qualquer tipo de morte no interesse da unidade da Divindade”. Ibn Ezra, no entanto, sugere que a palavra pode ter um sentido diferente, a saber, altos de sepultamento (com referência a Dt 33.29). [26]

53.10 “Mas o Senhor escolheu esmagá-lo por enfermidade, para que, se ele fizesse de si mesmo uma oferta pela culpa, pudesse ver a descendência e ter uma vida longa, e para que, por meio dele, o propósito do Senhor pudesse prosperar”. É interessante observar que Rashi fala de Deus esmagando seu Servo com enfermidade para “fazê-lo arrepender-se”, explicando a oferta pela culpa (<v*a*) como segue: “disse o Santo, bendito seja ele: “Eu verei. Se sua alma for dada e entregue com minha santidade para voltar para Mim como restituição por todos que me traíram, eu lhe darei sua recompensa e ele verá seus filhos, etc.”. Radak é mais coerente com a diferente descrição do Servo como justo, mas isso o deixa com um paradoxo: já que Israel, no exílio, “aderiu à lei... e sofreu o martírio por causa disso; já que suas dores não podem significar que ele foi pego em suas próprias iniquidades, devemos supor que foi do agrado divino açoitá-lo e torná-lo enfermo dessa maneira: não entendemos todos os mistérios dos propósitos de Deus”. Depois do exílio, entretanto, Israel será devidamente recompensado. Ibn Ezra explica que “o profeta fala, aqui, da geração que retornará à lei de Deus quando o fim, o advento do Messias, tiver acontecido”.

53.11 “De sua agonia ele verá; ele desfrutará disso plenamente por meio de sua

devoção. ‘Meu servo justo faz muitos justos, é a punição deles que ele leva’.” De acordo com Rashi, “Meu servo julgará com justiça todos aqueles que vierem litigar diante dele”. Ibn Ezra explica que Israel ensinará às nações a cumprirem a lei, enquanto Radak faz referência à visão beatífica de Isaías 2.3, afirmando que Israel fará justas muitas nações, “e, por sua justiça, suportará as iniquidades dos gentios, pois, por meio dela, haverá paz e prosperidade em todo o mundo, até mesmo para os gentios”. Rashi mais uma vez faz uma interpretação vicária ou, pelo menos, sacerdotal da última frase: “Ele suportará, da maneira de todos os justos, como é dito (Nm 18.1): ‘Tu e teus filhos levareis a iniquidade do santuário’”.

53.12 “Certamente, eu lhe darei os muitos como sua porção, ele receberá a multidão como seu espólio. Pois ele se expôs à morte e foi contado entre os pecadores, enquanto levou a culpa dos muitos e fez intercessão pelos pecadores”. Rashi mais uma vez vê poder redentor nos sofrimentos de Israel: “E com os transgressores foi contado: ele sofreu tormentos como se tivesse pecado e transgredido, e isso é por causa de outros; ele suportou os pecados de muitos e intercedeu pelos transgressores: por meio de seus sofrimentos, pois o bem veio ao mundo por meio dele”. Ibn Ezra afirma que, por meio das dores do Servo, “os gentios tiveram paz; e o pecado que eles deviam ter levado foi levado por ele”. Ele entende que a intercessão de Israel pelos transgressores está em harmonia com a prescrição de Jeremias 29.7, em que os exilados judeus são ordenados a buscar a shalom [paz] da cidade para a qual foram levados como cativos. Num pós-escrito fascinante, Ibn Ezra escreve: “Agora expliquei a você todo o Parashah; em minha opinião, a expressão meu servo (52.13; 53.11) indica a mesma pessoa que é o sujeito em 42.1; 49.3; cf. 49.6; e o mistério deve ser entendido como sugeri no meio do livro (c. 40). Assim, todos os Parashahs estão estreitamente relacionados”. (Para mais informações sobre as observações críticas de Ibn Ezra, veja abaixo.)

De acordo com Radak, “os poderosos” e “os fortes” são “Gogue e Magogue, e os povos que vêm com ele a Jerusalém, como é descrito por Zacarias (12.14)”. Quanto a Israel levar os pecados de muitos, “ele quer dizer que Israel suportou as consequências dos pecados de muitos, i.e.,dos gentios, quando pecaram contra ele, e ele suportou os sofrimentos que o pecado deles ocasionou; cf. Êxodo 5.16. Contudo, ele continuou intercedendo pelos ímpios que estavam transgredindo contra ele e pediu bênçãos do Senhor sobre a terra deles”, também com referência a Jeremias 29.7.

Como devemos responder a essas interpretações? E quais são algumas pontes redentoras que podem ser construídas a partir dessas leituras não messiânicas do texto para um entendimento messiânico centrado em Yeshua? [27]

Algumas das objeções linguísticas são facilmente dissipadas, como os argumentos de que wm)l* em 53.8 e wyt*m)B= em 53.9 apontam para um Servo plural. A cláusula wm)l* ug^n\, corretamente entendida pela NJV, muito provavelmente significa que o Servo recebe um golpe por eles – em outras palavras, por aqueles pelos quais está sofrendo. [28] Observe também que Isaías, em outro lugar, usa wm)l* para significar "diante dela" (não "diante delas"), em 44.15 ("esculpe uma imagem e se ajoelha diante dela"). Portanto, mesmo que wm)l* seja interpretado como referindo-se ao Servo (o que, como afirmado, é improvável), o termo ainda pode significar "por ele", como oposto a "por eles". Quanto a wyt*m)B=, a razão pela qual a palavra "morte" está no plural é que ela é um plural extensivo, referindo-se, nesse caso, a uma morte violenta. Esse uso de plurais intensivos é extremamente comum no hebraico e há outros exemplos bíblicos do plural mortes sendo usados para fazer referência a uma pessoa, em Ezequiel 28.8 e 10 (28.8 traz "e você [singular] morrerá as mortes de um assassinato [singular] nas profundezas do mar"). [29]

Quanto ao debate sobre a identidade individual versus coletiva do Servo, deve-se observar, novamente, que há inúmeros exemplos do texto sendo interpretados messianicamente na literatura rabínica – especialmente a exaltada descrição de 52.13 – embora exista na literatura rabínica, como observado acima, alguns versículos aplicados a Moisés (b. Sotah 14a), e Saadiah Gaon tenha interpretado o texto referindo-se a Jeremias. Também é um segredo revelado que Ibn Ezra, embora tenha seguido, em seu comentário, a interpretação coletiva de Israel em Isaías 53, terminou seus comentários com a sugestão enigmática de que o texto (juntamente com outras passagens relacionadas em Is 40–66) realmente se referia ao profeta, e não ao povo de Israel, um "Segundo Isaías" do tipo que escreveu durante o exílio babilônico. [30] Observe também que o comentarista Karaite do século 10º, Yefet ben Eli, sem qualquer motivação polemista, entendeu a passagem como referindo-se ao Messias. [31]

Num nível contextual mais amplo, deve-se observar que o Servo do Senhor (hebraico rb#u#) é mencionado um total de dezenove vezes em Isaías 40–51, às vezes com referência à nação de Israel como um todo (41.8-9; 42.19 [2x]; 43.10; 44.21 [2x]; 45.4; 48.20) e às vezes com referência aos justos dentro da nação (49.3, 5-7; 50.10). Em vários versículos, não está claro se a referência é a uma

pessoa ou à nação (ou ao remanescente justo dentro da nação), embora se possa fazer uma boa defesa da interpretação individual (veja 42.1; 44.1-2). Significativamente, as referências ao Servo como povo realmente terminam em 48.20, enquanto as referências ao Servo como indivíduo entram em foco, inquestionavelmente, a partir do início do capítulo 49 e continuam até o fim do capítulo 53. Assim, quando chegamos a Isaías 52.13, o foco é sobre uma pessoa, não sobre um povo. A figura se torna totalmente clara. [32]

Quanto ao argumento de que são as nações gentias que estão falando na maior parte de Isaías 53, é um tanto ridículo colocar uma das declarações mais grandiosas da Bíblia na boca de reis pagãos adoradores de ídolos. Isso é não apenas ilógico, mas algo sem precedentes bíblicos. [33]

Mas há mais argumentos substanciais que invalidam essa objeção. Primeiro, há um sério erro contextual em colocar essas palavras nos lábios de líderes gentios, o que pode ser detectado se observarmos cuidadosamente a linguagem de toda a passagem. A primeira pessoa do singular é usada apenas por Deus: “meu servo” (52.13), “meu Servo, o Justo” (53.11), “por isso, eu lhe darei” (53.12). A boa exegese contextual indica que o mesmo se aplica a “meu povo” em 53.8. [34] É o próprio Deus falando sobre seu Servo que sofre pelo seu povo, Israel, não os reis falando sobre seu povo individualmente.

Isso se torna ainda mais claro quando percebemos que os espectadores, nessa passagem (de acordo com os comentaristas judeus mais tradicionais, os governantes gentios), sempre se expressam na primeira pessoa do plural: “nossa pregação” (53.1); “olhamo-lo... que nos agradasse” (53.2); “dele não fizemos caso” (53.3); “nossas enfermidades... nossas dores... reputávamos” (53.4); “nossas transgressões... nossas iniquidades... nos traz a paz... fomos sarados” (53.5); “todos nós... cada um [de nós]... a iniquidade de nós todos” (53.6) – e, então, essa linguagem termina no versículo 6. Não há mais “nós, nos, nosso” – nem mais uma vez – indicando que, seja qual for o grupo que esteja falando, seja Israel como um todo ou os reis das nações, esse grupo não está mais falando depois do versículo 6. É por isso que os comentaristas rabínicos devem apresentar a interpretação um tanto forçada de que, repentinamente, cada líder gentio, está agora falando individualmente em favor de seu povo.

O narrador deve ser o profeta ou (com mais probabilidade) Deus, falando na primeira pessoa do singular e descrevendo os sofrimentos do Servo na terceira pessoa do singular. E isso significa que a única interpretação legítima,

exegeticamente coerente de Isaías 53.8, é que o Servo do Senhor sofreu pelo povo de Israel, não que o Servo realmente era o povo de Israel.

Em segundo lugar, e mais importante, há um erro teológico fundamental na interpretação de que os reis gentios são os que falam em Isaías 53. De acordo com Jeremias 30.11, Deus destruiria completamente as nações entre as quais ele espalhou seu povo. Ao mesmo tempo em que prometeu disciplinar seu povo – por isso o espalhou entre as nações –, ele no devido tempo julgará essas nações pelos pecados delas contra Israel. Assim, o povo de Deus sofreria pelos seus próprios pecados (em harmonia com as promessas da Torá de bênçãos pela obediência e maldições pela desobediência), frequentemente nas mãos dos seus inimigos, mas depois o Senhor destruiria esses inimigos. Isso é o oposto do que Isaías 53 ensina: o Servo era imaculado, sofrendo pelos pecados de seu povo culpado, que é, então, curado pelo seu sofrimento.

Como, então, podem os líderes gentios – líderes aos quais é prometido juízo, não bênção, por infligirem dor ao povo judeu – serem descritos como os que falam nesse capítulo? Se eles fossem os que falam, teriam dito: “Nós infligimos grande sofrimento ao povo de Israel, que era culpado de grande pecado contra Deus, mas fomos longe demais em nossas punições e agora o Deus de Israel nos destruirá totalmente”. Há uma diferença realmente muito grande. [35]

E isso nos leva ao ponto central desse capítulo, ou seja, que a interpretação vicária do texto, quando aplicada a Israel (ou aos justos remanescentes dentro de Israel), não funciona, pois os sofrimentos de Israel no exílio não trouxeram cura às nações, enquanto, inversamente, é impossível ler o texto honestamente eliminado o conceito de sofrimento efetivo e vicário. Isaías 53 indisputavelmente coloca os sofrimentos vicários do Servo justo como o tema central, e o Servo justo não pode ser Israel, cujos sofrimentos não produziram expiação e perdão para as nações.

Na nossa sinopse, observamos como Ibn Ezra lutou com os versículos que apontavam mais claramente para os sofrimentos vicários do Servo, com Radak ainda alegando que os gentios erradamente supunham que os sofrimentos de Israel lhe trariam cura, certamente um exemplo das mais fracas exposições bíblicas de Radak. Outros intérpretes judeus também lutaram, sem sucesso, com a interpretação não vicária, inclusive Don Isaac Abravanel, que explicou a mesma cláusula como significando “que quando os ‘vergões de uma ferida’, que ‘purificam do mal’ (Pv 20.30), foram infligidos a ele, haveria cura e paz para

nossas almas: por causa disso, portanto, ficamos desejosos por sua destruição". [36] Quanto a "ferido pelas nossas transgressões", Abravanel escreveu: "Israel também recebeu outras indignidades, sendo ferido e açoitado por nossas impiedades e iniquidades: pois na malignidade do nosso propósito e na multidão de nossas transgressões, estávamos sempre operando destruição no meio deles". [37] O rabino italiano do século 13 Y'sha'yah ben Mali também tentou explicar as dimensões claramente vicárias do texto, escrevendo: "Como nós [i.e.,as nações] infligimos sobre ele [a saber, o Servo, Israel] ferimentos e golpes, pareceu-nos como se tivéssemos sido curados, de tanto que nos alegramos com a sua calamidade". [38] São leituras não redentoras de um texto gloriosamente redentor.

Em minha opinião, tendo examinado esse texto cuidadosamente por quatro décadas, não posso aceitar como legítima nenhuma interpretação de Isaías 53 que negue a natureza eficaz e vicária dos sofrimentos do Servo. [39] A esse respeito, a observação de Joel Rembaum é notável: "Curiosamente, ao adaptar a assim chamada passagem do servo sofredor aos seus propósitos, os intérpretes judeus, tanto os dos tempos medievais quanto os modernos, incorporaram certos conceitos cristãos em sua exegese". [40] De fato, pode-se argumentar que esses conceitos "cristãos" se tornaram parte da exegese rabínica, precisamente porque estão arraigados no texto bíblico.

Concordo com Hermann Spieckermann, que escreveu que cinco critérios parecem centrais à ideia de sofrimento vicário em Isaías 53:

Uma pessoa intercede pelos pecados de outras...

A pessoa que intercede pelos pecados de outras é, ela mesma, sem pecado e justa...

O ato vicário realizado por essa pessoa ocorre de uma vez por todas...

Um intercede pelos pecados de outros por sua própria vontade...

Deus produz a ação vicária de um pelos pecados de outros intencionalmente. [41]

Ou, como expresso por Bernd Janowski, “A profundidade insondável dessa passagem é refletida no evento vicário: um inocente toma a culpa de outros, perece por isso e, contudo, terá ‘sucesso’”. [42]

Portanto, não é de admirar que Rashi e vários outros intérpretes judeus reconheceram que Isaías 53 está falando de sofrimentos vicários – de fato, até mesmo de expiação vicária – apesar do fato de que era difícil explicar como isso se aplicava aos efeitos do sofrimento de Israel no exílio. Observamos anteriormente o comentário de Rashi de que o Servo “foi castigado com dores para que todas as nações fossem expiadas pelo sofrimento de Israel... ele foi castigado para que houvesse paz para o mundo inteiro”. Do mesmo modo, o rabino do século 11 Yoseph kara escreveu que “o Santo criou para si uma nação justa no mundo, que levou sobre si todas as iniquidades para que todo o mundo pudesse ser preservado; e, por seus açoites, houve cura para nós”. Em harmonia com isso, o rabino apologeta anticristão do século 13 Yoseph ben Nathan explicou: “Mas ele levou as nossas enfermidades; agora nós [isto é, os reis gentios] vemos que aquilo não era a causa: a enfermidade que devia ter vindo sobre nós veio sobre ele e, por meio dele, a expiação foi feita para nós; seus castigos foram por nossas transgressões e resultaram em nossa paz; o Santo, ao contrário do que faria, não destruiu o mundo por causa das nossas iniquidades”. [43]

O rabino Yehudah HaLevi, no Kuzari, também entendeu o texto vicariamente, novamente com referência aos sofrimentos de Israel no exílio: “Agora somos oprimidos por elas [ou seja, as enfermidades e doenças de Is 53.4], enquanto todo o resto desfruta de descanso e prosperidade. As provações que caem sobre nós têm o objetivo de provar a nossa fé, purificar-nos completamente e remover de nós toda mancha. Se formos bons, a Influência Divina está conosco neste mundo” [2.44, trad. Hirschfeld]. [44]

E então, o cerne da questão do Kuzari, como reproduzido quase palavra por palavra por Isaac Troki, o polemista Karaite e autor da obra Hizzuk Emunah, “Fé fortalecida”:

A razão para isso é que Israel é a fina flor da raça humana, assim como o coração é a fina flor do corpo; quando, portanto, eles estão no exílio, no meio das nações, como o coração no meio dos outros órgãos, eles suportam todas as calamidades

que caem sobre os gentios, em cujo meio eles estão, exatamente como o coração suporta a amargura e a angústia de todo o corpo, no centro do qual reside (Neubauer e Driver, 2:246).

Isto é muito semelhante ao ensino encontrado no Zohar:

Os filhos do mundo são membros uns dos outros. Quando o Santo deseja curar o mundo, ele golpeia um homem justo entre eles e, por causa dele, cura o resto. De onde aprendemos isso? Da declaração: “Ele foi traspassado pelas nossas transgressões e moído pelas nossas iniquidades”, wnl aprn wtrwbjbw [Is 53.5], i.e.,pelo derramamento do seu sangue – como quando um homem sangra pelo seu braço – houve cura para nós – para todos os membros do corpo. Em geral, uma pessoa justa só é açoitada para produzir cura e expiação para toda uma geração. [45]

Como afirmado no midrash Assereth Memrot, do século 17:

O Messias, para fazer expiação por ambos [por Adão e Davi], fará de sua alma uma oferta pela transgressão, como está escrito perto disso, na Parashah [passagem da Escritura]: “Eis o meu Servo [i.e.,Is 52.13–53.12]: <?a [oferta pela culpa], i.e.,cabalisticamente [i.e.,usando números da bíblia rabínica], m#n~j#m, filho de Ammiel [um título para o Messias no Talmude]. [46]

E tudo isso está ligado com o famoso ensino rabínico de que a morte do justo expia os pecados da geração. Como expresso pelo rabino e historiador ortodoxo Berel Wein:

Outra consideração colore levemente a resposta judaica ao assassinato de seu

povo. Era uma antiga tradição judaica que data dos tempos bíblicos, que a morte do justo e inocente servia como uma expiação pelos pecados da nação ou do mundo. As histórias de Isaque e de Nadabe e Abiú, a descrição profética de Israel como o Servo longânimo do

Senhor

, o serviço sacrificial no Templo – tudo servia para reforçar esse conceito básico da morte do justo como uma expiação pelos pecados dos outros homens.

Os judeus alimentaram essa ideia clássica de morte como uma expiação, e essa atitude diante das suas tragédias foi sua constante companheira durante todo o seu exílio turbulento. Portanto, a imagem totalmente desanimadora de uma matança irracional era um pouco aliviada pelo fato de que o inocente não morria em vão e que o desenvolvimento de Israel e da humanidade, de algum modo, era promovido quando ele "esticava seu pescoço para ser morto". O que é surpreendente é que esse pensamento teológico abstrato, sofisticado, tornou-se tão arraigado na psique do povo que até mesmo os judeus menos instruídos e mais simples entenderam a lição e agiram em conformidade com ela, abrindo mão da vida preciosa num elevado ato de fé e afirmação de um amanhã melhor. Esse espírito dos judeus é verdadeiramente refletido na crônica histórica da época:

"O Santo, bendito seja ele, faria juízo sem justiça? Mas podemos dizer que aquele a quem Deus ama será castigado. Pois desde o dia em que o Santo Templo foi destruído, os justos são alcançados pela morte pelas iniquidades da geração". (Yeven Metzlah, fim do cap. 15). [47]

Não é essa a teologia do evangelho? Não é esse o significado da cruz? E não é essa uma ponte redentora que liga o pensamento judaico tradicional a Yeshua, o nosso Messias? Não é ele que é a expressão definitiva de "Israel" e a expressão máxima do que significa ser um judeu – escolhido e, não obstante, rejeitado; chamado, não obstante, mal entendido; vivendo, não obstante, morrendo e vivendo de novo. Ele é aquele que cumpre o destino e a missão de Israel no mundo. Ele é o sofredor justo ideal, cuja vida perfeita e morte expiatória trazem cura – significando perdão, reconciliação e restauração – para Israel e para o mundo.

Encerro com estes pensamentos finais. Vimos, neste capítulo que, de acordo com muitos intérpretes judeus tradicionais, as nações gentias interpretaram mal os sofrimentos (aparentemente) vicários dos judeus (relativamente falando) justos no exílio. Esse é um passo na direção certa, mas não acerta o alvo completamente. O que realmente aconteceu foi que o povo de Israel interpretou mal os sofrimentos verdadeiramente vicários do judeu totalmente justo. Agora atingimos o alvo.

Nos anos que se seguiram ao Holocausto, a piedosa e corajosa líder cristã Basilea (nome de solteira da doutora Klara) Schlink salientou o quanto o povo judeu era semelhante a Jesus:

Nós, como cristãos, temos que ter em alta estima esse povo que tem uma estreita semelhança com Jesus. A visão dos judeus como um povo oprimido e aflito, que passa pela face da terra desprezado e rejeitado, deve nos fazer pensar naquelas palavras de Jesus sobre os destituídos e necessitados: “Em verdade vos afirmo que, sempre que o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes” (Mt 25.40). Quem se encaixa tão precisamente na descrição de nosso Senhor dos “meus pequeninos irmãos” como o povo de Israel? Quem tem sofrido tanto desprezo de todas as nações ao longo dos séculos? Quem tem sido tão rejeitado? De quem os homens viram o rosto? Quem tem sido perseguido e atormentado com ódio ardente? Quem tem sido ferido e torturado até a morte tão frequentemente quanto o seu povo? Aqui, de fato, estão os irmãos de nosso Senhor Jesus.

Bem pode ser que ele se sinta mais próximo de seu povo Israel do que daqueles cristãos orgulhosos que creem nele e se recusam a reconhecer sua culpa em relação aos judeus, sua crueldade em deixar seus irmãos em necessidade desesperadora. [48]

Cabe a nós mostrar ao nosso povo judeu o quanto Jesus é semelhante a eles, o círculo dentro do círculo de Isaías 53.

O zohar afirma que:

O Messias entra [o Salão dos Filhos de Enfermidades] e chama todas as enfermidades e todas as dores e todos os sofrimentos de Israel para que venham sobre ele, e todos eles vêm sobre ele. E assim ele não traria alívio a Israel e tomaria seus sofrimentos sobre si mesmo, pois ninguém pode suportar os sofrimentos que Israel tem que sofrer por ter negligenciado a Torá. [49]

Se o Messias não tivesse tomado o nosso lugar, sofrendo em nosso lugar, teríamos perecido há muito tempo. [50]

E, assim, a maior resposta às objeções judaicas tradicionais a Isaías é o poder do próprio texto. É por isso que muitos judeus interessados que têm estudado a passagem cuidadosamente e em oração têm descoberto que Franz Delitzsch estava certo: Isaías 53 “é a coisa mais central, mais profunda e mais sublime que a profecia do Antigo Testamento, sobrepujando a si mesma, alcançou”.

Parte 2

ISAÍAS 53 NA TEOLOGIA BÍBLICA

3

A IDENTIDADE E A MISSÃO DO "SERVO DO SENHOR"

Walter C. Kaiser Jr.

O "Servo do Senhor/Yahweh" é um título dado Àquele cujo chamado, missão, sofrimento, morte e exaltação são descritos em Isaías 52.13–53.12 e nos outros três (ou talvez quatro) Cânticos do Servo (Is 42.1-4[9]; 49.1-6[13]; 50.4-9[11]; 61.1-3). [01] Muito embora o termo "Servo do Senhor" não seja explicitamente usado em Isaías 52.13–53.12, o Senhor se dirige Àquele a quem nos referimos como o "Servo do Senhor" como "meu Servo" em Isaías 52.13 e em 53.11, como ele também se dirige a ele em 42.1; 49.3; 49.6; e pelo título semelhante de "seu servo [de Yahweh]", em 49.5.

O estudioso alemão Bernhard Duhm isolou essas quatro passagens de Isaías 42.1-4; 49.1-6; 50.4-9; 52.13–53.12 (e talvez agora possamos acrescentar um quinto cântico, em Isaías 61.1-3) dos seus contextos mais amplos em Isaías e, mais tarde, eles passaram a ser conhecidos como Cânticos do Servo. [02] Duhm fez isso porque pensava que essas passagens tinham sido escritas um século mais tarde, ou mais, por um autor diferente do Isaías do século 8º a.C., um autor que ele preferiu chamar de Deutero-Isaías. Mas suas razões para isolar esses quatro Cânticos do Servo de seus respectivos contextos, e depois datá-los de uma época posterior, não são confirmadas por evidências no texto ou pelas investigações de estudiosos conservadores. Esses cânticos, na opinião de muitos estudiosos conservadores, encaixam-se bem em seus respectivos contextos e pertencem ao autor do século 8º, Isaías.

O CONTEXTO DO USO DO TERMO SERVO

A palavra servo ou escravo aparece cerca de oitocentas vezes no texto hebraico do Antigo Testamento, mais sete vezes mais nas porções aramaicas. Devido ao fato de que Yahweh é “Senhor” sobre toda a terra e governa todas as coisas, segue-se que a relação de todos os homens e mulheres com ele é uma relação de “servos”. Portanto, esse termo não é primariamente um título de subordinação, mas a designação de uma pessoa que pertence preeminentemente a Deus Pai e o serve para sua própria satisfação. De fato, para um verdadeiro israelita, a escravidão geralmente não era uma situação enfadonha, pois a escravidão por dívida (a forma que Israel conhecia bem e praticava, exceto quando esteve no Egito e, em certa medida, mais tarde, no exílio) podia durar apenas seis anos e, depois, a pessoa era libertada no ano do Jubileu (Êx 21.2). Esse conceito de servidão envolvia certos direitos e frequentemente envolvia também posições de confiança. Um exemplo disso é o servo de Abraão, a quem foi confiada a tarefa de voltar a Harã para buscar uma noiva para Isaque, seu filho. Em contraste, se o dono de um escravo abusasse violentamente dele e o ferisse, essa pessoa imediatamente perdia o valor do trabalho do escravo, pois a lei exigia que o dono concedesse plena e imediata libertação da escravidão por dívida, independentemente de quantos dias o escravo tivesse servido (Êx 21.26-27). Do mesmo modo, se um escravo morresse como resultado direto do abuso indesculpável do dono, isso se constituía num crime capital cometido pelo dono, seguido de punição (Êx 21.20-21).

O título “servo do Senhor” (hw*hy+ db#u#) também é usado para indicar pessoas distintas cerca de 22 vezes. Este termo completo, “servo do Senhor”, é usado para fazer referência dezessete vezes a Moisés, duas vezes a Josué e duas vezes a Davi (nos sobrescritos do Sl 18 e do Sl 36). O último caso dos 22 usos desse título designa a nação de Israel (Is 42.19). Moisés anteriormente se refere a Abraão, Isaque e Jacó/Israel como “teus [de Deus] servos” (Êx 32.13; Dt 9.27; também em Gn 26.24; Sl 105.6, 42). Mas é Moisés quem é mais frequentemente chamado de “servo” de Deus, quarenta vezes ao todo (Êx 14.31; Js 1.1-2, 7,13,15, etc.).

Do tempo de Moisés em diante, os profetas são frequentemente chamados de “meu/teu/servo, o(s) profeta(s)” (cerca de dezessete vezes; veja, p. ex.,1Rs 14.18; 15.29; 2Rs 17.13,23, etc.). A lealdade primária dos profetas era ao próprio Senhor e não ao povo per se, pois o próprio Senhor, no fim das contas, era aquele a quem eles serviam.

O rei também é designado como um dos servos do Senhor, pois devia salvar seu povo das mãos dos inimigos. Por exemplo, 2 Samuel 3.18 diz: “Por intermédio de Davi, meu servo, livrarei o meu povo das mãos dos filisteus e das mãos de todos os seus inimigos”. Isso, por sua vez, propiciou ao novo Davi, o Servo de Yahweh, que viesse como Rei e iniciasse um tempo de paz mundial no seu papel como Messias em seu segundo advento (Ez 34.23; 37.24; Sl 89.3,20; Jr 33.21,26).

SERVO COMO UMA DESIGNAÇÃO MESSIÂNICA

Embora a nação de Israel seja designada Servo de Deus em várias passagens importantes, o termo “servo” ou “servo do Senhor” não pode, em todos os casos do seu uso, significar a nação de Israel, como a maior parte do povo judeu, especialmente como tem sido interpretado desde Rashi. [03] Em vez disso, há fortes indicações do contrário. Oito dessas razões pelas quais Israel não é o antecedente pretendido em cada um dos usos do termo serão dadas no que se segue.

A primeira evidência é encontrada em Isaías 49.5-6, onde esse Servo é apresentado de tal maneira a não deixar dúvida de que, em vez de ser a nação de Israel, o Servo tinha uma missão de levantar as tribos de Jacó e restaurar Israel. Se esse é o sentido correto da passagem, deve-se perguntar, na interpretação de que o Servo é o próprio Israel, como se pode dizer que ele deve “trazer Jacó e para reunir Israel a ele”? O texto completo diz:

Mas agora diz o

Senhor

,

que me formou desde o ventre para ser seu servo,

para que torne a trazer Jacó

e para reunir Israel a ele,

porque eu sou glorificado perante o

Senhor

,

e o meu Deus é a minha força.

Sim, diz ele:

Pouco é o seres meu servo,

para restaurares as tribos de Jacó

e tornares a trazer os remanescentes de Israel;

também te dei como luz para os gentios,

para seres a minha salvação até a extremidade da terra.

Esse servo tem uma missão para todo o Israel: providenciar que eles fossem restaurados à terra deles. Por isso esse uso do termo “servo” não pode ser uma referência à nação de Israel, pois, nesse caso, Israel estaria agindo por si mesmo, em vez de receber a libertação que lhe foi prometida.

Uma segunda peça de evidência vem de Isaías 42.6, em que o Senhor chamou seu Servo e fez com que ele fosse uma “aliança com o povo”. O “povo” (su*)) a quem o Servo deve ministrar é colocado em justaposição com os “gentios” nessa passagem, de modo que o “povo” deve significar Israel. Portanto, o Servo deve ser a nova aliança prometida a Israel em Jeremias 31.30; Ezequiel 34.24; 37.26. Mas se o Servo é a aliança prometida a Israel, então ele não pode ser equiparado a Israel e, ao mesmo tempo, servir a Israel dessa maneira. Mais uma vez, Israel é a extremidade receptora, não aquele que é o objeto e o autor da aliança.

Um terceiro argumento pode ser acrescentado com base em Isaías 53.8. Ali Isaías, por inspiração do Espírito de Deus, declarou que o Servo “foi cortado da

terra dos viventes; por causa da transgressão do meu povo, foi ele ferido". Se o povo [as pessoas] é o Servo, então como ele pode ser "cortado", isto é, morrer pelo seu próprio pecado e ainda sobreviver? A resposta que muitos judeus apresentam é traduzir o hebraico om)l*, no versículo 8 de Isaías 53, como plural, "eles", e não "ele". A tradução judaica resultante dessa passagem é: "por causa da transgressão do meu povo, eles foram feridos", em vez de como a maioria traduz, "Por causa da transgressão do meu povo, ele foi ferido". Mas o hebraico om)l* ("para eles/ele"), como a maioria dos gramáticos judeus sabe, não somente não é uma forma plural, mas também é usada como um pronome singular em Gênesis 9.26 e novamente em 9.27 – "e Canaã lhe seja servo". Esse termo também é usado como pronome singular em Isaías 44.15: "faz um deus e se prostra diante dele". [04] A forma singular também faz muito bom sentido em Isaías 53.8. [05]

Uma quarta razão aparece mais tarde, depois do século 8º (o século de Isaías), mas antes dos tempos cristãos. Zacarias 3.8, no ano 518 a.C., associou o título "meu servo" a outro título messiânico, "o Renovo". Se o termo hebraico jm~~x#, "Renovo", é identificado com o Servo vindouro em Isaías 4.2; Jeremias 23.5-6; Zacarias 6.12-13 (como deve ser), então o termo "servo" também deve se referir ao Messias. É verdade, é claro, que Kimchi [06] e Rashi interpretaram "meu servo, o Renovo" como referindo-se a Zorobabel, mas eles também reconheceram que a interpretação mais antiga entre o povo judeu era que o texto falava do "Messias". Não obstante, eles não apresentaram boas razões para se afastarem dessa interpretação mais antiga. De fato, mais uma vez, o Targum de Jonathan apresentou o Messias pelo nome (no exato ponto em que Kimshi e Rashi o negaram) [07] e também parafraseou Zacarias 6.12: "Eis o Homem: Messias [Renovo] é o seu nome".

Mas a quinta e mais importante razão contra Israel ser identificado como o "Servo" é que a descrição do Servo em Isaías 52.13–53.12 não se encaixa na descrição que o profeta Isaías fez da nação de Israel ou de qualquer outro mortal no planeta Terra. Isaías explicou que esse Servo "nunca fez injustiça, nem dolo algum se achou em sua boca" (Is 53.9c-d). Israel não é descrito pelos profetas como um sofredor inocente; em vez disso, o profeta Isaías, por exemplo, descreve Israel como "nação pecaminosa, povo carregado de iniquidade" (Is 1.4).

Um sexto argumento aponta para pelo menos quatro outros lugares nesses chamados Cânticos do Servo, em que os textos parecem distinguir o Servo do

remanescente justo de Israel, a quem o Servo ministra. Assim, em Isaías 42.3, o Servo é diferenciado dos israelitas necessitados a quem o Servo não esmagará nem apagará. O mesmo fenômeno ocorre em Isaías 42.6 e 49.8, em que, como já mencionado, é prometido ao Servo que ele morrerá “pela transgressão do meu povo [Israel]” (Is 53.8).

Um sétimo argumento é observado pelo próprio Duhm, a saber, que, fora dos Cânticos do Servo, a figura do servo se refere a Israel, mas, dentro desses quatro Cânticos do Servo, a designação de Servo coerentemente é aplicada a uma pessoa. [08]

Portanto, por que alguns continuam a insistir em alegar que Israel é o Servo mencionado em Isaías 52.13–53.12, quando há pelo menos sete fortes razões contra essa alegação? Além do mais, por que tantos israelitas se esqueceram do que tinha sido quase universalmente aceito até a era cristã, a saber, que a identidade do Servo era ninguém menos que o próprio “Messias”? A insistência de Rashi de que esse Servo não era outro senão a nação de Israel tem sido tão convincente que nenhum dos argumentos anteriores é mais digno de ser avaliado?

De qualquer modo, outra razão pela qual “Israel” não pode ser identificado como o Servo em Isaías 53.10 é que o Senhor fez dele uma “oferta pelo pecado” [<v*a*] (ênfase acrescentada). Essa é a mesma palavra usada para “culpa” ou pela “oferta pelo pecado” no livro de Levítico. Quer essa oferta fosse de um bode ou de um boi, o animal tinha que ser um exemplar perfeito, sem qualquer mancha. Se é assim, como poderia a nação de Israel ou qualquer outra pessoa além do Messias qualificar-se como uma perfeita oferta pelo pecado, já que a Tanak, ou a Bíblia Hebraica, é tão insistente que “não há homem justo sobre a terra que faça o bem e que não peque” (Ec 7.20)? Aparentemente, nenhum mortal (1Rs 8.46). De fato, Isaías começa seu livro profético dizendo:

Ai desta nação pecaminosa,

povo carregado de iniquidade,

raça de malignos,

filhos corruptores;

abandonaram o

Senhor

;

blasfemaram do Santo de Israel,

voltaram para trás” (Is 1.4).

Há bons motivos, então, para interpretarmos o Servo de Isaías 52.13–53.12 não como a nação de Israel, mas como ninguém menos que o Messias, que daria sua vida como expiação pelos pecados do mundo.

DIFERENTES INTERPRETAÇÕES DA IDENTIDADE DO SERVO

Muitos intérpretes, recentes e modernos, têm seguido o antigo padrão estabelecido por Rashi de questionar se o Servo da passagem de Isaías 52.13–53.12 descreve uma figura messiânica. Como já vimos, o termo “servo” foi, de fato, aplicado a uma ampla variedade de pessoas ao longo da Tanak como servos de Deus; por isso, nesse sentido, é correto que o título seja aplicado a mortais, sem que isso seja uma novidade. No entanto, geralmente as várias interpretações do título “Servo do Senhor” podem ser divididas em três categorias básicas: a interpretação do Servo envolve (1) o povo de Israel, coletivamente; (2) alguma pessoa; ou (3) algum vulto cúltico ou litúrgico.

Na última parte do livro do profeta Isaías, a palavra “servo” ocorre vinte vezes na forma singular em Isaías 40–53, mas, a partir daí, somente mais onze vezes, sempre no plural, “servos” (Is 54.17; 56.6; 63.17; 65.8-9,13,14,15; 66.14). Nos vinte usos no singular, refere-se uma vez ao profeta (Is 44.26, oD)b=u^), doze vezes a Jacó/Israel (41.8-9; 42.19 (2x); 43.10; 44.1-2,21 (2x); 45.4; 48.20; 49.3 (essa última referência talvez seja o único uso coletivo de “servo” num dos Cânticos do Servo), mas, referindo-se à figura do Servo nos Cânticos do Servo, mais bem descrito como Messias, o termo “servo” aparece cerca de sete vezes

(42.1; 49.5,6,7; 50.10; 52.13; 53.11). Há outras cinco, de nove, referências anteriores em Isaías 1–39 na forma singular, mas não mostram afinidade com a mesma forma singular que se refere ao Messias, como encontrada nos Cânticos do Servo dos capítulos 40–53.

As interpretações coletivas [09]

Não há dúvida de que o Servo é tratado como “Israel” (em algumas passagens, como Is 49.3) e que Israel se encaixa melhor em todas as referências no plural a “servos” em Isaías 54–66. Isso levou alguns a concluir que o Servo, como um grupo, também é personificado como tal nas referências no singular, já mencionadas. Essa interpretação coletiva tem várias subcategorias diferentes, como (1) representando todo o povo judeu; (2) representando o remanescente justo de Israel; (3) representando a dinastia davídica; (4) representando a ordem sacerdotal; (5) representando um Israel ideal que personifica toda a nação.

Quando essa interpretação coletiva é vista à luz do fenômeno veterotestamentário de “solidariedade coletiva”, na qual há uma oscilação de um (que representa todo o grupo) para muitos (que são todos parte do grupo), o um chega mais perto do uso do termo “servo” na passagem de Isaías 53. Esse Servo é o que leva os pecados não apenas de toda a nação, mas os pecados do mundo todo. Em minha opinião, a formação final da interpretação da solidariedade coletiva tem a melhor chance de capturar o que o profeta Isaías estava tentando realizar, contanto que o um e os muitos também sejam vistos como claramente distintos e representados pelo um.

As interpretações individuais

Têm sido feitas tentativas de associar o Servo a alguma pessoa específica do passado, do presente, ou até mesmo do futuro. Além da interpretação messiânica, quase todo grande vulto histórico foi sugerido como candidato ao título “Servo do Senhor”: Moisés, Josias, Ezequias, Uzias, Isaías, Jeremias,

Ezequiel, Zorobabel e até mesmo o monarca persa Ciro. Contudo, nenhuma dessas pessoas se qualifica para portar o título peculiar de “Servo do Senhor”, exceto o Messias, por causa do caráter único da descrição que ele recebe em Isaías 52.13–53.12. Todos os mortais são pecadores; portanto, não podem corresponder à elevada descrição do Servo nessa passagem singular da Escritura.

Interpretações míticas ou cúlticas

As interpretações míticas ou cúlticas do servo em Isaías 52.13–53.12 são apresentadas principalmente por pessoas ligadas à escola escandinava de mitos e rituais. Eles veem a figura do Servo numa cerimônia cúltica que envolve uma morte simbólica e um ressuscitar simbólico do rei como evidenciado no chamado “morte e ressurreição do deus babilônico Tamuz”. No entanto, a evidência em favor desse ato cúltico não foi validada, como Edwin M. Yamauchi demonstrou. [10]

A INTERPRETAÇÃO NEOTESTAMENTÁRIA DO SERVO

Quando nos voltamos para o uso e a interpretação do Novo Testamento do Servo baseados no livro do profeta Isaías, encontramos grande significado no fato de que, na noite anterior à crucificação de Jesus, a única citação formal que ele fez da Escritura foi de Isaías 53.12. Quando falava com seus discípulos, ele disse claramente: “Está escrito: Ele foi contado com os malfeitores. Porque o que a mim se refere está sendo cumprido” (Lc 22.37). Não há dúvida de que os discípulos automaticamente se lembraram do versículo 12: “Foi contado com os transgressores; contudo, levou sobre si o pecado de muitos e pelos transgressores intercedeu”.

Com um alto grau de certeza, então, podemos dizer que Jesus cria que ele era o cumprimento da obra redentora do Servo do Senhor. Ele interpretou sua morte à luz de todo o contexto de Isaías 53. [11]

Em adição a Isaías 53.12, há uma alusão ao versículo 10 do mesmo capítulo em Marcos 10.45 (cf. Mt 20.28). Jesus ensinava, segundo Marcos, porque “o próprio Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida como resgate [cf. <v*a*, “oferta pela culpa”] por muitos”. Nesse caso nosso Senhor está fazendo alusão a Isaías 53.10. Muito embora a palavra grega lu,tron, “resgate”, não ocorra na LXX como tradução da palavra hebraica de Isaías 53.10, e muito embora ela nunca seja usada para traduzir <v*a* na tradução grega do Antigo Testamento, ela funciona muito bem como uma tradução alternativa de <v*a*, pois também traz o conceito de substituição, assim como a palavra hebraica. [12] Mais uma vez, portanto, Yeshua estava declarando e explicando sua obra em termos daquele que cumpriu o papel de Servo como descrito em Isaías 53.

Uma segunda alusão, em adição à clara e direta citação de Isaías 53 feita pelo Senhor, é Marcos 14.24 (cf. Mt 26.28; Lc 22.20). Quando tomou nas mãos o cálice da Páscoa, Jesus ensinou qual seria o sinal de sua morte sacrificial na cruz e o que ele representava: “Isto é o meu sangue, o sangue da [nova] aliança, derramado em favor de muitos”. Nosso primeiro impulso, é claro, é relacionar essa declaração a Jeremias 31.31-34, a passagem da nova aliança. Mas duas vezes, nos Cânticos do Servo, em Isaías 42.6 e 49.8, o Servo é mencionado como a “aliança com o povo”. Além disso, a ideia verbal na citação de Marcos, “derramado em favor de muitos”, ecoa as linhas de Isaías, “derramou a sua alma na morte... levou sobre si os pecados de muitos” (Is 53.12), juntamente com “meu Servo, o Justo... justificará a muitos” (Is 53.11), para as quais as palavras de Jesus apontam como pano de fundo para “sangue da [nova] aliança, derramado em favor de muitos”.

Essas alusões no Novo Testamento tornam difícil evitar a conclusão de que o Messias entendia a si mesmo e sua missão em termos do “Servo do Senhor”, especialmente como descrito em Isaías 53.

A IDENTIDADE DO SERVO EM ISAÍAS

Aqueles que identificam o Servo mencionado nos últimos 27 capítulos da profecia de Isaías como “Israel” estão parcialmente no caminho certo. As

observações de Willis J. Beecher reconhecem isso de vários modos:

Essa não é uma interpretação desprezível [que identifica Israel com o Servo] e concorda com a maioria dos fatos [como apresentados no livro de Beecher]... Mas ela, a não ser que seja suplementada por algo mais, não explica algumas das experiências pessoais atribuídas ao Servo, nem o grau de exaltação atribuído a ele. [13]

Beecher comenta sobre os prós e os contras das duas interpretações:

A verdade é que ambas as interpretações [i.e.,a de que o Servo é Israel e a de que o Servo é o Messias] estão corretas no que afirmam, e incorretas no que negam. Se o Servo é Israel, isso não prova que o Servo não é Cristo. Se ele é Israel, então ele é Israel concebido como o povo da promessa, Israel em toda a plenitude de sua missão ao mundo, e não numa porção circunscrita e relativamente estreita dele. O profeta... sustenta que a promessa foi cumprida no passado, está em processo no presente e continuará a ser cumprida no futuro, sem limite de tempo. [14]

Beecher, então, explica como o termo “servo” funciona profeticamente:

O uso profético do termo “Servo” tem um caráter de universalidade que realmente pode ser aplicado a qualquer pessoa de qualquer raça ou época, desde que ela seja caracteristicamente o agente do propósito divino para a humanidade. Ele pode ser aplicado ao agregado personificado dessas pessoas ou a qualquer agregado menor. No Antigo Testamento, de fato, indica Israel considerado como um agregado desse tipo. [15]

O profeta Isaías é aquele que, nos últimos 27 capítulos de seu livro e mais do que qualquer outro escritor na Tanak, usa a palavra “servo” como um termo técnico. Como Beecher sugere, o profeta faz isso de maneira semelhante ao modo norte-americano de falar e pensar sobre uma empresa, como uma pessoa artificial, criada para propósitos legais. Se um cidadão entrar na justiça contra uma empresa, o processo traz o nome daquele cidadão versus o nome da empresa. No entanto, para fins legais, a empresa é considerada como se fosse meramente uma pessoa, exatamente igual ao cidadão que está em litígio contra ela, pois isso é o que torna justo o litígio entre os dois litigantes. Do mesmo modo, na concepção hebraica, uma nação é um ser tão pessoal quanto uma empresa que, perante a lei, é tratada como uma pessoa.

Assim, na língua hebraica, usa-se o masculino singular para fazer referência a um israelita, um cananeu ou um moabita, pois cada um é considerado um indivíduo, embora o sentido seja o corpo coletivo de israelitas, cananeus ou moabitas. [16] A esse respeito, o conceito de servo geralmente funciona do mesmo modo. Beecher mostra como o hebraico leva isso um passo adiante: pode-se falar da nação como um indivíduo ou uma pessoa, usando o nome não como um adjetivo gentílico, mas como o nome do fundador daquele país (p. ex., my!r~~x=m! para Egito e rWVA^ para Assíria). Beecher observa:

Se as palavras correspondentes são feminino singular, [o escritor] pode querer se referir ao país. Se são masculino plural, ele pode querer se referir às pessoas que compõem aquela nação. Se são masculino singular, ele pode querer se referir ao fundador ou à nação. Ele fala da nação como uma pessoa exatamente do mesmo modo que fala do fundador como uma pessoa.

Este ponto no modo hebraico de se expressar é importante no estudo desses 27 capítulos finais [de Isaías]. Por falta de atenção a isso, inferências erradas têm sido feitas do modo fortemente pessoal em que esses capítulos falam do “Servo de Yahweh [

Senhor

]”. [17]

Também é da maior importância observar o quanto esses 27 capítulos finais de Isaías estão saturados de conceitos provenientes de Gênesis e de outras partes da Tanak que se referem à promessa e ao plano de Deus, centralizados na vindoura "semente" de Abraão, Isaque, Jacó e Davi. Por exemplo, a palavra hebraica para "criar" (ar*B* é encontrada vinte vezes nesses 27 capítulos, mais ou menos a mesma quantidade de vezes em que é encontrada no restante da Tanak. Esses mesmos capítulos focam em "Abraão" (Is 41.8; 51.2; 63.16) bem como em "Davi" (Is 55.3; cf. Is 48.19; 55.13; 56.5). Assim como a "semente" é a parte mais importante e central da promessa feita a Abraão, Jacó e Davi, do mesmo modo essa seção final de Isaías tem dezoito referências semelhantes à "semente" (Is 41.8; 43.5; 44.3; 45.19,25; 48.19; 53.10; 54.3; 57.3-4; 59.21 [3x]; 61.9; 65.9,23; 66.22). Do mesmo modo, Isaías enfatiza a "aliança" que Deus fez com essas pessoas ilustres do passado (Is 42.6; 49.8; 54.10; 55.3; 56.4,6; 59.21; 61.8). Essa aliança deve estar em vigor pela "eternidade", por isso Isaías enfatiza a longevidade da aliança de Deus, indicando sua natureza eterna com a palavra sl*w)u cerca de 34 vezes na última seção de Isaías. Acrescente a isso o fato de que a promessa e o plano de Deus deviam estar disponíveis a todas as nações, o que é mostrado pelo uso que o profeta faz da palavra "nações",yoG, a esse respeito (cerca de 36 vezes nos últimos 27 capítulos).

Inquestionavelmente, a ênfase de Isaías é no fato de que Israel, como nação, foi "escolhida". Repetidamente (Is 41.8-9; 42.1; 43.10,20; 44.1; 45.4) ele se refere a esse povo como "escolhido" de Deus ou como "seus escolhidos". No entanto, quando Isaías começa o capítulo 40, Israel está em grandes apuros. O povo precisa de conforto e de um forte consolo, o que somente Deus pode fornecer. Muito embora o profeta descreva Israel como cego e surdo, abatido e abusado, ele continua sendo o "escolhido" de Deus. Deus se recusa a rejeitar Israel para sempre. A semente de "Abraão, meu amigo", verá que "a palavra de nosso Deus permanece eternamente" (Is 41.8; 40.8). O Senhor tinha feito uma aliança com Abraão, Israel e Davi que permanecerá para sempre. Israel, considerado como povo da promessa, será o objeto do "Servo do Senhor". Ele executará o que Deus tinha prometido no passado, especialmente em sua obra de redenção como encontrada no capítulo do meio (53) dos últimos 27 capítulos da profecia de Isaías.

O SERVO DO SENHOR EM ISAÍAS (52.13–53.12)

O argumento mais convincente em favor da identidade e das funções do “Servo do Senhor” emerge de uma exegese direta de Isaías 52.13–53.12. Mover-se do terceiro Cântico do Servo, em Isaías 50, para esse quarto Cântico do Servo pode ser muito dramático, pois é como ir do Lugar Santo para o Santo dos Santos.

A maioria dos estudiosos reconhece que esse quarto cântico tem cinco estrofes de três versículos cada. O cântico também é concêntrico na forma como as estrofes A (a primeira estrofe) e E (a quinta estrofe) estão ligadas, assim como B (a segunda estrofe) e D (a quarta estrofe) com C (a terceira estrofe), servindo como a confissão essencial de todo o cântico.

O mistério do Servo (52.13-15) [18]

Desde o início desse cântico ou poema, é anunciado: “Eis que o meu Servo procederá com prudência”, ou, como o verbo é mais bem traduzido em Josué 1.8, ele “será bem-sucedido” (ênfase acrescentada). O mesmo verbo hebraico (lk~~c*) é usado em Jeremias 10.21, para falar dos “pastores que se tornaram estúpidos e não buscaram ao Senhor; por isso, não prosperaram [ou não tiveram sucesso]” (ênfase acrescentada). Esse mesmo verbo é usado para falar do “Renovo”, em Jeremias 23.5: O “Renovo justo” que Deus levantará é um rei “que reinará, e agirá sabiamente [ou, novamente, terá sucesso]” (ênfase acrescentada). Assim, embora os acontecimentos que Isaías descreve nesse capítulo pareçam muito sombrios, nunca tema, pois o Servo de Deus terá sucesso.

O que se segue a esse pronunciamento sobre o sucesso do Servo são duas afirmações surpreendentes unidas por uma construção “como... do mesmo modo”, em Isaías 52.14-15. Na primeira parte dos assombros que formam o mistério do Servo, “muitos” ficarão pasmos à vista dele, presumivelmente por causa do tratamento imensamente rude que ele sofrerá nas mãos daqueles que devem realizar os procedimentos legais pelos quais ele deve passar. Além do mais, o texto diz claramente que “seu aspecto estava mui desfigurado, mais do que o de outro qualquer” (v. 14).

No entanto, a reação das “nações” e dos “reis” será igualmente de perplexidade (v. 15). Embora o hebraico claramente traga “ele aspergirá muitas nações”, a LXX parece ser mais legível contextualmente pelo fato de que seus tradutores interpretaram o texto hebraico como “ele chocará muitas nações”. [19] Isso parece concordar com o fato de que, quando os reis da terra virem esse Servo, eles “fecharão a sua boca por causa dele” (v. 15). A razão para suas expressões de perplexidade pode ser encontrada na sentença seguinte: “porque aquilo que não lhes foi anunciado verão, e aquilo que não ouviram entenderão”. É por isso que a versão mais antiga, a tradução grega do texto feita no século 3º a.C., traduziu a palavra hebraica hz*n* como qauma,sontai, de qauma,zw, significando “olhar com espanto para” e “perplexidade”. Essa agitação por parte das nações corresponde bem à reação dos povos ao Senhor, descrita em Jeremias 33.9 e Apocalipse 1.7.

O mistério do Servo, então, é que, assim como ele chocou a humanidade pela brutalidade que vivenciou em seus sofrimentos, do mesmo modo, num dia vindouro, ele chocará e pasmará a humanidade ainda mais, quando ela ficará de boca aberta ao vê-lo em sua majestade e resplendente glória.

A rejeição do Servo (53.1-3)

A principal pergunta nessa segunda estrofe poética é, qual é a identidade daquele(s) que fala(m) aqui na primeira pessoa do plural? Muitos dizem que os que falam são Isaías e os profetas, mas há boa razão para se afirmar que seja o próprio Israel. A palavra traduzida como “pregação” é mais bem traduzida como “relato”, já que é uma forma participial passiva do verbo regular para ouvir e, portanto, por ser traduzida como “aquilo que foi ouvido por nós”. Nesse caso, o “relato” não é “o que foi dito”, como em uma mensagem, mas “o que foi ouvido”.

Se esse raciocínio estiver correto, então essas palavras podem se referir, num sentido primário, somente a Israel. Essa é a confissão de Israel nos últimos dias do fim dos tempos, quando tanto o sofrimento quanto a glória do Servo estiverem evidentes. Muitos em Israel, vendo a descrição do Servo, finalmente entendem e confessam Yeshua como o sofredor e agora glorioso Servo do

Senhor, seu Messias. Esse cenário está de acordo com o que o profeta Zacarias ensinou em Zacarias 12.9-10. Ele declarou que haveria um dia em que não apenas um ou dois países viriam contra Israel, mas “todas as nações” se oporiam a Israel. No entanto, naquele tempo, o Senhor derramaria sobre “a casa de Davi” e os habitantes de Jerusalém tal espírito de graça e súplica que eles “olharão para aquele a quem traspassaram; pranteá-lo-ão como quem pranteia por um unigênito”.

Embora eu tenha argumentado em favor dos pronomes da primeira pessoa do plural em Isaías 53.1-3 para representar Israel, bem pode ser que o Espírito Santo deliberadamente tenha deixado a identidade daquele que fala vaga, para que qualquer pessoa possa ler esses versículos e colocar-se na mesma confissão.

A rejeição mencionada aqui foi tão esmagadora que tanto o “relato” quanto a pessoa foram rejeitados. Se for perguntado diretamente, “Quem creu no que foi dito nesse relato?”, a resposta será: “pouquíssimo”. Se for perguntado, “O que eles ouviram?”, a resposta incluirá tudo o que os profetas tinham dito: (1) esse Servo virá de Judá (Gn 49.10); (2) nascerá em Belém (Mq 5.2); (3) ministrará aos pobres e necessitados (Is 9.1-3; 61.1); (4) ressuscitará dos mortos (Sl 16.10-11). Mas, para o público daqueles dias e para o dos nossos, esse Servo parece rústico demais e exibe um caráter humilde demais para ser algum tipo de esperado Rei dos reis e Senhor dos senhores. Ele não parece evidenciar uma majestade real ou exibir pompa e circunstância para se encaixar no triunfante final que a Escritura descreve sobre os últimos dias.

Isaías 53 resume tudo isso com cinco tristes afirmações sobre a natureza da rejeição do Servo: (1) ele foi rejeitado; (2) foi abandonado pelos mortais; (3) foi considerado uma ofensa por aqueles que estavam ao seu redor; (4) foi desprezado; e (5) quando nós, mortais, reunimos tudo isso, concluímos que ele deve ter sido julgado por Deus, pois, em nossa avaliação, ele é um nada.

A expiação do Servo (53.4-6)

Nessa terceira estrofe, chegamos ao centro dessas cinco estrofes. Ela contém a confissão de todos que corretamente entenderam quem esse Servo é e o que ele fez; por isso, essa é a estrofe central e essencial desse quarto Cântico do Servo.

Isaías 53.4 começa com um “Certamente” ou “Verdadeiramente”, que introduz a estrofe que explicará o que acabou de ser dito nas duas estrofes anteriores. Primeiro, somos informados sobre a ocasião humana da obra do Servo. O Servo suportou a punição que devia ser suportada por todos os mortais. Em vez de nós, o Servo tomou sobre si as “nossas enfermidades” ou nossa “calamidade” quando tratou do lado objetivo dos problemas da humanidade. O Servo tomou sobre si todas as angústias e calamidades que vêm sobre o nosso corpo, nossa alma e nosso espírito, que o pecado tinha estimulado e deixado para nós lidarmos.

Por outro lado, esse Servo também tratou do lado subjetivo do nosso problema com o pecado, quando na passagem é dito que ele tomou sobre si “as nossas dores” (v. 4). Não obstante, apesar de tudo o que foi realizado, a maioria dos mortais não teve estima ou consideração por esse Servo. De fato, a maioria concluiu que ele tinha sido “aflito, ferido de Deus e oprimido” (v. 4). O Servo pessoalmente deve ter feito algo mau, por isso Deus o tratou tão severamente nesses juízos.

Todavia, Deus não concorda com essa avaliação feita por aqueles que têm a maior necessidade da palavra do Servo, que eles difamaram. Em Isaías 53.5, observamos o que Deus tinha feito, pois a voz passiva dos verbos deixa isso claro. Há quatro expressões sobre o que Deus fez ao Servo, Yeshua: (1) Ele foi “traspassado” com os pregos que atravessaram suas mãos e seus pés; (2) ele foi “esmagado” ou “moído” pelo golpe da lança do seu lado, os tapas em seu rosto e o esforço feito para carregar a cruz; (3) ele assumiu “o castigo que nos traz a paz” quando enfrentou sozinho sua crucificação; e (4) ele recebeu as pancadas e golpes que devíamos ter recebido quando Pilatos o castigou e os soldados bateram em sua cabeça com um caniço. Mas tudo isso foi “pelas nossas transgressões... nossas iniquidades... [nos trazer] a paz... [para sermos] sarados”.

Isaías 53.6 contém a grande confissão que está no ponto focal e no coração de toda a passagem. Israel, agora, confessa três coisas: (1) nós, mortais, somos pecadores por natureza, pois “todos nós andávamos desgarrados como ovelhas”. O fato de que agimos como um rebanho de ovelhas indica que somos pecadores por natureza, como uma raça, e quando avaliados coletivamente. As ovelhas não se comportam como indivíduos; elas se movem de uma área para outra. Quando elas se perdem, isso não envolve um ato de reflexão deliberada, mas acontece naturalmente.

Mas os mortais também são pecadores por escolha, pois “cada um se desviava

pelo caminho” (Is 53.6). Quando o Senhor olha do céu para ver se há alguém entre os filhos dos homens que entenda ou que busque a Deus (Sl 14.2-3), ele descobre que cada um deles seguiu seu próprio caminho e se tornou imundo. Não servirá como desculpa dizer que pecamos porque é assim que nossa natureza funciona e, portanto, somos forçados a agir assim. Não, cada um também escolhe deliberadamente agir dessa maneira.

No entanto, o fato mais surpreendente é que Deus “fez cair sobre ele [o servo] a [total] iniquidade de nós todos” (v. 6). O Servo, Yeshua, tomou sobre si todo o pecado, tanto da raça humana (depravação) quanto pessoalmente, de todos nós. Isso é posteriormente explicado em 2 Coríntios 5.19: “Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo”. Deus era o verdadeiro agente; os mortais não tinham nada a ver com isso, exceto aceitar e receber.

A submissão do Servo (53.7-9)

A submissão do Servo à vontade do Pai é detalhada nessa quarta estrofe (Is 53.7-9). Vemos sua submissão em seu sofrimento (v. 7), sua morte (v. 8) e seu sepultamento (v. 9).

Primeiro, quando o Servo sofreu, ele “não abriu a boca” (v. 7). Não houve uma só palavra de protesto a Herodes, Caifás, Pilatos ou a qualquer um dos outros envolvidos na sua crucificação. A analogia que o texto usa para a submissão de nosso Senhor é a de uma ovelha sendo tosquiada. Desde os tempos antigos até hoje, jamais se ouviu uma ovelha protestando durante a tosquia. As ovelhas podem sofrer cortes, arranhões e muito mais dos tosquiadores mais inexperientes, mas nunca se ouvirá um balido de sua boca. Da mesma maneira, ninguém ouviu um protesto do Servo do Senhor, pois ele estava numa missão santa para expiar os pecados do mundo.

As circunstâncias da morte do Servo são descritas em Isaías 53.8: “Da prisão [ou confinamento] e do julgamento ele foi arrebatado” (tradução minha). O Servo não foi apenas “tomado”, que é uma palavra fraca demais para expressar a prisão de Yeshua, pois ele foi realmente “arrebatado” ou “precipitado” a uma série de julgamentos que não foram legais, como prescrito pelas leis judaicas e romanas. A referência à prisão do Servo corresponde à prisão de Yeshua no Jardim do

Getsêmani. Dali, seguiram-se cinco julgamentos de um modo muito precipitado e nada profissional: (1) um por Anás (Jo 18.13); (2) outro no palácio do sumo sacerdote, perante o Sinédrio (Mt 26.57-66); (3) um perante Pilatos (Mt 27.1-2); (4) outro perante Herodes (Lc 23.8-13); e, finalmente, (5) o julgamento final de Pilatos (Mt 27.11-26). E o doloroso de tudo isso é: "quem dela cogitou?". Nenhum dos contemporâneos de Yeshua falou em seu favor. Ele foi deixado sozinho para enfrentar as acusações fraudulentas de seus inimigos, que eram contraditórias e egoístas. Como resultado, ele foi "cortado da terra dos viventes" (v. 8). Mas, ainda mais importante, "por causa da transgressão do meu povo foi ele ferido" (v. 8). Como observado anteriormente, alguns têm tentado ler o hebraico om)l* como plural, de modo que a tradução seria "por causa da transgressão do meu povo, eles foram feridos" (ênfase acrescentada, baseada na tradução de Baron). Mas, como foi argumentado pelo próprio Kimshi em sua gramática (embora o que vem a seguir não seja seu comentário sobre essa passagem), "'m"[em oml*] é usado tanto para muitos quanto para um", [20] pois isso é o que encontramos em Gênesis 9.26 e Isaías 44.15. O singular se encaixa também aqui.

Isaías 53.9 prediz que o Servo terá sua "sepultura com os perversos, mas com o rico esteve na sua morte". Ninguém observou, naqueles dias, que a palavra "perversos" está no plural? Ou ninguém observou que a palavra "rico" está na forma singular? Isso é apenas para observar o quanto o texto é extremamente preciso em sua predição a respeito do Messias. Yeshua foi crucificado entre dois ladrões perversos (Mt 27.38), que corretamente sofriam pelo que tinham feito; mas, depois, Yeshua foi sepultado no sepulcro de um homem rico chamado José de Arimateia, "que também era discípulo de [Yeshua]" (Mt 27.57).

É difícil evitar o conceito de substituição em todo esse Cântico do Servo. Muito embora as circunstâncias da morte do Servo tenham sido violentas, precipitadas e forçadas, o Servo fez tudo isso pelos pecados de seu povo e pelos pecados de todo o mundo. Mas as linhas finais do versículo 9 deixam claro que o Servo "nunca fez injustiça, nem dolo algum se achou em sua boca". Essa conclusão concorda com o testemunho dado por várias pessoas dos dias de Yeshua, pois nenhuma delas jamais foi bem-sucedida em acusá-lo ou pôde provar que ele era um pecador, culpado de pecado. Houve o próprio testemunho de Yeshua em João 8.46: "Quem dentre vós me convence de pecado? Se vos digo a verdade, por que razão não me credes?" Pilatos concordou que ele era um homem inocente, pois tomou água e lavou as mãos diante da multidão e declarou: "Estou inocente do sangue deste [justo]" (Mt 27.24; cf. Lc 23.14-15). A esposa de Pilatos, do

mesmo modo, testificou que ele era inocente, pois enviou uma nota ao seu marido, dizendo: “Não te envolvas com esse justo; porque hoje, em sonho, muito sofri por seu respeito” (Mt 27.19). Outros testemunhos vieram de pessoas como o centurião, o ladrão arrependido e o testemunho apostólico. O centurião, que estava com aqueles que guardavam o túmulo, ficou tão assustado com o terremoto que disse: “Verdadeiramente este era filho de Deus” (Mt 27.54). Um dos dois ladrões que foram crucificados com Yeshua, de sua própria cruz, repreendeu seu colega ladrão. Ele o corrigiu, em Lucas 23.40-41, dizendo: “Nem ao menos temes a Deus, estando sob igual sentença? Nós, na verdade, com justiça, porque recebemos o castigo que os nossos atos merecem; mas este nenhum mal fez”. Verdadeiramente, Yeshua, nosso grande sumo sacerdote, foi “tentado em todas as coisas, à nossa semelhança, mas sem pecado” (Hb 4.15). Finalmente, o apóstolo Pedro, em 1 Pedro 2.22-25, acrescentou:

O qual [Yeshua] não cometeu pecado, nem dolo algum se achou em sua boca; pois ele, quando ultrajado, não revidava com ultraje; quando maltratado, não fazia ameaças, mas entregava-se àquele que julga retamente, carregando ele mesmo em seu corpo, sobre o madeiro, os nossos pecados, para que nós, mortos para os pecados, vivamos para a justiça; por suas chagas, fostes sarados. Porque estáveis desgarrados como ovelhas; agora, porém, vos convertestes ao Pastor e Bispo da vossa alma.

A exaltação do Servo (53.10-12)

Depois que um Israel arrependido e restaurado faz uma confissão de sua hostilidade passada contra o Servo, o próprio profeta fala em Isaías 53.10-11. O próprio Yahweh levará toda a quinta estrofe e o quarto Cântico do Servo a uma conclusão.

Primeiro, somos lembrados do sucesso do plano do Senhor (lembre-se de como a primeira estrofe anunciou isso). O ponto principal aqui é que a morte do Senhor não foi um acidente; ela foi parte do plano deliberado de Deus, como diz o Salmo 22.15: “Assim, me deitas no pó da morte”. É verdade que o povo judeu e os romanos dos dias de Yeshua foram culpados por uma falsa prisão, um

julgamento inválido e uma morte dolorosa; no entanto, o que aconteceu também era uma parte do plano de Deus, como Pedro e seus companheiros declararam em Atos 2.23; 4.28, respectivamente (cf. 1Pe 1.20).

Quando o texto de Isaías 53 diz que “ao Senhor agradou moê-lo e fazê-lo enfermar” (v. 10), não foi um tipo sádico de prazer que o Pai revelou ao ver seu Filho morrer em agonia. Em vez disso, foi o prospecto do cumprimento do grande propósito de Deus. Os verbos “moer” (ak*D*) e “enfermar” (hl*h*) retomam os verbos usados nos versículos 4 e 5.

Mais importante, na declaração “quando der ele a sua alma como oferta pelo pecado [pela culpa]” (v. 10), é a palavra hebraica para “oferta pela culpa”, <v*a*, que é uma das cinco principais ofertas em Levítico, enfatiza restituição (Lv 5.16; 6.4). Como essa oferta geralmente era oferecida apenas pelo próprio ofertante, nesse caso, o Servo se identifica com Israel de um modo muito real. Esse sacrifício paga a dívida e coloca a pessoa em liberdade, porque a compensação foi plenamente realizada.

Seguem-se, nessa quinta estrofe, cinco resultados divinos como evidência do sucesso do plano e da vontade do Senhor. O primeiro resultado é que ele “verá a sua posteridade” (Is 53.10). Isso concorda com o Salmo 22.30, em que o salmista diz: “A posteridade [uma semente] o servirá”. Isso se refere à posteridade espiritual, exatamente como Hebreus 2.10 fala sobre Deus “conduzindo muitos filhos à glória”. Essa semente de Abraão e Davi é a mesma semente, ou descendência, da qual todos os que creem também participam como coerdeiros com Cristo (Gl 3.29).

Um segundo resultado é que ele “prolongará os seus dias” (Is 53.10). Em vez de marcar a costumeira duração dos dias como uma recompensa pela piedade, essa é a recompensa para aqueles que, depois de terem passado pela morte, estão entre aqueles sobre os quais a morte “já não tem domínio” (Rm 6.9) ou como aqueles em Apocalipse 1.18, onde Yeshua declarou: “Estive morto, mas eis que vivo pelos séculos dos séculos”.

O terceiro resultado é que “a vontade [o plano] do Senhor prosperará nas suas mãos” (Is 53.10). Esse plano é esboçado nos Cânticos do Servo, em Isaías 42 e 49, onde é dito que ele será o mediador de uma nova aliança, trará justiça às nações, trará a nação de Israel de volta para a sua terra, será uma luz para as nações e trará salvação aos confins da terra. A referência às suas “mãos” fala de

sua obra mediatorial como sumo sacerdote em nosso favor.

O quarto resultado é que “por causa do labor [labuta] de sua alma ele verá a luz da vida e ficará satisfeito” (Is 53.11, tradução minha). Essa tradução traduz a preposição hebraica inicial /m!, “de”, como “por causa de” ou “como consequência de”. Mas o que é que o Servo vê? Ele vê um mundo cheio do conhecimento de Deus, como as águas cobrem o mar” (Is 11.9; Hc 2.14). Ele também vê uma igreja gloriosa, sem mácula nem ruga (Ef 5.27). Ele também vê um Israel restaurado vivendo em sua terra (Ez 37) e vê novos céus e nova terra, onde a justiça habita para sempre (Is 65–66).

O quinto resultado é mais difícil de traduzir: “Pelo seu conhecimento meu servo justo justificá a muitos” (Is 53.11, tradução minha). Se interpretarmos isso num sentido objetivo, então “pelo conhecimento que têm dele”, muitos serão justificados” (cf. Jo 17.3). Se interpretarmos subjetivamente, então é pelo seu próprio conhecimento (cf. Is 11.2) que muitos são justificados. Mitchel Dahood sugeriu, com base num possível cognato ugarítico, que a palavra “conhecimento” deveria ser traduzida como “pelo seu trabalho duro” [21] ele justificaria a muitos. Essa, certamente, é uma sugestão muito interessante e, se estiver correta, rapidamente reduziria o grande número de páginas que os comentários usam para interpretar essa passagem.

Finalmente, há dois dons divinos que são mencionados em Isaías 53.12: “Eu lhe darei muitos como a sua parte” e “com os poderosos repartirá ele o despojo”. O Salmo 2 tinha prometido o mesmo, quando disse: “Pede-me, e eu te darei as nações por herança e as extremidades da terra por tua possessão” (v. 8). Talvez seja por isso que os reis de Isaías 52.15 estavam tão assustados.

Apocalipse 19.14 também promete que os despojos da futura vitória mundial serão repartidos com os santos. Do mesmo modo, o Salmo 110.3 afirma que “apresentar-se-á voluntariamente o teu povo, no dia do teu poder”.

O texto de Isaías 53 conclui, no versículo 12, com quatro razões pelas quais o selo de aprovação de Deus é colocado sobre seu Servo, que entendemos ser Yeshua: (1) “porquanto derramou sua alma na morte”; (2) permitiu que fosse “contado com os transgressores”; (3) “levou sobre si o pecado de muitos”; e (4) “pelos transgressores intercedeu”.

A primeira razão mostra que o Servo é mais do que digno da compensação que

agora lhe é oferecida “porquanto derramou a sua alma na morte”, exatamente como Paulo descreveu em Filipenses 2.8. Ele voluntariamente entregou sua vida, pois ninguém a tirou dele. Ele tinha poder para entregá-la e para reavê-la (Jo 10.17-18). E quando ele “se esvaziou”, como Paulo diz em sua famosa passagem kenótica (Fp 2.7), isso significa que ele entregou o exercício independente de sua vontade à vontade do Pai, como Yeshua disse no jardim do Getsêmani: “Não se faça a minha vontade, e sim a tua” (Lc 22.42).

A segunda razão relata que ele será “contado com os transgressores”. O próprio Senhor, na noite em que foi traído, disse a Pedro: “Está escrito: Ele foi contado com os malfeitores. Porque o que a mim se refere está sendo cumprido” (Lc 22.37). Yeshua não é contado principalmente entre os santos, mas primariamente entre pecadores que precisam do que só ele pode fornecer.

A terceira razão, “levou sobre o pecado de muitos”, traz à mente a imagem de Azazel, o bode expiatório, em Levítico 16.8, no Dia da Expiação. Esse segundo bode descreve como todos os pecados de Israel, de todos os que se arrependeram verdadeiramente em seu coração, são colocados sobre antes que ele seja levado ao deserto. Por isso ele é chamado de “bode emissário” ou “bode que leva embora” todos os nossos pecados. A descrição da remoção dos pecados do povo com esse bode reflete o que Yeshua realizou por meio de sua morte na cruz. Nossos pecados foram colocados sobre ele e afastados de nós “quanto dista o Oriente do Ocidente” (Sl 103.12). O apóstolo Pedro ensinou a mesma coisa em 1 Pedro 2.24, onde explicou que carregou “ele mesmo em seu corpo, sobre o madeiro, os nossos pecados”.

Finalmente, a quarta razão ensina que ele “pelos transgressores intercedeu”. Como tal, o Servo intercedeu, diante do trono de seu Pai, em favor de todos aqueles que tinham transgredido contra ele. Ao contrário das outras três afirmações, que enfatizam que ele tinha terminado as três obras a que elas se referem, o verbo, nesta afirmação, enfatiza que este ministério de Yeshua é contínuo: “ele continua a fazer intercessão”. Que maravilhoso Servo do Senhor!

CONCLUSÃO

A identidade e o ministério do Servo do Senhor recebem sua mais completa

exposição em Isaías 52.13–53-12. Esse mesmo capítulo é a mais completa declaração do plano, do propósito e da importância da morte e da ressurreição do Servo, que, em seu cumprimento, claramente é Yeshua. Esse Servo otimiza a obra do Servo descrita em Isaías porque ele veio buscar e salvar aqueles que estavam perdidos em Israel. Mas ele também age em favor de todas as nações do mundo, especialmente para levar suas transgressões, sua culpa e suas iniquidades.

No entanto, nunca houve qualquer dúvida a respeito do sucesso que esse Servo alcançaria. Desde o início de Isaías 52.13, foi anunciado que ele seria bem-sucedido, e isso é o que ele continua a ser até hoje e continuará a ser até retornar triunfantemente, para governar e reinar para sempre, pois este evento inaugura o estado eterno.

4

ISAÍAS 53 E A MENSAGEM DE SALVAÇÃO NOS EVANGELHOS

Michael J. Wilkins

Nossa abordagem para entender a mensagem de salvação de Isaías 53 (tecnicamente, Is 52.13–53.12) como encontrada nos Evangelhos é basicamente bifurcada, no sentido de que é orientada por dois conjuntos de perguntas:

Jesus via a si mesmo como o Servo profetizado em Isaías 53? Isso nos leva à consciência do Jesus histórico.

Qual era a perspectiva dos evangelistas sobre Jesus à luz do entendimento que eles tinham do Servo de Isaías 53? Eles entendiam que Jesus era o cumprimento do grande Cântico do Servo? Isso nos permite ver como a igreja primitiva entendia a vida e o ministério de Jesus à luz da profecia de Isaías.

Nosso estudo nos levará a responder a essas duas perguntas afirmativamente. Veremos claramente, como R. T. France declara, que “a figura do Servo de Isaías foi um fator importante no entendimento de Jesus de sua própria missão e a base crucial sobre a qual seus seguidores descobriram ser possível dar sentido à sua morte como cumprimento da Escritura”. [01]

O IMPACTO DE ISAÍAS 53

Uma das poderosas experiências da conferência sobre Isaías 53 de que participei em Dallas foram os testemunhos coerentes do impacto de Isaías 53 para levar pessoas à salvação. Isso aconteceu especialmente com alguns que tinham vindo de um contexto judaico. Particularmente, lembro-me do testemunho do doutor Mitch Glaser, presidente da Chosen People Ministries. Isaías 53 foi uma das primeiras passagens que Deus usou para mostrar a ele que Jesus era o Messias prometido de Israel. Para ele, a passagem parecia ser uma das mais claras profecias do Antigo Testamento sobre a pessoa e a obra do Messias e, para ele, ela apontava diretamente para Jesus de Nazaré. Mas ele sabiamente veio a entender que, a menos que o Espírito de Deus esteja trabalhando na vida dos não cristãos, levando-os a Cristo, eles com frequência não conseguem ver qualquer relação do Servo de Isaías 53 com o Jesus dos Evangelhos. [02]

O Cântico do Servo de Isaías 53 também exerceu uma profunda influência sobre o povo judeu do século 1º e sobre os escritores do Novo Testamento. Muitos viram imediatamente a relação entre o Servo e Jesus. Mas nem todas as pessoas de Israel no tempo de Jesus viram essa relação.

A experiência do doutor Glaser e da igreja primitiva foi encontrar em Jesus uma solução profunda para aquilo que, para outros, era um enigma insolúvel na imagem do Servo de Isaías 53.

O ENIGMA DE ISAÍAS 53: UM SERVO COLETIVO OU INDIVIDUAL?

O tema do Servo em Isaías foi um enigma na história de Israel por pelo menos dois motivos: em primeiro lugar, o povo de Israel entendia que Deus os estava usando como um povo para cumprir as profecias de Isaías; não obstante, nas profecias sobre o Servo, alguns aludiam a uma entidade coletiva e, outros, a uma pessoa. O termo “servo” ocorre cerca de quarenta vezes em Isaías; apenas nove vezes nos capítulos 1–39 e 31 vezes nos capítulos 40–66. [03] Começando com Isaías 41.8, pelo menos nove vezes a nação de Israel é mencionada como “servo” do Senhor (Is 41.8-9; 42.19 [2x]; 43.10; 44.21 [2x]; 45.4; 48.20). [04] Outras vezes o servo se refere a um indivíduo justo dentro da nação (42.1; 49.3,5-7; 50.10). Embora algumas passagens sejam um tanto obscuras sobre se

se referem à nação ou a uma pessoa (p. ex.,44.1-2), quando nos voltamos para a profecia em Isaías 52.13–53.12, a natureza individual do servo é enfatizada (cf. 52.13; 53.12).

Do mesmo modo, a interpretação judaica de Isaías varia. Alguns intérpretes focalizam a natureza coletiva da figura do servo, seja representando Israel como um todo, o Israel ideal (p. ex., Is 49.3), seja uma minoria justa e leal de pessoas. Outros intérpretes focalizam a natureza individual das profecias, seja significando um indivíduo contemporâneo do profeta ou uma figura messiânica no futuro. A Enciclopédia da religião judaica afirma: “Os exegetas judeus têm, via de regra, favorecido a interpretação coletiva”. No entanto, o Dicionário do judaísmo no período bíblico [05]enfatiza que alguma literatura do judaísmo do Segundo Templo em diante aplica as profecias sobre o servo a várias pessoas, tais como o mestre de Qumran (Hinos de ação de graças 1QHa 15.10-12; 16.36), ou ao escolhido, que é uma figura transcendente, o ungido de Deus (1 Enoque 37–71), ou ao servo glorioso, o ungido militante de Deus, que serve a Israel e o liberta (Tg. Ps-J. de Is 52.13). [06]

Em segundo lugar, o enigma fica ainda maior porque temos descrições aparentemente incoerentes do servo. Por um lado, o servo é o braço forte de Deus que tem o Espírito de Deus e faz justiça (Is 42.1; 52.12). Por outro lado, o servo é desprezado e rejeitado (53.2-3). Como pode essa pessoa passiva e dócil ser o poderoso braço do Senhor (cf. Is 51.9; 53.1) que a nação de Israel entendia ser ela mesma como servo de Deus em seu plano de salvação? Como poderia ele ser exaltado e, no entanto, desprezado? Como poderia um servo repugnante, rejeitado, oprimido e assassinado levar o pecado de muitos (53.6,8,12)? Isso certamente não estimulava as esperanças messiânicas de libertação e restabelecimento do trono davídico.

Da perspectiva do povo, um candidato mais provável era um dos vários pretendentes reais que vinham de entre o povo para liderá-los em se libertar do jugo de Roma. Um desses aspirantes reais era Simão, o servo de Herodes, o Grande. Depois da morte de Herodes, seu filho Arquelau reprimiu cruelmente agitações populares, massacrando milhares de peregrinos adoradores. O interior de Israel virtualmente explodiu em revoltas, e essas revoltas tomaram a forma de movimentos messiânicos.

Simão estava entre aqueles que assumiram um papel de liderança nessas revoltas. Como ele era elegante, alto e forte, atraiu a atenção das pessoas, que

confiaram muito em suas habilidades para ser bem-sucedido (veja Josefo, Ant. 17.273). Ele se declarou rei na ausência de Arquelau. Josefo narra: “Tendo se harmonizado com vários homens, foi também aclamado rei por eles em sua loucura, e ele se achava digno disso além de todos os outros” (Josefo, Ant. 17.274). [07] À luz de sua história como povo de Deus, essas pessoas criam que Deus as estava levando mais uma vez a estabelecer seu reino entre elas. A declaração e adoção do título real leva à conjectura de que isso estava associado a expectativas escatológicas. [08] O ímpeto de proclamar Simão rei foi provocado por um fervor político-religioso. [09]

Esses tipos de esperanças populares de libertação política parecem incoerentes com o conceito de um Servo Sofredor como encontrado em Isaías 53.

Assim, quando voltamos ao tempo do século 1º, o enigma de Isaías 53 deve ser entendido como um pano de fundo para o entendimento que Jesus tinha de sua missão e de como os autores do Novo Testamento o entendiam sob essa luz. E talvez uma das questões mais importantes seja não examinar Isaías 53 isolada das demais passagens sobre o servo em Isaías. Por mais enigmáticas e paradoxais que as variadas perspectivas possam ser sobre o servo, quando examinadas isoladamente, elas só serão completamente entendidas quando virmos que Jesus, o Messias, é o cumprimento de toda a descrição encontrada em Isaías 40–55 como um todo. Ele é o servo que consola e restaura Israel, que julgará os inimigos de Israel, que sofrerá justamente como expiação pelos pecados de Israel e que retornará para reinar como rei. [10]

REFERÊNCIAS A ISAÍAS 52.13–53.12 NOS EVANGELHOS

Os autores do Novo Testamento citam as palavras ou os conceitos de Isaías 53, ou aludem a eles pelo menos cinquenta vezes. Destas, pelo menos 29 são encontradas nos Evangelhos. [11]

Citações de Isaías 52.13–53.12 no Novo Testamento

Pelo menos sete vezes, um autor do Novo Testamento faz uma citação de Isaías 52.13–53.12. Dessas sete, três citações diretas de Isaías 53 são encontradas nos Evangelhos. [12]

ISAÍXAS	NOVO TESTAMENTO
52.15 lxx	Romanos 15.21
53.1 lxx	João 12.38
	Romanos 10.16
53.4	Mateus 8.17
53.7-8 lxx	Atos 8.32-33
53.9	1 Pedro 2.22
53.12	Lucas 22.37

Alusões e influência contextual

Mas a influência de Isaías 53 sobre Jesus e os evangelistas é muito mais extensa que citações diretas. Os estudiosos debatem os casos, mas nós também encontramos em todo lugar de quinze a vinte e seis alusões às palavras ou aos conceitos de Isaías 53 nos Evangelhos, que variam de alusões claras a possíveis alusões implícitas. [13]

ISAÍAS	EVANGELHOS
52.13 (exaltado)	João 3.14; 8.28; 12.32
53 (Mois’s e todos os profetas)	Lucas 24.27
53 (padecer e ressuscitar)	Lucas 24.46
53 (entregue)	Mateus 17.22 (e paralelas)
53 (entregue)	Mateus 20.18 (e paralelas)
53 (entregue; “está escrito”)	Mateus 26.24 (e paralelas)
53 (entregue)	Mateus 26.45 (e paralelas)
53.2 (como raiz)	Mateus 2.23
53.3 (padecer, ser aviltado)	Mateus 17.12b; Marcos 9.12b
53.4 (escarnecido e zombado)	Mateus 27.39-43 (e paralelas)
53.5 (castigado)	Mateus 26.67
53.6-7 (pecado de todos)	João 1.29
53.7 (a vida do pastor pelas ovelhas)	João 10.11; 15, 17
53.7 (permaneceu em silêncio)	Mateus 26.63; Marcos 14.61

53.7 (permaneceu em silêncio)	Mateus 27.12
53.7 (permaneceu em silêncio)	Mt 27.14; Mc 15.5; Jo 19.9
53.7 (permaneceu em silêncio)	Lucas 23.9
53.9 (sepultado com ímpios)	Mateus 26.24
53.9 (homem rico)	Mateus 27.57
53.10-12 (levou o pecado de muitos)	Mateus 20.28; Marcos 10.45
53.11 (justo torna justos)	Mateus 3.15
53.12b (divisão do esp┐lio)	Lucas 11.22
53.12b (divisão do esp┐lio)	Lucas 23.34
53.12d (contado entre os transgressores)	Mateus 27.38
53.12d (contado entre os transgressores)	Lucas 23.33
53.10, 12c (alma para a morte)	Mt 26.28; Mc 14.24; Lc 22.20

Um exemplo de uma clara alusão a Isaías 53 é encontrado em Marcos 10.45, no dito de Jesus sobre o resgate. Um exemplo de influência conceitual de Isaías 53.7 é encontrado em Lucas 23.9, em que Lucas narra que Jesus permaneceu em silêncio quando questionado por Herodes Antipas.

A PERSPECTIVA DE MATEUS DE JESUS COMO O SERVO DE ISAÍAS 53

Nesta seção, em parte por causa da limitação de espaço, mas também por causa de sua perspectiva única, examinaremos particularmente o Evangelho de Mateus, mas faremos referência aos outros Evangelhos quando for apropriado. Duas das onze ou doze citações de cumprimento de Mateus são extraídas dos Cânticos do Servo de Isaías, e pelo menos dezoito das 29 referências a Isaías 53 nos Evangelhos são encontradas no Evangelho de Mateus, mais do que em qualquer outro.

A partir do versículo inicial do seu Evangelho, Mateus conta a história de Jesus, o Messias, cuja linhagem como filho de Davi cumpre a promessa de salvação ao seu povo, Israel, e cuja linhagem como filho de Abraão cumpre a promessa de salvação a todas as nações.

Jesus é o Messias que vem ao seu povo trazer salvação, mas não como um rei guerreiro, como Davi. Em vez disso, ele vem como o Servo Sofredor do Senhor, trazendo uma salvação inesperada a todos os povos. Nesse sentido, Mateus está plenamente consciente do enigma que é produzido pelas variadas descrições do servo em Isaías. Ele não tenta evitar a tensão das várias descrições; em vez disso, indica que a solução para a magnificência e a humildade do servo é cumprida na pessoa e na missão de Jesus de Nazaré, o Deus conosco. Examinaremos brevemente cinco estágios principais do ministério de Jesus para ver a importância que Mateus dá a Jesus como o cumprimento da profecia sobre o servo em Isaías 53. [14]

A infância de Jesus – Nazareno divino

O batismo de Jesus – Filho justo

Início do ministério de Jesus – Servo que cura

Ministério da paixão de Jesus – Resgate pelo sangue

Sepultamento e ressurreição de Jesus – Mestre transformador

A infância de Jesus – Nazareno divino

A narrativa da infância em Mateus responde ao enigma do servo em Isaías indicando que Jesus é o cumprimento do paradoxo: Jesus é o nazareno divino, nascido do Espírito de Deus, mas tem humildes origens humanas.

Emanuel, "Deus conosco" (Mt 1.18-23; Is 7.14)

Mateus relembra a profecia de Isaías e declara que o nascimento da criança Jesus, que salvaria o seu povo dos seus pecados, cumpre a promessa de Isaías 7.14 (Mt 1.22-23). Deus deu, por meio de Isaías, um sinal que teve significado histórico e cumprimento nos dias de Acaz, mas também era uma profecia sobre um futuro libertador messiânico, que foi cumprida na concepção e no nascimento de Jesus. [15] Isso considera com seriedade o contexto imediato da predição a Acaz, em Isaías 7.14, mas também o contexto mais amplo da profecia de Isaías, no qual uma futura era messiânica honraria a Galileia dos gentios (Is 9.1-2) com o nascimento de uma criança que se chamaria "Maravilhoso conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz" (9.6). [16]

O anjo instruiu José a chamá-lo de "Jesus" (Mt 1.21), que é como o vemos sendo chamado ao longo de toda a sua vida terrena e pela igreja primitiva. Não temos registro de Jesus sendo chamado de "Emanuel" pela sua família ou pelos seus

seguidores. Em vez disso, como Mateus traduz para nós, vemos que o nome tinha o objetivo de ser um título para indicar a identidade messiânica de Jesus: “Deus conosco”. Tanto o seu nome comum, quanto o seu nome titular indicam verdades profundas: Jesus especifica o que ele faz (“Deus salva”) e Emanuel especifica quem ele é (“Deus conosco”). Estes nomes estão altamente cheios de significado, porque vão falar de uma profunda orientação cristológica por Mateus. Ele, do mesmo modo, conclui seu Evangelho com o mesmo nome, em que Jesus promete aos seus discípulos: “E eis que estou convosco todos os dias, até à consumação do século” (28.20). Em Jesus, o Messias, Deus, de fato, está conosco.

Um nazareno (Mt 2.23; Is 53.2)

Sendo miraculosamente protegido e guiado, Jesus crescerá em Nazaré, e “será chamado Nazareno” (Mt 2.23). O jogo de palavras de Mateus tem o objetivo de trazer à mente um significado mais profundo do que simplesmente a identificação de sua terra natal, porque ao chamar Jesus de Nazareno, foi cumprido “o que fora dito por intermédio dos profetas” (v. 23). Como não conseguimos encontrar qualquer profecia direta do Antigo Testamento com essas palavras, Mateus quer que a expressão seja uma forma de discurso indireto. [17] Ele não cita um profeta específico do Antigo Testamento mas, em vez disso, dá a substância de várias profecias veterotestamentárias que se referem ao jogo de palavras evocado por “Nazaré/Nazareno”.

Escavações arqueológicas atuais descobriram as ruínas de casas e um túmulo do período herodiano, indicando que Nazaré foi reestabelecida como uma pequena vila agrícola por volta do século 3º a.C., talvez fundada e nomeada por exilados que voltavam do cativeiro babilônico. Muito provavelmente eles deram à vila um nome que derivava de um aramaico vernacular ou de uma palavra do Antigo Testamento, em vez de cunharem um termo novo. Várias sugestões têm sido oferecidas para explicar a origem do nome “Nazaré”, mas a mais provável é que os habitantes originais podem ter sido da linhagem de Davi e deram ao assentamento um nome conscientemente messiânico, associando o estabelecimento da vila com a esperança do futuro “Renovo” rx#n@ de Isaías 11.1. A profecia de Isaías 11.1-5 era uma das passagens mais populares de

messianismo davídico no judaísmo primitivo, [18] portanto não é improvável que o grupo que retornou do exílio e estabeleceu uma nova vila desse a ela um nome que refletisse essa esperança. [19] O remanescente crente de Israel também é chamado de “renovo” em Isaías 60.21, demonstrando a solidariedade do remanescente com o Renovo prometido de Isaías 11.1.

“Renovo de Davi.” Embora rx#n@ só ocorra em Isaías 11.1 e 60.21 num sentido messiânico, o conceito de Renovo tornou-se uma importante designação do Messias na literatura rabínica [20] e nos targuns, e também foi interpretado messianicamente pela comunidade de Qumran, nos quais “Renovo de Davi” tornou-se uma designação muito apreciada para o Messias esperado. [21] O tema de um “Renovo” ou “Ramo” messiânico vem à tona notavelmente nos contextos e profetas do Antigo Testamento, usando sinônimos para rx#n@, especialmente jm~~x#, “broto”, renovo, chifre” (Is 4.2; 53.2; Jr 23.5; 33.15; Zc 3.8; 6.12), mas também rf#j) “rebento” (Is 11.1) e qn#oy e “planta jovem” (Is 53.2) e, especialmente para nosso estudo, vr#v), “raiz” (Is 53.2). [22]

Juntos, esses fios apontam para o importante e identificável tema veterotestamentário de um Renovo messiânico da linhagem de Davi que traria libertação a Israel. O discurso indireto da alusão de Mateus aos “profetas” permite que ele se valha tanto da profecia de Isaías 11.1, rx#n@, quanto da substância de várias profecias do Antigo Testamento que se referem ao jogo de palavras feito pelo tema do “renovo”. Os fundadores de Nazaré aparentemente eram membros de um movimento que se identificava com essa tradição profética. Eles estavam tanto esperando o “Renovo” messiânico, quanto cumprindo o papel do Israel fiel, como “os renovos por mim plantados” (Is 60.21). Por isso, Mateus faz um jogo de palavras entre a esperança da famosa profecia de Isaías e o tema mais amplo do “renovo” no Antigo Testamento; e afirma que a identidade e o ministério de Jesus cumprem essa esperança profética. O conteúdo messiânico da passagem de Isaías deve, por sua vez, estar relacionado ao anúncio do nascimento de Jesus: a figura messiânica de Isaías 11.1 é o Emanuel de Isaías 7.14. [23]

“Servo Sofredor”. Mateus também usa “nazareno” como uma gíria ou expressão idiomática para fazer referência a uma pessoa de uma área remota, desprezada. Ele faz uma conexão entre a associação divinamente estabelecida entre Jesus com Nazaré e vários profetas do Antigo Testamento que predisseram que o Messias seria desprezado. [24] O tema culmina em Isaías, especialmente no contraste do poderoso Renovo (Is 11.1), que é repugnante (Is 53.2). A relativa

ignomínia de Nazaré, em comparação com Jerusalém, ou mesmo com Belém, torna-se a terra natal do Messias.

Jesus é um "libertador humilde" (um sentido duplo). A reflexão de Mateus sobre o início da vida terrena de Jesus tem o objetivo de mostrar aos seus leitores um duplo significado na expressão "Jesus de Nazaré". Por um lado, Jesus é o cumprimento da esperança de um rx#n@ messiânico – "Renovo" da linhagem de Davi. Por outro lado, a associação de Jesus com a humilde Nazaré anuncia que sua vinda não é em glória. Ele veio como o Renovo prometido de Davi, mas sua vinda é em ambientes humildes, não na grandeza e na glória que Herodes reivindicou numa tentativa humana de ser rei. Usada por seus seguidores, a expressão "Jesus de Nazaré" era uma expressão de fé nele como o libertador messiânico (At 2.22; 3.6; 10.38). Contudo, usada por seus inimigos, era um título de escárnio, para negar sua identidade messiânica (Mt 26.71; Mc 14.67).

Jesus não é parte da instituição política, religiosa ou militar. Em vez disso, ele cumpre a profecia de uma figura messiânica vinda dentre pessoas comuns, um homem de dores, que foi frequentemente desprezado, mas que era, por fim, o Servo messiânico, aquele que justificará a muitos e levará as iniquidades deles (Is 53).

O batismo de Jesus – Filho justo

O relato de Mateus do batismo responde ao enigma das profecias de Isaías sobre o Servo indicando que Jesus cumpre outro aspecto do paradoxo: Jesus é o Filho amado, sem pecado, de Deus, não obstante se identifique com o povo de Israel para levar os pecados deles e cumprir toda a justiça.

Cumprir toda justiça (Mt 3.15; Is 53.11)

Depois da mensagem ribombante e profética de juízo que João Batista havia pregado (Mt 3.2-3, 7-12), a ansiedade é grande pela chegada do libertador

messiânico. Poderíamos ter esperado que um libertador triunfante fizesse um aparecimento glorioso, com um exército de anjos do céu. João tinha nos preparado para uma figura poderosa que viria com o poder do Espírito Santo e o juízo de fogo. Em vez disso, Jesus vem como uma figura solitária, aparentemente insignificante.

E talvez o elemento mais improvável de todos é que Jesus pede para ser batizado por João, como qualquer pessoa do restante da multidão. Até mesmo João se surpreendeu, ao tentar impedir Jesus de ser batizado. O batismo de João era apenas com água. Ele era apenas preparatório para o batismo maior, aquele com o Espírito Santo e com fogo, que o Messias inauguraria. Por que o Messias esperado quis ser batizado pelo seu precursor?

No entanto, apesar de Jesus ser uma figura messiânica improvável, João o reconhece. Por mais impróprio que pareça, ali estava aquele para quem João estava preparando o caminho, aquele que é mais poderoso do que ele mesmo, aquele cujo batismo ultrapassará o seu.

Então, por que Jesus foi de modo totalmente intencional a João para ser batizado por ele? Sem uma leitura cuidadosa do texto, pode-se concluir que Jesus pensava que ele também precisava de conversão e de purificação, como a multidão (Mt 3.2,6). Mas João rapidamente desfaz essa possibilidade, pois conhecia a identidade de Jesus como aquele que traz o batismo messiânico: “Eu é que preciso ser batizado por ti, e tu vens a mim?” (Mt 3.14). Este é o mais poderoso, Aquele que inaugura o reino que João estava proclamando. Somente sob a insistência de Jesus, João consente em batizá-lo, porque “nos convém cumprir toda a justiça” (3.15).

O termo “cumprir” (plhro/w) dá continuidade ao tema do “cumprimento” que é tão proeminente no início da narrativa de Mateus. Justiça (dikaiosu/nh) é um conceito importante no Evangelho de Mateus. [25] Muito provavelmente, nesse contexto Jesus quis dizer isso num sentido histórico na salvação. A designação divina de Jesus, nos termos extraídos de Isaías 42.1, é precedida pela justificação de seu batismo, para “cumprir toda a justiça”. Esse pronunciamento obscuro pode ser entendido não apenas como referindo-se ao papel representativo do Servo, levando, assim, Jesus a se identificar com pecadores arrependidos, mas também como uma alusão oculta a Isaías 53.11. [26] A atividade salvadora de Deus, profetizada ao longo de todo o Antigo Testamento, está, agora, sendo cumprida com a inauguração do ministério de Jesus, que culmina em sua morte

na cruz. Talvez isso estabeleça uma conexão entre Isaías 53.7 e a declaração do batismo no quarto Evangelho, por João Batista: “Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo” (Jo 1.29). “Justiça” indica o processo histórico de salvação, realizando a vontade de Deus no sentido da atividade salvadora de Deus. Isso é apoiado pela referência semelhante à história da salvação a João Batista, em Mateus 21.31-32. [27] Jesus está expressando sua obediência ao plano de salvação de Deus que foi revelado nas Escrituras, especialmente sob o tema do Servo, em Isaías. [28]

Mas, além disso, quando Jesus entra nas águas do batismo, ele se identifica com o seu povo em sua necessidade, ou seja, ele se identifica com a humanidade pecaminosa que veio salvar, especialmente nesse tempo histórico, para se identificar com o remanescente crente de Israel que veio para ser batizado. [29]

Jesus cumpre o ministério que João Batista começou. Ele é o “maior” para o qual João apontava, que cumpre a esperança de justiça como Rei davídico e Servo justo. Mas, relevantemente, ele também é Emanuel, “Deus com [seu povo]”, e Jesus, aquele que “salvará seu povo dos pecados deles” (Mt 1.21-23).

Filho amado (Mt 3.17; Is 42.1)

A descida do Espírito faz alusão à unção do servo pelo Espírito, em Isaías 42.1 – que serão as palavras citadas pela voz celestial em Mateus 3.17 (cf. Mt 12.18) – e à unção do Renovo davídico pelo Espírito, em Isaías 11.2. A unção de Jesus pelo Espírito é a coroação do Messias de Israel e o comissionamento do justo Servo de Deus para a obra que ele agora executará no poder e na presença do Espírito. [30] Aquele que batizará com o Espírito Santo (Mt 3.11), que será guiado e capacitado pelo Espírito (4.1), que inaugurará a era messiânica de salvação por meio do Espírito (12.18-21; cf. 42.1-4; 61.1) é, nesse momento, ungido pelo Espírito para o seu ministério messiânico público.

Salmo 2.7. A declaração “Este é meu Filho amado”, em Mateus 3.17, traz à mente a famosa imagem do Pai e do Filho no Salmo 2.7: “Tu és meu Filho, eu, hoje, te gerei”. O título “Filho de Deus” tinha claro significado messiânico, antes do ministério de Jesus (cf. 4QFlor 10–13; 4QpsDanA^a). [31]A expressão “meu Filho amado” pode ter evocado imagens de Isaque, que foi chamado filho

amado de Abraão (Gn 22.2), mas mais importante é a relação que é declarada entre Jesus e a Voz. Essa linguagem não é de adoção, mas de confirmação de uma relação de amor divino existente entre o Pai e o Filho. Jesus é o Filho divino do Pai celestial.

Isaías 42.1. A declaração "em quem me comprazo", em Mateus 3.17, leva o nosso entendimento da missão de Jesus um passo adiante ao recorrer a Isaías 42 (cf. Tg. Is 42.1). Na declaração do Pai, Jesus é anunciado como o Servo que é capacitado pela unção do Espírito para trazer justiça às nações.

Como pano de fundo para a declaração do Pai, essas passagens ressaltam duas ênfases distintas da identidade, do autoentendimento e da missão de Jesus. Ele é o Filho divino e o Servo Sofredor, um pronunciamento que lembra o sentido duplo da alusão nazarena (Mt 2.23) e que será repetido pela voz na transfiguração (17.5). [32] O Pai colocou nas mãos de seu amado Filho a missão do servo de trazer salvação às nações (Is 42.1,4). Amor e obediência sustentarão a relação e realizarão a missão, porque a vontade do Pai para o amado Filho deve incluir obediência até a cruz, quando o Filho tomar sobre si a iniquidade do seu povo (Mt 26.39,42; cf. Is 53). É aqui, no encontro com João, que Jesus começa a afirmar sua identificação com o Servo de Isaías. Peter Stuhlmacher sugere, acredito que corretamente, que Jesus decisivamente modificou "a expectativa de João a respeito do 'mais poderoso' por vir, de modo que Jesus entendeu seu próprio testemunho, o que levou à sua morte depois de muitas disputas, da perspectiva de Isaías 43.3-4 e 53.11-12". [33] Jesus continuará a ensinar aos seus discípulos esse entendimento de sua missão e de seus sofrimentos messiânicos de maneira privativa, em vários cenários, evidência daquilo que é encontrado nas predições da paixão (p. ex.,Mt 17.22 par.), na declaração sobre o resgate (Mt 20.26-28 par.), na instituição da Ceia do Senhor (Mt 26.26-28 par.) e também no relato de Lucas citando Isaías 53.12 (Lc 22.37). [34]

O início do ministério de Jesus – o Servo que cura

Ao mesmo tempo em que Jesus se identificou com as profecias do Servo de Isaías em seu batismo, ele agora realiza um ministério público de milagres que

leva adiante o cumprimento do Servo Sofredor de Isaías 53. Duas das três citações diretas de Isaías 53 nos Evangelhos são feitas aqui por Mateus (8.17, citando Is 53.4) e por João (12.38, citando Is 53.1).

Tomou as nossas enfermidades e as nossas dores levou (Mt 8.16-17; Is 53.4)

Mateus continua sua ênfase de que a vida e o ministério de Jesus são o cumprimento do Antigo Testamento (cf. 1.23, 25; 2.15, 23; 4.14), especificando que seu ministério de cura cumpre a profecia de Isaías 53.4: “Certamente, ele tomou sobre si as nossas enfermidades e as nossas dores levou sobre si”. Isso foca o papel do Servo como aquele que trará cura. O texto grego da citação de Mateus atinge o cerne do significado da profecia, na qual tanto pecado quanto enfermidade estão em vista. [35] O Servo leva a enfermidade de outros por meio de seu próprio sofrimento e morte. Mateus recorre a essa profecia para ligar o ministério de cura de Jesus ao tema da expiação substitutiva de Isaías 53. Jesus não se torna ele mesmo enfermo, mas tira e remove a enfermidade pelo seu poder de curar. Embora isso ainda não apresente explicitamente o sofrimento e a morte vicária de Jesus pelo pecado, certamente prepara o caminho para isso. [36] Jesus veio para salvar seu povo dos pecados deles (Mt 1.21), e suas curas apontam para além deles mesmos, para a cruz, e o início da nova aliança em seu sangue, que é derramado para o perdão do pecado (26.27-28). Toda enfermidade e morte estão arraigadas, basicamente, na entrada do pecado na existência humana, de modo que todo o ministério de Jesus, em sua inauguração do reino do céu, começa a reverter o ciclo de morte e sofrimento. [37]

Alguns estudiosos críticos atuais duvidam que os judeus do século 1º interpretassem Isaías 53.4 messianicamente, [38] mas textos rabínicos posteriores conheciam uma interpretação messiânica da passagem. [39] Portanto, é mais do que provável que pelo menos alguns judeus dos dias de Jesus vissem o significado messiânico do Servo Sofredor de Isaías 53, como Mateus indica. [40] Mateus torna explícito que, em Jesus, o Servo veio para tirar a enfermidade de seu povo. A plena revelação do sofrimento vicário de Jesus pelo pecado se tornará mais clara na medida em que o ministério de Jesus se desenvolver (p. ex.,20.18-19, 28; 26.27-28).

Realizando a obra de Deus (Mt 11.4-6; Is 53)

Quando João Batista foi preso e, aparentemente, ficou desiludido com o futuro do programa messiânico que tinha anunciado, ele enviou seus discípulos para inquirir a Jesus. Depois de interagir com Jesus, eles deviam relatar a João Batista que o que viram no ministério de Jesus é a indicação concreta de que Jesus, de fato, é "aquele que estava para vir" (Mt 11.3). Jesus reitera aos discípulos de João que o modo como seu ministério se desenvolveu está em harmonia com as promessas messiânicas. No ministério de Jesus são cumpridas as profecias de Jesus que descrevem o ministério messiânico vindouro nos seguintes termos: os cegos recuperam a visão (Is 29.18; 35.5; cf. Mt 9.27-31), os coxos andam (Is 35.6; cf. Mt 15.30-31), os leprosos são curados (cf. Is 53.4; cf. Mt 8.1-4), os surdos ouvem (Is 29.18-19; 35.5; cf. Mc 7.32-37), os mortos são ressuscitados (Is 26.18-19; cf. Mt 10.8; Lc 7.11-17; Jo 11.1-44) e as boas-novas são pregadas aos pobres (Is 61.1; Mt 5.3; Lc 14.13,21). Um paralelo muito próximo de Qumran relaciona essas atividades como características do futuro ministério messiânico (Apocalipse messiânico, 4Q521). [41] Esse ministério messiânico inclui exatamente as mesmas coisas que são ditas sobre Jesus.

Jesus confirma explicitamente que, no seu ministério, a era messiânica de bênção havia chegado. Mas as implicações são ainda mais profundas porque os milagres realizados por Jesus cumprem as expectativas anteriormente associadas a Deus e ao dia escatológico do Senhor. Jesus indica que veio no lugar de Deus realizando a obra de Deus. [42] É nesse tipo de passagem que podemos encontrar uma pista da identidade de Jesus, que fala dele como o ungido com o Espírito, cuja missão anunciava o reino (cf. Lc 4.16-23; cf. Is 35.5-6). [43]

O manso Messias Servo (Mt 12.15-21; Is 42.1-4)

Mateus usa sua típica fórmula de cumprimento para apresentar a mais longa citação do Antigo Testamento em seu Evangelho, que identifica Jesus com o Servo messiânico de Isaías 42.1-4. Mateus refere-se à profecia de Isaías para dar

uma das mais claras declarações sobre a intenção de Jesus como Messias: ele é o Servo sofredor bondoso, capacitado pelo Espírito, que realiza uma missão de justiça às nações. [44] A "justiça" que Jesus traz às nações combina a noção de graça e juízo que caracterizou o tema de justiça interior que acompanha a chegada do reino dos céus (p. ex.,Mt 5.20). O Servo pronunciará a chegada do reino, que é um convite à vida do reino, mas que também é uma sentença de juízo sobre os governantes deste mundo.

Esse Servo tem um comportamento inesperado. Longe de ser uma figura imponente de conquista, essa é uma descrição de um Messias Servo manso, que não exigirá lealdade descaradamente com sua proclamação de justiça, mas que gentil e humildemente convidará os mais necessitados (cf. Mt 11.28-30).

É importante, para Mateus, que Jesus cumpra o papel do Servo de Yahweh de Isaías, embora nem essa profecia, nem a cura, nem a resposta a João Batista (11.1-4) se refiram ao distintivo papel do sofrimento redentor. Como France afirma, "o ministério terreno de cura e libertação de Jesus e seu comportamento não confrontativo são não menos um cumprimento da missão do Servo do que sua morte vicária". [45]

A incredulidade dos judeus aos sinais de Jesus (Jo 12.38; Is 53.1)

Semelhantemente ao foco de Mateus na incredulidade dos líderes judeus, o Evangelho de João retoma Isaías para enfatizar que Jesus deve ser identificado com o Servo Sofredor de Isaías que não é crido (Jo 12.37-39a). Essa é uma das três citações diretas de Isaías 53 encontradas nos Evangelhos. A atenção está no fato da incredulidade dos judeus. João identifica Jesus com o Servo do Senhor em Isaías 53.1, que é o Messias. Isaías tinha relatado a grande admiração das nações à rejeição do Servo do Senhor, que foi rejeitado pelo povo, mas exaltado por Deus (cf. Is 52.13-15). A aplicabilidade dessa descrição a Jesus como o Messias rejeitado é clara. João aplica "o que ele ouviu de nós" ao ensino de Jesus, e o "braço do Senhor" se refere primariamente aos sinais miraculosos de Jesus. Toda a missão messiânica de Jesus foi rejeitada por Israel, o que tinha sido profetizado por Isaías. [46]

O ministério da paixão de Jesus – Resgate pelo sangue

A próxima grande seção de nosso estudo nos leva à narrativa de Mateus sobre a paixão e os acontecimentos que levaram a ela. O foco aqui é no ministério da paixão de Jesus como um "resgate pelo sangue".

Resgate por muitos (Mt 20.28; Is 53.10-12)

O exemplo máximo para os discípulos é a própria vida de Jesus: "Tal como o Filho do Homem, que não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos" (Mt 20.28). Como filho do Homem, no qual tinha revelado ser o Messias, o Filho de Deus (p. ex.,16.16-17), Jesus tinha voluntariamente colocado de lado sua prerrogativa de ser servido por um propósito mais elevado – servir, dando sua vida como um resgate por muitos. Essa declaração dá uma indicação explícita de sua compreensão do propósito da crucificação, que ele tinha predito que logo sofreria (16.21; 17.22-23; 20.17-19). Jesus dará sua vida como "resgate" (lu/tron), o que significa "o preço de libertação", [47] frequentemente usado como referência ao dinheiro pago para a libertação de escravos. Mas no sentido do Novo Testamento, a "redenção", ou "libertação" como um conceito teológico, está baseada na experiência da libertação de Israel da escravidão no Egito. O termo também contém uma alusão ao Servo Sofredor de Isaías 53 (cf. 53.6 e esp. 53.11-12). Não é tanto a linguagem de "serviço" que lembra Isaías 53, mas especificamente a ideia de resgate, a expressão "por muitos" e a morte vicária. A expressão de Jesus, "por muitos", no Evangelho de Mateus, que não significa "em favor de", mas "em lugar de", expressa a noção de substituição para todos aqueles que aceitarem o pagamento pelo pecado. [48] Essa declaração de Jesus é a base da doutrina da expiação substitutiva como a obra de seu sacrifício na cruz, que envolve o maior custo de todos, a vida do Filho do Homem. Isso resume o conceito que Jesus tinha de sua missão, que é o cumprimento das profecias do Servo Sofredor de Isaías 53.

A morte de Jesus cumpre a vontade de Deus (Mt 26.24; Is 53)

As “predições da paixão” de Jesus (Mt 16.21; 17.22-23; 20.17-19; 26.24) promovem o conceito de resgate da missão do Filho do Homem como aquele que cumpre a vontade de Deus por meio de sua rejeição, sofrimento e morte, porque essas coisas estão “escritas” sobre ele. Encontramos aqui uma resposta surpreendente ao enigma do Servo em Isaías. Um Messias sofredor pode ter sido derivado do pastor ferido e rejeitado de Zacarias 11–13. Mas, ecoando os pronunciamentos anteriores de Jesus sobre sua missão, a mais clara predição sobre o sofrimento messiânico no Antigo Testamento é encontrada em Isaías 53.

A primeira predição de Jesus sobre sua rejeição, sofrimento e morte vem imediatamente depois da importante declaração de Pedro sobre a identidade de Jesus como o Messias (cf. Mt 16.16-23). A missão messiânica de Jesus não foi sempre entendida por causa das percepções erradas e das expectativas errôneas do povo, dos líderes religiosos e até mesmo dos seus próprios discípulos. Por isso, Jesus qualifica a declaração de Pedro sobre sua identidade para incluir uma importante expansão: ele será um Messias que sofre e morre. Jesus tinha visto a concentração da oposição à sua missão, e é óbvio, para ele, que ele será preso e entregue à morte, assim como seu precursor, João Batista. [49]

Ao declarar que Jesus é o Messias, um lugar central deve ser dado ao sofrimento na cruz e à justificação pela ressurreição. Jesus aceita a declaração de Pedro, que deve, agora, ser suplementada com ensino explícito sobre o futuro sofrimento. [50] Que Pedro não entendeu completamente o sofrimento é indicado pelos seus esforços desajeitados para guiar Jesus. Todavia, a necessidade da cruz requer que Jesus veja qualquer tentativa de detê-lo como uma tentação diabólica. Pedro está aprendendo mais completamente que Jesus será um Messias crucificado.

Jesus faz uma predição de sua futura paixão mais três vezes (17.22; 20.18; 26.24), e a quarta e última vez é especialmente importante. Durante a celebração da Páscoa, Jesus revela o traidor: “Em verdade vos digo que um dentre vós me trairá” (26.21). Mesmo com essa infidelidade, a traição não frustra os planos de Deus, mas está dentro deles, porque Jesus declara: “O Filho do Homem vai, como está escrito a seu respeito” (26.24; veja também 26.54). A convicção divina de sua morte é afirmada pela alusão de Jesus ao que “está escrito” sobre ele, uma referência às várias profecias do Antigo Testamento sobre o Servo

sofredor, especialmente a de Isaías 53, que discutimos acima (p. ex.,Mt 8.17; 12.17-21). [51] Isso está claramente em harmonia com a declaração no Evangelho de Lucas, da única declaração formal de Isaías 53 feita pelos lábios de Jesus nos sinóticos: “Pois vos digo que importa que se cumpra em mim o que está escrito: Ele foi contado com os malfeitores. Porque o que a mim se refere está sendo cumprido” (Lc 22.37, citado de Is 53.12). Como em Mateus, em Lucas o Servo de Isaías 53 é Jesus, e a missão do Servo é uma delineação da missão do próprio Jesus.

As profecias do Antigo Testamento sobre um vindouro Servo Sofredor não eram amplamente apresentadas como uma expectativa primária nem mesmo entre os próprios seguidores de Jesus, que ficavam confusos com a possibilidade de que Jesus fosse executado. Mas Jesus mostra a verdade de que a Escritura tinha prometido a vinda de um Messias assassinado. Stuhlmacher afirma: “Jesus via a si mesmo como o ‘homem’ ou o Filho do Homem a quem Deus, em seu amor, desejava entregar para a salvação de Israel, e a u`pakoh,, ou ‘obediência’, de Jesus, louvada em Filipenses 2.8, consistiu em sua submissão à vontade de Deus (cf. Mc 14.31 par.)”. [52]

Sangue derramado por muitos (Mt 26.28; Is 53.12)

As palavras de Jesus sobre o cálice na Última Ceia, sobre seu sangue ser derramado “em favor de muitos” (Mt 26.28), usam terminologia semelhante à da declaração sobre o resgate (20.28), retomando mais uma vez ao Servo Sofredor de Isaías 53.12. Os cálices tradicionais da celebração da Páscoa oferecem outra surpreendente ilustração a Jesus para mostrar que sua vida sacrificial é o cumprimento de tudo o que o ritual histórico tinha esperado.

É amplamente aceito que foi o terceiro cálice, depois da ceia, que Jesus tomou e disse: “Isto é o meu sangue, o sangue da [nova] aliança, derramado em favor de muitos, para remissão de pecados” (Mt 26.28). O terceiro cálice era comumente chamado de cálice de redenção, correspondendo à terceira promessa de Deus: “vos resgatarei com braço estendido e com grandes manifestações de julgamento” (Êx 6.6). A morte do cordeiro pascal e a unção das portas com seu sangue abriram o caminho para a redenção do povo de Deus do Egito, mas o

derramamento do sangue de Jesus, que esse cálice prenuncia, abre o caminho para a redenção de toda a humanidade, por meio de um novo relacionamento pactual com Deus. [53]

Com essa declaração, Jesus indica que está instituindo o cumprimento da nova aliança que foi prometida ao povo de Israel. Dessa nova aliança, o profeta Jeremias falou especialmente sobre o perdão de pecados (Jr 31.31, 34). O profeta Ezequiel, do mesmo modo, falou do perdão que acompanharia a nova aliança, mas deu atenção também à transformação pessoal daqueles que responderam à sua inauguração (Ez 36.26-27). [54]

Como o cumprimento das profecias de um Messias crucificado, Jesus derramará o seu sangue como servo que é, o sacrifício voluntário para levar os pecados da humanidade (Mt 26.28). Ele é o cumprimento do simbolismo do cordeiro pascal quando se torna o Servo do Senhor que leva os pecados da humanidade (Is 53.12). Os acontecimentos da cruz não são agradáveis. São sangrentos. E as sensibilidades atuais querem limpá-los para torná-los mais palatáveis. Mas fazer isso minimiza o horror do pecado e de sua penalidade eterna, que torna necessária uma punição sangrenta. Os acontecimentos dessa seção apontam para frente, para a crucificação, exigindo que nos esforcemos para entender a profunda necessidade de Jesus, o Servo sacrificial, como um Messias crucificado.

Jesus ficou em silêncio (Mt 26.63; 27.12-14; Is 53.7).

Quando as testemunhas foram levadas para fazer falsas acusações contra Jesus em seu julgamento perante o Sinédrio, Jesus não respondeu. Essas acusações patentemente distorcidas não podiam ser respondidas, porque tudo o que ele dissesse para se defender seria ainda mais distorcido. Por isso, Jesus permaneceu em silêncio (Mt 26.63a). Mas esse foi “um silêncio soberano”. [55] Durante toda essa longa noite Jesus tinha falado sobre a divina inevitabilidade desses acontecimentos. As Escrituras profetizaram sobre eles e a vontade do Pai os estava superintendendo. O tema do silêncio é observado pelos evangelistas várias vezes durante os julgamentos. Ele cumpre a profecia de Isaías 53.7. O silêncio de Jesus coloca a responsabilidade pela sua morte sobre seus

acusadores, que distorceram a verdade.

E quando Jesus foi levado perante Pilatos, a acusação que os judeus fizeram contra ele não tinha nada a ver com a suposta blasfêmia pela qual o Sinédrio o tinha condenado. Jesus reconhece que o julgamento é uma fraude, sem qualquer vestígio de justiça, por isso ele não honra a pergunta com uma resposta (Mt 27.14). O silêncio de Jesus mais uma vez traria à mente dos leitores de Mateus o silêncio do Servo, em Isaías 53.7. Jesus havia declarado sua identidade como o verdadeiro Messias, o Rei de Israel, e não precisa dizer mais nada.

Na narrativa da paixão, Mateus nos leva ao próprio cerne de seu Evangelho sobre Jesus, o Messias. A narrativa da crucificação culmina num tema crucial desse Evangelho: um tema que marca o propósito central de todo o ministério terreno de Jesus – Jesus traz salvação do pecado. Para os leitores de Mateus, as passagens do Antigo Testamento que tinham falado tão obscuramente sobre um Servo Sofredor que traria perdão de pecados são, agora, claras como cristal (p. ex.,Is 42.1-4; 52.13–53.12). Essas passagens apontam para a crucificação de seu Messias, que traria verdadeira redenção em seu sacrifício na cruz. Mateus narra esses acontecimentos de modo vívido, cru, com pouco comentário sobre o significado deles. Mas, para seus leitores, o significado é claro – Jesus é o Messias crucificado que morre sobre a cruz e liberta o seu povo por meio de um horror inimaginável, pelos pecados deles e no lugar deles. Melancolicamente, com a mais profunda tristeza, mas com alegria inimaginável, vemos nosso Salvador ir para a cruz como o Servo Sofredor de Isaías 53.

Sepultamento e ressurreição de Jesus – Mestre transformador

As alusões finais a Isaías 53 nos Evangelhos são associadas ao sepultamento de Jesus, mas a cena da ressurreição também é importante.

Sepultado em associação com um homem rico (Mt 27.57; Is 53.9)

Depois da crucificação de Jesus, seu corpo sem vida foi tirado da cruz e José de Arimateia pediu o corpo a Pilatos (Mt 27.58). A posição elevada de José na sociedade judaica lhe permitia acesso a Pilatos, a quem ele pediu o corpo de Jesus para que pudesse lhe dar um sepultamento adequado.

Como José era rico, ele tinha recursos para comprar um túmulo recém-escavado, que se torna o cumprimento do local adequado para o sepultamento de Jesus. [56] Somente Mateus menciona que José era "rico", talvez para observar intencionalmente que o sepultamento de Jesus cumpre a profecia do Servo Sofredor, que imerecidamente foi associada com aqueles que eram ímpios e tinham obtido riqueza indevidamente (Is 53.9). [57] O rico sepultamento do corpo de Jesus no túmulo novo de José fornece uma alusão final ao destino do Servo Sofredor de Isaías, que, do mesmo modo, em sua morte, "com o rico esteve" (Is 53.9). [58]

Nada é dito sobre como José obteve sua riqueza, mas a aplicação referente a ele é uma reviravolta irônica sobre como um verdadeiro discípulo de Jesus com riqueza pode ser exemplar. O ministério de Jesus como o Servo transformou todos que se relacionaram com ele, independentemente do seu passado. A coragem de José em pedir o corpo, e seu serviço a Jesus são exemplares daquilo que um discípulo deve fazer. Ele é um exemplo adequado para os discípulos que tinham abandonado Jesus (Mt 26.56). [59] Sendo um rico e justo membro do Sinédrio, seguir Jesus não devia ser algo fácil para ele, mas, quando todos os discípulos fugiram, ele se apresentou para dar a Jesus um sepultamento adequado. [60]

Ele verá e será visto (Mt 28.1-17; Is 53.10)

Embora Mateus não faça uma alusão intencional ao Servo de Isaías 53 em sua narrativa da ressurreição, um pensamento final emerge de Isaías 53.10. Por que essas coisas aconteceram ao Servo? Elas não foram acidentais; foram do plano de Deus. Que bom pai gostaria que seu filho fosse esmagado? Isso só é possível se houver algum bem inquestionavelmente maior a ser obtido. Oswalt diz: "é quando a 'vida' do Servo é oferecida como uma oferta pelo pecado que o propósito de Deus em trazê-lo para esse lugar é realizado. Então, a injustiça de

ser privado dos filhos e uma longa vida serão retificadas". [61] Quer Isaías pretenda falar da ressurreição ou não, é somente do outro lado da morte do Servo que essa libertação pode ser percebida. [62]

O capítulo final de Mateus é o clímax da surpreendente história de Jesus, o Messias, que cumpre a surpreendente profecia de Isaías 53. Ele foi concebido de um modo miraculoso, como o Salvador divino do seu povo, mas viveu em condições humildes, como um nazareno. Ele viveu uma vida sensacional no poder do Espírito, anunciando a chegada do reino dos céus, mas foi rejeitado pelo seu próprio povo. Ele veio como Servo para trazer redenção a muitos, mas somente por meio do resgate de sua vida e do derramamento de seu sangue. Ele foi, de fato, levantado e exaltado, mas apenas porque tinha sido tragicamente traído pelo seu próprio povo e crucificado. Seria esse o fim da história? Na verdade, não. Jesus, o Messias, é encontrado fora do túmulo. Mateus diz, de modo convincente, que a única explicação para o túmulo vazio é que Jesus tinha ressuscitado, exatamente como havia predito. E é nesse sentido que Jesus continua a cumprir a promessa de um Servo Sofredor que proporcionará libertação para todos que creem nele e, assim, "a vontade do Senhor prosperará nas suas mãos" (Is 53.10).

CONCLUSÃO

A opinião de grande parte da erudição crítica atual é que a igreja primitiva, incluindo os evangelistas, aplicou a Jesus as profecias de Isaías 53 numa tentativa de entender sua crucificação e morte, mas que Jesus nunca se viu como o cumprimento do Servo de Isaías. [63] Nossa conclusão é exatamente o oposto. O entendimento que Jesus tinha de sua missão e de sua morte à luz de Isaías 53 foi a raiz do entendimento da igreja primitiva. Jesus adotou a interpretação messiânica geral de Isaías 53 corrente no judaísmo do Segundo Templo, mas entendia seus sofrimentos de modo totalmente independente da tradição predominante. Ele entendia seu sofrimento à luz da Palavra de Deus dada a ele em Isaías 43.3-4; 53.11-12. Depois da conclusão da missão de Jesus na cruz e na ressurreição, o cântico do Servo Sofredor foi aplicado a ele pela igreja primitiva, sob o ensino que o próprio Jesus tinha dado aos seus discípulos. [64] O entendimento que Jesus tinha de sua missão como o Servo foi cumprido

em todo o curso de obediência na realização da vontade de seu Pai. Thomas Torrance afirma claramente:

E, assim, ao longo de sua vida obediente até o jardim do Getsêmani e a oração que fez ali, com clamor e lágrimas, “não seja como eu quero, e sim como tu queres”, foi, finalmente, nessa paixão que ele cumpriu o papel do Servo Sofredor e o selou com seu sangue na cruz. [65]

Esse era o entendimento que Jesus tinha de si mesmo, e a base para o entendimento da igreja primitiva sobre seu Messias e o Servo Sofredor de Isaías 53.

5

ISAÍAS 53 EM ATOS 8

Darrell Bock

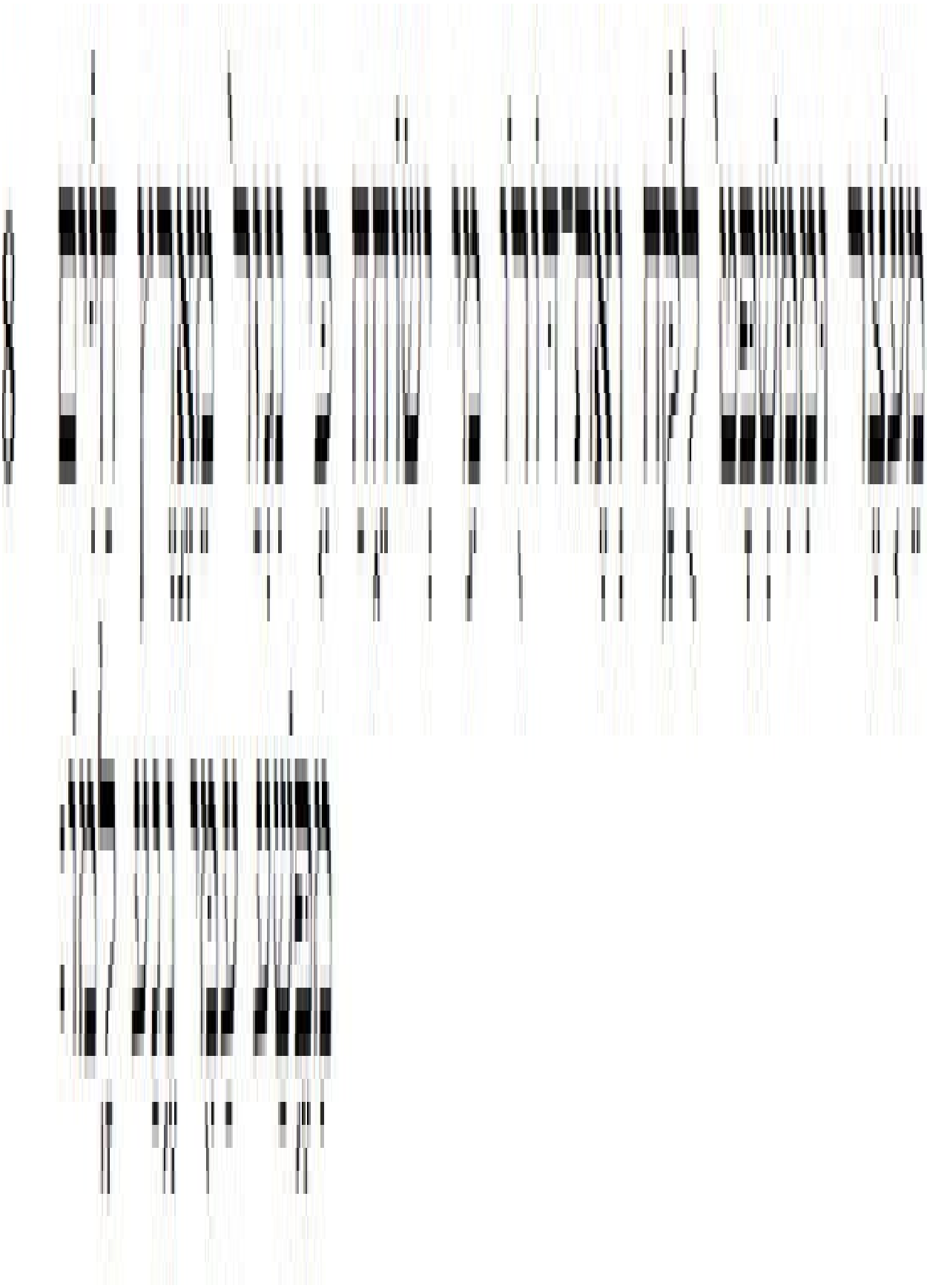
A citação de Isaías 53.7-8 em Atos 8 é um uso importante que o Novo Testamento faz desse capítulo fundamental das Escrituras Hebraicas. Essa é a mais longa citação de uma passagem em Atos e a única que o narrador fornece no livro. [01] Embora Isaías 53 seja conhecido nos círculos cristãos por sua relação com o sofrimento pelo pecado, não é assim que a passagem é usada ali. Outros pontos são tratados explicitamente, mas o papel do capítulo em Lucas-Atos mostra que, ao enfatizar a morte de Jesus, nos termos de servo, há um uso profundo do texto que pode ser mal apreciado.

Quando encontramos Filipe em Atos 8, a igreja de Jerusalém tinha sido dispersa como resultado da perseguição que se seguiu ao martírio de Estêvão. Algum tempo depois, o Espírito o envia para a estrada de Jerusalém a Gaza, onde ele encontra um eunuco etíope lendo o livro de Isaías, capítulo 53. É nesse contexto único de material não falado e não litúrgico que recebemos a segunda citação explícita de Lucas-Atos extraída de Isaías 53. [02] A citação é dos versículos 7-8. Começamos com uma discussão do contexto veterotestamentário específico desses versículos, tanto com respeito ao uso do hebraico versus o texto da LXX, quanto com respeito ao seu significado, antes de examinarmos seu uso em Atos 8, no contexto de Lucas-Atos.

ISAÍAS 53.7-8 NA ESCRITURA HEBRAICA E NA LXX

Texto hebraico de Isaías 53.7-8





Texto da LXX de 53.7-8

(7) kai. auvto.j dia. to. kekakw/sqai ouvk avnoi,gei to. sto,ma w`j pro,baton evpi. sfagh.n h;cqh kai. w`j avmno.j evnanti,on tou/ kei,rontoj auvto.n a;fwnoj ou[twj ouvk avnoi,gei to. sto,ma auvtou/.

(8) evn th/| tapeinw,sei h` kri,sij auvtou/ h;rqh, th.n genea.n auvtou/ ti,j dihgh,setai o[ti ai;retai avpo. th/j gh/j h` zwh. auvtou/, avpo. tw/n avnomiw/n tou/ laou/ mou h;cqh eivj qa,naton.

Uma comparação do Texto Massorético (TM) de Isaías 53.7-8 com sua tradução na LXX revela duas claras mudanças. A razão para examinarmos tais diferenças é perguntar se a cena descrita em Atos 8 requer um texto grego, para que os pontos da passagem sejam apresentados. Que um eunuco etíope pudesse ler uma versão mais próxima da LXX não é culturalmente surpreendente, mas essa associação do Servo com Jesus é algo que se torna mais possível se recorrermos à LXX? Examinaremos cada mudança por sua vez. [03]

(1) O hebraico, no versículo 8a, fP*v=M!m!W rx#u)m@ (“por juízo opressor”), é traduzido no grego por evn th/| tapeinw,sei h` kri,sij auvtou/ (“em humilhação seu juízo”). Literalmente, o hebraico traduz algo como “da restrição e do juízo”. Isso é comumente visto como referência à prisão e julgamento ou alguma combinação relacionada a aprisionamento e julgamento. [04] O Servo é tratado como um criminoso, algo também afirmado no uso de Isaías 53.12 em Lucas 22.37. No contexto de Isaías 53.7-8, nuances de injustiça contra o Servo entram no significado do texto, muito embora Clines descreva o significado preciso do hebraico como “problemático”, em que não é possível alcançar “certeza” de tradução. Diante dessa expressão semítica difícil, os tradutores gregos aparentemente optaram por um texto explicativo e estilisticamente mais simples. Os tradutores da LXX optaram por traduzir a frase como “seu julgamento em/por humildade/humilhação”. A justaposição de julgamento, inocência e o estado humilde de sua situação são apresentados mais claramente por essa

tradução, em que o impacto da injustiça como humilhação é enfatizado, embora seja importante apreciar que todos esses conceitos também estão presentes no contexto semita. [05]

(2) A segunda mudança é encontrada na tradução, no versículo 8b, de rz^g=n] myY]j^ Jr#a#m@ (“ele foi cortado da terra dos viventes”) para ai;retai avpo. th/j gh/j h` zwh. auvtou/ (“sua vida foi tirada da terra”). A expressão hebraica é uma expressão que significa morte (Sl 88.5[6, TM]; com diferentes verbos: Jr 11.19; Sl 52.5[7, TM]). [06] Novamente, a LXX simplificou estilisticamente e explicou a construção, mas sua tradução ainda descreve a morte, embora talvez menos explicitamente até que se assimile todo o contexto de Isaías 53, especialmente o versículo 12c. [07] Assim, ambas as mudanças refletem a mesma interpretação contextual do texto semita nesses versículos. O Servo sofre injustamente, provavelmente envolvendo uma morte injusta.

Três problemas interpretativos cercam o texto hebraico original. A questão mais importante é se os sofrimentos do Servo significam que ele está morrendo. Clines considera a questão como discutível. [08] O argumento contra a morte sendo apresentada nessa passagem de Isaías foi defendido por G. R. Driver, J. Alberto Soggin e R. N. Whybray. [09] Driver em particular tentou mostrar que não há referência, nessa passagem, que requeira inequivocamente o sentido de morte. Essa interpretação da passagem foi contestada. [10] Payne, em particular, mostrou que o ônus ainda está sobre o intérprete que alega que a morte não está em vista. [11] Ele também argumenta que a referência completa a ser “cortado da terra dos viventes” é uma referência inconteste à morte do Servo. [12] Quando se considera que somente nessa passagem de Isaías 52.13–53.12 até oito referências podem fazer alusão a descrições de morte ou expiação, Payne certamente está correto em dizer que a evidência favorece a interpretação da morte do Servo nessa passagem. [13]

O segundo problema interpretativo é o já mencionado problema da referência exata da expressão “de restrição e de julgamento”, particularmente na tradução da LXX como humildade (“em humilhação”). O texto fala de submissão ou de humilhação? Ou de ambas? A referência ao silêncio do Cordeiro parece favorecer a primeira (v. 7). A injustiça de seu julgamento e de sua morte parece sugerir a segunda (v. 8a,9). Assim, todo o contexto de Isaías sugere que a referência à humildade é ampla e inclui a circunstância humilde em que o Servo se encontra e sua total submissão a essa situação. Ambos os elementos estão presentes nos contextos semita e grego.

O terceiro problema interpretativo é a força exata da referência a “sua geração”. Essa é uma referência à interrupção de sua linhagem de descendentes, à falta de consideração pelo seu destino (como é sugerido pelo termo equivalente em acadiano) ou aos contemporâneos que o mataram? [14] A maioria parece preferir o segundo significado como o mais provável. É difícil ter certeza da nuance exata aqui. Westermann provavelmente está correto ao dizer que o sentido geral é claro – “ninguém se preocupou com ele”. [15] A resolução desse problema não é significativa para Atos 8. Há indiferença em relação ao Servo e ao seu destino, independentemente da interpretação adotada.

Um último ponto a ser observado sobre o contexto de Isaías 53 é que, embora essa passagem descreva a morte do Servo, ela também declara sua justificação. Na verdade, a defesa para esse sofrimento, no entanto, é concebida e enfatizada se considerarmos a unidade inteira (52.13-15; 53.10-12). O modo de justificação não é descrito em detalhes; a justificação é simplesmente afirmada com firmeza. Temos confiança de que a morte (ou o sofrimento injusto) não é o último estágio do destino do Servo, mas a exata natureza da justificação não é apresentada explicitamente na passagem do Antigo Testamento. Não há dúvida, contudo, da certeza da justificação.

Nossos dois versículos, em seu contexto veterotestamentário, descrevem a morte inocente e submissa do Servo. Essa morte envolve injustiça e produz uma situação humilhante que surge da morte chocante de alguém que era inocente. Ninguém está interessado nos vergonhosos acontecimentos que cercam essa figura, porque ela é rejeitada – e, provavelmente, morta. Silenciosamente, como um cordeiro levado ao matadouro, ele encara a morte. Esse é o significado de Isaías 53.7-8 em contexto, tanto na Escritura Hebraica, quanto na LXX, embora seja um pouco mais claro no hebraico. Assim, os textos são suficientemente semelhantes para que a associação seja possível em qualquer deles. Como, então, Isaías é usado em Atos 8? Antes de examinar Atos 8 e seu contexto, examinaremos as palavras da citação de Isaías em Atos 8.

ISAÍAS 53.7-8 EM ATOS 8

A cena em Atos 8 é muito simples em certo nível. Filipe tinha sido conduzido

pelo Espírito a um homem, um eunuco etíope que estava viajando de volta para casa pela estrada de Jerusalém a Gaza. Em sua carruagem, ele estava lendo Isaías 53. Ele pergunta a Filipe se os versículos 7-8 se referem ao próprio profeta ou a outra pessoa. A resposta é que Filipe começou, com essa Escritura, a contar ao homem as boas-novas sobre Jesus. Muitas perguntas interessantes sobre essa passagem giram em torno da origem étnica do homem, o que significa o termo "eunuco" e o que ele poderia ter ido fazer no templo em Jerusalém. [16] Com toda probabilidade, esse homem, sendo fisicamente castrado, não teria pleno acesso ao templo (Dt 23.1; 1QS^a 2:5-6). [17] Ele é um judeu da diáspora ou, talvez mais provavelmente, um temente a Deus. Os eunucos, no escaton, serão recebidos de volta à plena adoração (Is 56.3b-5). Ele é, provavelmente, visto como vivendo nos confins da terra por Lucas. [18] Provavelmente, ele foi atraído a essa passagem por causa da "humilhação" da figura no texto, algo que seu acesso restrito ao templo tornaria relevante para ele. [19] A justificação feita por Deus a alguém visto como marginal pode ter sido emocionalmente intrigante para o eunuco.

A passagem citada em Atos 8 é descrita pelo termo perioch, (geralmente traduzido como "passagem"). Essa palavra se refere a um muro como uma fortaleza (1Sm 22.4-5 [LXX]; 2Sm 5.7, 9, 17 [LXX]), mas, ao se referir a um texto, significa uma unidade literária. Atos 8.32 é o único lugar do Novo Testamento em que esse termo grego aparece. O fato de Filipe começar aqui com Isaías 53.7-8 aponta que era muito provável que esses versículos estivessem em vista na discussão. A questão não é tanto sobre os detalhes, mas sobre a figura que a imagem do Servo descreve. Considerando que o que sabemos sobre Isaías 53 foi transmitido em termos de fraseologia textual, o que encontramos em Atos 8?

A passagem de Atos 8 apresenta duas mudanças em relação à passagem da LXX de Isaías 53.7-8. Uma delas, a possível edição de auvtou/ ("seu") antes de h` kri,sij ("juízo"), no versículo 8, é uma questão textual. A evidência de testemunhos externos antigos (p, N, A, B, 1739 omitem) favorece sua exclusão. Todavia, a probabilidade transcricional favorece sua inclusão, já que a remoção desse primeiro uso de auvtou/ em Atos 8.33 colocaria o texto em conformidade com a LXX. [20] O sentido do texto é pouco alterado pela questão. A inclusão de auvtou/ serve para enfatizar, um pouco mais que sua omissão, a natureza pessoal do julgamento humilhante contra o Servo. Assim, a resolução da questão, que é difícil, é de pouca importância para o significado geral da passagem.

A leitura neotestamentária de kei,rantoj (“tendo tosquiado”) para a leitura da LXX, kei,rontoj (“sendo tosquiado”), também é uma mudança estilística que dá uma leve nuance de conclusão da símile, que corresponde à natureza passada do acontecimento ao qual Isaías se refere. Nenhuma dessas mudanças nos dá qualquer pista sobre alguma origem semita ou grega desse texto na tradição da igreja primitiva. A citação reflete muito de perto o texto da LXX, mas, nesse ponto, uma observação é importante. A discussão entre o eunuco e Filipe é sobre a figura apresentada na passagem, não sobre os detalhes da passagem. A questão fundamental gira em torno de quem é apresentado na passagem: o profeta ou outra pessoa. Por isso, a imagem como um todo é abrangida na descrição, que é o ponto de interesse, não tanto os detalhes do sofrimento e da morte. O Servo descrito na passagem é aquele que sofreu e, provavelmente, teve uma morte injusta. Ele enfrentou isso de maneira submissa e silenciosa. Quem é essa figura e que diferença isso faz?

Quando chegamos ao significado dessa passagem e à classificação do seu uso em Atos 8, a questão que surge é se o uso é conceitualmente dependente da LXX. [21] Em particular, três elementos do texto da LXX são citados como tendo dado um novo sentido, à luz dos dos eventos do Novo Testamento, que tornam apenas a LXX adequada para a citação. [22] Os elementos são evn th/| tapeinw,sei (“em sua humilhação”), th.n genea.n (“geração”) e ai;retai... h` zwh. auvtou/ (“sua vida... tirada”). Eis como essas três mudanças são vistas: (1) A maioria dos intérpretes vê uma mudança de ênfase na primeira alteração de humilhação para submissão, como a que é expressa em Filipenses 2.7. (2) A referência a “geração” nessa passagem geralmente é interpretada, agora, para fazer referência aos descendentes espirituais de Jesus, não à falta de atenção de seus contemporâneos ao seu estado. [23] (3) O uso de ai;retai é interpretado como referindo-se ou à ressurreição de Jesus ou, mais frequentemente, à sua ascensão/exaltação, não à sua morte. [24] Assim, o texto do Antigo Testamento, e em particular a versão da LXX usada em Atos 8, é visto como “eisegetado”, à luz dos acontecimentos em torno de Jesus.

Contudo, é impossível saber como essa passagem foi explicada em seus detalhes, pois nenhuma exegese do texto é apresentada, além da identificação da figura descrita ali como Jesus. Essa passagem pode ter sido usada e exposta da maneira sugerida acima ou como uma descrição da morte de Jesus. Como nosso texto é silencioso sobre como os detalhes foram entendidos, também devemos manter silêncio. O que foi importante para Lucas foi a identificação do Servo Sofredor com Jesus e a descrição geral da passagem como o sofrimento de Jesus.

O uso deste texto para essa identificação não requer o texto da LXX, embora a forma do texto na LXX possa ter proporcionado essa exposição. Gastamos muito tempo nessa questão porque outros têm dado muito valor ao argumento de que somente o texto da LXX poderia ser usado aqui. Nosso ponto de vista é que a explicação de Filipe pode ter sido dada com base no texto hebraico ou no texto da LXX.

Assim, o que está acontecendo em Atos 8 e o que emerge disso, seja daquele episódio considerado isoladamente, seja da cena lida como parte da narrativa de Lucas-Atos? Morna Hooker está correta ao enfatizar que o ponto central desses versículos de Isaías é destacar a humilhação e o sofrimento inocentes do Servo Jesus em sua morte. [25] Esse tema repete o tema anterior por trás da citação de Isaías 53 em Lucas 22.37. A passagem de Atos 8 torna explícita o que a passagem de Lucas 22 tinha deixado implícito, isto é, a clara identificação de Jesus como o Servo Sofredor, aquele que sofreu e morreu injustamente. Diante de toda a linguagem do servo e das alusões feitas por Lucas, essa conclusão não deve surpreender o leitor. No entanto, não se pode esquecer que essa morte é especial, cheia de injustiça e de representação. Não estamos discutindo meramente uma morte injusta aqui, mas da morte por muitos pecadores e por seus pecados. Isaías 53 é uma passagem única na Escritura Hebraica a esse respeito. [26] Normalmente, nesses textos sagrados, as pessoas assumem a responsabilidade pelo seu próprio pecado, mas o choque dessa morte injusta é que ela é sofrida com o objetivo de lidar com o pecado de outros. Aliás, isso é parte daquilo que faz a morte tão chocante e aparentemente injusta. Argumentar que Filipe, Lucas ou a igreja primitiva estavam interessados apenas na natureza injusta da morte do Servo, e não no motivo pelo qual ela foi sofrida, é separar algo que eles deviam ter visto como juntas, como na tradição da Última Ceia – que Jesus tem que morrer pelos “muitos” – indica, com sua alusão a Isaías 53.11-12 (com suas duas referências aos muitos). Portanto, falar desse sofrimento injusto, e único, é invocar o que fez com que ele acontecesse. Não se pode ter o Servo sofrendo injustamente sem também examinar por que ele sofreu tudo isso em silêncio.

O uso da imagem do servo em Isaías retorna ao início do ministério de Jesus. A voz no batismo ministrado por João faz alusão a Isaías 42.1 ao falar de Jesus como aquele em que Deus se compraz. Jesus foi chamado de servo de Deus em Atos 3.13, 26; 4.27, 30, mas em nenhuma dessas passagens fica claro se estamos falando do Servo de Isaías ou de um título mais genérico. A segunda hipótese é possível, dado o uso do termo em outras passagens de Lucas para fazer

referência a vultos de Israel (Lc 1.54) e a Davi (Lc 1.69; At 4.25). No entanto, em Atos 3.13, a justaposição de “servo” com a ideia de que Deus glorificou seu Servo aponta para o tema central de justificação da passagem. Quando isso é ligado ao fato de que o Jesus de Atos 3 é visto como uma figura única no plano de Deus, então torna-se provável que é o Servo de Isaías que está sendo invocado, especialmente pelo fato de que, no relato da paixão em Lucas, aparece uma citação de Isaías 53, quando Jesus é contado entre os criminosos (Lc 22.37). Provavelmente, Lucas tem o Servo de Isaías 53 em mente quando aplica esse título a Jesus. [27]

Essa glorificação justaposta à injustiça da morte de Jesus é interessante, devido ao uso anterior que Lucas faz do tema da morte injusta de Jesus. Normalmente, a injustiça não conduz à glorificação. A descrição que Lucas faz do sentenciamento e da morte de Jesus em Lucas 23 enfatiza o quanto sua morte foi injusta, nas muitas vezes em que sua inocência é afirmada por aqueles que o examinavam, culminando na observação feita pelo centurião de que Jesus era mesmo di,kaioj (“justo”), em sua morte (Lc 23.47). Esse termo, que aparece somente no relato lucano da Paixão, pode ser traduzido como “justo” ou “inocente”. De qualquer modo, ele conclui a cena da morte de Jesus com a ênfase de que sua morte foi imerecida. Em outras palavras, o modo como Lucas contou a história de Jesus nos prepara para o que Filipe compartilha aqui.

Ora, o desenvolvimento feito por Lucas da explicação dada por Filipe deixa claro como o cristal que essa passagem se refere somente a este Jesus, com esta plenitude, muito embora Lucas esteja consciente de um sentido mais coletivo e inclusivo da imagem do servo, como a aplicação da imagem do servo a Paulo e Barnabé mostra, em Atos 13.47. [28]

A classificação de Rese do uso dessa passagem de Isaías em Atos 8 como meramente hermenêutica está, certamente, longe do alvo aqui. [29] Lucas está fazendo mais do que usar a linguagem de Isaías para explicar o que Jesus fez. De que outra maneira Jesus poderia ser visto como a pessoa que foi descrita num texto escrito séculos atrás, a não ser que a profecia e o cumprimento estivessem em vista, especialmente em um autor que enfatiza o plano de Deus, considerando que as Escrituras ensinam coisas como o sofrimento do escolhido (Lc 24.43-47)? Esse ponto fica particularmente claro quando a explicação do cumprimento do texto é apresentada em resposta à pergunta se Isaías 53 refere-se ao próprio profeta ou a alguma outra pessoa (At 8.34). Mais uma vez, Jesus é proclamado e explicitamente identificado como o cumprimento de uma passagem profética do

Antigo Testamento. Essa passagem deve ser classificada como um cumprimento profético explícito. [30] O sofrimento injusto e a morte do Servo, sofridos silenciosamente em meio à rejeição, em favor até mesmo daqueles que o rejeitaram, é o que Lucas quis que o leitor de Atos percebesse e o que Filipe quis que o eunuco entendesse. Isso nos leva ao “e daí” dessa passagem. Por que é importante avaliar com precisão essa passagem?

ISAÍAS 53 EM ATOS 8: POR QUE ISSO É IMPORTANTE

Nossa passagem é importante porque enfatiza um ponto que Lucas ama apresentar sobre Jesus. Não apenas Jesus é a figura descrita e predita com séculos de antecedência, mas também a aparente incongruência de sua morte. Justapor a humilhação de Jesus em uma injusta crucificação com a vindicação de Deus na ressurreição de Jesus mostra onde está o voto de Deus na disputa sobre quem é Jesus. Sua vergonha era, na verdade, uma parte da obra divina para pagar um preço, mesmo por aqueles que o rejeitaram. Sua morte como um resgate pelo pecado vincula Jesus a todos nós, potencial e realmente. Potencialmente, Jesus declarou o modo de remover a culpa e a contaminação, além disso, ele concede o dom da vida eterna por intermédio do Espírito de Deus, removendo o obstáculo que o pecado gera entre o povo e Deus. A aplicação dessa remoção requer que aceitemos o dom da obra de Deus por meio de Jesus, pedindo que seu perdão seja aplicado especificamente a nós. Esse pedido, como uma lavagem cerimonial judaica, purifica e remove a contaminação e abre a porta para voltarmos à comunhão com Deus, assim como uma lavagem permitia que um adorador no templo voltasse ao templo. Somente nesse caso, quando se aplica pela fé o que Jesus potencialmente forneceu pela sua morte, Deus também nos dá o seu Espírito para nos marcar para uma nova vida, e nos põe em uma relação permanente e restaurada com ele. Isso foi exatamente o que aconteceu ao eunuco quando recebeu o que a passagem de Isaías o fazia considerar. Nossa passagem termina com o eunuco pedindo para ser batizado. Esse ato simboliza a purificação e a entrada na nova vida, resumidas acima. Segundo o versículo 36, o eunuco tinha apenas uma pergunta para Filipe, depois da explicação sobre Isaías 53, o Servo e Jesus. É a pergunta que mostra por que essa passagem é tão importante. Ele perguntou: “Que impede que eu seja batizado?” A resposta de Filipe foi que nada o impedia de ser purificado por aquilo que o Servo de Deus

fez. Dessa maneira, o eunuco foi batizado, retratando como a purificação e a nova vida que Jesus tinha dado, de forma potencial, tinha sido recebida real e pessoalmente. Não há melhor aplicação da importância dessa passagem e do que ela ensina sobre o Servo de Deus, Jesus, o Messias. Injustamente humilhado, ele tomou o nosso lugar, de modo que podemos experimentar purificação e nova vida com Deus, algo apresentado por Deus, que Jesus tinha feito, ao ressuscitá-lo dos mortos e colocá-lo ao seu lado, no céu. O eunuco viu que isso era verdade. Há muito a aprender sobre a resposta do eunuco – e muito a ganhar.

6

ISAÍAS 53 NAS CARTAS DE PEDRO, PAULO, HEBREUS E JOÃO

Craig A. Evans

Isaías 53 faz uma importante contribuição para as teologias de Pedro, Paulo, Hebreus e João. [01] A contribuição dessa passagem para a maioria das chamadas Epístolas Gerais, às quais as epístolas de Pedro são geralmente atribuídas, é relativamente pequena. As tabelas a seguir fornecem um panorama.

Pode-se observar que, nas primeiras duas tabelas, incluí uma ocorrência de Isaías 52.7, que, é claro, está fora de Isaías 52.13–53.12. [02] Devo explicar. Nas tabelas anteriores, observamos que, nas duas vezes em que Isaías 52.7 aparece, ele está em proximidade com um ou dois versículos de Isaías 53. No caso de Paulo, Isaías 52.7 é citado em Romanos 10.15, seguido por uma citação de Isaías 53.1 no versículo seguinte (i.e.,Rm 10.16). No caso de Pedro, há uma alusão a Isaías 52.7 no discurso à família de Cornélio (At 10.34-43, aqui, v. 36) e, alguns versículo depois, há uma alusão a Isaías 53.1, 5-6 (i.e.,At 10.43). Esses exemplos são evidência de algum tipo de associação de Isaías 52.7 com o hino do Servo Sofredor? Os intérpretes judeus da antiguidade associavam Isaías 52.7 a esse hino?

Acredito que há evidência da associação de Isaías 52.7 com o hino do Servo Sofredor, além do que acabou de ser observado nas tradições paulina e petrina. Tem sido sugerido que Isaías 52.7-12 pode ter sido entendido como uma introdução ao hino do Servo Sofredor. Os sinais marginais nos manuscritos hebraicos dão apoio a essa sugestão. Vemos isso em 1QIsa^{a} col. 43, em que um sinal proeminente em forma de chapéu aparece na margem direita de Isaías 52.7. [03] Embora seu significado seja incerto, esse elemento do manuscrito provavelmente indica o início de uma nova seção. A paragrafação apoia essa

interpretação, pois a linha anterior (i.e.,a última parte de Is 52.6) termina com um espaço em branco de cerca de um terço de linha, indicando o fim de uma seção. Uma marca ou sinal mais simples na margem direita do col. 44 separa 52.15 de 53.1. [04] A paragrafação de toda a passagem é 52.7-12; 52.13-15; 53.1-8; 53.9-12.

Citações e ecos de Isaías 52.13–53.12 em Pedro	
Isaías	1 Pedro e Pedro em A
52.13	Atos 3.13 (Pedro); 4.
53	1 Pedro 1.11
53.4	1 Pedro 2.24
53.5	1 Pedro 2.24
53.1, 5-6 (+ 52.7)	Atos 10.43 (Pedro) (+
53.6	1 Pedro 2.25
53.7	1 Pedro 2.23
53.9	1 Pedro 2.21-22; 4.1
53.12	1 Pedro 2.24
Citações e ecos de Isaías 52.13–53.12 em Paulo	
Isaías	Paulo
52.15 (+ 64.4)	Romanos 15.21; 1 Co
53.1 (+ 52.7)	Romanos 10.16 (+ R
53.4-5	Romanos 4.25
53.7	1 Coríntios 5.7
53.8-9	1 Coríntios 15.3
53.11	Romanos 5.19
Citações e ecos de Isaías 52.13– 53.12 em Hebreus e João	

Isaías	Hebreus e Escritos jc
53.1	João 12.38
53.6-7	João 1.29
53.10	1 João 3.5
53.12	Hebreus 9.28

No TM, um grande s^m#K (de seder) aparece na margem direita de Isaías 52.7 e um s^m#K menor aparece na margem esquerda, na conclusão do versículo 12. Um pequeno s^m#K também aparece na margem esquerda, na conclusão de 53.12. [05] No Códex Leningrado, 52.13 começa um novo parágrafo e 54.1 começa um novo parágrafo, testemunhando, assim, o entendimento de que Isaías 52.13–53.12 compõe uma unidade literária que, com 52.7-12, cai sob um tópico mais amplo. [06] Do mesmo modo, tanto o Grande Rolo de Isaías de Qumran quanto o TM parecem interpretar Isaías 52.7-12 e 52.13–53.12 como duas unidades relacionadas, talvez com 52.7-12 apresentando o hino. [07] John Watts observou, corretamente em minha opinião, que o relato de Isaías 53.1 (“Quem creu em nossa pregação? [TM] E a quem foi revelado o braço do Senhor?”) retoma as boas-novas do mensageiro de Isaías 52.7. [08] A sugestão de Watts recebe apoio do Targum (a paráfrase aramaica da Escritura Hebraica), que muda as palavras de 53.1: “Quem creu em nossas boas-novas?” (ênfase acrescentada). A leitura “boas-novas”, em vez de “relato”, leva o leitor de volta às “boas-novas de Isaías 52.7. Essas observações mostram que há pelo menos quatro indicações de que, na antiguidade, Isaías 52.7 era entendido como associado, de algum modo, ao hino do Servo sofredor: (1) os pregadores e escritores do 1º século, Pedro e Paulo, associaram 52.7 ao hino; (2) o Grande Rolo de Isaías de Qumran parece marcar 52.7 como o início de uma variante que inclui o hino; (3) a tradição massorética (esp. Códex Leningrado) parece marcar 52.7 como o início de uma lição que inclui o hino, com o hino claramente indicado como uma unidade completa; (4) o Targum cria um elo entre 53.1 e 52.7, fazendo o primeiro referir-se às boas-novas que são anunciadas no segundo.

Posso acrescentar que, sem repetir os detalhes desse argumento, N. T. Wright acredita que Isaías 52.7-12 “resume todo o ministério público de Jesus”. [09] Consequentemente, o que segue em 52.13–53.12 resume a paixão. A antiga paragrafação de Isaías 52–53 e a pregação e o ensino dos apóstolos, que ainda veremos, apoiam a interessante afirmação do bispo. Assim, este ensaio continua sobre o entendimento de que as boas-novas de paz e governo de Deus mencionadas em 52.7 realmente introduzem o hino do Servo Sofredor. [10] Voltemo-nos agora à pregação e ao ensino de Pedro.

ISAÍAS 52.13–53.12 NO ENSINO DE PEDRO

Nossa análise de Isaías 52.13–53.12 começa no ensino de Pedro, revendo dois sermões do apóstolo, um pregado na ocasião da cura do homem coxo, aos arredores do templo (At 3), e outro na ocasião do encontro e da conversão de Cornélio, o centurião romano de Cesareia e sua família (At 10). [11]

No primeiro sermão, diante da porta do templo, Pedro declara à multidão atônita: "O Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó, o Deus de nossos pais, glorificou a seu Servo Jesus, a quem vós traístes e negastes perante Pilatos, quando este havia decidido soltá-lo" (At 3.13). É provável que a cláusula "glorificou a seu Servo" (evdo,xasen to.n pai/da auvtou/) seja uma alusão [12] a Isaías 52.13: "Meu servo... será exaltado" (o` pai/j mou... doxasqh,setai). [13] Temos concordância verbal envolvendo nome, pronome e verbo. [14] Até mesmo a referência a Pilatos pode ter sido entendida como significando as nações (e;qnh) e reis mencionados em Isaías 52.15, assim como Pilatos e seus soldados significam as nações (e;qnh) do Salmo 2.1-2, citado em Atos 4.25-27. [15] O contexto mais amplo também apoia a probabilidade dessa alusão, pois o apóstolo continua falando da negação e da morte de Jesus, o Santo e Justo, "a quem Deus ressuscitou dentre os mortos" (At 3.14-15). Em suma, temos negação, morte e justificação. Esse resumo do ministério e da paixão de Jesus resume os pontos principais do hino do Servo Sofredor: o fato de não crer na pregação (Is 53.1), o desprezo e a rejeição ao Servo (53.3), o sofrimento e a morte do Servo (53.4-10,12b-c) e a justificação do Servo (53.11-12a). [16]

Em Atos 3.18, torna-se explícito que Pedro tem em mente a profecia do Antigo Testamento, pois ele declara: "Deus, assim, cumpriu o que dantes anunciara por boca de todos os profetas". Onde, nos profetas, somos informados que o Cristo [ou Messias] de Deus deve sofrer? Isaías 53 é o único candidato viável, [17] não apenas porque fala de uma figura que sofre, mas também porque, na paráfrase aramaica, essa figura que sofre é explicitamente identificada como o Messias (cf. Tg. Is 52.13: "Eis meu Servo, o Messias"; 53.10). [18] O Cristo ressurreto em Lucas também declarou que os profetas predisseram que o Messias sofreria (Lc 24.44,46). A pressuposta profecia veterotestamentária não é difícil de achar. Ela é revelada claramente em Atos 8, onde o oficial etíope leu Isaías 53.7-8:

Foi levado como ovelha ao matadouro; e, como um cordeiro mudo perante o seu tosquiador, assim ele não abriu a boca. Na sua humilhação, lhe negaram justiça; quem lhe poderá descrever a geração? Porque da terra a sua vida é tirada. (At 8.32-33)

O etíope pergunta ao evangelista Filipe: “Peço-te que me expliques a quem se refere o profeta. Fala de si mesmo ou de algum outro?” (At 8.34). Em resposta, Filipe “anunciou-lhe a Jesus” (8.35). As boas-novas (euvhggeli,sato) anunciadas por Filipe remetem às boas-novas proclamadas pelo mensageiro de Isaías 52.7: “Que formosos são sobre os montes os pés do que anuncia as boas-novas [euvaggelizome,nou]”. Consequentemente, há pouca dúvida de que a referência de Pedro a Jesus como Servo, cuja rejeição, sofrimento e morte cumpriram a profecia, tinha em mente o Servo sofredor de Isaías 52.13–53.12, cujo sofrimento e justificação constituem as boas-novas proclamadas pelo mensageiro profético em Isaías 52.7. [19]

Gostaria de divagar por um momento e perguntar como o Servo (db#u#/pai/j) de Isaías 52.13–53.12 veio a ser interpretado como o Messias. Inicialmente, deve ficar claro que não havia entendimento pré-cristão do Servo como o Messias; pelo menos nada veio à luz para indicar isso. Mas a interpretação judaica dos séculos 1º ou 2º, especialmente como vista no Targum e, claro, na interpretação cristã, entendeu o Servo de Isaías 52.13–53.12 como o Messias. [20] Como isso acontece? Exegeticamente, o que acomodou essa interpretação?

Acredito que a interpretação do Servo como o Messias surgiu da descrição de Davi como servo do Senhor. Vemos isso no próprio livro de Isaías, onde, por meio do profeta, Deus assegura ao povo de Jerusalém: “Eu defenderei esta cidade, para a livrar, por amor de mim e por amor do meu servo Davi [yD]b=u^ dw]D`/ Dauid to.n pai/da, mou] (Is 37.35)”. Encontramos essa linguagem novamente no título do Salmo 18: “Salmo de Davi, servo do Senhor [dw]d*l= hw*hy+ db#u#l=/tw/| paidi. kuri,ou tw/| Dauid] (Sl 18.1 = LXX Sl 17.1)”. [21] Davi é citado como servo do Senhor também pelo cronista (1Cr 17.4; 2Cr 6.17).

Na literatura do Novo Testamento, essa linguagem aparece no evangelista Lucas. Nós a encontramos no cântico de Zacarias (Lc 1.67-79), que bendiz a Deus por

levantar um chifre da salvação “na casa de Davi, seu servo [Daui.d paido.j auvtou/]” (Lc 1.69). O epíteto aparece novamente quando os discípulos louvam a Deus, que disse “por intermédio do Espírito Santo, por boca de Davi, nosso pai, teu servo [Daui.d paido,j sou]” (At 4.25) e, depois, cita o Salmo 2.1-2: “Contra o Senhor e seu Messias [kata. tou/ kuri,ou kai. kata. tou/ cristou/ auvtou/]” (At 4.26 TM). Davi é chamado de “servo” (pai/j) de Deus em Atos 4.25, refletindo a linguagem do Antigo Testamento que acabamos de ver, e Jesus é chamado de “servo” (pai/j) de Deus em Atos 4.27 e 30. Se Davi é servo de Deus e messias (ou “ungido”), então o Servo de Isaías 52.13–53.12 também é o Messias. Assim segue o raciocínio.

Devo mencionar que referências a Davi como servo do Senhor são raras na literatura cristã primitiva. Além dos exemplos em Lucas-Atos, temos um exemplo em Didaquê 9.2: “Damos-te graças, pai, pela santa videira de Davi, teu servo [Dauei.d tou/ paido,j sou]”. O epíteto servo também não é aplicado com frequência a Jesus. Para exemplos, veja 1 Clemente 59.2-4; Martírio de Policarpo 14.1, 3; 20.2; Didaquê 9.2-3; 10.2. Também posso observar que, numa passagem do Antigo Testamento, Josué é chamado de “servo” (Js 7.7), cujo nome na versão grega é “Jesus” (VIhsou/j).

No Targum, refletindo as expectativas e esperanças populares dos judeus, o Messias é vitorioso. Encontramos uma interpretação notável, na qual o tema de rejeição e sofrimento é transformado em vitória. Parte da passagem é assim (com itálicos acrescentados para indicar afastamentos do texto hebraico):

52.13 Eis que meu servo, o Messias, prosperará, será exaltado e crescerá, e será muito forte. 14Assim como a casa de Israel esperou por ele muitos dias – seu aspecto era muito escuro entre as pessoas, mais que o dos filhos dos homens – 15Assim ele espalhará muitos povos... 53.1 Quem creu em nossas boas-novas?... 2 E os justos serão exaltados diante dele… sua aparência não é a aparência comum e sua terribilidade não é uma terribilidade ordinária, e seu brilho será um brilho santo, para que todos que olhem para ele o considerem. 3Então a glória de todos os reinos será para desprezo e cessará; eles ficarão fracos e pesarosos, como um homem de dores marcado pela enfermidade... 4Então ele suplicará a respeito dos nossos pecados, e nossas iniquidades, por causa dele, serão perdoadas; não obstante, fomos estimados feridos, abatidos diante do Senhor e aflitos. 5E ele edificará o santuário... [se] nos ligarmos às suas palavras, nossos pecados nos

serão perdoados. [7]Ele suplica e é respondido e, antes que abra sua boca, é aceito… [8]Das amarras e da vingança, ele trará de volta nossos exilados… pois tirará da terra de Israel o governo dos gentios; os pecados que meu povo cometeu ele lançará sobre eles. [9]E ele lançará os ímpios no Gehenna, e aqueles que são ricos em posses roubadas na morte e na corrupção… [10] Não obstante, perante o Senhor foi agradável refinar e purificar o remanescente de seu povo, para purificar sua alma de seus pecados; eles verão o reino de seu Messias... [22]

A transformação que vemos na paráfrase aramaica é totalmente notável. [23] Aqui, algumas observações – o Servo do Senhor é explicitamente identificado como o Messias em 52.13 e 53.10.

52.14 – A aparência do Servo não é desfigurada; a de Israel era, quando ansiava pela vinda do Messias.

52.15 – O Messias Servo não causa admiração às nações; ele as dispersa, assim como elas tinham dispersado Israel no exílio.

53.1 – O profeta pergunta quem creu nas boas-novas. A referência a “boas-novas” (hrosb), em vez do “relato” (hu*Wmv=) do hebraico, remete mais obviamente às boas-novas proclamadas pelo mensageiro em 52.7 (onde o aramaico rs^b^m= traduz o hebraico rC@b^m=).

53.2 – De acordo com o hebraico, o Servo não possui beleza; no entanto, no aramaico o Servo Messias possui uma aparência e terribilidade incomuns, até mesmo um brilho santo.

53.3 – De acordo com o hebraico, o Servo é desprezado e rejeitado; ele é um homem de dores, familiarizado com a aflição, de quem as pessoas escondem o rosto. Mas, no aramaico, é a glória dos reinos que será desprezada; esses reinos serão como um homem de dores e enfermo.

53.4 – De acordo com o hebraico, o Servo suportou a nossa aflição e as nossas dores; ele é considerado ferido e oprimido por Deus. Mas, em aramaico, o Messias Servo suplicará ao Senhor em favor de seu povo pecaminoso e suas iniquidades serão perdoadas. É o povo de Israel que é considerado ferido e aflito.

53.5 – Longe de ser ferido e moído, o Messias Servo da tradição aramaica edificará o santuário e seu ensino, se for seguido, resultará em paz e perdão.

53.7 – O Servo do hebraico é oprimido e aflito e não abre a sua boca. Mas, em aramaico, o Messias Servo suplica e é respondido e, mesmo antes de abrir sua boca, seus pedidos são atendidos. São os fortes dos povos que serão mortos como um cordeiro, não o Servo.

53.8 – De acordo com o hebraico, o Servo é oprimido, julgado, cortado da terra dos viventes e ferido pela transgressão de seu povo, Israel. Mas, em aramaico, o Messias Servo traz os exilados de volta à terra, remove o governo dos gentios e espalha os pecados de Israel entre os gentios.

53.9 – De acordo com o hebraico, os inimigos do Servo designaram a ele uma sepultura com os ímpios, mas com o rico ele esteve na sua morte. Não é assim no Targum. De acordo com o aramaico, o Messias Servo lançará os ímpios no Gehenna, e os ricos, que por meio de roubo conquistaram suas posses, serão entregues à morte da corrupção.

53.10 – De acordo com o hebraico, foi a vontade do Senhor moer o Servo e fazê-lo enfermar. O Servo, cujos dias serão prolongados, será uma oferta expiatória pelo pecado. Mas, em aramaico, é prazer do Senhor refinar e purificar o remanescente, para purificar a nação de seus pecados. [24] Então o povo de Deus verá o reino de seu Messias e aqueles que cumprirem a lei prosperarão.

Por meio do papel intercessório do Messias, o povo de Israel é restaurado; os exilados são levados para casa. É realizada a expiação pelos pecados do povo. As nações opressoras são colocadas em seu devido lugar; Israel é exaltado e aqueles que cumprem a lei prosperarão. De algumas maneiras, essa exegese notável é coerente com a interpretação cristã. O resultado final de ambas as interpretações não é excessivamente diferente. Em essência, a interpretação judaica e a cristã ensinam que Israel será salvo pela obra do Messias Servo.

É claro que a interpretação cristã de Isaías 52.13–53.12 é entendida à luz do que realmente aconteceu a Jesus. Tendo Jesus sido rejeitado pelos líderes religiosos, condenado à morte e executado cruelmente pelas autoridades romanas, não houve necessidade de modificar o tema de rejeição e sofrimento que percorre todo o hino do Servo Sofredor. Dificilmente causa surpresa que, em consequência da semana da Paixão, os primeiros seguidores de Jesus, entre eles Pedro, tivessem grande interesse nessa passagem. [25] O interesse de Pedro por essa passagem, como visto em sua pregação relatada em Atos e em sua carta conhecida como 1 Pedro, pode explicar por que Isaías figura muito mais proeminentemente no evangelista Lucas, em contraste com os outros evangelistas.

No segundo sermão, em Atos 10, Pedro novamente faz alusão a Isaías 52.7 e a porções de Isaías 53. Em Atos 10.36, o apóstolo fala da “palavra que Deus enviou aos filhos de Israel, anunciando-lhes o evangelho da paz, por meio de Jesus Cristo”. A expressão “pregando o evangelho [boas-novas] da paz” (euvaggelizo,menoj eivrh,nhn) é uma alusão inconfundível a Isaías 52.7, em que o mensageiro “anuncia as boas-novas, que faz ouvir a paz” (euvaggelizome,nou avkoh.n eivrh,nhj). [26] Pedro, então, relata a atividade pública de Jesus, inclusive sua paixão, ressurreição e o comissionamento dos apóstolos (At 10.38-42). Ele conclui com estas palavras: “Dele todos os profetas dão testemunho de que, por meio de seu nome, todo aquele que nele crê recebe remissão de pecados” (At 10.43).

Creio que essas palavras finais são uma alusão a Isaías 53. A referência em Atos 10.43, para crer em Jesus (pisteu,onta), remete a Isaías 53.1, que faz referência àqueles que não creem nas boas-novas (ti,j evpi,steusen th/| avkoh/| h`mw/n), enquanto a promessa de perdão (a`martiw/n) de pecados, em Atos 10.43, remete ao sofrimento do Servo por causa dos pecados de seu povo (como em 53.5, dia. ta.j a`marti,aj, e 53.6, tai/j a`marti,aij h`mw/n). O uso anterior que Pedro faz de Isaías 53 confirma a probabilidade da presença da passagem aqui. [27]

Em resumo, descobrimos que Isaías 52.13–53.12, juntamente com Isaías 52.7, desempenha um papel importante na pregação de Pedro em Atos. Descobrimos também que essa passagem cumpre um papel importante em sua carta conhecida como 1 Pedro.

De acordo com 1 Pedro 1.10-12, o “Espírito de Cristo” (cf. Rm 8.9, a única outra passagem do Novo Testamento que fala do “Espírito de Cristo”) revelou aos profetas os futuros “sofrimentos referentes a Cristo e sobre as glórias que os seguiriam” (ta. eivj Cristo.n paqh,mata kai. ta.j meta. tau/ta do,xaj). À parte do tema geral do sofrimento, que certamente abrange grande parte do que é dito sobre o Servo em Isaías 52.13–53.12, e da referência às boas-novas que “foram anunciadas” pelos profetas (1Pe 1.12), não há muito em 1 Pedro 1.10-12 que nos remeta a Isaías. Todavia, acredito que a passagem deva ser mencionada por causa da citação de Isaías 53.9 em 1 Pedro 2.21-25 e da importante discussão de suas implicações nos versículos restantes do capítulo (observe a afirmação “Cristo sofreu”, no v. 21). Devido à discussão em 1 Pedro 2, acredito que o apóstolo podia muito bem estar com o Servo Sofredor em mente, em 1 Pedro 1.10-12. [28]

Em 1 Pedro 2.21-25, o apóstolo recorre ao exemplo de Cristo, que sofreu:

21Porquanto para isto mesmo fostes chamados, pois que também Cristo sofreu em vosso lugar, deixando-vos exemplo para seguirdes os seus passos, 22 o qual não cometeu pecado, nem dolo algum se achou em sua boca; 23pois ele, quando ultrajado, não revidava com ultraje; quando maltratado, não fazia ameaças, mas entregava-se àquele que julga retamente, 24 carregando ele mesmo em seu corpo, sobre o madeiro, os nossos pecados, para que nós, mortos para os pecados, vivamos para a justiça; por suas chagas, fostes sarados. 25Porque estáveis desgarrados como ovelhas; agora, porém, vos convertestes ao Pastor e Bispo da

vossa alma.

Considerando a citação de Isaías 53.9 em 1 Pedro 1.22, é virtualmente certo que a declaração “Cristo sofreu em vosso lugar, deixando-vos exemplo”, resume todo o hino do Servo Sofredor. [29] Com exceção de uma palavra, a citação do versículo 22 segue a versão grega de Isaías 53.9 palavra por palavra:

1 Pedro 2.22: a`marti,an ouvk evpoi,hsen ouvde. eu`re,qh do,loj evn tw/| sto,mati auvtou/.

Isaías 53.9: avnomi,an ouvk evpoi,hsen ouvde. eu`re,qh do,loj evn tw/| sto,mati auvtou/.

O uso que Pedro faz de a`marti,a aqui no versículo 22, em vez do esperado avnomi,a, não é difícil de explicar, pois a`marti,a ocorre muitas vezes no hino do Servo Sofredor (cf. 53.4-6,10-12). [30] Jesus não cometeu pecado; portanto, não cometeu um ato contrário à lei, nem dolo algum foi achado nele. Contudo, ele sofreu.

Quando Pedro diz que, quando Jesus era “ultrajado, ele não revidava com ultraje” (v. 23), ele faz alusão a Isaías 53.7, onde o Servo Sofredor “não abriu a boca”, mas, como cordeiro levado ao matadouro, permaneceu em silêncio. [31] Sua disposição em sofrer é refletida na afirmação de Pedro de que Jesus “não fazia ameaças” (v. 23). A afirmação de Pedro, “entregava-se àquele que julga retamente”, pode ser uma alusão à última parte do hino (Is 53.10b-12).

Quando Pedro diz, no versículo 24, que o próprio Jesus carregou “em seu corpo, sobre o madeiro, os nossos pecados [ta.j a`marti,aj h`mw/n auvto.j avnh,negken]”, ele fez uma alusão a Isaías 53.5 e, especialmente, 53.12 (cf. “levou sobre si o pecado de muitos” [auvto.j a`marti,aj pollw/n avnh,negken]). Bem como se pode pensar de 54.4 (“ele carregou os nossos pecados” [ta.j a`marti,aj h`mw/n fe,rei] e sofreu a dor por nós”. A frase “em seu corpo, sobre o

madeiro [evn tw/| sw,mati auvtou/ evpi. to. xu,lon]", em 1 Pedro 2.24, remete à imagem de alguém sendo pendurado num madeiro, como em Deuteronômio 21.22-23, onde é dito com respeito ao malfeitor: "e o pendurares em um madeiro" (krema,shte auvto.n evpi. xu,lou); "o que for pendurado no madeiro" (to. sw/ma auvtou/ evpi. tou/ xu,lou). A alusão a Deuteronômio 21.22-23 é particularmente pertinente, à luz de seu entendimento, na antiguidade, como referindo-se à crucificação, como visto em uma paráfrase no Rolo do Templo: "Se um homem for um traidor contra o seu povo... tu o pendurarás em um madeiro até a morte". Ou seja, o homem culpado deve ser pendurado no madeiro enquanto ainda está vivo, como na prática da crucificação (veja também 4Q169, fragmentos 3-4, linha 7: "ele costumava pendurar os homens vivos"), e não depois de sua execução, como era o antigo costume de Israel.

A última parte de 1 Pedro 2.24, "por suas chagas fostes sarados [tw/| mw,lwpi iva,qhte]", é uma alusão inconfundível a Isaías 53.5: "Pelas suas pisaduras fomos sarados [tw/| mw,lwpi auvtou/ h`mei/j iva,qhmen]".

E, finalmente, 1 Pedro 2.25 faz alusão a vários componentes do hino do Servo Sofredor. A cláusula "desgarrados como ovelhas [w`j pro,bata planw,menoi]" remete à primeira parte de Isaías 53.6: "Todos nós andávamos desgarrados como ovelhas [w`j pro,bata evplanh,qhmen]; cada um se desviava pelo caminho". Pedro inovadoramente chama o Servo Jesus de "Pastor" (cf. Jo 10.11) e "Guardião" ou "Bispo" (evpi,skopoj); cf. Isaías 60.17: "Farei da paz os teus inspetores e da justiça, os teus exatores [kai. tou.j evpisko,pouj sou evn dikaiosu,nh|]"; Filo, De migratione Abrahami 81: "da qual somente Deus é o Bispo" [wn mo,noj o` qeo.j evpi,skopoj]; De mutatione nominum 216: Deus é "Inspetor e Bispo"). Até mesmo a referência à "vossa alma [tw/n yucw/n u`mw/n]" pode ser uma alusão à experiência do Servo Sofredor, cuja alma (yuch,) sofreu dor (Is 53.11), foi derramada na morte (53.12), mas verá a sua posteridade (53.10). [32]

Pode haver pouca dúvida de que a cristologia do apóstolo Pedro foi profundamente influenciada por Isaías 52.13–53.12. A identidade de Jesus, o significado de sua vida, morte e ressurreição e a importância que tudo isso tem para aqueles que creem nele são esclarecidos por essa importante passagem da Escritura. Ela está no cerne da pregação pública do apóstolo, como visto no livro de Atos, e no cerne do ensino em sua epístola conhecida como 1 Pedro.

ISAÍAS 52.13–53.12 E O ENSINO DE PAULO

Não fico surpreso que Isaías 52.13–53.12 desempenhe um papel importante em Romanos, de longe o escrito mais influente de Paulo. De fato, essa passagem de Isaías não funciona de um modo polêmico, como vemos no caso de Gênesis 15.6, em referência à fé de Abraão e ao reconhecimento como justo da parte de Deus que o patriarca teve por causa dessa fé. Em contraste com uma função polêmica, o hino do Servo Sofredor guia Paulo, assim como Pedro, a um entendimento mais profundo da identidade de Jesus e da importância de sua morte e sua relação com as boas-novas do reino de Deus.

Como no caso de Pedro, Paulo também associa Isaías 52.7 e sua mensagem de boas-novas a Isaías 52.13–53.12 e sua mensagem sobre o Servo Sofredor. Encontramos essa associação no contexto ao apelo do apóstolo à necessidade de responder em fé às boas-novas daquilo que Deus realizou em seu Filho, o Messias (Rm 10.1-7). A palavra do evangelho está "perto"; tudo o que é preciso fazer é confessar que Jesus é Senhor e crer de todo coração que Deus o ressuscitou dentre os mortos. Essa confissão e essa fé resultarão em salvação. Isso se aplica tanto ao judeu quanto ao gentio; não há distinção (Rm 10.8-13).

Mas como responderão a essa mensagem maravilhosa, pergunta Paulo, se as pessoas não a ouvirem? Os pregadores devem pregar as boas-novas, como está escrito: "Quão formosos são os pés dos que anunciam coisas boas!" (Rm 10.15; Is 52.7). Ai, nem todos responderam em fé às boas-novas, pois Isaías também diz: "Senhor, quem acreditou na nossa pregação?" (Rm 10.16; Is 53.1). Para Paulo, Isaías 53.1 explica a resposta incrédula de tantas pessoas. O uso que Paulo faz da passagem aqui é semelhante ao que é feito em João 12, onde o evangelista admite que, apesar dos muitos sinais realizados por Jesus, muitos se recusaram a responder em fé. [33]

Porções de Isaías 52.13–53.12 entram em cena em outros pontos em Romanos, cada uma dando uma contribuição importante. Primeiro, em Romanos 4.25, Paulo conclui seu argumento a respeito da fé de Abraão. Deus atribuiu justiça não somente a Abraão, mas a todos que respondem em fé à promessa de Deus, àqueles que creem no Deus que "ressuscitou dos mortos a Jesus, nosso Senhor" (Rm 4.24), este Jesus que "foi entregue por causa das nossas transgressões e ressuscitou por causa da nossa justificação" (Rm 4.25). [34] A linguagem de

Paulo no versículo 25, “foi entregue por causa de nossas transgressões” (paredo,qh dia. ta. paraptw,mata), é alusiva às cláusulas em Isaías 53.6, “o Senhor fez cair sobre ele a iniquidade de nós todos” (ku,rioj pare,dwken auvto.n tai/j a`marti,aij h`mw/n), e Isaías 53.12, “derramou sua alma na morte” (paredo,qh eivj qa,naton h` yuch. auvtou/), “levou sobre si o pecado de muitos” (dia. ta.j a`marti,aj auvtw/n paredo,qh).

A linguagem de Paulo na última cláusula do versículo 25, “por causa da nossa justificação” (dia. th.n dikai,wsin h`mw/n), é uma alusão a Isaías 53.11, embora eu creia que é mais alusiva ao texto hebraico que ao grego. O hebraico traz: “O meu Servo, o Justo, com o seu conhecimento, justificará a muitos [qyD]x^ qyD]x=y~~/dikaiw/sai di,kaion], porque as iniquidades deles levará sobre si”.

A segunda passagem em Romanos em que Isaías 52.13–53.12 entra em cena é Romanos 5.19. Nesse contexto, Paulo desenvolve sua tipologia Adão/Cristo. Pelo primeiro homem, vieram o pecado e a morte; pelo segundo, obediência e vida. A linguagem do contraste em Romanos 5.19 faz mais sentido à luz da obra do Servo Sofredor. Paulo explica: “Como, pela desobediência de um só homem, muitos se tornaram pecadores, assim também, por meio da obediência de um só, muitos se tornarão justos”. Fazer com que pecadores se tornem justos foi exatamente o que Jesus, o Servo Sofredor, realizou na cruz. Várias porções de Isaías 53 fornecem um pano de fundo convincente e significativo para o pensamento de Paulo: “Ele foi traspassado pelas nossas transgressões e moído pelas nossas iniquidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e pelas suas pisaduras fomos sarados” (Is 53.5); “o Senhor fez cair sobre ele a iniquidade de nós todos” (Is 53.6); “por causa da transgressão do meu povo, foi ele ferido” (53.8b); “quando ele der a sua alma como oferta pelo pecado” (53.10b); “o meu Servo, o Justo, com o seu conhecimento, justificará a muitos, porque as iniquidades deles levará sobre si” (53.11b); “levou sobre si o pecado de muitos e pelos transgressores intercedeu” (53.12b). [35]

A terceira passagem é encontrada em Romanos 15.21, onde Paulo retorna ao tema da missão apostólica. O apóstolo deseja pregar onde Cristo ainda não foi proclamado, como está escrito: “Hão de vê-lo aqueles que não tiveram notícia dele, e compreendê-lo os que nada tinham ouvido a seu respeito”. Paulo citou uma versão grega de Isaías 52.15b verbatim. Assim, vemos que Paulo deriva o mandato missionário de várias partes de Isaías 52–53. Sua mensagem são as boas-novas a serem proclamadas (Is 52.7), uma mensagem para terras distantes, onde ainda não foi ouvida (Is 52.15), uma mensagem nem sempre recebida com

fé (Is 53.1), uma mensagem sobre Jesus, o Servo, cujo sofrimento e morte justificam pecadores (Is 53.3-12). [36]

Em duas passagens de 1 Coríntios, Paulo faz alusão ao hino do Servo Sofredor. Em 1 Coríntios 5.7, ele exorta seus leitores a removerem o velho fermento, “pois também Cristo, nosso Cordeiro pascal, foi imolado”. A referência primária, é claro, é à Páscoa, quando apenas pães sem fermento podiam ser comidos. Paulo provavelmente tem em vista um costume não muito diferente do que os judeus têm hoje, quando, à maneira cerimonial, todo fermento é removido da casa. Do mesmo modo, os crentes devem remover o velho fermento, pelo qual se representa o pecado. Afinal, o Messias, nosso Cordeiro pascal, foi imolado. Suspeito que a analogia pascal feita por Paulo tenha sido influenciada por Isaías 53.7, onde o Servo é comparado a um cordeiro levado para o matadouro.

Em 1 Coríntios 15.3, Paulo resume o evangelho, declarando como de primeira importância que “Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras”. Onde, na Escritura, vemos o Messias morrendo pelos nossos pecados? Como argumentado anteriormente neste ensaio, é somente em Isaías 52.13–53.12 que o Servo, entendido como o Messias do Senhor, morre pelos pecados de seu povo. [37]

Antes de encerrar este capítulo, há passagens nas Cartas Gerais que devem ser discutidas brevemente.

ISAÍAS 52.13 – 53.12 NO ENSINO DE HEBREUS E JOÃO

O autor de Hebreus (cf. Hb 7–10) argumenta que Jesus é o sumo sacerdote máximo, não da linhagem de Arão, mas da linhagem de Melquisedeque, a misteriosa figura sacerdotal que aparece em Gênesis 14 e, mais tarde, no Salmo 110, em referência ao rei entronizado de Israel. [38] A morte de Jesus constitui um sacrifício em favor da humanidade que nunca precisa ser repetido (Hb 9.26; 10.12), cujos benefícios Jesus continua a conceder à humanidade, como sumo sacerdote celestial que faz a mediação da nova aliança (Hb 9.11-15; cf. Jr 31.31).

É no meio deste argumento que o autor de Hebreus faz alusão ao hino do Servo Sofredor (Hb 9.27-28):

Assim como aos homens está ordenado morrerem uma só vez, vindo, depois disto, o juízo, assim também Cristo, tendo-se oferecido uma vez para sempre para tirar os pecados de muitos, aparecerá segunda vez, sem pecado, aos que o aguardam para a salvação.

A cláusula “tirar os pecados de muitos” (eivj to. pollw/n avnenegkei/n a`marti,aj) é uma alusão inequívoca à segunda metade de Isaías 53.12: “Porquanto derramou sua alma na morte; foi contado com os transgressores; contudo, levou sobre si o pecado de muitos [auvto.j a`marti,aj pollw/n avnh,negken]”. Também pode ser uma alusão à primeira parte de Isaías 53.4: “Ele suportou nossos pecados [ta.j a`marti,aj h`mw/n fe,rei] e sofreu dores por nós (tm). Tomou as nossas enfermidades e as nossas dores levou sobre si”.

A alusão a Isaías 53 é intrigante, pois o autor de Hebreus não faz uso do Servo Sofredor em nenhum outro lugar, numa epístola que está repleta de citações e alusões às Escritura de Israel. A alusão a Isaías 53.12 (e talvez 53.4) pode ter sido inconsciente e, se foi, pode sugerir que Jesus, como o Servo Sofredor, era pressuposto e bem conhecido. [39] O carregar do pecado da humanidade pelo Servo é simplesmente um dado, e essa linguagem encontra expressão no contexto onde é feita a descrição dos benefícios da morte expiatória de Jesus e de sua mediação sacerdotal permanente.

O Servo Sofredor parece não desempenhar nenhum papel nas cartas de João. No máximo, podemos ter uma fraca alusão em 1 João 3.5: “Sabeis também que ele se manifestou para tirar os pecados, e nele não existe pecado”. A cláusula “tirar os pecados” pode ecoar as passagens que acabamos de mencionar (i.e.,Is 53.4, 12) e talvez Isaías 53.10, embora ecoe o texto hebraico (“ele se fez uma oferta pelo pecado”) e não o grego (“se você der uma oferta pelo pecado”). A segunda cláusula em 1 João 3.5, “nele não existe pecado”, também pode ser uma alusão ao hino do Servo Sofredor. Em nenhum lugar o hino descreve explicitamente o Servo como sem pecado, mas diz que ele “nunca fez injustiça, nem dolo algum se achou em sua boca” (53.9). [40] Também se pode pensar na declaração de João Batista: “Eis o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo” (Jo 1.29) [41]. Se 1 João 3.5 for uma alusão a João 1.29 e se o “Cordeiro” de João 1.29 é uma alusão ao “cordeiro” de Isaías 53.7,41 então podemos, de fato, ter uma fraca

alusão ao Servo Sofredor em 1 João 3.5.

Em outros lugares dos escritos joaninos o Servo Sofredor desempenha um papel mais óbvio e influente. Em João 12.38, Isaías 53.1 é formalmente apresentado e citado, seguindo a LXX verbatim. Seu contexto imediato é muito importante e deve ser citado completamente:

Embora tivesse feito tantos sinais na sua presença, não creram nele, para se cumprir a palavra do profeta Isaías, que diz: Senhor, quem creu em nossa pregação? E a quem foi revelado o braço do Senhor? Por isso, não podiam crer, porque Isaías disse ainda: Cegou-lhes os olhos e endureceu-lhes o coração, para que não vejam com os olhos, nem entendam com o coração, e se convertam, e sejam por mim curados. Isto disse Isaías porque viu a glória dele e falou a seu respeito (Jo 12.37-41).

João 12.37-41 constitui o ponto crucial na narrativa do quarto Evangelho. Nos capítulos 2 a 11, Jesus realizou sete obras poderosas, ou “sinais”, que demonstram que ele é, de fato, o enviado de Deus. [42] Alguns desses sinais, juntamente com uma parte do ensino de Jesus, tinham o objetivo de lembrar a jornada de Israel pelo deserto sob a liderança de Moisés. Assim como a geração do deserto se recusou a crer em Deus, [43] apesar dos muitos sinais de seu poder salvador, assim também a geração de Jesus se recusa a crer nele apesar de seus muitos sinais. Nos capítulos 12 a 20, Jesus sofre sua paixão. Sua paixão é o meio pelo qual ele termina sua obra (17.4; 19.28, 30) e volta para Aquele que o enviou (12.44; 14.28; 16.5,10).

O modo como o quarto evangelista apresenta a Escritura ou se refere a ela reflete sua divisão no Evangelho. Na primeira metade, a metade que narra o ministério de sinais de Jesus, a Escritura é apresentada em uma variedade de formas:

1.23: “Ele respondeu” (Is 40.3)

1.45: “De quem Moisés escreveu na lei, e a quem se referiram os profetas” (sem texto citado)

2.17: “Lembraram-se os seus discípulos de que está escrito” (Sl 69.9)

5.46: “Ele [Moisés] escreveu a meu respeito” (sem citação)

6.31: “Como está escrito” (Sl 78.24)

6.45: “Está escrito nos profetas” (Is 54.13)

7.42: “Não diz a Escritura...” (2Sm 7.12; Mq 5.2)

8.17: “Na vossa lei está escrito” (Dt 17.6; 19.15)

10.34: “Não está escrito na vossa Lei...” (Sl 82.6)

12.14: “Segundo está escrito” (Zc 9.9)

12.16: “Lembraram-se de que estas coisas estavam escritas a respeito dele” (alusão a Zc 9.9 e outras passagens)

O que observamos é que a Escritura é apresentada (e às vezes nenhuma passagem específica é citada) de várias formas. A fórmula introdutória “está escrito” é a mais comum. Mas nem uma vez a Escritura é apresentada com as palavras “para que se cumprisse”. Na segunda metade de João, observamos que esse é o único modo como a Escritura e o ensino anterior de Jesus são apresentados.

12.38: “Para se cumprir a palavra do profeta Isaías” (Is 53.1)

12.39: “Isaías disse ainda” (Is 6.10)

13.18: “Para que se cumpra a Escritura” (Sl 41.9)

15.25: “Para que se cumpra a palavra escrita na sua Lei” (Sl 35.19)

17.12: “Para que se cumprisse a Escritura” (sem texto citado)

18.9: “Para se cumprir a palavra que dissera” (em referência a Jo 6.39)

18.32: “Para que se cumprisse a palavra de Jesus” (em referência a Jo 3.14; 8.28; 12.33)

19.24: “Para se cumprir a Escritura” (Sl 22.18)

19.28: “Para se cumprir a Escritura” (Sl 22.15)

19.36: “Para se cumprir a Escritura” (Êx 12.16; Nm 9.12; 34.20)

19.37: “e outra vez diz a Escritura” (Zc 12.10)

Descobrimos que a primeira vez em que a Escritura é apresentada com as palavras “para que se cumprisse” é em João 12.38, parte da unidade transicional que abrange 12.37-41. A primeira vez que a Escritura é citada como cumprida em referência ao fato de o povo judeu não ter respondido em fé a Jesus e ao seu ministério de sinais é: “embora tivesse feito tantos sinais na sua presença, não creram nele” (Jo 12.37). Desse ponto em diante, cada texto da Escritura é apresentado da mesma forma. [44]

A distribuição das apresentações da Escritura no quarto Evangelho é totalmente deliberada e nada tem a ver com supostas fontes que o evangelista usou, como alguns sugerem. A distribuição reflete uma parte importante da apologética do evangelista, diante de uma sinagoga cética que não crê que Jesus de Nazaré é o Messias, o Filho de Deus. Afinal, tais céticos argumentam que sua morte brutal e vergonhosa na cruz é evidência segura de que ele não era o Messias e libertador de Israel.

Para se opor às compreensíveis objeções da sinagoga, o evangelista mostra que o ministério de Jesus, marcado por impressionantes milagres ou “sinais”, que lembram o passado de Israel, estava em harmonia com as expectativas da Escritura. Por isso vemos, nos capítulos 1–12, apresentações deste ou daquele texto da Escritura como “ele disse” ou “está escrito” e coisas semelhantes. Mas nem uma só vez uma passagem da Escritura é apresentada com as palavras “para que se cumprisse”, até chegarmos à transição do Evangelho, que acontece em João 12.37-41. Aqui, o ministério de sinais chega a uma conclusão e a paixão começa. Apesar de todos os sinais que Jesus tinha realizado, o povo judeu se recusou a crer e, recusando-se a crer, alinhou-se à geração do passado que não tinha respondido com fé aos sinais que Deus realizou por meio de Moisés.

O evangelista deve mostrar à sinagoga cética que a rejeição e a morte de Jesus não o desqualificam em seu papel como Messias e Salvador. Não precisamos especular que a sinagoga provavelmente levantou sua principal objeção com base nisso. Esta é, de fato, a mesma objeção que encontramos nos argumentos de Trifo, um judeu do século 2º. Em seu famoso Dialogue with Trypho the Jew, [45] Justino Mártir, o cristão palestino que, em sua maturidade, lecionou e escreveu em Roma, tenta mostrar que o ministério de Jesus, capacitado pelo Espírito, cumpre a Escritura em muitos pontos e oferece prova de que ele realmente é o Messias de Israel.

Mas Trifo não é persuadido por esse argumento. Ele responde:

Esteja certo de que toda a nossa nação espera pelo Messias, e admitimos que todas as passagens das Escrituras que você citou referem-se a ele. Além disso, também admito que o nome de Jesus, pelo qual [Josué] o filho de Num era chamado, inclinou-me fortemente a adotar essa posição. No entanto, se o Messias deveria ser tão vergonhosamente crucificado, sobre isso estamos em dúvida. (§89) [46]

Trifo reconhece que as profecias reunidas por Justino são impressionantes e, de fato, aplicam-se ao Messias. O que ele não consegue aceitar é a ideia de que o Messias “deveria ser tão vergonhosamente crucificado”. Precisamente. Em que sentido um Messias crucificado é realmente o Messias? Afinal de contas, segundo a Escritura, aquele que é crucificado (i.e.,pendurado no madeiro) é “maldito de Deus” (Dialogue, §89, fazendo referência a Dt 21.23). [47]

A essa objeção, Justino responde fazendo alusão ao Servo Sofredor:

Se o Messias não tivesse que sofrer, e os profetas não tivessem predito que ele seria levado à morte por causa dos pecados do povo, e seria desonrado e escarnecido, contado entre os transgressores e levado como cordeiro ao matadouro, cuja geração, diz o profeta, nenhum homem pode declarar, então você teria um bom motivo para duvidar. (§89)

A resposta de Justino faz alusão a porções de Isaías 52.13–53.12: “morrer por causa dos pecados do povo” faz alusão a 53.5, 10-12; ser “desonrado e escarnecido” provavelmente é uma alusão a 52.14 (“seu aspecto estava mui desfigurado”), 53.4 (“ferido... oprimido”) e 53.5 (“pisaduras”); ser “contado entre os transgressores” é uma citação de parte de 53.12; como “cordeiro levado para o matadouro” é uma citação de parte de 53.7; e a referência à “cuja geração que nenhum homem pode declarar” é extraída de 53.8.

Trifo reconhece esse ponto, aparentemente concordando que Isaías 53 fala, de fato, do Messias. Contudo, ele não fica convencido, mas argumenta:

Convença-nos, então, pelas Escrituras, que podemos também ser persuadidos por você; pois sabemos que ele sofreria e seria levado como um cordeiro. Mas prove que ele devia ser crucificado e morrer tão desgraçada e desonradamente pela morte maldita na lei. Pois não podemos sequer imaginar isso. (§90)

Trifo admite que o Messias pode sofrer como um cordeiro levado ao matadouro (Is 53.7). Contudo, ele não consegue aceitar que esse sofrimento envolva uma morte humilhante na cruz, uma morte que, à luz de Deuteronômio 21.23, devia ser vista como sofrendo a maldição de Deus. Essa parte do debate entre Trifo, o Judeu, e Justino, o Cristão, remonta ao século 1º, ao tempo da composição do Evangelho de João e, provavelmente, até aos primórdios da igreja.

Assim como Justino tinha recorrido a Isaías 53 para responder às objeções de Trifo, também, meio século antes, o quarto evangelista tinha recorrido a Isaías 53 para responder ao ceticismo da sinagoga de seus dias. Em antecipação à citação de Isaías 53.1, o quarto evangelista faz alusão ao versículo inicial do hino do Servo Sofredor (Is 52.13). Ele faz isso em vários lugares do capítulo 12:

Respondeu-lhes Jesus: É chegada a hora de ser glorificado [doxasqh/|] o Filho do Homem” (Jo 12.23).

Pai, glorifica [do,xaso,n] o teu nome. Então, veio uma voz do céu: Eu já o glorifiquei [evdo,xasa] e ainda o glorificarei [doxa,sw]” (Jo 12.28).

E eu, quando for levantado [u`ywqw/] da terra, atrairei todos a mim mesmo” (Jo 12.32).

Replicou-lhe, pois, a multidão: Nós temos ouvido da Lei que o Cristo permanece para sempre, e como dizes tu ser necessário que o Filho do Homem seja levantado [u`ywqh/nai]? Quem é esse Filho do Homem?” (Jo 12.34).

A ocorrência dos verbos “glorificar” (doxa,zw) e “levantar” (u`yo,w) direciona os leitores ao primeiro versículo de Isaías 52.13–53.12, onde é dito sobre o Servo (na versão grega):

Eis que o meu Servo procederá com prudência; será exaltado [levantado, u`ywqh,setai] e elevado [glorificado, doxasqh,setai] e será mui sublime (Is 52.13).

A multidão, no quarto Evangelho, pergunta por que Jesus diz que o Filho do Homem “será levantado” (Jo 12.32, 34), o que deixa implícito que ele não permanecerá para sempre. Embora não seja certo, a implicação é que a multidão reconhece que, ao falar em ser “levantado”, Jesus sugeriu que o Messias seria, de fato, crucificado (isto é, seria levantado numa cruz). A multidão, no quarto Evangelho, não consegue aceitar um Messias crucificado mais do que Trifo, o Judeu, no século seguinte. A única forma de convencer os judeus céticos é mostrar que os sofrimentos de Jesus, incluindo o seu levantamento numa cruz romana, cumpriram a Escritura, até mesmo a Escritura entendida em referência ao Messias, como o Messias Servo Sofredor de Isaías 52.13–53.12.

“Isto disse Isaías”, diz o evangelista, “porque viu a glória dele e falou a seu respeito” (Jo 12.41). Isto é, o profeta Isaías viu a “glória do Senhor” (veja Is 6.1,5, em aramaico, não em hebraico ou grego [48]) e falou do Messias Servo, isto é, falou as palavras encontradas em Isaías 52.13–53.12. No quarto Evangelho, Jesus não é outro senão a glória de Deus encarnada, como é

declarado no prólogo: “O Verbo se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade, e vimos a sua glória, glória como do unigênito do Pai” (Jo 1.14).

O que o evangelista mostra é que, quando Jesus foi rejeitado, os líderes judeus, inconscientemente, começaram a cumprir a Escritura. A primeira dessas profecias cumpridas foi Isaías 53.1. Durante todo o ministério de sinais (Jo 1–12), Jesus agiu e ensinou segundo a Escritura, mas, quando foi rejeitado, quando sofreu e morreu (Jo 12–19), a Escritura foi “cumprida”. Isaías predisse essa rejeição em Isaías 53.1 e, de fato, predisse a cegueira espiritual que levaria à rejeição do Messias Servo. Isso é visto em Isaías 6.9-10, que é citado em João 12.39-40: “Por isso, não podiam crer, porque Isaías disse ainda: Cegou-lhes os olhos e endureceu-lhes o coração, para que não vejam com os olhos, nem entendam com o coração, e se convertam, e sejam por mim curados”.

O sofrimento e a morte de Jesus não provam que ele não era o Messias; aliás, provam que era, pois cumpriram a Escritura, incluindo as passagens que falavam do Messias Servo Sofredor. Por isso, o evangelista pode concluir seu Evangelho com as seguintes palavras: “Estes [sinais] foram registrados para que creiais que Jesus é o Cristo [Messias], o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome” (Jo 20.31). [49] Concluo reafirmando o que foi dito no início deste estudo: Isaías 53 dá uma contribuição importante para as teologias de Pedro, Paulo, Hebreus e João. O que é especialmente intrigante é que o famoso hino do Servo Sofredor aparentemente estava no cerne de um esforço evangelístico e apologético voltado primariamente para a sinagoga. Não foi somente a geração apostólica original que recorreu a esse oráculo profético; seus sucessores também fizeram isso, como vemos em Justino Mártir no seu debate com Trifo, e ainda hoje, no diálogo e no debate contínuos com os descendentes de Abraão.

7

EXPIAÇÃO SUBSTITUTIVA E TERMINOLOGIA C LTICA EM ISAÍAS 53

David L. Allen

Desde os dias do Novo Testamento, Isaías 53 tem desempenhado um papel crucial no debate entre cristãos e judeus. Como Otto Betz observou:

Acredito que não há outra passagem na Bíblia que revele tão claramente a raiz comum do judaísmo e do cristianismo e também a decisiva diferença que os separa. Podemos ver isso na interpretação de Isaías 53 (a) no Targum Jonathan aos profetas e (b) no Novo Testamento. Em nenhum dos dois o Servo do Senhor é entendido coletivamente, como um símbolo do verdadeiro Israel. Em vez disso, em ambos o Servo é relacionado à pessoa do Messias. Mas o resultado da interpretação de cada um é muito diferente. [01]

Isaías 53 é citado sete vezes de forma direta no Novo Testamento: Mateus 8.16-17; Lucas 22.37; João 12.38; Atos 8.32-33; Romanos 10.16; 15.20-21; 1 Pedro 2.22-25. [02] Além disso, há 34 alusões ou paralelos verbais no Novo Testamento grego. [03]

Isaías 53 continua sendo um tipo de vórtex em torno do qual giram muitas questões debatidas:

Quem são os que falam? Quem são “ele”, “nós”, “eu” e “eles”?

O Servo é uma pessoa ou o Israel coletivo?

O Servo apenas sofre, ou ele sofre e morre?

A linguagem expiatória usada refere-se à substituição penal?

A linguagem expiatória está relacionada ao culto no templo?

Quem é o Servo? Não menos de quinze pessoas históricas já foram apresentadas.

Embora os Cânticos do Servo em Isaías tenham sido muitas vezes identificados com o Israel coletivo, e seja possível que os três primeiros Cânticos do Servo incluam uma referência a Israel como nação, um estudo cuidadoso de Isaías 53 não sustentará a interpretação coletiva do quarto Cântico do Servo. A identificação messiânica do Servo em Isaías 53 tem uma longa história no judaísmo e no cristianismo, como observado por Joachim Jeremias. [04] O que está faltando nas antigas discussões judaicas dessa passagem é a noção de um Messias sofredor. O judaísmo interpretou Isaías 53 como referindo-se a um Messias exaltado que liberta um Israel que sofre. Como Darrel Bock observou, “A persistência da interpretação messiânica dentro do judaísmo em face do uso cristão mostra o quão fortemente o judaísmo sustentou uma leitura individual da passagem, muito embora os seus elementos de sofrimento fossem aplicados à nação, não ao Servo”. [05]

Durante os últimos cinquenta anos, dois pontos de vista nitidamente opostos sobre o uso de Isaías 53 no Novo Testamento foram oferecidos. Morna Hooker representa aqueles que assumem a posição de que Isaías 53 não teve um papel significativo no entendimento que Jesus tinha do seu próprio ministério. Em Jesus and the Servant [Jesus e o Servo], [06] ela examinou as passagens neotestamentárias relevantes e chegou a essa conclusão. Na Conferência de Isaías 53 e as Origens Cristãs, promovida pela Baylor University (1996), E. Earle Ellis fez a pergunta fundamental: “O uso de Isaías 53 para interpretar sua missão começou com Jesus?” Hooker disse, no início de sua apresentação: “Tenho que responder que não consigo encontrar evidências convincentes que sugiram que Isaías 53 tenha desempenhado um papel significativo no entendimento que Jesus tinha de seu próprio ministério”. Ela concluiu sua

apresentação com esta afirmação: “À pergunta que me foi feita, ‘O uso de Isaías para interpretar sua missão começou com Jesus?’, continuo convencida de que a resposta é ‘não’”. Na publicação de sua dissertação (1950), o estudioso do Antigo Testamento, H. W. Wolff, argumentou que Jesus, de fato, interpretou sua missão com base em Isaías 53. A quarta edição de sua obra, publicada em 1984, traz uma introdução de Peter Stuhlmacher, mostrando evidências adicionais que apoiam a posição de Wolff. [07]

O propósito deste capítulo é examinar duas questões: Isaías 53 faz uso de terminologia cúltica? E, Isaías 53 fala de expiação substitutiva penal feita pelo Servo Sofredor? Como a estrutura geral de Isaías 52.13–53.12 é discutida em outros capítulos desta obra, farei apenas o mais breve desses comentários sobre este assunto aqui. O quarto Cântico do Servo é encontrado em Isaías 52.13–53.12. Essa seção é composta de cinco unidades de parágrafos: 52.13-15; 53.1-3, 4-6, 7-9 e 10-12. Limitarei meu foco primariamente a Isaías 53.4-6 e 10-12, já que esses são os versículos mais pertinentes ao meu tópico. Assumo a natureza unitária do livro de Isaías.

ISAÍAS 53.4-6

Em Isaías 53.4-6, o profeta Isaías escreve estas notáveis palavras:

Certamente, ele tomou sobre si as nossas enfermidades

e as nossas dores levou sobre si;

e nós o reputávamos por aflito,

ferido de Deus e oprimido.

Mas ele foi traspassado pelas nossas transgressões

e moído pelas nossas iniquidades;

o castigo que nos traz a paz estava sobre ele,

e pelas suas pisaduras fomos sarados.

Todos nós andávamos desgarrados como ovelhas,

cada um se desviava pelo caminho, mas o Senhor fez cair sobre ele

a iniquidade de nós todos.

Quem são “nós”, “nossas” e “nos” nesses versículos? A indeterminação do referente é, provavelmente, intencional da parte de Isaías. Parece virtualmente certo que a referência é a Isaías juntamente com o povo de Israel como um todo. [08] No entanto, descobrimos, em Isaías 42.6 e 49.6, que o ministério do Servo Sofredor não é limitado ao povo de Israel. Adicionalmente, ele deve ser a luz para todas as nações. Portanto, contextualmente, o uso de “nós”, “nossas” e “nos” parece ser todo inclusivo. [09]

O Servo sofre como resultado dos pecados do povo de Israel (ou das nações) ou sofre em lugar deles? Aqueles que, como Harry Orlinsky e R. N. Whybray, assumem a primeira posição [10] argumentam que Israel já sofreu e, por isso, o Servo não pode sofrer por Israel. Tudo o que ele pode fazer é participar do sofrimento de seu povo junto com seu povo. A maioria dos que sustentam essa opinião interpreta o Servo como o profeta Isaías, Deutero-Isaías ou algum outro profeta. Seja quem for o servo, ele é justo, mas, por causa do pecado do povo, deve sofrer junto com ele. Há vários problemas com esse ponto de vista, dois dos quais são fatais.

Primeiro, essa interpretação viola o contexto mais amplo de Isaías 53. Nos capítulos 49–52, Isaías fala da antecipação da salvação do povo. Nos capítulos 54–55, Deus convida o povo a participar de sua salvação. Isaías 53 é o capítulo-chave que liga essas duas seções ao identificar o meio dessa salvação como a expiação realizada pelo Servo Sofredor. Como o Servo é identificado com o “braço do Senhor” que efetua essa salvação, não é possível que o Servo seja identificado com o profeta Isaías, que sofre por causa dos pecados do seu povo. [11]

Segundo, a punição pelo pecado em vista em Isaías 53 não é temporal, mas

espiritual (eterna). Todo o sistema sacrificial levítico tratou dessa questão para a nação de Israel. Levítico 17.11 é o versículo-chave que ressalta o fato de que sem derramamento de sangue não há remissão de pecados. O propósito geral do sistema sacrificial é fazer expiação pelo povo. [12] Em Isaías 53, as muitas alusões a aspectos do sistema sacrificial, especialmente o ritual do dia da Expiação, tornam impossível interpretar a natureza do sofrimento como algo menos que substitutivo.

Voltando nossa atenção especificamente para Isaías 53.4, a palavra inicial, /k@a*, (“certamente”), expressa tanto afirmação quanto contraste. O profeta e seu povo não reconheceram a importância da ação do Servo Sofredor nos versículos 1-3, nem entenderam a relação que eles mesmos tinham com o Servo Sofredor. Todavia, nos versículos 4-6, tudo isso muda. Uma percepção surpreendente os atinge: o Servo Sofredor era, de fato, pelo profeta e pelo seu povo! Esse parágrafo contrasta fortemente a atividade do Servo com todo o povo, como é evidenciado pelo uso múltiplo dos pronomes “seu/dele” e “nós”, e ambos funcionam como sujeitos: “Ele tomou sobre si as nossas enfermidades... nós o reputávamos por aflito”. O versículo 3 fala das dores e do padecimento do Servo. Aquilo que fez o povo desprezar o Servo, sua fraqueza, repentinamente se revela como a fraqueza do próprio povo. Como John N. Oswalt corretamente ressaltou, “parte do impacto do reconhecimento é devida ao típico entendimento que o antigo Oriente Próximo tinha da fonte do sofrimento: o sofrimento é devido ao pecado”. [13]

O uso dos verbos “tomou” e “levou” parece ser reminiscente da linguagem sacrificial encontrada em Levítico. No Yom Kippur, o Dia da Expiação, os pecados do povo eram “levados” (ac*n*) pelo bode expiatório. De acordo com Levítico 16.22, o animal sacrificial morre no lugar do povo. O uso de lb^s* (Is 53.11) implica levar a carga de outra pessoa (Is 46.4,7). Contra Orlinsky e Whybray, o Servo não sofre com o povo, mas, em algum sentido, pelo povo. Isso introduz uma clara nota de substituição por parte do Servo Sofredor em lugar do povo. Hermann Spieckermann ressaltou a importância da mudança da voz passiva, no contexto imediato do versículo 4, para a voz ativa em 53.4a. Essa mudança deixa claro que a escolha do Servo de tomar sobre si os pecados do povo foi sua própria decisão e sua própria atitude. [14]

Isaías 53.5 contém um outro uso enfático do pronome “ele” como sujeito de “foi traspassado”, precedido pelo uso do waw disjuntivo (“mas”), enfatizando o contraste entre o Servo e o povo. Observe a estrutura desse versículo: “ele...

pelas nossas... ele... pelas nossas... sobre ele... pelas suas... somos". O versículo 5a fala de "nossas transgressões" e "nossas iniquidades". Essas referências preparam o caminho para o que segue no versículo 5b, "onde o sofrimento vicário do Servo fica totalmente evidente". [15] O verbo traduzido como "traspassado" é usado por Isaías frequentemente em contextos em que a morte está em vista. A palavra hebraica traduzida como "moído" significa "quebrar em pedaços" ou "pulverizar". [16] Não somente o Servo se coloca no lugar do povo, mas também as ações do Servo trazem benefícios positivos para o povo: "Por suas pisaduras fomos sarados". A palavra hebraica traduzida como "castigo" frequentemente significa punição, como nesse contexto. A frase "castigo que nos traz a paz" é traduzida literalmente por J. Alec Motyer como "nosso castigo da paz", que semanticamente comunica o significado de "punição necessária para assegurar ou restaurar nossa paz com Deus'. [17] Esses dois versículos afirmam claramente a substituição por parte do Servo. De fato, Motyer afirmou: "Assim, o versículo 4 requer o substantivo 'substituição', e o versículo 5, o adjetivo 'penal'". [18] Embora o versículo não mencione explicitamente a ira de Deus, "não pode ser negado que o castigo do Servo é a punição que ele sofreu por causa dos outros". [19]

O autor continua a fazer uso de sujeitos enfáticos em Isaías 53.6, com "todos nós" e "o Senhor". O uso de WnL*K% ("todos nós") emoldura esse versículo como uma palístrofe. O versículo começa com "todos nós" e termina com "nós todos". Oswalt sugere que a palavra, por sua falta de especificidade, provoca uma extensão a toda a raça humana. [20] Jan L. Koole argumentou que essa inclusão apoia a interpretação individualista da identidade do Servo. Ele também observou, à luz dessa inclusão, a improvável identificação daqueles que falam, no versículo 6, com as "nações" e a identificação do Servo como "Israel". [21] O autor colocou a ênfase na frase final, "o Senhor fez cair sobre ele a iniquidade de nós todos" pelo uso enfático do nome divino Yahweh no texto hebraico associado ao uso do marcador de objeto hebraico antes do substantivo "iniquidade". O uso do marcador de objeto na poesia hebraica é incomum. [22] Não apenas isso é um ato de substituição, mas também está carregado de linguagem cúltica. O Servo é "a provisão e o plano de Deus que superintende a tarefa sacerdotal (Lv 16.21) de transferir a culpa de um culpado para a cabeça do Servo, informando que esta é, de fato, sua estimada e aceitável satisfação pelo pecado". [23] Finalmente, o texto diz explicitamente que Deus fez isso acontecer. [24]

ISAÍAS 53.7-9

Isaías 53.7-9 faz uso de terminologia que indica que o Servo sofreu até à morte. O versículo 8 diz que ele foi “cortado da terra dos viventes”. O versículo 9 diz que “designaram-lhe a sepultura com os perversos, mas com o rico esteve na sua morte”. Há aqueles que negam que a linguagem de Isaías 53 se refira à morte literal. [25] Mas a linguagem da passagem numa leitura natural claramente se refere à morte literal, e essa palavra raramente é questionada entre intérpretes judeus e cristãos. Como Oswalt observou, até mesmo o Targum entende que a passagem fala de morte real. [26]

ISAÍAS 53.10-12

Todavia, ao

Senhor

agradou

moê-lo, fazendo-o enfermar;

quando ele der a sua alma como oferta pelo pecado,

verá a sua posteridade

e prolongará os seus dias;

e a vontade do Senhor prosperará nas suas mãos.

Como resultado do penoso trabalho de sua alma,

ele verá isso e ficará satisfeito;

o meu Servo, o Justo, com o seu conhecimento,

justificará a muitos,

porque as iniquidades deles levará sobre si.

Por isso, eu lhe darei muitos como a sua parte,

e com os poderosos repartirá ele o despojo,

porquanto derramou a sua alma na morte;

foi contado com os transgressores;

contudo, levou sobre si o pecado de muitos

e pelos transgressores intercedeu.

Esse parágrafo começa com o w disjuntivo em hebraico, expressando um contraste com os três versículos anteriores. O versículo 10 não é isento de dificuldades interpretativas, cujos detalhes não discutirei agora. [27] Os pontos pertinentes a serem observados são os seguintes. Primeiro, o sofrimento do Servo foi planejado e realizado pelo próprio Senhor (v. 10a), como indicado pela colocação enfática do nome divino, Yahweh, no início da cláusula. Os maus-tratos sofridos pelo Servo revelaram-se como uma parte do plano divino. Deus está por trás do plano de salvação e do meio específico pelo qual ela será realizada. [28] Segundo, o sofrimento do Servo é expresso em termos de uma <v*a* (“oferta pelo peçado”, v. 10b [“oferta pela culpa”, na versão da Bíblia que o autor está usando]). Terceiro, apesar de sua morte (Is 53.9), o Servo “verá a sua posteridade e prolongará os seus dias” (v. 10c.d).

Isaías enfatiza, no versículo 10, que todo esse episódio com o Servo Sofredor foi designado por Deus desde o início. Somos informados, no versículo 6, que o próprio Senhor (uso enfático do sujeito) tinha lançado a iniquidade do povo sobre o Servo. Aqui somos informados novamente que isso foi feito porque o próprio Deus quis que assim fosse. É Deus quem age para fornecer expiação para o seu povo, por meio da colocação dos pecados deles sobre o Servo.

O uso que Isaías faz do termo <v*a* (“oferta pela culpa”) em Isaías 53.10 é altamente significativo. Essa palavra hebraica se refere à “oferta pela culpa”

como descrita em Levítico 5–7, onde funciona como um sacrifício expiatório pelo pecado. [29] Tanto as ofertas pelo pecado quanto pela culpa “são amplamente consideradas as ofertas expiatórias primárias no sistema levítico de ofertas”. [30] Também é significativo o fato de que duas palavras hebraicas adicionais no versículo 10 vêm diretamente do vocabulário da oferta pela culpa encontrado em Levítico: vp#n# (“alma” ou “vida”) e a conjunção ma!. Observe a frase recorrente: “assim lhe fará, e o sacerdote por eles fará expiação, e eles serão perdoados”, em Levítico 4.20, 26, 31, 35; 5.6, 10, 13, 16, 18; 6.7. Aqui os conceitos gêmeos de expiação pelo pecado e perdão de pecados são constantemente justapostos. Tudo isso é resumido na famosa declaração de Levítico 17.11: “Porque a vida da carne está no sangue. Eu vo-lo tenho dado sobre o altar, para fazer expiação pela vossa alma, porquanto é o sangue que fará expiação em virtude da vida”.

A declaração, em Isaías 53.10, de que o Servo “verá a sua posteridade e prolongará os seus dias”, segue imediatamente a menção da morte do Servo (v. 9). Aqueles que veem o versículo 9 como metafórico geralmente também interpretam essa declaração no versículo 10 como metafórica. Outros defendem que Isaías deve estar falando da ressurreição do Servo, porque os mortos não têm filhos. [31] Devido à linguagem e à imagem usadas, é difícil negar a referência, aqui, à ressurreição do Servo.

Em Isaías 53.11, Isaías afirma que o Servo “justificará a muitos, porque as iniquidades deles levará sobre si”. Aqui o Servo é chamado de “meu Servo”, em paralelo direto com a declaração inicial de Isaías 52.13. A tradução “conhecimento” é debatida por causa de questões textuais combinadas com a incerteza do significado que o autor planejava. O conhecimento a que se refere aqui pode ser entendido subjetiva ou objetivamente. O primeiro indicaria que a obra de justificação do Servo é realizada na vida das pessoas quando elas “conhecem” o Servo por meio de um relacionamento de fé. O segundo indicaria que a justificação das pessoas se torna possível por causa do “conhecimento” do Servo, onde, semanticamente, “conhecimento” refere-se aos sofrimentos suportados pelo Servo. [32] O único modo pelo qual o Servo pode justificar a muitos é levando as iniquidades deles. O objeto “as iniquidades deles” é colocado no início da cláusula hebraica, em posição enfática. O sujeito do verbo é enfatizado pela adição do pronome independente. O sentido é: “É as iniquidades deles que ele carrega”. [33]

Isaías 53.12 funciona como um resumo, uma conclusão sobre a distribuição de

uma porção com muitos, e a divisão do despojo é primeiro afirmada e seguida pela razão: “porquanto derramou a sua alma na morte”. Essa ordem serve para dar proeminência semântica à causa afirmada, a saber, a morte substitutiva do Servo. Isaías é cuidadoso em usar a palavra hebraica traduzida por “muitos” três vezes nos versículos 11 e 12: o Servo justificará a “muitos”, receberá “muitos” como a sua parte porque levou sobre si o pecado de “muitos”. A noção do Servo derramando a sua alma na morte claramente sugere linguagem sacrificial, especialmente à luz do contexto imediato de <v*a* (“oferta pela culpa”), no versículo 10. Como Oswalt disse, “o Servo será exaltado ao mais alto céu, não porque foi humilhado (embora tenha sido), não porque sofreu injustamente (embora tenha sofrido), não porque fez isso voluntariamente (embora tenha feito), mas porque levou o pecado do mundo para permitir que os filhos de Deus voltassem ao lar, para ele”. [34]

Isaías 53.11-12 afirma claramente que o Servo sofreu pelos pecados do povo: “As iniquidades deles levará sobre si” (lB)s=y] aWh, v. 11); “levou sobre si o pecado de muitos” (af=d@-myB!r~~ ac*n*, v. 12). Deve-se observar que Levítico 16 usa essas frases em pares revertidos. Ambas falam de levar culpa e punição. Além disso, somente em Isaías 53 essas frases são usadas desse modo para se referir a uma pessoa, não a um animal. Combine isso com a sintaxe incomum nesses dois versículos e a conclusão é inevitável: o Servo oferece um sacrifício substitutivo penal pelos pecados do seu povo. [35] O versículo 12 também enfatiza o fato de que o Servo não sofreu como uma vítima passiva ou involuntária, sem poder diante dos maus tratos dos outros, mas voluntariamente e com objetivo deliberado. A promessa de Yahweh de exaltar o Servo (v. 12a) é declarada sobre a voluntariedade do Servo de se oferecer para morrer como um sacrifício em favor de seu povo (v. 12b). Em contraste, o uso da voz passiva no versículo 12 indica a atividade de Yahweh no sofrimento do Servo, que é ainda mais realçada pelo fato de que o “quarto Cântico do Servo começa com a perspectiva de Deus (52.13) e termina com a perspectiva de Deus (53.11-12)”. [36]

Para concluir o versículo 12 Isaías emprega o mesmo verbo que usou para concluir o versículo 6: “No primeiro, o Senhor faz de seu Servo o portador do pecado; no segundo, o Servo se interpõe em favor daqueles cujos pecados ele leva: ele é, assim, o mediador entre Deus e nós (6) e entre nós e Deus (12)”. [37] Há pouca dúvida de que o vocabulário de Isaías é derivado do ritual do dia da Expiação.

A INFLUÊCIA DE LEVÍTICO 16 SOBRE ISAÍAS 53

O verbo hebraico rp^K*, “fazer expiação”, ocorre dezesseis vezes em Levítico 16. Dos quatro significados possíveis para rp^K*, nenhum necessariamente exclui os outros. [38] Primeiro, onde Deus é o sujeito, rp^K* pode significar “perdoar”. Todavia, em alguns textos, rp^K* é distinto de perdão e é um pré-requisito para ele (Lv 4.20, 26, 31; 19.22; Nm 15.25). Contudo, a noção de perdão é proeminente. Segundo, a palavra pode indicar “purificação”, como em Levítico 16.30. Terceiro, rp^K* pode significar “resgate”, como seu cognato dp#K). No ritual do dia da Expiação, a vida do animal substitui vidas humanas. Quarto, a palavra pode se referir ao afastamento da ira de Deus. [39]

A questão se o ritual do bode expiatório implica substituição ou não tem levado alguns a responder negativamente. Todavia, os dados linguísticos são esmagadoramente favoráveis a uma resposta afirmativa. Como Steve Jeffrey, Michael Ovey e Andrew Sach ressaltam, “quando vive uma pessoa que, de outro modo, teria morrido e morre um animal que, de outro modo, teria vivido, a substituição está necessariamente envolvida”. [40] Quando Levítico 16.22 fala do bode expiatório como levando “sobre si as nossas iniquidades”, o significado da frase em hebraico depende, em parte, do sujeito do verbo. Aqui o sujeito é “o bode”. Quando Deus é o sujeito, a frase significa “perdoa a iniquidade”, como em Números 14.18. O bode expiatório leva não somente a culpa do povo, mas também o pecado do povo, e faz isso via substituição, levando a culpa e o pecado em lugar do povo. [41]

Em resumo, todo o sistema sacrificial levítico, juntamente com seu ritual central do Dia da Expiação, ilustra a natureza substitutiva e propiciatória da expiação fornecida para o povo. Dois animais eram envolvidos no ritual do Dia da Expiação. O primeiro era imolado sacrificialmente. O derramamento de sangue descrevia o meio necessário de expiação. O ritual do bode expiatório descrevia o efeito da expiação: a remoção da culpa. O uso que Isaías faz do termo hebraico ac*n* em Isaías 53.4,12 é reminiscente de Levítico 16.22, em que a mesma palavra é usada para descrever o bode expiatório levando as iniquidades do povo. [42] Peterson está correto em seu julgamento que “aqueles que negam o tema da substituição penal nesse capítulo parecem ser culpados de contestação

especial”. [43]

A LINGUAGEM DE EXPIAÇÃO EM ISAÍAS 53

Tem sido ressaltado frequentemente que o verbo hebraico principal para expiação, rp^K*, [44] não é usado em Isaías 53. Alguns, como Whybray e Orlinsky, argumentaram, com base nisso, que Isaías 53 não tem referência à expiação. Em seu importante estudo sobre esse assunto, J. Alan Groves mostrou que nem todos os contextos nos quais a linguagem de expiação é usada são de natureza cúltica. [45] No entanto, o resultado da expiação sempre foi impedir a ira de Deus.

Às vezes, o resultado pode ser expresso em termos de perdão, purificação ou consagração, mas em cada caso a conotação final do resultado é a mesma: evitar a deflagração da ira de Yahweh... Uma situação específica se destaca – a ação de Fineias relatada em Números 25.1-13, em que ele mata o israelita ofensor e interrompe o atual surto da cólera de Deus. É o próprio Yahweh quem chama isso de “fazer expiação”. Somente o caso de Fineias é suficiente para refutar a declaração geral de que a linguagem deve ser cúltica para ser linguagem de expiação. [46]

Como Groves corretamente ressalta, exigir que a linguagem em Isaías 53 seja cúltica para que seja considerada linguagem de expiação é errar o alvo. “O tema no livro de Isaías não é linguagem cúltica vs. linguagem não cúltica, mas se a linguagem é de expiação ou não, que, de qualquer modo, pode ser não cúltica. A linguagem em Isaías 53 é cúltica”. [47]

Recentemente, alguns estudiosos começaram a questionar o entendimento tradicional da expiação substitutiva em Isaías 53. Whybray, por exemplo, argumentou que o Servo não sofre no lugar do povo como seu substituto, mas sofreu junto com o povo como seu representante. [48] A terminologia teológica usada para expressar esse conceito é chamada “substituição inclusiva”. O

entendimento tradicional da expiação substitutiva em Isaías 53 é citado como "substituição exclusiva". Otfried Hofius objeta ao conceito de substituição penal como uma posição teológica, mas corretamente observa que Isaías ensinou esse conceito em Isaías 53. [49]

Groves parece ter atingido o verdadeiro problema que algumas pessoas têm com a noção de expiação em Isaías 53: a humanidade do Sofredor. Se Isaías 53 falasse de um animal sacrificial, ninguém questionaria se a expiação está nessa passagem ou não. De acordo com aqueles que rejeitam a noção tradicional de expiação na passagem, já que a Torá não fala de expiação por meio de sacrifício humano, e já que o Servo Sofredor é humano, não é possível que Isaías 53 fale de expiação. Groves está correto ao salientar que o problema real aqui não é a ausência de linguagem cúltica, mas se Isaías está ou não usando linguagem de expiação "e, se estiver, como o sofrimento e a morte de um ser humano para fazer expiação podem ser explicados". [50] Para complicar a questão temos as afirmações diretas na passagem de que o Servo "nunca fez injustiça, nem dolo algum se achou em sua boca" (v. 9) e da natureza imaculada do Servo, pela qual ele é "o Justo" (v. 11). Aqui temos um ser humano inocente, até mesmo justo, que está sofrendo em favor de outros, que são pecadores. Além disso, afirmações nos versículos 4, 6 e 10 deixam claro que o próprio Deus está por trás do sofrimento do Servo. Isaías 53.12 funciona como uma espécie de resumo do quarto Cântico do Servo. O sacrifício voluntário que o Servo faz de si mesmo em favor do povo, tomando sobre si os pecados deles e recebendo a punição deles é claro. O desfecho de Isaías 53 é triplo: (1) Isaías claramente afirma que Deus ordenou o sofrimento do Servo; (2) o Servo não está sofrendo por causa de seus próprios pecados; e (3) O Servo substitui o povo e sofre por ele. Não deve haver dúvida de que a expiação substitutiva é ensinada em Isaías 53.

A IDENTIDADE DO SERVO SOFREDOR

Quem é o Servo Sofredor em Isaías 53? Isaías nunca nos diz. O que parece óbvio é que o Servo Sofredor não pode ser identificado com uma entidade coletiva, como a nação de Israel. Pelo menos quinze pessoas diferentes foram sugeridas como a identidade do Servo, incluindo o próprio profeta Isaías. Se continuarmos dentro do contexto de Isaías, uma boa defesa pode ser feita de que o Servo é o

Messias davídico. Se colocarmos os óculos do Novo Testamento, é óbvio que o Servo de Isaías 53 só pode ser Jesus Cristo. Fica claro, pela maneira como os autores do Novo Testamento citam a passagem de Isaías 53 e fazem alusão a ele que todos interpretam a passagem como referindo-se a Jesus. Além disso, várias afirmações específicas feitas em Isaías 53 sobre o Servo Sofredor fazem paralelo com a vida e a morte de Jesus. Oswalt corretamente observou que esses pontos de contato “são tantos e tão variados que não podem ser coincidência”. [51]

De maior interesse é o fato de que o Servo é distinguido de Yahweh; no entanto, há afirmações feitas sobre o Servo que parecem atribuir a ele status divino. Por exemplo, em Isaías 52.13, é dito que o Servo será “exaltado e elevado e será mui sublime”. Essa expressão, em hebraico, é usada somente em outros três lugares em todo o Novo Testamento, e todas estão em Isaías (6.1; 33.10; 57.15). Em cada um dos casos, a frase se refere a Yahweh. Groves interpreta esse dado como significando que “os próprios lábios de Yahweh declararam que o Servo devia ser identificado com o próprio Yahweh”. [52]

Há um jogo de palavras deliberado entre Isaías 52.13 e 53.12 que serve para criar um inclúsio léxico, dando coesão ao quarto Cântico do Servo. O Servo que levou (n~s~’) o pecado do povo (Is 53.12) é o mesmo que será levantado (n~s~’) pelo próprio Yahweh.

CONCLUSÃO

Há várias referências na literatura rabínica a coisas estranhas e incomuns que se diz terem acontecido no templo de Jerusalém quarenta anos antes de sua destruição. Entre as mais interessantes está a condição do cordão escarlate do Dia da Expiação. De acordo com a tradição judaica, um cordão escarlate era amarrado do lado de fora da porta do templo. No Yom Kippur, o Dia da Expiação, se o ritual sacrificial realizado pelo sumo sacerdote fosse aceito por Deus, o cordão se tornaria branco. A mais completa explicação a respeito da tradição do cordão escarlate é encontrada no Talmude Babilônico, Rosh HaShanah 31b:

Pois isto é ensinado na autoridade tanaítica: Em tempos antigos, [no Dia da Expiação, depois que o sumo sacerdote realizava sua adoração especial], eles amarravam um cordão carmesim do lado de fora da porta de entrada do [Templo]. [Se] ele se tornasse branco, [o povo] se alegraria; se não se tornasse branco, [o povo] seria afligido. Eles ordenaram que o amarrassem do lado de dentro da porta de entrada do [Templo], mas o povo ainda assim [o] via. [Se] ele se tornasse branco, o povo se alegraria; [se] não se tornasse branco, o povo seria afligido. [53]

Rosh HaShanah 32a diz: “e isto é ensinado na autoridade tanaítica: Por quarenta anos antes da destruição do templo, o cordão carmesim não ficou branco, mas, em vez disso, permaneceu vermelho”. [54] O mesmo é encontrado no Talmude de Jerusalém (Yoma 6:4, A-B): “Isto foi ensinado: Quarenta anos antes da destruição do Templo, a luz oriental se foi, o cordão carmesim permaneceu carmesim e a porção para o Senhor sempre surgiu na mão esquerda. Eles fechavam os portões do Templo à noite e, ao se levantarem pela manhã, encontravam-nos totalmente abertos”. [55] No Talmude de Jerusalém, algumas dessas mudanças são associadas ao “tempo em que Simeão, o Justo, estava vivo”. Por exemplo: “Durante todo o tempo em que Simeão, o Justo, estava vivo, o cordão carmesim ficou branco. Quando Simeão, o Justo, morreu, às vezes ele ficava branco, às vezes, vermelho”. [56]

Em outras palavras, como Jim Sibley ressaltou, “até ‘quarenta anos antes da destruição do Templo’, havia forte consciência de que a expiação tinha sido assegurada pelas ofertas do dia da Expiação. Como o Templo foi destruído em 70 d.C., ‘quarenta anos’ antes de sua destruição seria em torno de 30 d.C. (grosso modo, a época da crucificação). O que o Talmude está dizendo é que, depois disso, não houve expiação pelo pecado (ou, pelo menos, não houve certeza de expiação)”. [57]

Lucas 22.37 é o único lugar dos Evangelhos em que, na narrativa da última ceia, Isaías 53 é citado: “Pois vos digo que importa que se cumpra em mim o que está escrito: Ele foi contado com os malfeitores. Porque o que a mim se refere está sendo cumprido”. Essa citação serve como prefácio para o início da narrativa da paixão e é prefaciada por uma fórmula introdutória: “Pois vos digo que importa que se cumpra em mim o que está escrito”. Assim, para Lucas, Isaías 53 é a chave hermenêutica para a narrativa da paixão. [58] Jeremias argumentou que,

a menos que se veja Isaías 53 como o contexto das palavras de Jesus na Última Ceia, a narrativa “permanece incompreensível”. [59] Mateus 26.28 registra Jesus dizendo na última ceia: “Porque isto é o meu sangue, o sangue da [nova] aliança, derramado em favor de muitos, para remissão de pecados”. Isso parece ser uma referência direta a Isaías 53.10, onde está escrito que o Servo de Deus dará “a sua alma como oferta pelo pecado”, e a Isaías 53.12, onde se diz que o Servo foi “contado com os transgressores; contudo, levou sobre si o pecado de muitos”. Claramente Jesus considerava o Servo de Isaías 53 como cumprido em si mesmo. [60]

Tanto Isaías quanto Jeremias se esforçam para mostrar que a aliança mosaica com seu sistema sacrificial levítico era inadequada para assegurar a salvação do povo de Israel (Is 1.11-15; Jr 31.31-33). Deus prometeu realizar uma coisa “nova” (Is 48.7) e uma aliança “nova” (Jr 31.31-33). Essa coisa “nova” e essa aliança “nova” seriam realizadas por meio do sofrimento e da morte substitutivos do Messias davídico, Jesus Cristo. O sistema sacrificial era apenas uma sombra (Hb 8), da qual Jesus é a substância e o cumprimento final. O autor de Hebreus deixou claro que é impossível que o sangue de bezerros e bodes remova pecados. Nenhum sacrifício animal pode funcionar como um substituto permanente para os pecados de um ser humano. A salvação do pecado é realizada somente pelo Servo Sofredor de Isaías, Jesus Cristo. Como é, então, que o autor de Hebreus desenvolve o sumo sacerdócio de Cristo? O Messias davídico não era de descendência sacerdotal e Jesus não era da tribo de Levi, mas de Judá. Por meio da brilhante justaposição exegética do Salmo 110.1 com o Salmo 110.4, o autor de Hebreus realiza sua tarefa teológica. O Salmo 110.1 traz: “Disse o Senhor ao meu senhor: Assenta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos debaixo dos teus pés”. O Salmo 110.4 traz: “O Senhor jurou e não se arrependerá: Tu és sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque”. Jesus, o Servo Sofredor, era Rei e Sacerdote.

Além disso, Lucas mostrou a obra sacerdotal de Cristo de maneira singular em seu Evangelho. O Evangelho de Lucas começa e termina no Templo. Em Lucas 1.5, somos apresentados a Zacarias, o sacerdote que cumpria seus deveres sacerdotais no Lugar Santo. Ele é visitado pelo anjo, que o informa que ele e sua esposa, Isabel, todavia, estão além da idade de gerar filhos, terão um filho que será o precursor do Messias. Zacarias teve dificuldade em crer no que o anjo lhe dizia, por isso este o deixou mudo. Quando Zacarias sai do Lugar Santo, o povo está esperando sua chegada para concluir a liturgia do altar de incenso, que inclui o pronunciamento de bênção. Porém, Zacarias não consegue falar e, por

isso, não conclui a liturgia. Vá direto para Lucas 24.50-51. Ali, no Monte das Oliveiras, o Jesus ressurreto sobe ao céu, mas não antes de levantar suas mãos e abençoar os discípulos. Esse ato pode ser uma referência direta à atividade do sumo sacerdote, que concluía a liturgia do Dia da Expiação levantando as mãos e pronunciando a bênção sobre o povo. [61]

Esse ato de abençoar é como o do sumo sacerdote, Simão, em Siraque 50.19-20. Com um ato sacerdotal, o Jesus ressurreto coloca seus discípulos sob a proteção de Deus antes de deixá-los... Assim como o evangelho começa com o ministério do sacerdote Zacarias, ele termina com Jesus agindo como sacerdote para seu rebanho (cf. Hb 2.17; 3.1; 6.19-20). [62]

Lucas pode estar deliberadamente começando e terminando seu Evangelho como faz para mostrar que o que Zacarias não pôde terminar, a liturgia do templo, Jesus, nosso grande Sumo Sacerdote, completou com seu sacrifício definitivo na cruz e, agora, pronuncia a bênção sacerdotal sobre o povo. Assim, Lucas simbolicamente indica o ministério sacerdotal de Jesus e o fim do sistema levítico. Observe que os discípulos voltam ao templo no fim do Evangelho de Lucas.

Em Lucas 10.17-20, Jesus diz aos seus discípulos para se alegrarem porque o nome deles está escrito nos céus. No Yom Kippur, essas mesmas palavras eram pronunciadas pelo sumo sacerdote. A apresentação que Lucas faz dos últimos dias de Jesus o descrevem como Sumo Sacerdote. Em Lucas 22.31-32, Jesus ora por Pedro, para que sua fé não desfaleça, o que é emblemático das orações intercessórias do sumo sacerdote. Em Lucas 23.34, na crucificação, Jesus ora pela multidão: “Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem”. David Daube argumenta que essa oração tem um contexto completamente judaico e foi primariamente pelos judeus, não pelos romanos (embora estes possam ter sido incluídos). [63] O que é interessante aqui é a relação que Daube faz entre Números 15.25-26, uma referência à liturgia do Dia da Expiação, em que uma ofensa inconsciente cometida pela comunidade era perdoada, e Lucas 23.24 e Hebreus 5.2, em que o sumo sacerdote judeu, com quem Jesus é comparado, tem compaixão “dos ignorantes e dos que erram”. [64] Pode ser que Hebreus 5.2 seja um comentário sobre o relato histórico da oração de Jesus segundo Lucas e

que esta seja mais uma evidência de que Lucas retratou Jesus como Sumo Sacerdote que intercede pelo seu povo? [65] Ao longo do Evangelho de Lucas, Jesus é descrito com os atributos sacerdotais de simpatia, compaixão e misericórdia. [66]

Lucas coloca a morte de Jesus dentro do esquema temporal da Páscoa judaica para enfatizar o caráter sacrificial de sua morte. As palavras de Jesus sobre o pão e o cálice na última ceia claramente expressam a natureza sacrificial de sua morte. A citação de Isaías 53 em Lucas 22.37, e a alusão a Jeremias 31.31-33 na declaração de Jesus sobre a “nova aliança” em seu sangue, ilustram o esforço de Lucas para conectar Jesus a essas passagens cruciais do Antigo Testamento. Em Atos 3, Pedro e João sobem ao Templo na hora de oração. Eles não sobem na hora do sacrifício porque Lucas e os cristãos primitivos perceberam que Jesus era seu sacrifício final. O sistema sacrificial levítico tinha se tornado obsoleto pela obra expiatória de Cristo na cruz. A nova aliança tinha sido inaugurada no sangue do Servo Sofredor de Isaías 53, que é o grande Profeta de Deus como Moisés, Sumo Sacerdote segundo a ordem de Melquisedeque, e Rei Messiânico davídico. Seu nome é Jesus.

8

PERDÃO E SALVAÇÃO EM ISAÍAS 53

Robert B. Chisholm Jr.

O chamado quarto Cântico do Servo de Isaías é uma história da desgraça à glória. [01] Ele começa com um anúncio surpreendente sobre uma pessoa a quem o Senhor chama de Servo (Is 52.13-15). Esse Servo foi tão desfigurado que se tornou repulsivo aos observadores. Governadores e reis não tinham ficado muito impressionados com ele. Mas agora, anuncia o Senhor, esse Servo será elevado a uma grandiosa posição real, e os reis ficarão pasmos, em silêncio e incredulidade.

Um grupo não identificado ouve esse anúncio e expressa sua surpresa (Is 53.1). Eles falam, pelo menos retoricamente, num ponto no tempo posterior ao sofrimento (descrito como já realizado), mas antes da plena justificação e exaltação do Servo (vistas como ainda no futuro). Tendo ouvido o relato de como esse Servo esgotado se tornará rei, eles ficam aturdidos. Eles dizem: "Quem creria no que acabamos de ouvir? Não vimos o braço do Senhor em ação por meio dele" (paráfrase do autor). Na Bíblia Hebraica, o "braço do Senhor" é uma metáfora de poder militar, que descreve o Senhor como um guerreiro que estende seu braço, pega a arma e esmaga os seus inimigos (cf. Is 51.9-10; 63.5-6). Mas o grupo que fala, que parece estar totalmente familiarizado com o Servo, não tinha visto poder militar do Senhor em ação nele.

Não, ele era insignificante, como um pequeno broto que nasce em uma árvore ou uma pequena raiz que brota numa terra seca apenas para ser queimada pelo sol (53.2). Esse Servo não tinha sobre si uma aura majestosa, real. De fato, por fim, ele foi desprezado e rejeitado; sofreu grande dor e era como uma pessoa com doença terminal, que é evitada pelos outros por causa de uma enfermidade horrível (53.3).

Nos versículos 4-6, a reflexão substitui o choque, quando o grupo repentinamente percebe que as aparências podem ser enganadoras. Em essência, eles dizem: “Quando vimos esse Servo Sofredor, pensamos que ele estava sendo punido por Deus por causa de seu próprio pecado, por algo terrível que tivesse feito. Mas estávamos apenas parcialmente corretos. Sim, ele estava sendo punido por Deus, mas não por causa do seu próprio pecado. Não, ele estava sendo punido pelos nossos pecados! O Servo pegou o fardo pesado do nosso pecado, colocou-o sobre os ombros e o levou. O Servo foi ferido e esmagado não por causa de algo que tenha feito, mas por algo que nós fizemos. Agora tudo começa a fazer sentido. Como pecadores, éramos como ovelhas que se desviaram do caminho de Deus. Éramos vulneráveis a ataques; a culpa pelo nosso pecado estava pronta para nos atacar e destruir. Mas, então, o Servo interveio e recebeu toda a força do ataque. Estávamos enfermos, por assim dizer, mas, como o Servo aceitou a punição de Deus por nós, agora estamos curados”.

A reflexão sobre o sofrimento do Servo continua nos versículos 7-10, embora não esteja claro se o grupo continua falando aqui. O que fala lembra como o Servo suportou silenciosamente o tratamento severo: “Ele não falou em sua própria defesa; era como um cordeiro inocente sendo levado ao matadouro ou à tosquia. O julgamento seria ilegal e irregular, caso houvesse um. Mas quem se importou com isso? Eles o levaram e o mataram – e agora é evidente por que ele ficou em silêncio e apenas permitiu que tudo acontecesse. Ele estava assumindo a punição pela rebelião de outros contra Deus! Ele estava se submetendo à vontade de Deus. Yahweh, o Deus de Israel, tinha decidido esmagar o seu Servo. Mas essa alienação não foi final. Não, tendo obedientemente realizado a vontade de Deus, o Servo será reconciliado com Deus. Ele novamente vivenciará a bênção de Deus e cumprirá o programa de Deus”.

Nesse ponto, Deus interrompe e concorda com o que aquele que fala está dizendo (53.11-12). [02] Esse Cântico do Servo termina como começou, com Deus anunciando que o Servo será exaltado e recompensado pela obediência. O Servo de Deus olhará para trás, para sua obra, e terá grande satisfação no que realizou. Além disso, ele justificará a muitos porque ele, o Inocente, pegou o fardo de pecados deles e o levou. Ele se identificou com os rebeldes (cf. v. 12), tomou o pecado deles sobre os seus ombros e deu a sua vida em favor deles. Mas ele surgirá vitorioso e será ricamente recompensado por Deus pelo que fez.

Assim, vemos que o quarto Cântico do Servo de Isaías é realmente uma história da desgraça à glória, sobre um Servo desprezado que é, no devido tempo,

exaltado, porque sofreu voluntariamente pelos pecadores e suportou as consequências horríveis das transgressões deles. Mas, embutida na história do Servo, há outra história da desgraça à glória, sobre ovelhas que se desviam, rebeldes contumazes contra Deus, enfermas e destinadas à destruição que, por causa do sofrimento do Servo, acabam sendo curadas e transformadas.

Quando lemos esse cântico, muitas perguntas nos vêm à mente: Quem é o Servo descrito no cântico? Quando ele suportou esse sofrimento? Ele realmente morre apenas para ser restaurado à vida? O sofrimento do Servo inocente em favor de pecadores confessos e rebeldes não é uma ostensiva violação da justiça? Como o sofrimento do Servo justifica a muitos? Quem são os beneficiários desse sofrimento? Este ensaio discute os temas relacionados de perdão e salvação como aparecem no cântico. Ao fazer isso, espera-se que ele comece a responder pelo menos algumas dessas perguntas.

É estranho, mas não se encontram no cântico os termos e expressões comuns para perdão. [03] Na verdade, o verbo acn, “retirar, remover”, é usado primeiro com “nossas enfermidades” como objeto (53.4) e, depois, com “o pecado de muitos” como objeto (53.12). Mas af=j@ aC*n`, “remover pecado”, não é uma expressão usada para perdão em nenhum outro lugar da Bíblia Hebraica. Quando acn é usado para perdão, ele tem iou*, taF*h^ ou uv^P# como seu objeto, não af=j@. Como veremos, af=j@ ac*n` significa “incorrer em culpa/sofrer punição”. Contudo, o conceito de perdão está presente em Isaías 53, especialmente no versículo 11, em que o verbo qyD!x=y~~, cujo significado tem sido debatido e é discutido abaixo, aparece.

No cântico, também não são encontradas as palavras comuns para salvação. [04] No entanto, o conceito está presente no versículo 5, em que o sofrimento imerecido do Servo em favor dos pecadores resulta na cura (<w{lv*) deles.

TRADUÇÃO DE VERSÍCULOS PERTINENTES

As declarações-chave sobre os temas de perdão e salvação são encontradas em Isaías 53.4-6, 8b, 11-12. [05] Antes de examinarmos mais de perto esses temas, farei uma tradução anotada dos versículos pertinentes:

53.4:

Certamente, [06] ele tomou as nossas enfermidades e levou as nossas dores; [07] mas [08] pensávamos que ele estava sendo punido, [09] atacado por Deus [10] e afligido [por algo que tinha feito].

53.5:

Mas ele [11] foi ferido [12] por causa dos [13] nossos atos rebeldes, [14] esmagado por causa de nossos pecados; ele suportou a punição que nos faz bem, [15] e por suas feridas [16] fomos curados. [17]

53.6:

Todos nós, como ovelhas, [18] tínhamos nos desviado, [19] cada um de nós tinha seguido seu próprio caminho; [20] mas o Senhor fez a punição que todos nós merecíamos [21] atacá-lo. [22]

53.8b:

… pois ele foi cortado da terra dos viventes, por causa da [23] rebelião do meu [24] povo, que merecia ser ferido. [25]

53.11:

Tendo sofrido, [26] ele olhará, [27] ele ficará satisfeito, por sua lealdade... [28] Meu servo justo [29] justifica a muitos, [30] Já que ele estava levando os pecados deles. [31]

53.12:

Portanto, eu lhe darei os muitos, e com uma multidão ele dividirá o espólio, [32] porque [33] ele se submeteu à morte, [34] e foi contado com rebeldes, vendo que [35] tomou o pecado de muitos, e estava intercendo [36] pelos rebeldes.

O TEMA DO PERDÃO

Tipicamente usamos o verbo “perdoar” em uma das três maneiras: (1) “desculpar uma falta ou uma ofensa; perdoar”; (2) “parar de sentir ira ou ressentimento contra alguém”; (3) “isentar do pagamento” (American Heritage Dictionary of the English Language, 4ª. ed.). Talvez a primeira definição seja a que pensamos ser a primária em contextos teológicos, quando Deus “perdoa” pecadores, mas nenhuma dessas definições transmite adequadamente o conceito de perdão da Bíblia Hebraica.

A Bíblia Hebraica afirma que o Senhor, por sua própria natureza, é um Deus perdoador (Êx 34.6-7; Nm 14.19; Mq 7.18-19). O perdão de Deus nasce de sua compaixão, graça, paciência e amor fiel (cf. também Ne 9.17; Sl 86.15; 103.8-10; 145.8; Jl 2.13; Jn 4.2). Embora a própria natureza de Deus o predisponha a perdoar seu povo pecaminoso, suas promessas pactuais e seu cuidado com sua reputação também o motivam nessa direção. Quando intercede pelas futuras gerações pecaminosas, Salomão lembra ao Senhor que ele tomou Israel para si do Egito como seu povo e herança (1Rs 8.51). Miqueias 7.18-20 atribui o perdão misericordioso e amoroso de Deus às suas promessas incondicionais aos patriarcas. A fidelidade de Deus às suas promessas é a base para recorrer à sua reputação. Do exílio, Daniel orou: “Ó Senhor, ouve; ó Senhor, perdoa; ó Senhor, atende-nos e age; não te retardes, por amor de ti mesmo, ó Deus meu; porque a tua cidade e o teu povo são chamados pelo teu nome” (Dn 9.19; cf. Sl 25.11; 79.9-10). Como Moisés observou, se Deus não cumprisse suas promessas poderia levar alguns a questionar sua capacidade e seu poder (Nm 14.13-16).

Mas o que exatamente o perdão de Deus acarreta? Às vezes, isso significa que Deus dá ao ofensor uma sentença reduzida. Por exemplo, em Números 14.13-19, Moisés pediu ao Senhor que perdoasse o povo por sua rebelião (cf. v. 1-12). O Senhor os perdoou (v. 20), isto é, ele não os destruiu total e imediatamente,

como tinha ameaçado fazer (v. 12,15). Todavia, o Senhor, ainda assim, os puniu severamente por suas ações (v. 21-35). De modo semelhante, o Senhor perdoou Davi quando ele confessou seu pecado diante de Natã (2Sm 12.13), mas isso significou apenas que a vida de Davi e sua posição real foram poupadas, não que ele tenha escapado das consequências dos seus atos (cf. 2Sm 12.10, 14). Outras vezes, o perdão de Deus significa que ele retém uma punição devida ao pecado (Jr 5.1; Am 7.1-3) ou que ele elimina, pelo menos em parte, as persistentes consequências de pecados passados (1Rs 8.33-39, 46-50; Jr 31.33-34; Os 14.2; Mq 7.18-19), não mais considera os ofensores responsáveis (i.e.,sujeitos à punição) por aquelas transgressões passadas (cf. Sl 32.1; 130.3-4) e transforma o caráter interior deles quando os restaura à comunhão (cf. Sl 51).

Quando examinamos Isaías 53.4-6, 11-12, encontramos alguns dos elementos-chave do perdão. Primeiro, o Servo elimina, pelo seu próprio sofrimento, as persistentes consequências de pecados passados. No versículo 4, os que falam reconhecem que o sofrimento físico do Servo (cf. v. 5) estava ligado às "enfermidades" e "dores" deles. [37] As enfermidades e dores são consequências do pecado, como os versículos 11-12 deixam claro. [38] A declaração do versículo 4, "ele tomou as nossas enfermidades" (ac*n* aWh Wny}L*j(), deve ser comparada com a declaração do versículo 12, ele "levou o pecado de muitos" (ac*n* <yB!r~~-afj@ aWhw+), enquanto "levou as nossas dores" (v. 4, <l*b*s= Wnyb@a)k=m^W) corresponde a "ele estava levando os pecados deles" (v. 11, lB)s=y] aWh <t*n{w{u&w~~). Nos versículos 11-12, os verbos "levar" e "carregar" são repetidos, mas termos que significam pecado substituem "enfermidades/dores" como objeto dos verbos. [39]

O verbo acn, "levar, carregar" é colocado com af=j@, "pecado", em outras oito passagens. Quatro vezes ele tem o sentido de "incorrer em culpa (pelos atos errados da própria pessoa)" (Lv 19.17; 22.9; Nm 18.22, 32) e quatro vezes significa "sofrer punição (por causa de ações erradas da própria pessoa)" (Lv 20.20; 24.15; Nm 9.13; Ez 23.49). Em cada caso, o sujeito incorre em culpa ou sofre punição pelos seus próprios atos maus. Isaías 53.11-12 é único nesse sentido, pois o Servo incorreu em culpa/sofreu punição pelos pecados de "muitos" (<yB!r~). Com base na analogia linguística com outras expressões para perdão que utilizam acn, podemos dizer que acn af=j@, em Isaías 53.12, tem a noção de "perdoar", [40] mas parece mais provável que Deus, não o Servo, seria aquele que concede perdão (cf. Is 43.25; 44.22; 55.7). Também se deve observar o versículo 4, em que o Servo leva as "enfermidades", que são as consequências do pecado. Isso sugere que o versículo 12 se refere a ele sofrendo

as consequências do pecado, não simplesmente perdoando pecados. Talvez Levítico 16.22 seja instrutivo. Nessa passagem, “levar” é usado com “todas as iniquidades deles”, e um sujeito diferente de Deus leva o pecado de outro. [41] O bode expiatório, funcionando como um instrumento de perdão, leva os pecados do povo para o deserto. [42] Do mesmo modo, o Servo inocente (cf. 53.9) pode desempenhar o papel de instrumento do perdão de Deus.

O verbo lbs, “carregar”, é colocado com /ou*, “pecado”, em apenas uma outra passagem, Lamentações 5.7, que traz: “Nossos pais pecaram e já não existem; nós é que levamos o castigo das suas iniquidades”. Os filhos, que também eram pecadores (cf. v. 16), estavam sofrendo as consequências dos pecados dos seus ancestrais (cf. Êx 20.5). Nesse caso, como os ancestrais estavam mortos, o fato de os filhos levarem o castigo dos pecados deles não tem significado redentor. Os filhos estavam simplesmente participando da punição dos ancestrais, ou talvez até mesmo suportando o ímpeto total dessa punição. No pensamento corporativo do antigo Israel, o sofrimento dos filhos teria sido visto como juízo sobre seus ancestrais.

Um segundo elemento de perdão aparece no versículo 11b, que afirma que o Servo “torna a muitos justos” (veja <yB!r~~l* yD!b=u^ qyD!x^ qyD!x=y~~, “meu servo justo justificará a muitos”). Embora o significado dessa afirmação seja debatido, ela parece significar, no mínimo, que o Servo, como representante de Deus, declara que os ofensores não são mais legalmente responsáveis pelas suas transgressões passadas.

Como devemos entender a forma hiphil qyD!x=y~~? O hiphil de qdx ocorre mais onze vezes em todo o Antigo Testamento. Seis vezes ele tem um significado causativo-declarativo, “tornar justo”, mas num sentido judicial, “absolver, declarar inocente” (Êx 23.7; Dt 25.1; 1Rs 8.32 = 2Cr 6.23; Pv 17.15; Is 5.23). Três vezes tem o sentido de “justificar, fazer justiça em favor daqueles que estão com a razão (como uma função real)” (2Sm 15.4; Sl 82.3; Is 50.4). Em Jó 27.5, significa “declarar estar com a razão (num sentido forense, no contexto do debate de Jó com seus amigos)”. Finalmente, em Daniel 12.3, é usado para fazer referência aos sábios que “conduzirão muitos à justiça/tornarão a muitos justos”.

É incerto como deve ser entendida a forma em Isaías 53.11. Alguns interpretam o hiphil em Isaías 53.11 como interno/expositivo, “meu servo se mostrará justo com relação aos muitos”. [43] O aparecimento da preposição l= depois do

verbo pode favorecer isso (apenas aqui o verbo é colocado com essa preposição no sentido proposto). No entanto, o fato de que a forma do verbo tem esse sentido interno/expositivo em nenhum outro lugar milita contra a proposta.

Com base na evidência estatística apresentada acima, tenta-se interpretar a forma em sentido judicial, “absolver, declarar inocente”. Nesse caso, o Servo, tendo incorrido em culpa/sofrido punição pelos muitos (observe a cláusula seguinte no v. 11), é capaz de absolvê-los perante o tribunal da justiça divina. [44] Embora algumas passagens indiquem que é errado inocentar o culpado (Êx 23.7; Pv 17.15; Is 5.23), essa decisão é possível porque o Servo transferiu o pecado dos muitos para si mesmo. A absolvição do culpado, então, torna-se um outro exemplo de ironia num cântico que é cheio de idas e vindas irônicas. [45] Todavia, espera-se que Deus, não o Servo, seja aquele que perdoa e absolve o culpado. No entanto, o Servo pode estar agindo como representante de Deus nesse caso.

O contexto de Isaías 53 parece excluir os significados “justificar” e “declarar como tendo razão”, pois os “muitos” são vistos como pecadores culpados que precisam de misericórdia, não como vítimas que merecem justificação ou que representam uma causa justa. Embora esses significados tenham um sentido próximo de “absolver”, eles implicam uma justiça inerente por parte dos que são justificados, enquanto “absolver” é um termo estritamente legal que pode incluir, sob as circunstâncias corretas, a absolvição daqueles que merecem punição (veja acima).

Outra opção é tomar o verbo no sentido de “conduzir à justiça, tornar justo”, como em Daniel 12.3. O aparecimento de <yB!r`h^, “muitos”, em Daniel 12.3, sugere que há uma alusão a Isaías 53.11 nessa passagem, pois esta, do mesmo modo, se refere a “os muitos” (cf. <yB!r~~l*). Além disso, o termo usado para “sábios” (<yl!K!c=M^h^) parece ecoar Isaías 52.13, onde o verbo lyK!c=y~~ é usado para fazer referência ao sucesso do Servo. Nesse caso, o Servo, tendo carregado o fardo dos pecados dos muitos, e tendo-os livrado do sofrimento, dá um passo adiante e transforma o caráter dos pecadores. Em Daniel 12.3, uma dimensão didática está em vista, quando os sábios ensinam a muitos sobre a justiça (cf. 11.33). [46] Essa ideia didática, embora não seja o foco primário do quarto Cântico do Servo, encaixa-se na descrição do Servo no terceiro Cântico do Servo (cf. Is 50.4,10).

Tomando o verbo nesse mesmo sentido básico, mas sem a nuance didática,

Motyer entende que ele significa “levar justiça a/fornecer justiça para”. Ele explica que, nesse caso, a expressão “pode significar somente que há aqueles (“os muitos”) a quem ele reveste com sua justiça, compartilhando com eles sua perfeita aceitabilidade diante de Deus”. Ele correlaciona a obra do Servo, como descrita em Isaías 53.11, com a promessa feita em 51.5 de que a justiça do Senhor sairia e se aproximaria. [47] Adams tem a mesma opinião. Ele explica que o Servo traz “justiça aos muitos, o que resulta em perdão de pecados, integridade, saúde e relacionamento restaurado com Yahweh”. [48]

Devido ao uso da forma em outros lugares, é melhor, no contexto do quarto cântico, manter algum tipo de nuance causativa para o verbo – ou o sentido declarativo de “absolver” (isto é, “tornar justo” num sentido judicial) ou “tornar justo de fato, conduzir à justiça” (com ou sem a dimensão didática). A primeira antecipa o conceito teológico de justificação, enquanto a segunda pode dar um passo adiante e incluir a ideia de santificação.

Resumindo, pelo menos dois dos elementos-chave do perdão vistos em outros lugares do Antigo Testamento são evidentes aqui. Primeiro, o Servo elimina, pelo seu próprio sofrimento, as persistentes consequências de pecados passados. Segundo, ele “justifica a muitos”, o que significa, no mínimo, que o Servo, como representante de Deus, declara que os ofensores não são mais legalmente responsáveis por suas transgressões passadas. Mas, dependendo de como se entende a forma hiphil qyD]x=y~~ no versículo 11, é possível que a transformação do caráter dos pecadores esteja em vista aqui como parte do plano de Deus de reconciliar o povo da aliança consigo mesmo. Nesse caso, a obra santificadora do Servo tem uma dimensão transformadora (cf. Sl 51.10[12]).

O TEMA DA SALVAÇÃO

Pode-se pensar que o levar os pecados pelo Servo em Isaías 53 envolveu simplesmente identificação com “os muitos” e o compartilhamento do sofrimento deles, mas o versículo 5 sugere muito mais do que isso, pois descreve os pecadores sendo curados. O sofrimento do Servo os liberta de sua agonia. Isso prova que ele é redentor.

A metáfora da cura tem, inerentemente dentro dela, o conceito de salvação. Em

Salmos, o verbo apr, “curar”, aparece frequentemente junto com termos que expressam libertação (cf. Sl 6.2[3]; 30.2[3]; 41.4[5]; 107.20). O Salmo 103.3-4 é uma passagem particularmente instrutiva, pois combina a linguagem de perdão, cura e libertação: “Ele é quem perdoa [jls] todas as tuas iniquidades; quem sara todas as tuas enfermidades; quem da cova redime [laG] a tua vida”.

A cura realizada pelo sofrimento do Servo traz saúde completa (mw{lv*) aos seus beneficiários. No nível da superfície da metáfora da cura, o substantivo mw{lv* refere-se à saúde que é restaurada àqueles que estavam enfermos (cf. seu uso em Sl 38.3; Is 38.17). Num nível mais profundo, podem existir conexões intertextuais com outras passagens de Isaías, em que mw{lv* está associado à libertação do exílio (veja Is 45.7 [cf. v. 8]; 48.18 [cf. v. 19-22]; 52.7 [cf. vs. 8-12]). Todavia, a associação intertextual mais firme é com Isaías 57.18-19, em que mw{lv* e apr, “cura”, são estreitamente associados, como em Isaías 53.5: “Tenho visto os teus caminhos e o sararei [ap*r`]; também o guiarei e lhe tornarei a dar consolação, a saber, aos que dele choram. Como fruto dos seus lábios criei a paz [molv* mol)v*, lit. “paz, paz”], paz para os que estão longe e para os que estão perto, diz o Senhor, e eu os sararei [apr]”. Nesse caso, algo mais fundamental que mera libertação da prisão no exílio está em vista. A “paz” prometida parece ser o resultado de cura espiritual que traz consigo transformação moral (cf. Is 57.17-18, 20-21). O mesmo pode ser verdade quanto a Isaías 53, especialmente se entendermos o versículo 11 como referindo-se à transformação dos pecadores, em vez de simplesmente à sua absolvição (veja abaixo).

O conceito de salvação também está presente no versículo 6, que descreve os pecadores como ovelhas desviadas que são vulneráveis a ataques. Mas o Servo intervém e absorve o ataque no lugar delas, facilitando a libertação descrita nos versículos anteriores. Do mesmo modo, o versículo 12 fala do Servo “intercedendo” pelos rebeldes. Em outros lugares, o hiphil de ugP significa (1) “fazer atacar” (Is 53.6); (2) “incitar, argumentar verbalmente” (Jr 15.11; 36.25); (3) “interpor-se fisicamente” (como um herói para libertar) (Is 59.16). [49] O significado 2 ou o 3 se encaixam bem em Isaías 53.12. O segundo significado talvez descreva o Servo como um mediador profético em favor dos pecadores. O terceiro encaixa-se bem na imagem militar do versículo 12. Nesse caso, o Servo expõe sua própria vida em favor dos rebeldes para que eles possam escapar da morte. [50]

INVESTIGANDO MAIS A FUNDO

Examinamos como o quarto Cântico do Servo apresenta os conceitos entrelaçados de perdão e salvação. Mas agora devemos investigar mais a fundo, tratando das perguntas feitas quanto à linguagem e às imagens usadas pelo cântico para expressar esses temas. Para responder a essas perguntas, devemos interpretar o cântico no contexto dos outros Cânticos do Servo que, por sua vez, devem ser interpretados dentro do contexto mais amplo de Isaías 40–55 e do livro de Isaías como um todo.

Quem são os pecadores que se beneficiam do sofrimento do Servo?

Isaías 53.8 identifica os que falam nos versículos 1-6 como “meu povo”, como uma comparação do versículo 5 com o versículo 8 indica (cf. “nossos atos rebeldes”, no v. 5, com “rebelião do meu povo”, no v. 8). É improvável que seja Deus quem está falando no versículo 8, já que ele é mencionado na terceira pessoa imediatamente antes e imediatamente depois disso (v. 6,10). As palavras de Deus parecem limitadas à introdução e à conclusão do cântico (52.13-15; 53.11-12). Possivelmente, o autor profético está falando, assumindo o papel de porta-voz em favor do grupo que fala nos versículos 1-6. [51] Se Deus ou o autor profético for quem está falando no versículo 8, então “meu povo” seria Israel. Uma outra possibilidade é que o rolo A de Isaías de Qumran (1QIsa^{a}) preserve a leitura correta, “seu povo”, em cujo caso o grupo que está falando nos versículos 1-6 seria o povo do Servo. Isso muito provavelmente se refere a Israel, pois, em Isaías 49.3, o Servo do Segundo cântico é chamado de Israel num sentido idealizado. [52]

A vaga referência aos “os muitos” nos versículos 11-12 aparentemente inclui aqueles que testemunharam o sofrimento do Servo (cf. <yB!r~~ em 52.14-15). Isso incluiria aqueles que falam nos versículos 1-6 (como as associações verbais entre os vs. 4-5 e 11-12, citados acima, indica), bem como as nações e seus reis (cf. 52.15). [53] O segundo Cântico do Servo já deixou claro que a missão redentora do Servo estende-se a toda a terra e não é limitada a Israel. Em 49.6, Deus diz ao Servo, o Israel idealizado: “Pouco é o seres meu servo, para

restaurares as tribos de Jacó e tornares a trazer os remanescentes de Israel; também te dei como luz para os gentios, para seres a minha salvação até à extremidade da terra". O ministério do Servo é em favor tanto do Israel exilado quanto das nações. Já pode haver uma pista disso no primeiro Cântico do Servo, em que ele faz a mediação de uma aliança em favor do povo (42.6; cf. <u* tyr]b=l!), que parece ser identificado como as "nações" na linha paralela (cf. <y]w{G roal=) e como aqueles que habitam na face da terra no versículo precedente (42.5).

Qual ᾽ a realidade por trás das "enfermidades" dos pecadores?

Se Israel está, de fato, falando nos versículos 1-6, então as enfermidades e dores, que se referem às consequências do pecado, são, muito naturalmente, entendidas como a desolação de Jerusalém e o sofrimento que acompanha o exílio, que é descrito como encarceramento no segundo Cântico do Servo (cf. 49.8) e em outro lugar (42.22). Nessa seção do livro, a destruição de Jerusalém e o exílio são vistos como as consequências do pecado de Israel (cf. 40.2; 42.18-25; 43.22-28, entre outras passagens).

Se o "muitos" de Isaías 53.11-12 também inclui as nações, como sugerimos acima, então a realidade por trás do sofrimento é um pouco mais difícil de determinar. Não há indicações claras nos capítulos 40–55 do que isso pode ser. O primeiro Cântico do Servo descreve o Servo levando a luz da salvação de Deus às nações (cf. 42.6), o que resulta em sua liberdade da prisão (42.7). Com base em paralelos da literatura mesopotâmica, parece que isso descreve o Servo como uma figura real que promove justiça e liberta aqueles que estão oprimidos. [54] Se abrirmos o alcance de nossa pesquisa a todo o livro de Isaías, então as destruições de guerra e morte podem estar em vista (cf. 2.4; 25.7-8).

Quais pecados estão em vista?

Com respeito a Israel, violações da lei mosaica estão em vista (cf. Is 42.24;

48.18-19). Quanto às nações, novamente é mais difícil determinar o referente. Os capítulos 40–55 se concentram na idolatria das nações (veja, entre outros, 49.9-20), que o Senhor considera como uma ofensa à sua honra real (42.8). Se formos além desses capítulos, descobriremos que as nações, como Israel, transgrediram a aliança com Deus. De acordo com Isaías 24.5, o povo da terra quebrou "a aliança eterna", uma provável referência à aliança noaica, que promoveu o crescimento da população (Gn 9.7) e proibiu sua antítese, o derramamento de sangue (cf. Gn 9.4-6). [55] Mas as nações eram culpadas de derramamento de sangue indiscriminado, que contaminou toda a terra (Is 26.21; cf. 24.5; Nm 35.33).

O que a salvação acarreta?

Como o exílio é tão proeminente em Isaías 40–55, pode-se conceber a libertação estritamente em termos físicos. Pelo sofrimento do Servo, Israel será liberto do exílio e restaurado à sua terra natal. De fato, o segundo Cântico do Servo descreve o Servo como um novo Moisés, que leva a um novo êxodo e traz o povo de Deus de volta para sua terra (cf. Is 49.8-13).

Mas há mais sobre a obra redentora do Servo do que isso. Isaías 40.2 sugere que o exílio foi projetado por Deus como uma punição temporária. Uma vez que Jerusalém (aparentemente representando o povo da aliança exilado, cf. Is 51.16–52.12; 54.1-17) tivesse cumprido seu tempo, por assim dizer, Deus estava preparado para voltar para ela, levando consigo seu povo exilado (40.9-11). Essa seção de Isaías começa com grande otimismo quando o Senhor promete a restauração de Sião em termos aparentemente incondicionais (40.1-11). De fato, a palavra de Deus, em contraste com as promessas humanas, é confiável e certamente será cumprida (40.6-8). O Senhor incita o seu povo exilado a não temer e lhe assegura de sua presença e de sua futura vingança (41.8-20). Mas, então, o profeta modera esse otimismo com dois discursos duros, lembrando ao povo que eles estão no exílio por causa dos seus pecados passados (42.18-25; 43.22-28), seguidos por uma avaliação muito negativa de sua condição moral (48.1-22). Deus está disposto a perdoar os pecados deles (43.25; 44.22), mas eles são responsáveis em voltar para ele (cf. yl^a@ hb*Wv em 44.22). De fato, perto do fim da seção, a salvação prometida claramente depende de uma resposta

positiva que acarreta o repúdio ao pecado (55.1-7). O tom de certeza com o qual a seção começou é qualificado, embora a ênfase sobre a confiabilidade da promessa divina persista (55.8-13; cf. 40.6-8). Como em toda a Escritura, a responsabilidade humana e a soberania divina estão em equilíbrio delicado.

Embora o arrependimento pareça ser um pré-requisito para se receber a redenção prometida e a bênção renovada, qual é a base para o perdão de Deus? Certamente sua natureza compassiva o predispõe a perdoar (49.15; 55.7), mas devemos investigar mais a fundo. É o sofrimento do Servo, em conjunção com sua missão de instituir renovação pactual (cf. 49.8), que estabelece o fundamento para o perdão e a redenção divinos. A salvação de Israel, então, não é simplesmente libertação do exílio. Para Israel, a salvação acarreta renovação pactual e transformação moral (cf. 55.1-7), algo que sua punição no exílio, em e por si mesma, não podia produzir. [56] Para aqueles que fossem assim transformados, haveria “paz” (57.19, <ol)v* [cf. 53.5]), mas para aqueles que persistissem em rebelião não haveria “paz” (57.21; cf. 48.22).

De que maneira o sofrimento do Servo traz salvação às nações? Como no caso de Israel, o Servo também faz a mediação de uma aliança entre Deus e as nações (cf. 42.5-6). Como observado acima, essa seção de Isaías descreve as nações como adoradoras de ídolos (cf. 44.9-20) que destituíram o Senhor da honra que lhe é devida como seu Criador soberano (42.5, 8). As nações, como Israel, transgrediram a aliança com Deus pelo derramamento de sangue e pela contaminação da terra (Is 24.5; 26.21; cf. Gn 9.4-6). Consequentemente, elas estão destinadas à destruição, mas Deus as estimula a voltar para ele para receberem libertação (45.22) antes do dia do juízo, quando todos os inimigos de Deus se curvarão diante dele (45.23-24). Aqueles que voltarem a Deus em busca de misericórdia podem esperar por um tempo em que Deus governará as nações num reino de paz e justiça (2.2-4; 19.23-25). Como o primeiro e o segundo Cânticos do Servo deixam claro, é o Servo que é o instrumento de Deus para levar a luz da salvação às nações (42.6-7; 49.6). Seu sofrimento é uma parte vital nesse programa redentor, pois levar os pecados em favor de “muitos” (53.12) o capacita a justificar “os muitos” (53.11).

CONCLUSÃO

Isaías 53.4-6,11-12 indica que o Servo do Senhor leva tanto os pecados quanto as consequências dos pecados, trazendo, assim, libertação àqueles que estão sofrendo. O fato de o Servo levar os pecados envolve mais do que simplesmente identificação com os pecadores e o compartilhamento do sofrimento deles, pois resulta em pecadores curados. Um dos elementos-chave no conceito de perdão da Bíblia Hebraica é evidente aqui, quando o Servo elimina, por meio do seu próprio sofrimento, as persistentes consequências de pecados passados. A metáfora da cura tem, inerentemente, o conceito de salvação, que também está presente no versículo 6. Aqui os pecadores se comparam a ovelhas desviadas que são vulneráveis a ataques. Contudo, o Servo intervém e absorve o ataque no lugar delas, facilitando a libertação descrita no versículo anterior.

A declaração “meu servo justo tornará a muitos justos” (v. 11b) também é importante para o entendimento dos conceitos de perdão e salvação no quarto Cântico do Servo. Os estudiosos não chegaram a um consenso sobre o uso da forma verbal hiphil de qyD]x=y~~, mas, considerando o uso da forma em outros lugares, é melhor, no contexto do quarto cântico, manter algum tipo de nuance causativa para o verbo – ou o sentido declarativo de “absolver” (isto é, “tornar justo” num sentido judicial) ou “tornar justo de fato, levar à justiça”. No mínimo, isso significa que Deus não mais considera os ofensores responsáveis por aquelas transgressões passadas, um outro elemento-chave no conceito de perdão da Bíblia Hebraica.

Tendo estabelecido, pela análise exegética, que o sofrimento do Servo traz perdão e salvação para os seus beneficiários, investigamos mais a fundo, discutindo questões levantadas pela linguagem e pelas imagens usadas pelo cântico para expressar esses temas. Isso acarretou a interpretação do cântico em seus círculos de contexto, incluindo os outros Cânticos do Servo, os capítulos 40–55 e o livro de Isaías como um todo.

Chegamos às seguintes conclusões:

Os beneficiários do sofrimento do Servo, mencionados como “os muitos” em Isaías 53.11-12, incluem aqueles que testemunharam o sofrimento do Servo. Esse grupo abrange os que falam em 53.1-6, que parece ser Israel, bem como as nações e seus reis (cf. 52.15), os quais o primeiro e o segundo Cânticos do Servo

identificam como recebedores da obra redentora do Servo.

As enfermidades e dores mencionadas em Isaías 53.4 referem-se às consequências do pecado. Para Israel, essas consequências são muito naturalmente entendidas nesse contexto como a desolação de Jerusalém e o sofrimento no exílio que a acompanha. No que se refere às nações, provavelmente os referentes são injustiça, guerra e morte.

Tanto para Israel quanto para as nações, a quebra da aliança foi o pecado fundamental que produziu essas consequências. Israel violou a aliança mosaica, enquanto as nações idólatras negaram a Deus a honra que lhe é própria, como Criador soberano, e quebraram a aliança noaica permanente, pelo derramamento de sangue.

A obra redentora do Servo em favor de Israel acarreta, no nível da superfície, libertação do exílio e restauração à Terra Prometida. Mais fundamentalmente, ao levar os pecados de Israel, o Servo estabelece o fundamento do perdão divino que, por sua vez, torna possíveis a renovação pactual e a transformação moral. O levar dos pecados pelo Servo também o capacita a fazer a mediação da aliança entre Deus e as nações. Essa aliança torna possível para Deus estender sua misericórdia às nações, de modo que possam escapar do dia do juízo e desfrutar do seu reino de justiça e paz.

Encerrando, agora que refletimos sobre a descrição que Isaías faz do Servo Sofredor, cujo levar dos pecados traz “paz” (<ol)v*) a Israel e às nações, parece apropriado citar estas palavras de Charles Wesley (que parecem conter alusões a Isaías 53):

Surpreendente mistério de amor!

Conquanto designados para o sofrimento eterno,

Do céu, Deus viu seus rebeldes,

E se inclinou a um homem mortal.

Sua misericórdia lançou um olhar piedoso;

Por amor, amor ilimitado inclinado,

Nossa culpa e punição ele tomou,

E morreu, uma Vítima pela humanidade.

Seu sangue obteve nossa vida e paz,

E extinguiu a ira do Céu hostil;

A justiça deu lugar à nossa libertação,

E Deus perdoou todos os meus pecados. [57]

É claro que sabemos o nome do Deus encarnado que se tornou “Vítima pela humanidade”. Novamente Wesley expressa isso bem:

Jesus! O nome que elimina nossos medos,

Que manda nossas dores cessarem,

É música para os ouvidos dos pecadores,

É vida, saúde e paz.

(de O for a thousand tongues)

Um apelo final parece apropriado:

Almas cansadas, que vagueiam longe
Do ponto central de bênção,
Voltem para Jesus crucificado,
Corram para aquelas suas queridas feridas,
Afundem no sangue púrpura,
Ressuscitem para a vida de Deus!

Encontrem em Cristo o caminho de paz,
Paz inexprimível, desconhecida:
Por sua dor, ele lhes dá alívio,
Vida, por seu gemido na morte;
Subam, exaltadas por sua queda,
Encontrem em Cristo seu tudo em tudo. [58]

Parte 3

ISAÍAS 53 E A TEOLOGIA PRÁTICA

9

TEMAS PS-MODERNOS

DE ISAÍAS 53

John S. Feinberg

Você não consideraria a Escritura um lugar muito provável para pessoas pós-modernas encontrarem ajuda e consolo para o ponto de vista delas. Especialmente, não o Antigo Testamento, que muitos pensam descrever Deus como distante, austero e como aquele que raramente torna sua presença conhecida, exceto para derramar sua ira em juízo sobre alguma pessoa, grupo étnico ou nação. Mas olhe novamente para o livro de Isaías, no Antigo Testamento. No capítulo 53, Isaías escreve sobre alguém que ele chama de Servo do Senhor. Há outros capítulos nos quais Isaías fala dele (Is 42.1-12; 49; 50.4-6), mas Isaías 52.13–53.12 é claramente o mais famoso e, muitos concordariam, o mais importante. [01]

Embora Isaías nunca tenha ouvido falar, muito menos escrito, sobre pós-modernidade, é notável como a profecia do Servo do Senhor, em Isaías 53, contém temas que aqueceriam o coração de qualquer pessoa pós-moderna. Neste capítulo, quero examinar alguns temas-chave de Isaías 53 que se identificam com interesses pós-modernos. O objetivo não é forçar ideias que a passagem não ensina. Em vez disso, o caso é que há muitos temas ensinados pela profecia de Isaías sobre o Servo do Senhor que tocam em questões que estão próximas e são muito estimadas pelos pós-modernos.

UM APEGO POR NARRATIVAS E RELACIONAMENTOS

Os pós-modernos gostam de narrativas, histórias. Eles têm dúvidas sobre raciocínios abstratos e seus resultados, mas gostam de histórias, especialmente histórias pessoais. A verdade que você vivenciou pode não ser verdade para todos, mas pode me ajudar em minha jornada. Se não for por nenhum outro motivo, se devemos construir relacionamentos (outra virtude pós-moderna), é difícil fazer isso sem conhecer nossas respectivas histórias.

Isaías 53 contém uma narrativa pessoal. É uma história de tragédia e triunfo. É a história de um homem aparentemente comum, com amor extraordinário por aqueles que o odiavam e abusavam dele. Seu amor até hoje é em grande parte não correspondido e rejeitado. Essa é a história do pior caso de identidade equivocada que já houve. É uma história contada com muitos detalhes, muito embora o autor, Isaías, não tenha vivido para conhecer a pessoa sobre quem escreveu. Mas ainda há mais. Essa é também a história de um Deus que tanto quer ter um relacionamento com seu povo que enviou seu Servo para lhes dizer e lhes mostrar o quanto se importa com eles. Esse não é um Deus comum e esse não é um Servo comum. Deixe-me contar-lhe a história.

Isaías nos mostra alguém que parece ser um homem comum. Não há nada sobre ele que faça as pessoas pararem e olharem para ele; nada que o torne uma figura particularmente atraente para alguém (v. 2). De fato, ele é alguém que seria desprezado e rejeitado pelos outros. Ele suportaria muita dor e sofrimento, e aqueles que o conhecessem veriam seu sofrimento como um sinal do juízo e do desprazer de Deus (v. 3-4).

Mas o sofrimento não envolve apenas as provações e aflições comuns que todos devem suportar nesta vida. Acusações de crimes são inventadas contra ele, e ele é levado a julgamento. Em vez de responder aos seus acusadores, ele permanece em silêncio. Certamente, aqueles que estão presentes interpretam esse silêncio como uma tácita admissão de culpa. Ele é condenado e sentenciado à morte. Eles o executam e o sepultam, e seus oponentes provavelmente pensam que esse é o fim da questão (v. 7-9). Eles não entendem que ele estava oferecendo a si mesmo como um sacrifício para pagar pelas transgressões de todas as pessoas (v. 10), incluindo aquelas que injustamente o condenaram e o mataram. Embora tenha sido executado, o Servo, de alguma maneira, vive novamente e prospera (v. 10), e Deus lhe dá honra e glória pelo que ele fez (vs. 11-12).

Essa é a história básica, mas há muito mais do que esse esboço básico. Isaías predisse que chegaria um tempo em que seu povo perceberia que esse homem

não estava sofrendo pelos pecados que tinha cometido. Eles entenderiam que ele estava sofrendo pelos pecados do seu povo (v. 5-6,8). Eles finalmente perceberiam o quanto tinham se afastado de seu Deus. Eles tinham quebrado a sua lei, e seus pecados tinham que ser pagos. Aquele que sofreu não tinha cometido nenhum pecado; sua vida foi tirada de modo violento e prematuramente (já que ele não era culpado de nada), e ele a entregou como uma oferta pelo pecado, para pagar pelos pecados de seu povo (v. 10-12). No tempo de Isaías, seu povo não veria isso. De fato, sabemos que, quando o Servo realmente veio, seu povo não entendeu quem ele era e o que estava fazendo. Mas, um dia, eles perceberão que interpretaram muito mal quem ele é e entenderão que um Deus amoroso enviou seu Servo amoroso e obediente para pagar pelos pecados deles, morrendo em lugar deles.

Esse é um caso de identidade equivocada de primeira ordem – seu próprio povo interpretaria mal quem ele é, quem o enviou e por que ele perdeu a sua vida. Quem poderia ser esse Servo Sofredor? Nenhum vulto conhecido pelos historiadores e nenhuma pessoa comum se encaixa nessa descrição melhor do que Jesus, o Messias, o Servo Sofredor de Deus. Infelizmente, muitos do povo de Isaías, até hoje, pensam em Jesus em termos do versículo 3. Eles ainda se equivocam quanto à identidade do Servo do Senhor, Jesus. Eles ainda não perceberam que muitos do seu próprio povo o reconhecerão num dia vindouro (v. 4-6). [02]

Essa é verdadeiramente uma grande história, porque nela todo mundo ganha. A justiça de Deus requer que o preço do pecado seja pago, e o Servo paga, para que Deus possa ter um relacionamento com o seu povo. O Servo ganha porque paga o preço (morte), mas vive novamente para contar a história (v. 10), e Deus Pai o exalta (v. 12). Ele também saboreia a realidade de uma tarefa difícil realizada extremamente bem (v. 11) – missão cumprida! No devido tempo, as pessoas que o rejeitam perceberão que ele morreu por elas, não por si mesmo. Ele será justificado. O povo do Servo ganha porque o preço do seu pecado, que nunca poderia ser pago de outra maneira, é totalmente pago pelo Servo. Por causa desse pagamento, as pessoas podem ser o povo de Deus no sentido mais pleno e mais excelente do termo. Todo aquele que aceita o pagamento feito pelo Servo por seus pecados vence!

Que história! Não apenas do Servo Sofredor, mas do Deus que o envia para mostrar o seu amor pelo seu povo e pagar pelos pecados deles por meio de sua morte, para que Deus possa ter um relacionamento com eles. Quase dois mil

anos atrás o Servo pagou o preço pelo pecado que aliena todos nós de Deus. Ele fez isso porque Deus quer ser o Deus de Israel e quer que Israel seja seu povo (‘^m!). Ele também quer ter esse relacionamento especial com todas as pessoas. Para que isso aconteça, cada um de nós deve receber um novo coração e ter uma nova atitude em relação a Deus, como Ezequiel 36 ensina. E devemos ver o Servo de Deus como ele verdadeiramente é – não como o desprezado que morreu pelo seu próprio pecado, mas como um emissário de Deus, o Messias, que morreu pelos pecados do seu povo para pagar pelo pecado que rompe a relação de Deus com seu povo. E devemos aceitar o pagamento do Servo pelos nossos pecados, ou nosso relacionamento com Deus continuará em mau estado.

UM DEUS QUE SE IMPORTA É RELEVANTE, E É PARA QUEM NÓS IMPORTAMOS

Por muitos anos, durante o século 20, crer em Deus não estava na moda, especialmente entre intelectuais. Numa época em que tudo tinha que ser provado pela razão ou verificado pelos sentidos, parecia não haver evidência suficiente para crer na existência de Deus. Porém, os pós-modernos são céticos quanto à capacidade da razão poder provar ou desprovar alguma coisa conclusivamente. Para eles, não há verdade absoluta, ou, se há, nenhum de nós está em posição de saber ou provar o que ela é. Então, quem pode dizer que Deus não existe? *

Muitos pós-modernos estão abertos à dimensão espiritual da realidade além do mundo material que eles veem, ouvem e tocam. Essa dimensão espiritual pode incluir um deus, mas o deus que eles têm em vista não se parece muito com o Deus tradicional do judaísmo e do cristianismo. Para os pós-modernos, esse Deus é o “totalmente outro”, monarca absoluto que sempre consegue o que quer, que não sente o que as criaturas experimentam nem é movido pela condição delas. Ele é distante e indiferente às labutas e provações do dia a dia de suas criaturas. As pessoas que creem nesse Deus oram a ele, mas não se sabe se ele responde ou não. Se responder, não está claro que aqueles que o buscam sabem disso com certeza. Esse é o Deus em que muitos modernos e pós-modernos creem, o Deus que se assentou ociosamente enquanto Hitler assassinava seis milhões de judeus em Auschwitz e outros campos de concentração.

Então, que tipo de Deus os pós-modernos querem? Um que seja muito pouco parecido com o tradicional. O Deus que os pós-modernos querem deve ser um Deus que anseia profundamente por um relacionamento com os seres humanos e deve ser capaz de fazer algo que possamos vivenciar, para que saibamos que ele está ali. Em resumo, deve ser um Deus que verdadeiramente cuida de nós, interage conosco, entende o que vivenciamos e até mesmo, às vezes, sofre conosco. Deve ser um Deus relacional que é sensível a nós e às nossas necessidades. Também deve se importar com a justiça e garantir que as injustiças sejam desfeitas.

Muitos, em nossos dias, têm se voltado para o Deus da teologia do processo, da teologia da libertação ou até mesmo para alguma religião que tem uma deusa. Isso é verdadeiramente triste. É triste porque, na verdade, o Deus que estão procurando é o Deus retratado na Bíblia, especialmente em Isaías 53. É um fato incontestável que o Servo descrito em Isaías 53 se importa mais com seu povo do que consigo mesmo. Ele não deve morrer por haver cometido algum pecado, porque ele não disse nem fez nada errado (v. 9). Contudo, ele conscientemente escolhe, de qualquer modo, morrer para pagar pelas transgressões de seu povo (v. 5-6,8,12).

Embora tenha sido levado a julgamento e pudesse defender-se e isentar-se, ele não disse nada. Por quê? Porque defender-se significaria que sua própria justificativa era mais importante para ele do que a tarefa que ele tinha vindo voluntariamente realizar: pagar pelos pecados de seu povo. E se ele se defendesse, seria absolvido, pois não tinha cometido crime algum. Mas o que seria das necessidades do seu povo? O preço dos pecados deles ainda precisaria ser pago. Ele podia tolerar ser acusado injustamente e condenado por um erro que não tinha cometido. Ele podia até mesmo suportar a vergonha, a humilhação e o sofrimento de ser executado por algo que nunca fez. Mas deixar de pagar pelos pecados de seu povo? Isso, nunca! Claramente, o Servo veio por nossa causa, não por causa dele mesmo. Ele é exatamente a pessoa cuidadosa e sensível que tantos querem que seu Deus seja – alguém que sofre com eles e por eles.

Você pode estar pensando: “Essa descrição do Servo está correta, mas o que isso tem a ver com um Deus sensível? Isaías 53 predisse que muitos não veriam o Servo como Deus ou mesmo como enviado de Deus. Eles nem mesmo pensariam que ele era um homem extraordinário que se importou com eles e se sacrificou para o benefício deles. Pensariam que ele era um mero humano, que

sofre pelos seus próprios atos errados e nada mais. Isaías predisse que, um dia, no futuro, seu povo veria que estava errado sobre o Servo, mas, mesmo assim, qual é a relevância de os pós-modernos ansiarem por um Deus relacional e cuidadoso?”

Isso é relevante de duas maneiras cruciais. Primeiro, a história de Isaías 53 não é apenas sobre o Servo Sofredor. Também é sobre aquele que o enviou. E essa pessoa é nenhum outro senão o Deus de Abraão, Isaque e Jacó, o Deus e Pai de todos que creem e confiam nele. Como sabemos disso? A resposta é encontrada nos versículos 10-12 – não perca essa parte da história. O versículo 10 diz que “ao Senhor agradou moê-lo”. Também diz que, se o Servo se entregasse como uma oferta pela transgressão, [03] a vontade de Deus prosperaria em suas mãos. Ainda mais, o versículo 12 nos diz que, por causa do que o Servo faria ao se oferecer como pagamento pelos pecados do seu povo (v. 10-11), Deus o exaltaria.

O que isso significa? Por que Deus se agradaria em moê-lo? Como a vontade de Deus operaria por meio da oferta do Servo Sofredor? E por que Deus o exaltaria se ele fosse um homem comum morrendo pelos seus próprios pecados e nada mais? Há apenas uma explicação coerente com esses fatos. Ao Senhor agradou moê-lo, não porque Deus seja um monstro masoquista, mas porque Deus quer um relacionamento com seu povo. Ele sabe que eles quebraram as regras que ele ordenou que obedecessem. O preço pelos pecados deles deve ser pago. Mas ele também sabe que, se tiverem que pagar pelos seus pecados, ficarão pagando para sempre. Até que o débito seja pago, não pode haver união e comunhão com um Deus absolutamente santo.

Mesmo assim, esse Deus perfeito ainda quer um relacionamento com seu povo, por isso ele deve traçar um plano para que a penalidade pelo pecado seja paga e o povo seja liberto para se unir a ele para sempre. Somente um rei que se importa, um Deus poderoso e misericordioso, elaboraria um plano como o que vemos em Isaías 53. E ele fez isso. Ele decidiu enviar seu Servo justo (que não tem pecados seus pelos quais pagar) para sofrer e morrer de uma vez por todas pelos pecados do seu povo. Aqueles que, pela fé, recebem esse pagamento por si mesmos, serão justificados (v. 11) diante de Deus. Então, eles podem ser povo de Deus e ele pode ter com eles o relacionamento que tanto deseja.

Foi por isso que ao Senhor agradou moê-lo. É por isso que o sacrifício do Servo agrada ao Senhor. Foi o amor compassivo de Deus que o levou a redimir

pecadores perdidos para formar um povo para si mesmo. Por causa do sacrifício do Servo, a intenção de Deus de formar um povo para si mesmo foi cumprida (e pode "prosperar", v. 10).

Sem dúvida, alguns responderão: "Mas isso não é justo para com o Servo. Deus Pai o usa para realizar seus propósitos. O que o Servo acha disso?" Se o Servo é meramente uma presa da penalidade do pecado (morte) e nunca a vence, então nem o Servo nem ninguém ganha nada com a morte do Servo. Mas um Deus amoroso nunca permitiria que a morte fosse o ato final desse drama, pois, nesse caso, seu plano de redimir e criar um povo para si mesmo estaria arruinado. Ainda mais, um Deus amoroso nunca usaria alguém para realizar os seus propósitos e não lhe daria nada como recompensa. Não. Em favor do Servo Sofredor e do povo que Deus queria criar para si, Deus Pai teria que agir. E agiu.

O versículo 10 diz que se/quando o Servo desse a sua vida como oferta pelo pecado, seus dias seriam prolongados. Esse é o modo de Isaías dizer que o Servo teria uma vida longa. Mas como pode ser isso se o versículo 10 fala de sua entrega de si mesmo como uma oferta pela transgressão? E os versículos 8-9 e 12 não mostram claramente que ele morrerá? Então como ele pode prolongar os seus dias?

Isaías provavelmente se perguntou como as palavras que escreveu poderiam ser cumpridas, mas a única forma que faz sentido é que o Servo, depois de morrer, ressuscitaria. Embora Isaías não explique como o Servo executado teria uma vida longa, o Novo Testamento ensina que isso aconteceu quando Deus ressuscitou Jesus, o Messias, de entre os mortos (At 2.24, 32; 3.26; 10.40; 1Co 6.14; Gl 1.1; Ef 1.20; Cl 2.12; 1Pe 1.21).

Isaías também diz que, ao entregar-se pelos nossos pecados, o Servo teria uma posteridade. Isso dificilmente pode significar uma posteridade física, pois a morte física de uma pessoa não resulta no nascimento natural de outras. A única explicação que faz sentido no contexto de entregar sua vida para pagar pelos pecados de outros é que a posteridade do Servo será espiritual. Ela consiste de todos aqueles que se voltam para Deus em fé e aceitam o pagamento do Servo como pagamento pelo seu pecado. Uma vez que uma pessoa é perdoada, a barreira que o pecado cria entre Deus e seu Servo, por um lado, e pessoas comuns como nós, de outro, é removida. Exatamente o que o Pai e o Servo queriam – um povo deles – eles conseguem por causa do sacrifício do Servo.

Mas Deus ainda tem mais guardado para seu Servo. Isso é confirmado no versículo 12. Aqui vemos que Deus o exaltará grandemente. O versículo 12 também confirma o nosso entendimento do significado de “prolongará os seus dias”, no versículo 10. Como? Se o Servo meramente morre e é deixado para apodrecer no túmulo, sua exaltação pelo Pai, como vista no versículo 12, não faz sentido. Os termos do versículo 12 requerem algo mais que uma estátua ou monumento (em Israel ou em qualquer lugar) como um memorial ao Servo. Não se dá a um monumento sem vida uma porção com muitos. Uma estátua morta não divide espólio com ninguém. O único modo de abençoar e recompensar o Servo, sobre o que se fala no versículo 12, só faz sentido se ele estiver vivo. No entanto, como ele pode estar vivo se foi entregue à morte? Somente ressuscitando de entre os mortos.

Veja, Deus não apenas quer um relacionamento com seu povo. Ele também se importa com seu Servo, cujo sacrifício torna possível esse relacionamento. Deus não usa pessoas para seus propósitos e depois as descarta, sem se preocupar com o bem-estar delas. Não importa o que tenham dado para servi-lo, ele lhes dará mais em bênçãos de todos os tipos imagináveis. Você não pode dar mais do que alguém que é proprietário de todas as coisas e mesmo assim não é mesquinho!

Isso soa como o plano e a obra de um Deus que é indiferente e não se importa com o sofrimento alheio? É esse um Deus que tem todo o poder e o usa somente para si mesmo, um Deus que não faz nada pelos outros que possa lhe custar alguma coisa? De modo algum. Não é esse o Deus que se relaciona e é cuidadoso, tão veementemente exigido pelos pós-modernos e do qual eles precisam desesperadamente? Como Deus poderia suprir melhor seus desejos e expectativas? Se em Isaías 53 você só vê a compaixão e o cuidado do Servo, você perdeu todo o fundamento da trama. Você não reconheceu um dos principais atores desse drama.

No entanto, ainda assim alguns protestarão: a recompensa do Servo não é equivalente ao sacrifício que ele fez. A resposta a essa reclamação nos leva ao segundo modo como Isaías 53 nos mostra um Deus que se relaciona e é compassivo. Depois de tudo dito e feito, quem é o Servo Sofredor do Senhor? Isaías em nenhum lugar o chama pelo nome, mas agora você certamente deve ter adivinhado sua identidade. Quem cumpriria todos os detalhes da vida e da morte do Servo Sofredor? A História não conhece ninguém que se encaixe nessa descrição – exceto aquele de quem o profeta Zacarias fala. Zacarias predisse um dia ainda futuro para nós, quando o povo de Israel olhará “para aquele a quem

traspassaram; e pranteá-lo-ão como quem pranteia por um unigênito e chorarão por ele como se chora amargamente pelo primogênito" (Zc 12.10).

A situação predita em Zacarias 12 é a hora mais tenebrosa de Israel. Israel será cercada por todas as nações do mundo, que querem tirá-la do mapa de uma vez por todas (12.2-3). Esse acontecimento não pode ser outro senão a batalha climática do Armagedom. Sem dúvida haverá judeus naquele dia que pensarão e dirão: "Se há um momento perfeito para o Messias vir, sem dúvida é agora". E então, adivinhe! Zacarias 12 prediz que ele virá e lutará pelo seu povo (v. 4-9). Mas quem é esse Messias que virá? O versículo 10 revela a resposta – é aquele a quem traspassaram; eles o verão e prantearão. Imagine o impacto e o horror quando virem o Messias e perceberem que ele não é outro senão Yeshua, aquele sobre quem pensaram que nunca poderia ser seu Messias, o seu libertador. Não é de admirar que pranteiem – será um pranto de arrependimento por terem rejeitado, por tanto tempo, aquele que veio na primeira vez como o Servo Sofredor, para adquirir a redenção deles, morrendo a morte deles e no lugar deles.

É difícil imaginar que os judeus, nesse dia predito por Zacarias, não terão em seus lábios palavras como as de Isaías 53 – "não tinha aparência nem formosura... era desprezado e o mais rejeitado entre os homens... era desprezado, e dele não fizemos caso... Certamente, ele tomou sobre si as nossas enfermidades e as nossas dores levou sobre si... foi traspassado pelas nossas transgressões e moído pelas nossas iniquidades... todos nós andávamos desgarrados como ovelhas; cada um se desviava pelo caminho, mas o Senhor fez cair sobre ele a iniquidade de nós todos" (excertos de Is 53.2-6).

Quem é aquele que cumpre não apenas Isaías 53, mas também Zacarias 12? Um outro judeu que viveu há dois mil anos – seu nome é João – escreveu extensivamente sobre Yeshua, Jesus de Nazaré. Depois de relatar por escrito muitos atos de Jesus e sua rejeição pelo seu próprio povo, João escreveu que tudo isso aconteceu para cumprir o que foi escrito pelo profeta Isaías. João, então (Jo 12.38), cita Isaías 53.1. Um outro judeu dos dias de Jesus, Simão Pedro, também escreveu sobre o julgamento e a morte de Jesus como um exemplo de como reagir e responder ao sofrimento injusto (1Pe 2.21-15). Nesses versículos, Pedro cita repetidamente Isaías 53 e ecoa suas palavras.

Não havia dúvida na mente de João ou na de Pedro. O Servo Sofredor de Isaías 53 é Jesus de Nazaré, o Messias. Mas João, Pedro e outros escritores do Novo

Testamento que conheceram e seguiram Jesus durante a sua vida na terra também o viram morrer e, depois, o viram viver. Eles atestam a sua ressurreição. Eles fazem ainda mais – eles nos ensinam, de muitas maneiras diferentes, que Jesus não era apenas homem, ele também era Deus. Ou seja, o Servo Sofredor de Isaías não apenas é o Messias de Israel, ele também é Deus. Isso não deveria surpreender alguém que esteja familiarizado com Isaías, porque ele predisse, muitos anos antes do tempo de Jesus, que o Messias que viria seria "Deus Forte" (Is 9.6-7).

Agora pense no que isso significa sobre Isaías 53. Significa que não somente Deus Pai quer estabelecer um relacionamento com seu povo. Essa também é a vontade do Servo, que, agora podemos ver, pelas palavras de Isaías, Zacarias e João, não é outro senão o Filho de Deus. Para se tornar o Servo Sofredor, Deus teve que se humilhar e se tornar o Deus-homem, Yeshua, para trazer Deus para nós. Agora também fica claro por que o Servo pôde pagar pelos pecados de outros. Como Deus, ele não tinha pecados pelos quais pagar e, como Deus-homem, somente ele podia fazer um pagamento que cobrisse e expiasse os pecados de todos os outros. Mas que terrível preço a pagar quando não se deve absolutamente nada! Que amor incrível deve ter levado o Servo a pagar esse preço! Esse é um Deus distante e indiferente? Claro que não!

E o Servo realmente recebeu a recompensa justa pelo sacrifício feito? Claro que sim, porque, como Deus, os planos do Pai são os dele também. O Servo recebeu tudo o que o Pai fez, mais a exaltação predita em 53.12. Mas isso não foi fácil. Saber que a ressurreição, a justificação e a exaltação viriam após sua morte de modo algum fez os pregos que atravessaram suas mãos e pés doerem menos. Quem se permitiria ser tão vulnerável e violado? Certamente não um Deus indiferente, distante e viciado em poder.

Pense também nas implicações dos atos do Pai e do Servo como preditos em Isaías 53. Isaías, de fato, prediz que Deus veria seu Filho, o Servo, morrer pelos pecados de todos que vivem e viverão. O Pai não interromperia isso e o Filho não abandonaria seu dever e não destruiria o plano divino de salvação.

Cerca de dois mil anos antes do tempo de Jesus, foi pedido a outro pai que sacrificasse seu filho e o visse morrer. Deus disse a Abraão para oferecer Isaque no Monte Moriá. A Escritura nos diz que isso foi um teste para a fé do patriarca; não foi um pagamento pelo pecado de ninguém. Abraão passou no teste com brilhantismo, mas Deus o interrompeu antes que matasse Isaque.

O drama predito em Isaías 53 e cumprido no calvário é muito diferente. Deus Pai não ofereceu seu Filho em obediência como um teste de sua fé. Deus não precisa provar nada a ninguém. Mas registre-se que não há teste em que ele possa ser reprovado. No entanto, isso não era um teste, era o pagamento de uma dívida que não era do Pai nem do Filho. Eles pagaram a dívida para estabelecer um relacionamento com seres humanos como você e eu.

O que Isaías predisse foi diferente do caso de Abraão e Isaque em outro aspecto importante. Deus ordenou que Abraão tirasse a vida de Isaque, mas misericordiosamente interveio para interromper Abraão antes que ele enfiasse a faca em Isaque. Nem Deus Pai nem Deus Filho, o Servo de Isaías 53, eram obrigados a pagar nada a ninguém; não obstante, o Pai voluntariamente se recusou a suspender a morte do seu Filho. Jesus, o Servo Sofredor que é o próprio Deus, recusou-se a descer da cruz e abandonar o plano de pagar pelos pecados.

Pós-modernos, como poderia haver um Deus que satisfaça sua "descrição de funções" de um Deus sensível e cuidadoso melhor do que o Deus de quem Isaías 53 fala? Ninguém poderia se encaixar melhor no Deus que os pós-modernos querem. [04] Se tiver alguma dúvida, examine novamente o Pai e o Servo de Isaías 53.

Ele se importa com a justiça? Claro que sim. A penalidade pelo pecado que a justiça exige é imensurável. Deus é um Deus de justiça, por isso não pode ignorar o débito que o pecado gerou. Mas ele também é um Deus de graça. Como Deus gracioso, ele generosamente paga o débito, não exigindo que o seu povo pague um débito sem ter condições de fazê-lo. Ao fazer isso, ele demonstra justiça e misericórdia. De todas as maneiras, o Deus de Isaías 53 satisfaz a todos os anseios e desejos dos teólogos e filósofos. Ainda mais, ele é o único Deus religiosamente adequado que existe, e o único de quem todos precisarão. [05]

LIBERDADE DENTRO DA COMUNIDADE

Mais do que os modernos, os pós-modernos não gostam que lhes digam o que eles devem fazer. É bom ser livre. Mas há uma diferença. Enquanto os modernos faziam de um rigoroso individualismo a ordem do dia, os pós-modernos

depreciam aqueles que gostam de ficar sozinhos e pensam somente em si mesmos. A liberdade é importante para os pós-modernos, mas ela deve ser exercida de maneira que afirme a comunidade. Se algumas pessoas prosperam, mas a maioria sofre, isso é inaceitável.

E então, como esse tema pós-moderno se relaciona com Isaías 53? Tanto liberdade quanto comunidade são parte dessa passagem. Isaías nos mostra, no versículo 6, que a comunidade de Israel, algum dia, admitirá que "todos nós andávamos desgarrados como ovelhas; cada um se desviava pelo caminho". Isso admite não somente a culpa individual pelo pecado (no contexto, "desviar-se" significa pecar), mas também a culpa coletiva.

Não há nada tão escravizante quanto o pecado, e a única maneira de quebrar suas amarras é alguém pagar a pena de morte que o pecado merece. Então, como a comunidade de Israel poderia sobreviver? Como ela poderia quebrar a escravidão ao pecado por rejeitar o Servo de Deus e por todos os outros pecados? Não há nada atraente numa comunidade à beira do desastre. Nesse caso, a miséria não gosta de companhia; a comunidade deve sobreviver, mas como?

Deus e seu Servo Sofredor vêm para resgatá-la. Deus também valoriza a comunidade. Na verdade, Deus deseja formar uma comunidade com um forte relacionamento com ele. Mas o pecado bloqueia a comunhão e a comunidade com um Deus justo. Então, como Deus pode edificar uma comunidade de seu próprio povo? Somente pagando o preço que o pecado da comunidade tinha gerado. Por isso, ele enviou o seu Servo para morrer e pagar pelo pecado da comunidade. O Servo também quer um relacionamento com essa comunidade, por isso ele seguiu o plano do Pai para fornecer salvação e liberdade da escravidão ao pecado. Por qual outro motivo alguém suportaria tanto abuso, permaneceria calado diante de seus acusadores e se submeteria a uma morte violenta como malfeitor quando, de fato, não tinha feito nada de errado?

Por isso Isaías prediz que o Servo morreria, pagando o preço pelos pecados de todo o povo da comunidade de Israel. ** Como o versículo 6 prediz, eles dirão: "O Senhor fez cair sobre ele a iniquidade de nós todos". Para validar seu pagamento e mostrar que a penalidade do pecado, a morte, tinha sido plenamente conquistada, o Servo viveria novamente (v. 10, "prolongará os seus dias").

Sim, ele morreu para que ele e Deus Pai pudessem ter um povo deles, uma

comunidade. Mas sua morte e nova vida não criaram automaticamente essa comunidade. Aqueles que, pela fé, livremente escolhem aceitar o pagamento do Servo pelos seus pecados tornam-se membros da família de Deus. Essa não é uma comunidade de pecadores. Naquela comunidade, cada membro é um escravo – um escravo do pecado. A comunidade de Deus é um povo liberto do fardo e da escravidão ao pecado porque o Servo/Messias pagou o preço para libertá-la.

Isaías 53 trata das questões cruciais da vida de todos. Essas questões não são sobre se Deus quer uma comunidade e se ele só está preocupado em controlar cada movimento nosso. Em vez disso, as questões-chave são sobre se queremos ser parte de sua comunidade. Queremos viver sem ele e tomar as nossas próprias decisões, enquanto seguimos as tentações do pecado? Ou queremos liberdade real, do tipo disponível apenas à comunidade dos perdoados de Deus, que não são mais desamparados para enfrentar a tentação e o pecado? Não aceite o tipo de liberdade que fratura a comunidade quando seguimos cada um os nossos caprichos e desejos e nos alienamos de Deus e dos outros!

INTERESSE PELO OUTRO

Os pós-modernos são muito sensíveis à possibilidade de que sociedades e estruturas sociais foram construídas para manter várias pessoas e instituições no poder. Se você estiver numa posição privilegiada, provavelmente se dará bem na vida, enquanto aqueles que não estão no poder serão excluídos ou, na melhor das hipóteses, marginalizados. Normalmente, também é verdade que aqueles que estão no poder contam as grandes narrativas que reforçam e legitimam as sociedades e suas instituições sociais.

Para muitos pós-modernos, a resposta a essas injustiças sociais não é fomentar revoluções e derrubar os que estão no poder, nem, se você estiver no poder, anular e explorar os que estão à margem. Em vez disso, a solução é que a maioria dê espaço para o que é diferente, isto é, a solução é celebrar a diversidade, dar possibilidade de diálogo àqueles que são diferentes da maioria e mostrar interesse e cuidado pelo outro e pelo que se refere a ele.

Essa resposta faz muito sentido em muitos aspectos, e um deles é a crença pós-

moderna de que não há verdade absoluta (ou, pelo menos, que ninguém está em posição de conhecê-la, caso ela exista). Isto é, se cada um só vê as coisas da sua própria perspectiva, de modo que não conseguimos conhecer com certeza a Verdade (com “V”), quem pode dizer que aqueles que pensam diferentemente estão errados? Então a prudência sugere que aceitemos conversar com eles e levar a sério o que eles têm a dizer. Quem sabe? Eles podem estar certos. [06]

Se pensarmos que essa é a mentalidade apropriada para a nossa época, então Isaías 53 e várias coisas sobre sua interpretação devem identificar-se com os pós-modernos. Primeiro e mais importante, Deus é o supremo absoluto. [07] Ele tem poder e autoridade para fazer o que quiser. Deus decidiu criar o mundo e povoá-lo com uma variedade de criaturas. Ele não precisa delas para preservar seu próprio ser e bem-estar, mas elas são totalmente dependentes dele a cada momento para tudo. Isso é verdade sobre todas as criaturas de Deus, incluindo os seres humanos.

Na Escritura, Deus também estabeleceu regras morais para governar o universo e as criaturas humanas e angelicais que o povoam. Os criadores têm esse direito sobre sua criação. “Errar é humano” é, infelizmente, mais que apenas um adágio. É a experiência de cada ser humano que anda pela face da terra.

Do que acabamos de dizer sobre Deus, não há dúvida de que somos o “outro”. Em primeiro lugar, Deus sempre existiu e é um ser sobrenatural. Em contraste, somos criaturas humanas finitas que vivem apenas por um curto período de tempo sobre a terra. Mas o contraste não é apenas entre finito versus infinito. Os seres humanos são ainda mais o “outro” em comparação com a pureza moral de Deus. Ele é absolutamente perfeito moralmente, enquanto nós pecamos repetidamente, tendo desobedecido aos mandamentos de Deus repetidamente. Ao estabelecer o governo moral sobre o universo, Deus revelou não apenas leis para governar o nosso comportamento, mas também punições para os desobedientes. A punição é a morte (física e espiritual) e todos nós a merecemos.

Deus é o que está no poder; nós somos os diferentes. Isso é verdade tanto ontológica quanto moralmente. Deus sabe que temos um problema, pois ele estabeleceu a punição específica que cada um de nós justamente merece. Moralmente falando, escolhemos ser diferentes de Deus. Deus não é obrigado a nos resgatar, abrir mão da penalidade do pecado ou pagá-la. Se ele tivesse decidido deixar que colhêssemos a recompensa pela nossa desobediência, ele não seria menos Deus por isso e não teria deixado de cumprir algum dever que o

obrigasse.

Mas Deus escolheu uma resposta diferente. Ele deu espaço para nós, que éramos moralmente diferentes. Como? Isaías 53 nos mostra como. Ele enviou seu Servo, que, como vimos, pagou a penalidade pelos nossos pecados. Embora seu povo pensasse que ele era o pecador, Isaías mostra que no devido tempo eles verão que ele foi entregue à morte pelos pecados deles. Deus não era obrigado a pagar pelos nossos pecados, mas mostrou interesse pelos que são "os outros", enviando um salvador para nos resgatar.

É triste que os pós-modernos enfatizem veementemente que devemos dar espaço para o outro, mas eles mesmos não fazem isso. Deus deu espaço no diálogo para aqueles que são os outros (a humanidade), enviando seu Servo para morrer pelos pecados deles. Mas Deus quer mais do que diálogo – ele conhece a verdade, pois ele é a verdade. Deus quer um relacionamento com seus "outros" humanos, um relacionamento que os traga para o diálogo não para comparar várias "opiniões" sobre coisas, mas para lhes dar um lugar à mesa de bênçãos.

Em resposta, a maioria das pessoas – incluindo muitos pós-modernos – se recusa a retribuir o favor de Deus. Elas não lhe dão espaço em sua vida, nem mesmo dão atenção ao que lhe diz respeito. Não querem lhe dar lugar no diálogo. Estão certas de que ninguém conhece a verdade absoluta, por isso é mais sábio dar ouvidos a todos. Mas estão absolutamente certas de que a perspectiva de Deus sobre qualquer coisa pode ser descartada com pouco a perder, se é que há algo. Como é triste que aqueles que pensam que os fanáticos ou intolerantes não devem ser levados a sério sejam, eles mesmos, intolerantes fanáticos contra tudo o que Deus tem a dizer.

Deus deu espaço para o outro ao enviar seu Servo para pagar pelos pecados deles. Como já foi mostrado, o Novo Testamento claramente identifica o Servo Sofredor como ninguém mais, senão com Jesus de Nazaré, o Messias judeu. Mas muitos judeus (e gentios também) não se importam com Deus, identificam erradamente seu Servo e não querem sequer considerar as alegações de que Jesus é o Messias há muito esperado. O que é muito anti-pós-moderno.

PENSAMENTOS CONCLUSIVOS E APLICAÇÕES

Conquanto os pós-modernos seguramente não estejam certos sobre tudo, podemos aprender com eles algumas coisas úteis. O tema de dar espaço para o outro é especialmente digno de mais reflexão. Um ponto inicial é que há uma longa história da interpretação de Isaías 53 que vê o Servo do Senhor como o Messias. Há, também, uma longa tradição interpretativa cristã que associa o Servo do Senhor de Isaías 53 a Jesus de Nazaré. E entre os judeus há uma longa tradição que rejeita Jesus como o Messias, de modo que, mesmo que Isaías 53 fale sobre o Messias, não fala sobre Jesus.

E é aqui que a abordagem pós-moderna pode nos ajudar. Cristãos judeus e gentios amariam ter a oportunidade de se sentar à mesa de diálogo com judeus que rejeitam Jesus e discutir com eles uma interpretação cristã de Isaías 53. Porém, muitos judeus se recusam a dar espaço para os "outros" e para a interpretação deles. Os crentes em Cristo não estão dizendo que os judeus devem aceitar Jesus para serem fiéis a esse tema pós-moderno. Isso seria um modo muito bom de dar espaço para o outro, mas, como primeiro passo, os crentes querem apenas uma oportunidade de serem ouvidos quando apresentam uma interpretação cristã de Isaías 53. A atitude pós-moderna a tomar seria sentarem-se à mesa para dialogar e levar a sério o que os crentes em Jesus têm a dizer.

Uma segunda lição sobre ouvir o outro vai além de Isaías 53 e se refere ao cristianismo como um todo. Não é mera coincidência que, numa época em que os pós-modernos estão trombeteando a necessidade de dar espaço para o outro, filósofos, teólogos e pessoas comuns estejam se voltando para o pluralismo religioso. Isso envolve mais do que apenas as pessoas saberem que há muitos conceitos diferentes a respeito de Deus e de religião e admitirem que cada um tem o direito de escolher sua crença. Em vez disso, considerando o ceticismo atual sobre saber o que é realmente verdadeiro, o que os pós-modernos devem fazer é aceitar a possibilidade de outras religiões conterem verdade e serem a religião certa para muitas pessoas. Ou seja, devem ser tolerantes com as pessoas de outras tradições religiosas, devendo levá-las a sério e incluí-las na conversa, mesmo que não aceitem suas crenças religiosas.

Há muitos cristãos que gostariam de aprender mais sobre o judaísmo. Eles gostariam de ouvir uma interpretação judaica de Isaías 53. E há judeus messiânicos cristãos e gentios cristãos que gostariam de compartilhar com os judeus o que é básico sobre o cristianismo e o papel que Isaías 53 desempenha nele. O interesse pós-moderno sobre o que é outro e a sensibilidade à verdade dos outros não estimulam todos nós a nos sentarmos à mesa e falarmos sobre as

doutrinas do judaísmo e do cristianismo, incluindo as reivindicações de Jesus como o Messias judeu? A tolerância pós-moderna ao outro não significa que temos que concordar com tudo o que ouvimos, mas sugere que devemos estar dispostos a ouvir uns aos outros. Isso faz sentido especial para os pós-modernos, que não estão certos sobre o que é realmente verdadeiro. Isso deveria dar a todos eles mais razão para ouvir o que o outro tem a dizer.

Há uma aplicação aqui para cristãos judeus e para cristãos gentios. Deus enviou seu Filho, Jesus, um judeu, para pagar pelos pecados de judeus e gentios. A Escritura ensina que, se conhecermos Jesus como nosso Messias e Salvador, somos cristãos, irmãos e irmãs. Não obstante, judeus messiânicos crentes e crentes gentios, muito embora sejam parte do corpo de Cristo, a igreja, nem sempre se dão muito bem. É muito estranho que a Escritura ensine que somos unidos uns aos outros em Cristo – somos a comunidade de Deus – mas, em nossa vida diária, temos pouco contato, pouco interesse por aqueles, dentro da igreja, que são o outro. O céu não será dividido em congregações de judeus messiânicos e cristãos gentios. Evidentemente, ali, todos os crentes darão espaço para o outro. Mesmo antes de chegarmos ao céu, deveríamos fazer isso.

Cuidado e interesse pelo outro também significa interesse pelo que está no coração do outro. É triste que tantos cristãos gentios pensem apenas em termos de compartilhar o evangelho com outros gentios, e é igualmente triste que tanto do interesse evangelístico de judeus messiânicos seja dirigido somente a judeus que não conhecem Jesus como seu Messias. Quer uma pessoa seja judia ou gentia crente em Jesus, a evangelização de todos os povos, incluindo os judeus, é mandamento de nosso Senhor e deveria ser nossa paixão e interesse. O Servo Sofredor morreu por todas as pessoas porque nosso Deus cuidadoso quer um povo para si mesmo proveniente de todas as nações, tribos e línguas. Se Deus se interessa de tal maneira por todos os outros (judeus e gentios), a ponto de enviar seu Servo, seu Filho, o Messias de Israel, para morrer pelos pecados de todos, não deveríamos nós também nos interessar em apresentar o evangelho a todos, incluindo os judeus que não creem que Isaías 53 se refira a Jesus ou que ele seja o Messias judeu?

Finalmente, quer você confie em Jesus como o seu Salvador ou não, dê espaço para esse outro divino em sua vida! Não responda ao outro divino ignorando-o ou rejeitando-o. Se Jesus for o seu Salvador e Senhor, lembre-se de que o outro divino nos diz mais do que afirmar que precisamos de um Salvador e que o Messias é esse Salvador. Devemos fazer o que ele manda, seja o que for.

Certamente, cada um deve ouvir o outro e se importar com o que se refere a ele, especialmente quando o outro é o nosso Redentor e Senhor.

Isaías 53 e sua mensagem crucial existem há muito mais tempo que o pós-modernismo. E você não precisa do pós-modernismo para interpretar essa passagem ou conhecer Jesus como seu Salvador. Ainda assim, para aqueles que são pós-modernos em seu ponto de vista e não conhecem o Messias de Israel como seu Salvador, espero que o nosso estudo de Isaías 53 tenha despertado o seu interesse. Muitos temas pós-modernos se encaixam bem no que encontramos neste capítulo. A Escritura e o Deus da Escritura são supremamente relevantes para hoje – e para qualquer época.

10

USANDO ISAÍAS 53 NA EVANGELIZAÇÃO DE JUDEUS

Mitch Glaser

O uso de Isaías 53 na evangelização de judeus é um tópico sobre o qual tenho conhecimento de primeira mão, pois Isaías 53 foi uma das passagens que Deus usou para me mostrar que Jesus era o Messias prometido de Israel. Mesmo depois de trinta anos de interação com essa passagem como judeu crente, professor e missionário, não posso evitar sentir-me assoberbado quando me lembro de como me senti depois de ler e entender esse capítulo pela primeira vez. Isaías 53 me parecia apontar tão claramente para Jesus que assumi que meus professores e rabinos o ignoravam intencionalmente – havia um encobrimento de Isaías 53.

Muitos crentes hoje compartilham dessa opinião. Alguns acham que Isaías 53 foi intencionalmente deixado de fora das porções semanais da Haftorah [01] lidas na sinagoga. Isso é possível, embora seja difícil de provar, pois muitos outros capítulos também foram omitidos.

Não creio mais que houvesse uma conspiração para manter esse capítulo afastado do povo judeu. Estudiosos judeus sinceros têm lutado com Isaías 53 e decidido não interpretar essa passagem como sendo cumprida por Jesus de Nazaré. Talvez alguns estudiosos tenham decidido não adotar essa possibilidade por causa das penalidades potencialmente severas que podem sofrer dentro da comunidade judaica.

Descobri, ao longo dos anos que, embora Isaías 53 aponte claramente para o Messias e sua obra, isso não é autoevidente para aqueles em quem o Espírito ainda não está agindo. Aprendi isso da maneira difícil.

ISAÍAS 53 E MINHA JORNADA

Fui educado num lar judaico na década de 1970 e vim a crer que Jesus é o Messias depois que saí da casa de meus pais para morar na Califórnia. Voltei a Nova Jersey meses depois, entusiasmado com o Senhor e animado porque ia iniciar o curso de Teologia na faculdade.

Expliquei minha decisão aos meus pais com muito medo e sua reação foi tão ruim quanto eu imaginava. Embora discordassem sobre a quem culpar por minha decisão, concordaram que eu tinha que sair de casa. Fui informado de que não estava autorizado a falar aos meus avós, vizinhos ou irmãs sobre minhas crenças. Minha mãe também me proibiu de levar cruzes para casa, de ir à igreja e de ler o Novo Testamento.

Naquela noite memorável – supostamente minha última noite em casa – perguntei à minha mãe se podia lhe mostrar por que eu acreditava que Jesus era o Messias. Li para ela Isaías 53, em total expectativa de que ela entendesse a referência do profeta a Jesus. Eu esperava que ela se arrependesse e aceitasse Jesus como seu Messias, abrindo o caminho para a conversão do resto da minha família.

Em vez disso, no versículo 7, ela dormiu. Eu a acordei e perguntei se podia continuar lendo; ela concordou balançando a cabeça num estupor sonolento, e terminei a passagem. Depois perguntei. “E então? O que acha?”

Ela disse: “Já lhe disse para não ler o Novo Testamento para mim”.

Embora essa pareça ser uma afirmação estranha, não é. A maioria dos judeus não está familiarizada com a Bíblia, e até mesmo aqueles que estão familiarizados com a Torá ainda acham o livro de Isaías um pouco estranho.

Respondi, dizendo: “Mãe, esta é nossa Bíblia, Isaías é um profeta judeu”.

Sua resposta foi: “Não importa. Nunca mais leia isso para mim de novo”.

Minha mãe é uma judia típica. Isaías 53 é, em minha opinião, a mais clara

profecia do Antigo Testamento sobre a pessoa e a obra do Messias que há em toda a Escritura. Todavia, a menos que o Senhor esteja trabalhando no coração de uma pessoa judia, como fez na vida do eunuco etíope a quem Filipe leu essa passagem, nos primeiros capítulos de Atos, Isaías 53 não produzirá o resultado evangelístico desejado.

Por isso, não oferecerei um estudo expositivo dessa passagem nem discutirei sua interpretação judaica tradicional. Em vez disso, quero identificar a utilização desse capítulo na evangelização de judeus, fazer uma análise do texto e fazer sugestões sobre como Isaías 53 pode ser usado na evangelização de Judeus.

A INTERPRETAÇÃO MESSIÂNICA DE ISAÍAS 53

O Novo Testamento contém várias referências e alusões a Isaías 53 e seu cumprimento na pessoa e obra do Messias. É claro que os escritores do Novo Testamento entendiam que Jesus era tanto uma pessoa histórica, nascido em pobreza (Mt 2.1; Lc 1–2), quanto divina (p. ex.,Rm 9.5; Tt 2.13; Hb 1.8). Assim como Isaías profetizou, os escritores do Novo Testamento registraram que Jesus era inocente (Jo 8.6); foi desprezado e rejeitado pelos homens e injustamente executado como um criminoso (Lc 23.13-15). Eles enfatizam que ele sofreu voluntariamente (Jo 10.11; Gl 2.20) e em obediência, humildade e silêncio (Mt 27.12, 14; Fp 2.8; 1Pe 2.23).

Os escritores do Novo Testamento fazem alusão a Isaías ao explicarem os motivos do sofrimento de Jesus: amor pelos outros (Lc 23.34); cumprimento do plano e da vontade de Deus (Ef 3.1-6); e fornecer intervenção redentora que conduz à justificação do pecador de seu pecado (1Co 1.30; 1Pe 1.18-19). O sofrimento de Jesus foi vicário (1Pe 2.24) e, como o Servo Sofredor de Isaías, Jesus sofreu até a morte (Mt 27.50), abrindo caminho para a sua ressurreição (1Co 15.4) e sua ascensão ao céu. Agora, ele é grandemente exaltado, sentado à direita de Deus (Fp 2.9-11). [02]

Deveria estar claro que todas as dificuldades associadas a interpretações alternativas desaparecem quando a passagem é aplicada a Jesus de Nazaré, pois ele (e somente ele) cumpre todos os detalhes desse magnífico salmo profético.

INTERPRETAÇÕES HISTÓRICAS DE ISAÍAS 53 E A EVANGELIZAÇÃO DE JUDEUS

As implicações messiânicas desse capítulo foram reconhecidas pelos primeiros pais da igreja, e sua interpretação se constituiu num ponto de debate primitivo entre líderes judeus e cristãos, como evidenciado no diálogo entre Justino Mártir e o rabino Trifo. [03] A interpretação messiânica de Isaías 53 também foi um elemento importante nos debates medievais. [04]

O fato de que líderes judeus messiânicos e cristãos gentios estavam utilizando Isaías 53 desde uma data remota em sua pregação evangelística também é evidente em várias fontes rabínicas, incluindo a Mishna e a Gemara.

Vários intérpretes rabínicos fizeram referência à morte do Messias referindo-se a Isaías 53 e, como leremos nos outros capítulos, o movimento contemporâneo Lubavitch tem reconhecido que Isaías 53 se refere a um Salvador que morre e ressuscita. No entanto, eles ensinam que o cumprimento da passagem pode ser encontrado em Menachem Mendel Schneerson, o falecido rebe Lubavitch. De acordo com o website ChabadWorld, os sofrimentos do rebe quando estava às portas da morte são interpretados como o cumprimento do sofrimento predito em Isaías 53:

Os seguidores do rebe esperavam que as muitas referências escritas e orais na Torá, referentes às severas dores e enfermidades que o Messias devia suportar, fossem figurativas e que o Rebe continuaria com boa saúde ininterrupta até a Redenção. Todavia, uma vez que esses problemas tinham vindo sobre nós, percebemos que eles estavam vendo as severas predições sendo cumpridas também.

De acordo com fontes da Torá, o Messias sofre o mais intenso sofrimento do mundo, com a condição de que todo judeu que já viveu tenha uma porção na redenção final, incluindo os fetos abortados, os natimortos e aquelas almas que só se levantaram no pensamento de Deus. Os sábios afirmam: “Deus dividiu os sofrimentos do mundo em três porções. Uma delas é a porção do Rei Messias. ‘Ele é ferido por causa dos nossos pecados... Ele sofre para que mereçamos a paz’ Quando seu tempo vier, diz Deus: ‘Hoje eu o gerei... é o seu tempo e ele

será curado”. [05]

A interpretação Lubavich é rejeitada pelo historiador ortodoxo rabino David Berger, que argumenta que, se um ensino mais messiânico sobre Isaías 53 e a leitura dos sofrimentos do sujeito desse capítulo forem aplicados a Schneerson, isso daria munição aos missionários. [06]

USOS TRADICIONAIS DE ISAÍAS 53 NA EVANGELIZAÇÃO DE JUDEUS

As missões judaicas tradicionalmente têm usado Isaías 53 de maneiras distintas. Isaías 53 tem sido usado com frequência como uma porção da Escritura sem explicação; tratados, livretos e outras publicações têm sido produzidas com o capítulo escrito como uma passagem autônoma, seja em hebraico, inglês, iídiche, francês, russo, árabe ou qualquer outra língua. Em outras palavras, as missões e os missionários que trabalham entre o povo judeu, às vezes, têm simplesmente reproduzido Isaías 53 para distribuição entre o povo judeu.

Esse capítulo também tem sido usado com explicação e utilizado como parte de uma série de textos-prova que demonstram a verdade de Jesus como Messias.

Em adição a isso, gostaria de mencionar dois ou três formatos em que Isaías 53 tem sido utilizado. O capítulo tem sido usado em livros, livretos e tratados evangelísticos, na internet, na arte e na música.

Meu foco, neste capítulo, é fazer um panorama da utilização de Isaías 53 hoje. Desculpo-me por limitar minha pesquisa às fontes norte-americanas ou às fontes não norte-americanas que foram traduzidas para o inglês. Isso não sugere que eu acredite que não existam fontes em outras línguas ou que elas sejam inferiores ou superiores. Sou norte-americano e creio que é melhor apresentar o material em meu próprio grupo linguístico. Mais pesquisa e material que reflitam o uso de Isaías 53 em outros grupos linguísticos seria inestimável, especialmente quando procuramos maximizar a utilização dessa importante passagem na evangelização de judeus.

Isaías 53 como uma porção da Escritura

A maioria das missões aos judeus imprimiu versões de Isaías 53 para serem distribuídas ao povo judeu. A missão que represento, a Chosen People Ministries, fez isso por muitos anos e em muitas línguas, incluindo o hebraico e o iídiche. Mais do que qualquer outra passagem da Escritura, Isaías 53 tem sido usado como porção da Escritura para evangelização.

Isaías 53 com explicação

Para usar no evangelismo, em raros casos, Isaías 53 também tem sido usado com breve comentário. Não consigo encontrar um exemplo que tenha sido amplamente distribuído, e a maioria dos tratados com algum tipo de comentário incluía profecias adicionais. Recentemente, recebi um exemplar de um tratado escrito por Dan Gruber, comentando Isaías 53 à luz da especulação Lubavich de que o rabino Schneerson poderia ser o Messias. [07] Gruber faz um bom trabalho de revisão das interpretações rabínicas de Isaías 53 e elabora o texto do seu comentário de um modo que apresenta Jesus, e não Schneerson, como o Messias. Mas esses tipos de apresentação do evangelho são raros.

Isaías 53 como parte de um argumento de texto-prova

Talvez esse seja o uso mais comum de Isaías 53: o texto é usado juntamente com muitas outras passagens do Antigo Testamento para demonstrar que Jesus é o Messias e que ele teve que morrer pelos nossos pecados e ressuscitar. Às vezes, as passagens são listadas, outras vezes são explicadas. A Chosen People Ministries produz vários tratados e livretos em que Isaías 53 está incluído. Muitos outros ministérios fazem o mesmo, e esse talvez seja o contexto mais comum para o uso de Isaías 53 em missões judaicas.

No entanto, há usos mais contemporâneos e substanciais de Isaías 53, como uma série de textos usados para apresentar a pessoa e a obra do Messias de uma perspectiva profética do Antigo Testamento.

Risto Santala faz uso dessa abordagem em The Messiah in the Old Testament in light of rabbinical writings [O Messias no Antigo Testamento à luz dos escritos rabínicos]. [08] Pelo título, fica óbvio que ele também quer relacionar a interpretação messiânica de Isaías 53 com o material rabínico extrabíblico.

Arnold Fruchtenbaum apresenta uma argumentação semelhante em Jesus was a Jew, [09] embora dê mais espaço à interpretação judaica messiânica de Isaías 53 do que Santala, que trabalha com uma grande quantidade de passagens do Antigo Testamento em seu livro.

A série de livros de Michael Brown, Answering Jewish objections to Jesus [Respondendo às objeções judaicas a Jesus], [10] especialmente o volume 3, apresenta Isaías de maneira evangelística a judeus que ainda não conhecem o Senhor.

Outro livro, The death of Messiah [A morte do Messias],organizado por Kai Kjær-Hansen, contém ensaios sobre esse tema. Estes, contudo, são dirigidos aos fiéis, não àqueles que ainda não são crentes. Entretanto, The death of Messiah reflete sobre as fontes judaicas muito mais do que a maioria dos livros destinados aos crentes.

The Messiah in the Old Testament [O Messias no Antigo Testamento],de Walter Kaiser, [11] emprega uma abordagem semelhante e inclui Isaías 53 como uma das passagens do Antigo Testamento que apontam para o messianismo de Jesus.

Outros livros e panfletos [12] utilizam Isaías 53 juntamente com outras passagens do Antigo Testamento, mas podem não ser adequadas para apresentar o evangelho a um judeu incrédulo.

Livros produzidos sobre Isaías 53

Um livro inteiro talvez seja a forma menos comum na qual Isaías 53 é preparado

para uso evangelístico. De fato, Sanford Mills, um missionário da Chosen People Ministries, em meados do século 20, escreveu um dos únicos livros escritos dessa perspectiva: A Hebrew Christian looks at Isaiah 53 [Um judeu cristão considera Isaías 53]. Pelo título, fica óbvio que o livro precisa ser atualizado. Também é possível questionar seriamente se ele é de natureza evangelística ou se foi escrito para crentes.

Outro livro, republicado recentemente por Keren Ahvah Meshihit, em Jerusalém, atualiza Rays of Messiah's glory [Raios da glória do Messias],de David Baron. Novamente, esse livro seria evangelístico apenas para o buscador mais sincero e refletido. Contudo, ambos os livros preparam o crente para o uso mais comum de Isaías 53.

Isaías 53 na Web

Uma busca simples revelará uma superabundância de sites e usos de Isaías 53 na web. No entanto, trata-se de material comum escrito em novo formato e eletrônico. Tanto evangélicos quanto antimissionários frequentemente usam e debatem a passagem em salas de bate-papo e quadros de aviso; www.Isaiah53 é um site que tem uma grande quantidade de material.

Isaías 53 na música

Isaías 53 tem sido o coração de algumas canções messiânicas contemporâneas. Marty Goetz, LAMB, The Liberated Wailing Wall, Israelight, Kol Simcha e muitos outros têm escrito canções baseadas nessa magnífica passagem da Escritura. A popular canção cristã contemporânea "Our God reigns" ["Nosso Deus reina"] também é baseada em Isaías 53.

Isaías 53 no testemunho pessoal

A forma mais comum em que Isaías 53 é usado hoje para alcançar o povo judeu é o testemunho pessoal. Embora eu não tenha um panorama formal para demonstrar isso, creio que Isaías 53 é a passagem messiânica mais conhecida e bem usada tanto por crentes judeus como pelos crentes gentios. Essa é a passagem que a maioria dos crentes entende como fornecendo a mais clara apresentação da pessoa e da obra do Messias no Antigo Testamento. E, pelo menos, na mente da maioria dos crentes, é o modo mais fácil de mostrar a um judeu que Jesus é o Messias de Israel predito pelo Antigo Testamento.

O USO POLÊMICO DE ISAÍAS 53

Isaías 53 tem grande valor para a evangelização de judeus e faz muito mais do que demonstrar que Jesus é o Messias cuja pessoa e obra são preditas nessa passagem. Há pelos menos três formas principais em que Isaías é e continuará sendo usado na evangelização de judeus.

1. Isaías 53 apresenta os detalhes da expiação

É por meio de Isaías 53 que entendemos grande parte do que transpira na cruz. O apóstolo Paulo articula isso claramente em 2Coríntios 5.21, onde escreve: “Aquele que não conheceu pecado, ele o fez pecado por nós; para que, nele, fôssemos feitos justiça de Deus”.

O capítulo descreve nosso pecado e nossa necessidade de expiação melhor do que qualquer outra passagem das Escrituras Hebraicas. Os detalhes sobre a expiação em Isaías 53 o tornam inestimável para a evangelização de judeus.

2. Isaías 53 demonstra a exatidão da profecia bíblica

Isaías 53 não ensina apenas os detalhes da expiação, mas também pode ser usado para mostrar a uma pessoa como os detalhes revelados foram perfeitamente cumpridos na vida, morte e ressurreição de Jesus.

A profecia cumprida é sempre uma polêmica poderosa, até mesmo para os judeus e gentios mais secularizados. Às vezes, essas pessoas religiosamente marginalizadas sabem um pouco sobre a vida de Jesus, o Messias, e são capazes de relacionar a profecia com o que sabem. Frequentemente, reconhecer que essas profecias são verdadeiras em tantos detalhes pode levar uma pessoa secularizada a crer na inspiração da Bíblia. Isaías 53 tem feito isso por muitos; esse é meu testemunho e o de outras pessoas.

3. Isaías 53 é um testemunho do caráter judeu do evangelho

Todos os judeus sabem que o Antigo Testamento é um livro judaico. Isso não significa que a maioria dos judeus o tenha lido. De fato, muitos não leram. Mas significa que o povo judeu associa o Antigo Testamento com a religião judaica e a fé judaica. Portanto, se Jesus é pregado como Messias nas Escrituras Hebraicas, e isso pode ser visto e aceito, então claramente a fé em Jesus não é uma invenção neotestamentária ou gentia, mas algo totalmente judaico.

Isaías 53 pode ser útil para trabalhar com um judeu mais aberto para demonstrar o caráter judaico do evangelho. Pode-se ver que o que estamos pregando não é simplesmente uma doutrina do Novo Testamento, mas a verdade sobre o Messias encontrada nas Escrituras Hebraicas e lindamente encarnada na pessoa de Yeshua.

OS PRINCIPAIS PONTOS DE DEBATE

Para a maioria dos rabinos, Isaías 53 se refere ao sofrimento e à sobrevivência da

nação de Israel, que suportou os pecados das nações gentias.

Tem havido muitas excelentes respostas a essa antiga interpretação rabínica de Isaías 53 por parte de judeus e gentios. Geralmente, esses intelectuais e comentaristas argumentam de modo semelhante.

As listas a seguir apresentam alguns dos argumentos mais comuns. [13]

Primeiro, os comentaristas evangélicos argumentam que o Servo Sofredor não é a nação de Israel, mas uma pessoa. Eles defendem sua posição das seguintes maneiras:

1. Israel não é um sofredor inocente

Israel como nação era pecaminosa, como previamente descrito nos capítulos anteriores do livro de Isaías, especialmente os capítulos 1 e 5.

2. Israel não é um sofredor silencioso

Muitos argumentos excelentes têm sido elaborados para demonstrar que o povo judeu nunca foi um sofredor silencioso. Mesmo quando o Holocausto é usado como uma ilustração do sofrimento de Israel sem reclamar, pode ser igualmente demonstrado que o povo judeu teve movimentos de resistência muito bem organizados e sofreu silenciosamente apenas quando não tinha consciência do horror e da realidade da Solução Final.

3. Israel nunca morreu

É evidente que Israel nunca morreu. Ela manteve, ao longo dos anos, uma

existência nacional distinta. Alguns afirmam que a nação de Israel morreu, em certo sentido, durante o Holocausto; portanto, a passagem da ressurreição (Is 53.10-12) é cumprida no renascimento do atual estado de Israel. Mas é difícil usar esse argumento com algum poder de convicção, pois a passagem, então, teria que ser interpretada alegórica ou simbolicamente, e a linguagem não permite esse método específico de interpretação.

4. A passagem aponta para o sofrimento de uma pessoa

Fruchtenbaum e, em certa medida, Brown desenvolveram o tema do sofrimento redentor na tradição rabínica, focalizando especificamente tradições relacionadas ao sofrimento do Messias, filho de José. O próximo passo nessa linha de argumentação é demonstrar que o Messias, filho de José, e o Messias, filho de Davi, são a mesma pessoa: Yeshua, o Messias.

5. A linguagem da passagem torna impossível que Israel seja o sujeito

Talvez o argumento mais forte contra Isaías 53 ser uma referência à nação de Israel seja encontrado no versículo 8. Nesse versículo, o profeta descreve aquele que sofreria como sendo “cortado da terra dos viventes; por causa da transgressão do meu povo, foi ele ferido”. O hebraico “cortado” claramente se refere à morte da pessoa e, se interpretado literalmente, claramente se refere a uma pessoa morrendo pelos pecados do povo judeu (o povo de Isaías).

Portanto, é justo perguntar: “Como Israel pode ser morto em favor de Israel?” A resposta totalmente óbvia é que isso é impossível e que aquele que está sendo “cortado” é distinto daqueles em favor de quem ele está sendo cortado.

Muitos outros argumentos podem ser elaborados para mostrar que a tradicional interpretação judaica de Isaías 53 como uma referência à nação de Israel não é precisa. É uma interpretação orientada pela História, pela cultura e pela política, não pela própria passagem.

A atual interpretação Lubavitch de Isaías 53 como sendo pessoal, não nacional, e cumprida na vida e na morte de Menachem Schneerson, deve ser vista como uma anomalia contemporânea. Essa é uma posição minoritária. É claro que apresentar o evangelho a um Chasid Lubavitch exigiria uma argumentação mais incomum de Isaías 53. O crente teria que demonstrar por que Menachem Schneerson não cumpriu a profecia. Isso seria muito fácil, pois o rebe (embora seus seguidores digam que ele fez milagres) não nasceu em Belém, não teve um nascimento virginal e continua morto.

OBJEÇÕES CONTEMPORÂNEAS A ISAÍAS 53

Em conversas realistas típicas de testemunho ao povo judeu, a objeção primária à interpretação messiânica de Isaías 53 não é mais o argumento rabínico de que o Servo de Isaías é Israel. Quase toda a literatura sobre Isaías 53 escrita por evangélicos procura demonstrar que Jesus, e não a nação de Israel, é o cumprimento da profecia. Como a maioria dos judeus não é lubavitch, hasídica ou ortodoxa, argumentar que Isaías 53 não é cumprido pela nação de Israel, ou pela morte de Menachem Schneerson, não chega ao coração do debate contemporâneo com a maior parte da comunidade judaica.

As verdadeiras objeções contemporâneas a Isaías 53 – e aquelas com as quais a maioria dos crentes tem que trabalhar cuidadosamente com judeus interessados no evangelho – estão em outras áreas. Tentarei listá-las da maneira mais sucinta possível.

1. A maioria dos judeus não está familiarizada com essa passagem

A maioria dos judeus nunca estudou Isaías 53. Isso não é simplesmente porque Isaías 53 está fora das leituras Haftorah, mas porque a maioria dos judeus não frequenta a sinagoga. E, assim, mesmo que Isaías 53 fosse lido como parte das porções cíclicas de leitura, eles ainda não o teriam ouvido. Mesmo que um judeu vá à sinagoga e ouça a leitura da Torá semanalmente, ele geralmente não estuda

os Profetas detalhadamente.

2. A maioria dos judeus não está familiarizada com o profeta Isaías

Não apenas a maioria dos judeus contemporâneos não está familiarizada com os escritos de Isaías, capítulo 53 em particular, mas muitos deles também não sabem quem foi Isaías. Acredito que posso dizer com segurança que, nos Estados Unidos, a maioria dos judeus reconheceria Isaías como o nome de um atleta profissional antes de reconhecê-lo como nome do profeta da literatura bíblica.

3. A maioria dos judeus não entende ou não acredita na profecia bíblica

O judeu contemporâneo não acredita que os profetas judeus da Bíblia foram inspirados por Deus e eram capazes de ver o futuro com algum tipo de precisão. Isso é um tanto irônico, porque muitos judeus contemporâneos não têm escrúpulos de ler Nostradamus e acreditar que há algo verdadeiro em suas profecias, ou mesmo em crer que as cartas do tarô ou a astrologia podem, de algum modo, predizer o futuro. O conteúdo da profecia bíblica é desconhecido pela maioria dos judeus secularizados.

A maioria dos judeus contemporâneos não acredita na profecia e nunca a estudou. Portanto, quando apresentamos Isaías 53 a um judeu de nossos dias, precisamos nos lembrar de que devemos, primeiro, explicar a natureza da profecia bíblica. Essa é uma grande objeção que precisa ser vencida com uma explicação paciente, passo a passo, aos nossos amigos judeus. Devemos entender que, embora sejam inteligentes, o conhecimento deles da profecia bíblica geralmente é totalmente superficial.

4. A maioria dos judeus não acredita em pecado

Talvez seja óbvio, mas é bom afirmar isso claramente. Por exemplo, muitos panfletos e apresentações evangélicas, como o livreto da L´Chaim “As quatro leis espirituais” e “A estrada de Romanos”, presumem que o leitor tem algum conceito da santidade de Deus, do pecado da humanidade e do impacto que o pecado têm no relacionamento da pessoa com Deus. Mas muitas das pessoas a quem estamos falando não creem em Deus ou no pecado.

Devemos reconhecer que, embora Isaías 53 possa ser uma clara profecia da morte expiatória do Messias, a maioria dos judeus não crê na natureza pessoal do pecado e seu impacto.

5. A maioria dos judeus não crê na expiação ou não a entende

A mensagem de Isaías 53 não é simplesmente que Jesus é o Messias, mas que ele morreu como um sacrifício substitutivo pelo nosso pecado. A maioria dos judeus, hoje, não acredita no pecado e, caso acredite, é questionável se eles acreditam na possibilidade de alguém fazer a expiação em nosso favor. Esse é um obstáculo muito grande na apresentação de Isaías 53 a um judeu contemporâneo.

A maioria dos judeus crê como as pessoas em geral creem: que o que realizamos nesta vida realizamos por nós mesmos. Eles não creem que um sacrifício, muito menos a morte de outro ser humano, possa ajudar uma pessoa a encontrar redenção pessoal.

6. A maioria dos judeus detesta a ideia de sacrifício de animais

É quase impossível entender Isaías 53 sem conhecer e sem levar a sério o sistema sacrificial esboçado em Levítico 1–5. A maioria dos judeus modernos crê que o sacrifício de animais é bárbaro e desnecessário.

7. A maioria dos judeus fica especialmente horrorizada com a ideia de sacrifício humano

A Escritura ensina claramente que há um sacrifício humano que é permitido e correto: o que é encontrado em Isaías 53.

Mas imagine ler Isaías 53 sem acreditar nisso, sem aceitar que o capítulo se refere ao Messias e sua morte pela humanidade. Imagine alguém tentar convencê-lo de que o sacrifício humano é justificável. Como você se sentiria sobre a noção de que Deus sacrificaria um ser humano por causa do seu pecado? Isso é repugnante ao povo judeu. No entanto, durante toda a interpretação de Isaías 53, pedimos que as pessoas aceitem aquilo que acham repulsivo – a noção de que Deus mataria um ser humano por causa de outro.

8. A maioria dos judeus não acredita na encarnação

A maior parte dos evangélicos, quando apresentam o evangelho a um judeu contemporâneo, usando Isaías 53, não tem consciência do grau em que a encarnação é fundamental para a nossa polêmica.

Fica claro para nós, pela passagem de Isaías 53, que o sacrifício teria que ser puramente inocente, e há apenas Um que é perfeito: o próprio Deus. Quando é associado a Isaías 7.14; 9.6-7 e outras passagens, Isaías 53 é reforçado pela doutrina da encarnação.

Se a ideia de sacrifício humano é repugnante às pessoas judias, pode-se imaginar como um judeu se sente ao ouvir que Isaías 53 fala sobre assumir a carne e morrer como ser humano. Apresentar esse conceito requer alguma capacidade de persuasão e sensibilidade.

9. A maioria dos judeus não acredita na doutrina da depravação humana

O judaísmo não ensina a doutrina da depravação do homem. Até mesmo os conceitos expressos como em Isaías 53.6, “Todos nós andávamos desgarrados como ovelhas; cada um se desviava pelo caminho, mas o Senhor fez cair sobre ele a iniquidade de nós todos”, são incompatíveis com as crenças judaicas tradicionais. A ideia de que Isaías 53 se refere a Deus tornar-se homem e morrer pelos pecados da humanidade faz sentido somente se aceitarmos as doutrinas da depravação humana e do pecado original.

Na nossa apresentação de Isaías 53, geralmente tomamos por certo que o judeu de hoje aceita as mesmas crenças fundamentais que nós, mas isso não é verdade. De fato, a maioria dos judeus de hoje crê na bondade do homem. Talvez essa seja uma versão destilada do tradicional entendimento judaico da constante guerra entre a inclinação para o mal (yetzer ha-ra) e a inclinação para o bem (yezter ha-tov).

Na mente da maioria dos judeus atuais que desejam redenção, o arrependimento é a única ação necessária. Pensa-se que somos capazes de realizar nossa própria salvação voltando-nos para Deus e abandonando os erros morais.

Por que, então, um judeu de hoje pode perguntar, Deus assumiria a carne humana e sofreria uma morte horrível quando acreditamos que podemos garantir nossa própria redenção? Essa é a pergunta que precisamos responder antes de apresentarmos as verdades de Isaías 53. Com frequência demais, damos respostas às perguntas que não foram feitas e não respondemos às perguntas óbvias feitas pelos judeus hoje.

A crença na bondade inata do homem é uma das mais importantes objeções que o judeu contemporâneo tem à interpretação cristã messiânica de Isaías 53. Se somos bons por natureza e precisamos apenas de arrependimento, então por que precisamos da expiação substitutiva descrita em Isaías 53?

10. A maioria dos judeus não acredita na necessidade do sangue sacrificial

Ao longo dos séculos, de Hazak Emunah [14] às apresentações um pouco superficiais de Tovia Singer, [15] o ensino de que o sangue sacrificial é necessário para a expiação tem sido questionado no judaísmo. O que mais se espera à luz da destruição do templo?

11. A maioria dos judeus de hoje sentiria repulsa ao conceito de que é necessário sangue para o perdão de pecados

Não faz qualquer sentido para o judeu contemporâneo que o sangue tenha algo a ver com a expiação do pecado. Esta é uma razão fundamental pela qual o povo judeu rejeitaria nossa apresentação do evangelho por meio de Isaías 53. A maioria dos judeus de hoje concorda que o sangue é desnecessário para o perdão e crê que essa noção é selvagem.

Muitos de nossos panfletos usam essa argumentação sem lidar com os pressupostos iniciais. O panfleto L'Chaim, escrito por John Fischer muitos anos atrás, e o panfleto mais recente da Chosen People Ministries, "Por que o Messias teve que morrer", assim como muitos outros, assumem que um sistema de crenças quase inteiro é aceito por aqueles que estão sendo alcançados.

Devemos desenvolver uma polêmica que primeiro responda a essas perguntas básicas para depois procurar apresentar as verdades majestosas ensinadas em Isaías 53.

12. A maioria do povo judeu não acredita na ressurreição

A maioria dos judeus contemporâneos é antissobrenaturalista e não acredita em nenhum tipo de ressurreição dos mortos. Portanto, se estamos dizendo que a prova mais clara de que Deus aceitou o sacrifício de Jesus em cumprimento a Isaías 53 é que ele ressuscitou dos mortos, devemos perceber que, em geral, isso não é convincente para um judeu de hoje.

Quando afirmamos que Menachem Schneerson não pode ser o Messias porque ele não ressuscitou de entre os mortos, podemos fazer algum sentido para os Chasidim Lubavitch (embora eles discordem disso), mas para um judeu de hoje, a própria ideia de ressurreição é sem sentido.

Devemos observar que as objeções acima não se aplicam àqueles que sustentam posições teológicas judaicas tradicionais. Moisés Maimônides, um rabino do século 12, líder da comunidade e médico, articulou pontos tradicionais de fé em seus Thirteen articles of faith [Treze artigos de fé]. Uma parte do que os judeus de hoje rejeitam em nossa sugestão de que Jesus, o Messias, cumpre Isaías 53 não seria problema para judeus mais zelosos que guardam os ensinos de Maimônides no coração. [16]

VENCENDO AS OBJEÇÕES CONTEMPORÂNEAS A ISAÍAS 53

Novamente, é um erro comum pensar que a principal razão pela qual o povo judeu não aceita Isaías 53 como apontando para Jesus é porque a passagem é interpretada pelos rabinos como sendo cumprida pela nação de Israel. Essa é uma objeção que os judeus religiosos podem fazer, mas a maioria dos judeus de hoje não é religiosa e suas objeções, apenas algumas das quais foram cobertas neste capítulo, são variadas. Devemos ser cuidadosos para não ignorarmos os pressupostos dos judeus contemporâneos em nosso zelo de provar que Isaías 53 se refere a Jesus.

Também é tentador ver a situação como sem esperança e não nos importarmos mais em apresentar Isaías 53 à comunidade judaica. No entanto, a palavra de Deus tem poder e nunca volta vazia e, se um judeude hoje levar Isaías 53 a sério, isso pode levá-lo a levar mais a sério outros aspectos da verdade bíblica.

Essa passagem deve ser apresentada até mesmo ao judeu mais secularizado. A maioria dos judeus na América do Norte e na Europa tem algum entendimento da história do Natal. A maioria dos judeus conhece um pouco da vida e da morte de Jesus e, se a passagem for bem apresentada, eles podem ser capazes de ver Yeshua em Isaías 53.

Apresentar Isaías 53 a judeus, modernos ou secularizados, é também um

excelente modo de começar a apresentar-lhes vários conceitos teológicos sérios, como pecado, a santidade de Deus, a natureza e a necessidade de expiação, a depravação do homem e a ressurreição. Pode levar algum tempo para um judeu de hoje lidar com essas novas ideias, mas, se forem bem apresentadas, eles vão lidar!

Devemos respeitar o povo judeu. Isso significa que devemos falar às pessoas sobre Yeshua em termos que possam ser entendidos. Precisamos saber em que elas normalmente acreditam sobre Deus, a Bíblia e as principais doutrinas da fé. Estas são coisas que normalmente acreditamos que são aceitas e entendidas pela pessoa que esperamos alcançar quando usamos Isaías 53.

Reconhecemos o poder de Isaías 53 para a obra de evangelização de judeus. Mas para cumprir o desafio de evangelizar judeus hoje, devemos começar a desenvolver uma argumentação mais contemporânea para os livros, livretos, panfletos e mídia eletrônica que esperamos empregar. Devemos apresentar claramente as mais básicas questões sobre Deus, sua santidade, nosso pecado, o conceito de expiação e a necessidade do Messias – e muitas outras questões – de maneira que a verdade se identifique com a mente e o espírito daqueles a quem estamos tentando alcançar.

Este é e sempre foi o nosso desafio: pregar as boas-novas de uma maneira clara e relevante. Devemos encontrar maneiras de atrair nossos companheiros judeus para o mundo das ideias para que esses conceitos básicos sejam mais bem entendidos. Para fazer isso, precisamos começar tendo a nossa mente e a nossa mensagem arraigadas na Escritura, mas também devemos levar em consideração o ponto de partida de nossos ouvintes.

Dentro dessa estrutura revigorada, então, Isaías 53 pode ser apresentado de uma maneira que faça sentido para o judeu hoje.

Então, como podemos usar Isaías 53 mais eficazmente na evangelização de judeus?

Faça um amigo

Às vezes, a questão não é se Isaías pode ou não ser usado para provar que Jesus é o Messias, mas se a pessoa está pronta para ouvir isso ou não.

Antes que possamos proclamar Isaías 53, devemos nos tornar Isaías 53. Os judeus precisam ver Isaías 53 em ação antes de conseguirmos obter uma atenção para o evangelho e a mensagem de sacrifício e expiação no capítulo. Para fazer isso, devemos nos aproximar bastante de judeus, fazendo amizade com eles, para que possam ver o Messias sofredor e ressurreto em nós.

Não há nada de errado em fazer amizade com o povo judeu e usar essa amizade como uma ponte para falar sobre o que é mais importante para nós: que Jesus é o Messias. Devemos evitar nos tornar amigos apenas por essa razão. Escolhemos nossos amigos, e é uma boa e piedosa ideia escolher aqueles com quem passaremos a maior parte do tempo durante o ano. Como crentes em Jesus, todos nós com muita frequência ficamos isolados e não fazemos amizade com não crentes. Em vez disso, ficamos suficientemente distantes daqueles que não compartilham de nossa fé, de modo que somos incapazes de testemunhar do Senhor de maneira eficaz, vida com vida, amigo com amigo. Mas é aí que o evangelho se torna mais poderoso – quando é coberto de carne. Afinal de contas, a encarnação como meio de falar com as pessoas sobre Deus não foi ideia nossa, mas de Deus!

Tente fazer amizade com um judeu (ou dois, ou três) e se torne um amigo verdadeiro, digno de confiança. Ame os judeus, cuide deles e sirva a eles, como faria com qualquer amigo. A amizade nunca deve depender se eles estão interessados em ouvir sobre Jesus ou não. Uma amizade verdadeira, honesta, é um recurso poderoso nas mãos do Senhor.

Torne-se um servo do Senhor

Minha mãe viu o Messias sofredor e ressurreto em Dominique, a cuidadora que creio que Deus providenciou para minha mãe durante os últimos dias de sua vida. Ainda me lembro das palavras de minha irmã sobre essa trabalhadora piedosa: “Esta mulher é como uma serva!” Como uma serva – que epitáfio! Se há algo que fica claro nesse capítulo é que ser como Jesus significa que precisamos ser servos, exatamente como ele. Quando somos amigos de um

judeu, ele pode ver que somos servos porque o Servo de Deus vive em nós!

Dialogue, não debata; evite o monólogo

Também é mais eficaz dialogar a respeito do capítulo que debater sobre ele, ou pior, fazer um monólogo. Na evangelização pessoal, muitos crentes cometem o erro de assumir o papel de um pregador. Isso não funciona com um judeu, que não está acostumado a se sentar e ouvir um pastor ou professor de escola dominical por 35 minutos a uma hora sem poder fazer perguntas. O sermão tradicional na sinagoga leva menos de quinze minutos.

Para compartilhar o evangelho eficazmente com um judeu, não podemos apenas falar. Também devemos ouvir. A evangelização de judeus é muito mais eficaz quando colocada no contexto de um diálogo. Ao testemunhar, frequentemente sentimos que estamos no púlpito. Falamos bastante e, depois de uns quinze minutos, perguntamos: “Alguma pergunta?”

A melhor maneira de apresentar Isaías 53 ao seu amigo judeu é na mesa da cozinha, quando você pode chegar perto o suficiente para compartilhar uma Bíblia aberta. Mas como seguir adiante, uma vez que você fez amizade com um judeu e exemplificou o caráter servil de Yeshua em sua própria vida?

Você pode começar com um elogio para iniciar a conversa: “Minha fé é edificada sobre a sua Escritura, e sou grato a Deus e ao povo judeu por isso”.

Seu amigo judeu provavelmente ficará surpreso e responderá: “É mesmo?”. A razão pela qual ele ficará surpreso é que a maioria dos judeus espera que os cristãos sejam antijudaico ou, no mínimo, que tenham um sentimento da superioridade do cristianismo sobre o judaísmo.

Você pode, então, mencionar que o capítulo 53 do profeta judeu Isaías é um dos capítulos mais importantes para os cristãos e que você gostaria de saber a opinião dele sobre a interpretação da passagem.

Se ele se dispuser a se sentar com você por alguns instantes e examinar a passagem, primeiro você tem que decidir que Bíblia vocês usarão. Não se

preocupe em usar a tradução para o inglês da tradicional Bíblia Hebraica; é a mesma Bíblia que qualquer crente usaria. No entanto, se seu amigo não tiver uma Bíblia, use a sua e deixe que ele saiba que o que você tem ouvido é o mesmo que ele – no Antigo Testamento, é claro.

Você pode iniciar o estudo pedindo para seu amigo judeu participar desde o começo. Tente convidá-lo para começar a ler a passagem, que começa em Isaías 52.13. A melhor pergunta de acompanhamento do assunto e que você deve fazer durante todo o estudo é: “O que você acha que isso significa?”

É assim que um verdadeiro diálogo começa. Você deve ganhar o judeu demonstrando um caráter servil e amizade e, depois, dialogar pacientemente com ele a respeio dessa maravilhosa passagem.

Seja cuidadoso com seus pressupostos

Isso é mais uma advertência que uma estratégia ou tática para a sua conversa. Como crentes, abordamos a passagem de Isaías 53 com vários pressupostos, o primeiro deles sendo a crença de que há um Deus que é tanto pessoal quanto cognoscível. O segundo pressuposto é que Deus falou por meio da Bíblia, que é perfeita e sem erros. Também cremos na profecia preditiva, que é o motivo pelo qual essa passagem, escrita centenas de anos antes de Jesus, é tão poderosa.

Além disso, cremos que o pecado é real e é parte de nossa natureza, e que Deus é santo e justo e punirá os pecadores. Também cremos que é possível o próprio Deus tornar-se homem e que o seu sangue derramado afastará o juízo e a justiça de Deus e concederá perdão e vida eterna.

Chegamos à mesa com toda uma lista de pressupostos que, provavelmente, nosso amigo não tem, e muitos crentes cometem o erro de pensar que, quando se trata do Antigo Testamento, os judeus têm as mesmas opiniões que os cristãos. Como expliquei anteriormente, nada está mais longe da verdade. Devemos ser cuidadosos com nossos pressupostos e não presumir que o nosso amigo judeu concorde com as doutrinas básicas da nossa fé. Nossa interpretação de Isaías 53 é edificada sobre os nossos pressupostos, muitos dos quais são provenientes da nossa leitura do Novo Testamento. Se você pensa que Deus enviando seu Filho

para morrer é boas-novas para um judeu secularizado, pense de novo. Judeus secularizados não têm os mesmos pressupostos que os cristãos.

No entanto, isso não deve nos desanimar. Lembre-se que muitos judeus saberão o suficiente sobre o evangelho para ir além de seus próprios pressupostos e verem a possibilidade de que essa passagem aponte para Jesus. Eu fiz isso!

Seus amigos judeus podem não acreditar em pecado pessoal. Podem não saber o suficiente sobre Deus para entender que Deus é santo e podem não ter qualquer noção do fato de que o pecado leva à morte. Eles podem não acreditar no céu e no inferno. Mas se ouvir cuidadosamente, e prestar atenção aos seus póprios pressupostos, você certamente seguirá em frente com seu testemunho ao seu amigo judeu. Deixe que o Espírito Santo providencie ganchos úteis, que você poderá usar para se comunicar com seu amigo anexando a verdade ao que ele já parece aceitar.

Há, também, um segundo conjunto de pressupostos que a maioria dos judeus tem. O povo judeu tradicionalmente não crê que haverá um Messias Sofredor. Evite presumir que, se você demonstrar que Jesus se encaixa no perfil do Messias Sofredor, seu amigo judeu o aceitará como Senhor. Em vez disso, sua conversa pode ser a primeira vez que seu amigo judeu estará ouvindo falar sobre a possibilidade de que o Messias viria primeiro para sofrer pelo pecado e ressuscitar de entre os mortos e, depois, retornar como Rei vencedor.

Para ser mais eficaz como uma testemunha do Messias, esteja consciente dos seus pressupostos e dialogue pacientemente com seu amigo judeu.

Fechando o negócio

Finalmente, descobri que muitos de nós temos medo de fechar o negócio. Temos medo de afugentar a pessoa; temos medo de ser politicamente incorretos, “coagindo” nosso amigo a fazer uma oração de confissão de pecados; temos receio de chegar ao ponto em que perguntamos: “Gostaria de aceitar o Messias Sofredor, este Messias ressurreto, como seu Senhor e Salvador pessoal?”

Nunca devemos ter medo de fechar o negócio com um judeu, porque os judeus,

mesmo quando estão convencidos de que Jesus é o Messias, não sabem o que fazer com isso. Não há nada, na comunidade ou na religião judaica, que seja semelhante a aceitar o Messias. Lembre-se de que os judeus não conhecem Romanos 10.9-10, em que o apóstolo escreve: “Se, com a tua boca, confessares Jesus como Senhor e, em teu coração, creres que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo. Porque com o coração se crê para justiça e com a boca se confessa a respeito da salvação”.

Jamais tenha medo de fazer a pergunta. Você não ofenderá seu amigo judeu sugerindo: “Agora que você sabe o que sabe, deseja entregar sua vida ao Messias?”

O dia mais feliz de minha vida foi quando cruzei essa linha. Eu estava disposto a abrir mão da minha família, dos meus amigos, da minha identidade judaica – em resumo, de tudo – pelo conhecimento daquele que morreu e ressuscitou por mim. Portanto, não tenha medo de incentivar esse judeu que está à margem da fé perguntando diretamente se ele gostaria de aceitar o Messias.

No futuro imediato, nós, da Chosen People Ministries, esperamos despertar a consciência sobre Isaías 53 na comunidade judaica e, especialmente, entre as pessoas judias. Queremos incentivar os crentes a demonstrar as verdades do servo da passagem e a compartilharem as boas-novas com amigos e vizinhos judeus. Suspeito que veremos muito mais judeus no céu porque tomamos a decisão de dizer: “Posso falar com você sobre uma passagem da Escritura Hebraica que mudou minha vida?”

USANDO ISAÍAS 53 PARA EVANGELIZAÇÃO PESSOAL E DA IGREJA

Concluindo, pode ser útil dar algumas sugestões práticas sobre a utilização de Isaías 53 no evangelismo pessoal e da igreja.

A lista a seguir deve ser expandida, mas estas breves sugestões serão suficientes por enquanto.

Muito do que é feito numa congregação local começa com o exemplo dos líderes e especialmente do pastor da congregação. É por isso que os pastores devem

utilizar o excelente material deste volume e preparar uma série de mensagens sobre Isaías 53 e talvez sobre a profecia messiânica em geral. Quando pregar sermões sobre Isaías 53, tente levar em consideração as fontes judaicas, as objeções ao cumprimento em Jesus e questões relacionadas ao compartilhamento do evangelho com pessoas judias.

Também seria útil oferecer treinamento para os membros da igreja usarem Isaías 53 em seu testemunho pessoal. Isso pode ser feito de uma variedade de formas, como disponibilizando aos membros da igreja fontes sobre Isaías 53, patrocinando uma conferência sobre Isaías 53, incentivando as classes da escola dominical a discutirem Isaías 53 e organizando uma série de estudos bíblicos sobre Isaías 53. A Chosen People Ministries oferece um excelente guia de estudo para pequenos grupos sobre Isaías 53 e seria até melhor se os membros dos pequenos grupos convidassem seus amigos judeus para participarem do estudo.

Finalmente, seria bom usar os recursos evangelísticos oferecidos por vários ministérios aos judeus que focam na apresentação do evangelho por meio de Isaías 53 a amigos e familiares judeus. O vídeo do debate entre o doutor Michael Brown e o rabino Shmuley Boteach é uma discussão imparcial sobre o assunto que é útil para dar início à discussão com seus amigos judeus sobre se Jesus cumpre ou não essa profecia. [17] Junto com o DVD, você também pode utilizar a série de perguntas sugeridas para discutir com seu amigo judeu enquanto assistem ao debate. Também há muitos websites excelentes que fornecem uma troca de ideias sobre Isaías 53. Esses sites exploram as interpretações judaicas, os pontos de vista cristãos e muito mais. Visite www.Isaiah53.com para mais informação. O anonimato da web pode permitir que seus amigos judeus explorem Isaías 53 de um modo livre de ameaças, e eles sempre poderão procurá-lo para obter mais informações ou para que suas perguntas sejam respondidas. Esse é um excelente recurso para a utilização de Isaías 53 na evangelização de judeus.

CONCLUSÃO

Isaías 53 é fundamental para entendermos a expiação substitutiva que Jesus, o Messias, fez por nós. Ele é a mais clara, senão a única, passagem profética do

Antigo Testamento que descreve a morte e a ressurreição do Messias e a associa à expiação pelo pecado. É um dos grandes blocos de construção de nossa fé na pessoa e na obra do Messias. Isaías 53 deve ser estimado por cada pessoa, judia ou gentia, que tenha recebido perdão de pecados e o dom da vida eterna, ao receber Jesus como Messias e Senhor.

Essa passagem também pode ser poderosa e persuasivamente usada na evangelização de judeus. Hoje, muitos cristãos não estão familiarizados com a passagem e não conseguiriam explicar nem a passagem, nem a sua importância profética aos seus amigos judeus. Isso é verdade, em parte, porque a maioria dos crentes não estuda o capítulo sozinha e não sabe o que o povo judeu pensa sobre ela. No entanto, este livro é escrito para ajudar crentes que desejam desesperadamente alcançar seus amigos e familiares judeus para Jesus, nesse empreendimento santo.

Tiago nos admoesta: “Tornai-vos, pois, praticantes da palavra, e não somente ouvintes, enganando-vos a vós mesmos” (Tg 1.22). Minha oração e esperança é que este capítulo o ajude a entender o povo judeu e Isaías 53 e o capacite a usar essa grande passagem para alcançar o povo escolhido de Deus para Jesus, o Messias.

11

PREGANDO ISAÍAS 53

Donald R. Sunukjian

Cresci numa das primeiras megaigrejas da América – a Church of the Open Door, em Los Angeles. A igreja tinha quatro mil lugares – dois mil no piso principal, mil na primeira galeria, que ficava ao redor do piso principal, e mil na segunda galeria, que ficava acima da primeira.

A igreja celebrava a Ceia do Senhor no primeiro domingo do mês. Para servir a ceia a esse grande público, eram necessários de quarenta a cinquenta homens durante cinco minutos para percorrer todas as seções e galerias. E enquanto eles estavam servindo os elementos, o pastor lia diferentes passagens da Escritura que falavam sobre o sacrifício do Senhor em nosso favor.

Com muita frequência, ele lia Isaías 53. E, como garoto, eu ouvia as palavras familiares: “Todos nós andávamos desgarrados como ovelhas; cada um se desviava pelo caminho”.

Quando minha mente jovem ouvia essas palavras, eu visualizava alguém desviando várias pessoas e movendo-as para uma direção diferente. Eu ouvia o versículo dizendo: “Nós desviamos todos – desviamos este, aquele, aquela – desviamos todos e os fizemos seguir por um caminho diferente”. Em outras palavras, eu ouvia “todos” como o objeto direto de “desviamos” – “nós desviamos todos”. *

Quando cresci, aprendi que não era isso que o profeta estava dizendo. “Todos” não é o objeto de “desviamos”. Em vez disso, é uma descrição amplificadora e esclarecedora do “nós” – “Todos nós andávamos desgarrados como ovelhas. Nós nos desviamos, cada um de nós, para seu próprio caminho. Todos nós, cada um de nós, toda a raça humana se desviou de Deus e seguiu o seu próprio caminho”.

E, é claro, isso deu muito mais sentido às palavras de Isaías.

Se você tivesse me perguntado, quando eu era garoto: “Você entende o que o pastor está lendo?”, a resposta teria sido “Não”.

Há muito tempo, um outro homem estava lendo a mesma passagem de Isaías, e alguém lhe fez a mesma pergunta: “Compreendes o que vens lendo?” E sua resposta também foi “Não”. Mas sua confusão era mais penetrante e séria que a minha.

O homem era um oficial etíope, responsável por todo o tesouro daquele país africano. Ele tinha ido a Jerusalém para adorar e agora estava seguindo para o sul, indo para casa. Ele estava sentado em sua carruagem lendo em voz alta o livro de Isaías (ler em voz alta era costume no passado, porque ajudava a fixar a leitura na memória). Filipe, um dos primeiros líderes da igreja, estava naquele mesmo caminho, e ouviu o homem lendo. Filipe se aproximou calmamente da carruagem e andou ao lado dela por alguns metros, ouvindo a leitura do homem. Depois de alguns momentos, ele lhe perguntou: “Compreendes o que vens lendo?” E o homem respondeu: “Como poderei entender, se alguém não me explicar?”

O oficial convidou Filipe para a carruagem e lhe mostrou a passagem que estava lendo. Era de Isaías 53:

Foi levado como ovelha ao matadouro;

e, como um cordeiro mudo perante o seu tosquiador,

assim ele não abriu a boca.

Na sua humilhação, lhe negaram justiça;

quem lhe poderá descrever a geração?

Porque da terra a sua vida é tirada.

Então, o eunuco disse a Filipe: “Peço-te que me expliques a quem se refere o profeta. Fala de si mesmo ou de algum outro” (At 8.32-34)?

De quem o profeta está falando? Para os cristãos, a resposta a essa pergunta foi firmemente estabelecida pela resposta de Filipe: “Então, Filipe explicou; e, começando por esta passagem da Escritura, anunciou-lhe a Jesus” (At 8.35).

Em Atos 8.34, o eunuco etíope perguntou a Filipe a quem Isaías 53 se referia: “fala de si mesmo ou de algum outro?” A resposta é Jesus. E gerações de pregadores, desde Filipe, têm pregado as boas-novas de Jesus com base em Isaías 53. Meu propósito é oferecer alguma ajuda nesse sentido. Falarei especialmente sobre o seguinte: decidir o significado, determinar a estrutura, expressar a verdade a ser levada para casa e planejando a mensagem.

E, nos apêndices deste livro, oferecerei dois exemplos de sermões em que tentei pregar sobre toda a passagem. [01] O primeiro sermão é uma exposição relativamente direta, baseada no fluxo estrutural do material; o outro é uma narrativa dramática baseada nas vozes da passagem.

DECIDIR O SIGNIFICADO

Antes de poder pregar sobre Isaías 53, você deve determinar o que o profeta escreveu. Muitas de suas declarações individuais estão abertas a interpretações variadas, e sua primeira tarefa deve ser trabalhar cuidadosamente com a passagem para chegar a algumas conclusões, quanto ao melhor significado de suas palavras.

Quando você usa o melhor comentário e os melhores artigos para determinar o significado linha por linha, você também será guiado, em suas decisões interpretativas finais, por outros dois fatores: sua determinação da estrutura geral do capítulo [02] e a tradução com base na qual você pretende pregar. [03]

Aqui estão apenas algumas das decisões interpretativas que você terá que tomar. Apresentarei as opções para cada uma e explicarei minha razão para a escolha que farei. Usarei a NVI como ponto de partida para cada discussão. [04]

Isaías 52.13

Meu servo agirá com sabedoria. Em vez de "agirá com sabedoria", a NASB traz "prosperará". Se você for influenciado pelo paralelismo hebraico a interpretar a linha inicial do versículo 13 como um sinônimo da segunda, você optará por "prosperará" – ele prosperará no sentido de que será exaltado. A maioria dos comentaristas, porém, concorda que o hebraico tem o sentido de "ele agirá sábia e eficazmente para ser bem-sucedido ou prosperar". Em outras palavras, sua sábia maneira de agir o leva a ser exaltado. Essa preferência é apoiada pela conclusão final (veja abaixo), sobre a estrutura geral ser quiástica e o "seu conhecimento", em 53.11, fazer um paralelo com "agirá com sabedoria" em 52.13.

Isaías 52.15

Assim ele aspergirá muitas nações. Todas as traduções têm "aspergirá" no texto principal – o ato de um sacerdote aspergir, purificar aqueles que foram para o culto. Mas a NIV, a ESV e a NKJV também têm "espantar-se" na nota de rodapé. Essa é uma das cláusulas mais debatidas da passagem, e a literatura sobre ela é volumosa. O espaço não permite uma discussão dos prós e contras de cada posição. Prefiro "aspergirá' por várias razões. (1) Ajuda a explicar por que o Servo será finalmente exaltado – porque fará algo positivo; (2) explica o espanto dos reis gentios, que começam a perceber que, de um modo ainda não completamente explicado, o sofrimento do Servo leva à purificação deles; (3) as seções intermediária e final do quiasma (veja abaixo) elaboram uma ação aspergir/purificar, não uma ação espantar-se; (4) Há frequentes referências neotestamentárias a crentes sendo aspergidos pelo sangue de Jesus (1Pe 1.2; Hb 9.13-14; 10.22); (5) É a escolha unânime das traduções.

Os reis calarão a boca por causa dele. Por que os reis ficam sem fala? Foram repreendidos para manterem silêncio submisso? Estão pasmos com a brutalidade com que o Servo foi afligido? Ou estão reagindo com reverência e

adoração ao que o Servo fez por eles? A última possibilidade parece preferível, com base no restante do versículo e em referências anteriores de Isaías ao Servo ser a luz dos gentios (p. ex.,42.6; 49.6-7). Isso também é coerente com a conclusão acima sobre a aspersão – os reis gentios estão começando a entender que a morte do Servo, de algum modo, os purifica.

Isaías 53.1

Quem creu em nossa mensagem? Essa é "a mensagem que nos foi contada" ou "a mensagem que contamos a outros"? A primeira é coerente com o uso hebraico no Antigo Testamento – é sempre "a mensagem que ouvimos". Alguns argumentam que as citações do Novo Testamento (Jo 12.38; Rm 10.16) interpretam a cláusula no segundo sentido – "a mensagem que anunciamos" – mas parece igualmente possível interpretar esses versículos do Novo Testamento de modo coerente com o uso no Antigo Testamento: "Quando a mensagem novamente vem ao público judaico no século 1º a.C., eles repetem a mesma reação dos judeus do tempo de Isaías – não creem na mensagem que lhes foi contada".

Isaías 53.2

Ele cresceu diante dele como um broto tenro, e como uma raiz saída de uma terra seca. O que essas metáforas transmitem? Que o Servo parecia fraco e frágil, que se esforçava para sobreviver? Ou que não parecia promissor por causa de sua origem, porque veio de uma fonte improdutiva? O restante do versículo – ele não tinha qualquer beleza ou majestade que nos atraísse – favorece a segunda possibilidade. [05] O Servo é desprezado não apenas por causa de sua aparência física, mas também por causa de suas origens humildes, insignificantes ("pode alguma coisa boa vir de Nazaré" ou da "Galileia dos gentios?").

Isaías 53.3

Foi desprezado e rejeitado pelos homens, um homem de dores. Os homens o desprezaram por causa de suas dores, ou o desprezo deles causou as dores dele? Como os Evangelhos não nos apresentam um Jesus taciturno, melancólico, mas um Jesus jovial e alegre (Lc 7.31-34), parece melhor entender suas dores e seus sofrimentos como resultado da nossa rejeição, não como uma descrição de toda a sua vida adulta.

Isaías 53.8

Quem pode falar dos seus descendentes? Pois ele foi eliminado da terra dos viventes. A fraseologia da NKJV dá um sentido semelhante a essa tradução da NIV. A NASB e a ESV, contudo, têm algo diferente: "E, quanto à sua geração, quem considerou que ele foi cortado da terra dos viventes?" A escolha interpretativa, então, torna-se uma das seguintes: "Ele foi cortado no auge da vida e não teve descendentes" (NIV, NKJV); ou "nenhum de seus contemporâneos entendeu a importância de sua morte" (NASB, ESV). Conquanto ambos os significados se encaixem em circunstâncias da vida de Jesus, o significado da citação do Novo Testamento (At 8.33) e a referência no versículo 10 a uma futura posteridade parecem favorecer a primeira possibilidade – que, embora não tenha tido filhos naturais, muitos filhos e filhas espirituais nasceram por causa dele. Essa escolha também conduz a um satisfatório padrão ABBA no versículo 8:

Ele foi tirado.

Quem pode falar dos seus descendentes?

Ele foi cortado da terra dos viventes.

Ele foi ferido.

Isaías 53.9

Foi-lhe dado um túmulo com os ímpios, e com os ricos em sua morte, embora não tivesse cometido nenhuma violência. A questão é como entender a cláusula "com os ricos em sua sua morte". Se ela for sinônima de ímpios – "foi-lhe dado um túmulo com os ímpios, com homens enganadores que se tornaram ricos por meio de extorsão, exploração ou roubo" – então a tradução da NIV e da ESV da cláusula seguinte embora não tivesse cometido nenhuma violência – forma um contraste. Mas se a cláusula for antitética com a anterior – "os homens quiseram sepultá-lo com outros criminosos, mas Deus cuidou para que ele fosse sepultado com o rico" – então a tradução da NAB e da ESV da cláusula seguinte – porque ele não tinha cometido violência – fornece uma razão explicativa. Embora possamos gostar de ver uma profecia do sepultamento de Jesus no túmulo de José de Arimateia, vários fatores sugerem que "rico" e "ímpios" são sinônimos: (1) um só verbo governa as duas cláusulas; (2) o Targum judaico pressupõe que ricos são aqueles que alcançaram sua prosperidade por meio de roubo, [06] o que encaixaria na intenção de sepultar Jesus com os dois ladrões; e (3) o Novo Testamento não faz referência a esse versículo quando fala sobre o amável sepultamento providenciado por José. Equiparar "ímpios" e "rico" também resultaria num claro padrão ABAB no versículo 9, em que os ímpios são aqueles que praticam violência, enquanto o rico é aquele que pratica o engano:

Deram-lhe um túmulo com os ímpios

e com o rico

Embora ele não tivesse cometido violência

nem qualquer engano.

Isaías 53.12

Pelos transgressores [ele] intercedeu. Essa é uma referência à sua oração intercessória na cruz, "Pai, perdoa-lhes", ou à sua contínua intercessão sacerdotal pelos seus? Ou ao fato de que sua morte pavimenta o caminho para que os transgressores se aproximem de um Deus santo? A última possibilidade parece encaixar-se melhor na imagem, umas poucas linhas antes, de um vitorioso triunfante que foi antes de nós.

Esse processo de determinar as interpretações é enfadonho e rigoroso, mas absolutamente essencial se quisermos pregar com exatidão e segurança. Como resultado desse trabalho cuidadoso, agora podemos resumir o fluxo do pensamento do autor com clareza e coerência:

O Senhor declara que seu Servo cumprirá sua vontade de maneira sábia e eficaz, pelo que ele será muito exaltado.

Antes de ser exaltado, porém, o Servo sofrerá horrivelmente. Mas esse sofrimento, de algum modo ainda não revelado, o capacitará a purificar as nações gentias, algo que elas nunca esperaram.

No início, muitos dentre o próprio povo do Servo não acreditaram que ele era o braço da salvação de Deus. Ele não parecia qualificado. Ele não tinha os antecedentes e a aparência física que eles esperavam. Como resultado, eles o desprezaram e rejeitaram. Essa rejeição lhe causou tristeza e dor, mas eles não se importaram. Simplesmente se afastaram dele.

Mas agora alguns de entre seu povo veem a verdade. Agora eles veem que o sofrimento dele foi por eles e em lugar deles. Eles tinham pensado originalmente que ele estava sendo punido pelos seus próprios pecados, mas agora percebem que ele foi traspassado pelas transgressões deles, moído pelas inquidades deles. Eles, juntamente com todos os outros, tinham se rebelado contra Deus. Mas o

Senhor tinha lançado a iniquidade deles sobre seu Servo e o esmagado por isso. E, pela sua morte, eles tinham sido curados.

O Servo não merecia a rejeição deles, mas a suportou calma e voluntariamente. O sistema judicial o oprimiu injustamente, mas ele não resistiu. Ele morreu no auge da vida, sem descendentes para levarem seu nome. Ele foi destinado a um sepultamento vergonhoso. E tudo isso apesar do fato de nunca ter feito nada errado.

E, no entanto, por intermédio de sua morte inocente e imerecida, o Senhor estava realizando a sua vontade. Quando a vida do Servo se tornou uma oferta pelos pecados do mundo, a vontade de Deus foi plenamente cumprida. E quando o sofrimento do Servo passou, Deus lhe permitiu ver sua posteridade espiritual e desfrutar de dias sem-fim. E o Servo ficou satisfeito.

Como o Servo agiu de maneira sábia/inteligente ao aspergir/justificar a muitos, o Senhor declara que o recompensará, dando-lhe a porção do vitorioso entre seus seguidores. E o Servo dividirá e compartilhará com eles o espólio das bênçãos de sua grande vitória.

As pessoas pensaram que ele estava morrendo como um criminoso, mas ele, na verdade, estava carregando os pecados de muitos e abrindo o caminho para os transgressores chegarem a Deus.

DETERMINAR A ESTRUTURA

Embora o fluxo acima seja, espero, claro e preciso, ele não revela plenamente ou salienta a estrutura poética das palavras de Isaías. Em parágrafos anteriores,

ocasionalmente me referi a uma estrutura poética que também ajuda a tomar algumas das decisões acima – o evidente quiasma das palavras de Isaías.

Ao trabalhar cuidadosamente com o processo interpretativo, você começa a observar que certas seções do cântico parecem fazer paralelo com outras. As unidades superiores e inferiores parecem ter um foco de equilíbrio. Por exemplo, o Senhor fala na primeira pessoa no início (52.13) e no fim (53.11). Isso o alerta, a pelo menos, uma conclusão possível, como se o profeta estivesse alinhando os conceitos intermediários nos quais ele quer que você se concentre.

Muitos expositores têm trabalhado com essa estrutura inclusiva ABA. Duane Lindsay, por exemplo, faz um esboço coesivo e detalhado em seus dois artigos em Bibliotheca Sacra. [07] Reproduzo apenas suas principais categorias aqui:

AYahweh promete exaltar supremamente seu Servo, que, embora profundamente degradado, purificará e receberá a adoração das nações (52.13-15).

BOs israelitas crentes confessam seu entendimento errado sobre a morte do Servo no passado, o que eles contrastam com seu verdadeiro significado (53.1-9).

AYahweh promete exaltar seu Servo, porque ele cumpriu sua vontade ao morrer como uma oferta pela culpa (53.10-12).

J. Alec Motyer do mesmo modo estrutura o cântico como segue: [08]

AEnigma: exaltação e humilhação (52.13-15)

B Revelação: o fato e o significado de seu sofrimento (53.1-9)

ASolução: exaltação por meio do sofrimento que carrega o pecado (53.10-12)

Na primeira unidade A de Motyer, a palavra “enigma” sugere que ainda não conhecemos toda a razão para a humilhação e a exaltação do Servo. A resposta completa ou explicação completa só surge no cerne da unidade intermediária (53.4-6), onde descobrimos que a razão de o sofrimento do Servo purificar os nossos pecados é porque ele sofre em nosso lugar e sua morte paga a nossa penalidade.

A mesma explicação completa reaparece na última unidade, onde novamente somos informados duas vezes que, em sua morte, o Servo leva as nossas iniquidades (53.11) e os nossos pecados (53.12). Estas duas seções – o coração da unidade intermediária (v. 4-6) e a última unidade (v. 10-12) – também têm grande afinidade vocabular. [09] Isso sugere que a última unidade está repetindo o cerne da unidade intermediária, reforçando, assim, a resposta ao enigma inicial. Motyer apropriadamente reconhece que a repetição nessas unidades fornece a “solução” para o enigma inicial.

Brevard Childs adota um padrão ABA semelhante. Mas enquanto Lindsey e Motyer seguem as divisões que aparecem na maior parte das traduções modernas – cinco estrofes, com três versículos cada – Childs divide as estrofes de maneira diferente, de modo que apenas os três versículos que contêm o segundo discurso do Senhor formam a segunda unidade A: [10]

A O primeiro discurso divino (52.13-15)

B A confissão de “nós” (53.1-11a) [11]

A O segundo discurso divino (53.11b-12)

Até aqui observamos que a primeira unidade dá uma explicação parcial para a exaltação do Servo (52.13-15), o cerne da unidade intermediária dá uma explicação completa para ela (53.4-6) e essa explicação completa é repetida na unidade final (que provavelmente deve ser limitada a 53.11b-12).

A primeira e a última unidades equilibradas (52.13-15; 53.11b-12), juntamente com o cerne da unidade intermediária, sugerem a possibilidade de que Isaías possa estar empregando uma estrutura quiástica, na qual outras unidades internas também se encaixam ou correspondem de alguma forma.

A

B

C

D

C

B

A

John Goldingay e David Payne, no recente comentário deles, sugerem exatamente essa estrutura. [12] Estou em débito com eles por esta análise dos versículos, mas a fraseologia é minha:

52.13-15 O Servo será exaltado porque seu sofrimento traz salvação.

53.1 Ninguém creu que ele era o meio de salvação do Senhor.

53.2-3 Por isso ele foi rejeitado.

53.4-6 No entanto, seu sofrimento foi por nós e em nosso lugar.

53.7-9 Ele não mereceu ser rejeitado.

53.10-11a O Senhor estava usando seu sofrimento para prover nossa salvação.

53.11b-12 O Servo será exaltado porque seu sofrimento por nós e em nosso lugar nos traz salvação.

Na primeira seção A, o Senhor declara que honrará seu Servo porque seu sofrimento trará salvação. Seu horrível açoitamento, de algum modo, aspergirá/purificará todas as nações da terra.

Enquanto os reis gentios reagem com reverência e adoração, a primeira seção B revela que o povo judeu não creu nessa mensagem inicialmente. Esse homem sofrido e ferido não lhes pareceu o "braço poderoso" da libertação do Senhor.

De fato, nada nele parecia ser o que estavam esperando – nem seu contexto, nem sua família, nem sua aparência física – nada. Por isso, de acordo com a primeira seção C, eles o desprezaram e rejeitaram. Isso lhe causou tristeza e dor, mas eles não se importaram. Eles simplesmente viraram o rosto.

Mas agora, no cerne do cântico, na importantíssima seção D, alguns de seu próprio povo veem a verdade – que seus sofrimentos foram por eles e em lugar deles. Não eram os seus próprios pecados que Deus estava castigando, mas os deles. Cada um de nós tinha se rebelado contra Deus e seguido seu próprio caminho, e merecemos ser punidos por isso. Mas, em vez disso, Deus colocou os pecados de todos nós sobre ele e o entregou à morte por eles.

De acordo com a segunda seção C, o Servo não mereceu essa rejeição vergonhosa. No entanto, ele se entregou a ela como um cordeiro sendo levado ao matadouro. Ele foi cortado no auge da vida, sem filhos ou descendentes para levarem seu nome. Então eles planejaram sepultá-lo com criminosos comuns, embora ele não tivesse feito nada para merecer isso.

No entanto, diz a segunda seção B, era exatamente por meio dessa morte inocente e imerecida que Deus estava cumprindo sua vontade e providenciando nossa salvação. O próprio Senhor estava fazendo da vida do Servo uma oferta pelo pecado para fazer satisfação por todos os erros praticados. E embora tenha morrido antes de ter filhos, por meio de sua morte um tipo diferente de filhos nasceu – uma descendência espiritual, filhos e filhas de Deus. E embora sua vida tenha sido tirada dele, Deus o ressuscitará para ver a luz da vida, e seus dias serão prolongados para a eternidade. E de todos os modos o Servo ficará satisfeito, pois terá cumprido completamente a vontade de Deus.

Assim, no fim da seção A, o Senhor novamente declara que exaltará grandemente seu Servo. Como sua morte sacrificial justificou a muitos, o Senhor o elevará ao lugar do vitorioso sobre toda a criação. Embora inicialmente tenha sido contado como um criminoso, na realidade ele estava abrindo o caminho para entrarmos na presença de Deus.

O desdobramento dessa estrutura quiástica dá ordem e unidade às palavras de Isaías e fornece uma estrutura para nossa pregação.

EXPRESSAR A VERDADE A SER LEVADA PARA CASA

Uma vez que você estudou completamente a passagem e determinou sua estrutura, é relativamente fácil elaborar aquela sentença que se torna o resumo do sermão. Você simplesmente olha para o fluxo estrutural e pergunta: “Qual é a principal pergunta que está sendo tratada nesse fluxo de pensamento e qual é a resposta a ela?” Essa combinação de pergunta e resposta lhe fornece a verdade a ser levada para casa – o que você quer que seus ouvintes se lembrem caso se esqueçam de tudo o mais. [13]

As linhas iniciais (52.13) nos apontaram a direção da pergunta principal:

Vejam, meu Servo agirá com sabedoria,

será engrandecido, elevado e muitíssimo exaltado.

As perguntas naturais são: “Por que o Servo será muito exaltado? Que ação sábia ele fará que lhe darão essa honra? Por que o Servo do Senhor será exaltado?”

O restante do cântico fornece respostas a essas perguntas. Elas emergem do cerne da unidade intermediária e são reforçadas pela última unidade – “O Servo do Senhor será exaltado porque seu sofrimento por nós e em nosso lugar nos traz salvação”. Essa é a ideia central que deve pulsar em toda a mensagem.

PLANEJAR A MENSAGEM

Ao pensar em pregar sobre esse Cântico do Servo, pelo menos duas considerações devem ser mantidas em mente.

Você pregará uma mensagem sobre todo o cântico ou mensagens individuais sobre suas unidades menores?

A vantagem de cobrir todo o cântico, obviamente, é que isso demonstrará melhor o fluxo de pensamento de Isaías e a verdade central que está proclamando.

A grande quantidade de material, todavia, significa que explicações detalhadas sobre como você chegou às suas conclusões interpretativas terão que ser omitidas. Por exemplo, seu estudo pode ter revelado a natureza comum do vocabulário entre os versículos 4-6 e 11b-12, que o ajudou a ver a estrutura quiástica, mas seu sermão não tem tempo para mostrar esses pares de palavras aos seus ouvintes. [14]

A vantagem de pregar uma série de mensagens é que isso não apenas lhe daria mais tempo para explicações detalhadas, mas também para fazer aplicações contemporâneas das unidades menores (o que você não faria se pregasse sobre o cântico todo, não apenas por falta de tempo, mas também porque essas aplicações menores abafariam o tema principal de Isaías e quebrariam sua progressão de pensamento). Os escritores do Novo Testamento, por exemplo, aplicam seções menores do cântico para promover a obra missionária (Rm 15.21), para dar um modelo de comportamento cristão (1Pe 2.22) e para explicar a contínua resistência judaica ao evangelho (Jo 12.38; Rm 10.16). As unidades menores também podem ser usadas para desenvolver mensagens sobre temas como a louca sabedoria do evangelho (52.13-15), o uso que Deus faz de coisas comuns para cumprir seu propósito (53.1-3), a paz e a cura que vêm pelo evangelho (53.4-6), o tratamento opressivo e vergonhoso que o mundo dá aos crentes (53.7-9) e as recompensas de uma vida entregue em favor de outros

(53.10-12).

Há vantagens nas duas abordagens – uma mensagem sobre o cântico todo ou uma série de mensagens sobre as unidades menores – e você provavelmente usará as duas durante seu ministério.

Os dois exemplos de sermão nos apêndices são baseados no cântico inteiro. Eles tentam refletir seu fluxo de pensamento e enfatizar a verdade singular que Isaías proclama.

Você irá pregar para judeus ou gentios?

Se estiver pregando para judeus com o objetivo de mostrar que o cântico é messiânico e fala de Jesus, há pelo menos três maneiras proveitosas de abordar essa passagem. [15]

Primeiro, você pode demonstrar que Isaías 53 se refere a uma figura messiânica e não à nação de Israel. Você pode fazer isso apresentando a história da interpretação judaica da passagem ou desenvolvendo os Cânticos do Servo anteriores para mostrar como a identidade do servo muda da nação para uma pessoa dentro da nação. [16]

Segundo, você também pode demonstrar a identidade messiânica do Servo mostrando que as declarações de Isaías sobre o Servo são idênticas a outras declarações do Antigo Testamento que são inquestionavelmente messiânicas.

Terceiro, você pode demonstrar mais diretamente que Jesus é a figura messiânica de Isaías 53 mostrando que o Novo Testamento associa as palavras de Isaías a Jesus, seja por meio de citação direta seja por meio de referência indireta. Além dessas referências explícitas, você também pode mostrar que toda a vida de Jesus faz um paralelo com as circunstâncias do Servo – um início obscuro e humilde, ausência de violência ou engano, rejeição pelos líderes nacionais e por seguidores próximos, brutalmente ferido, silêncio durante o julgamento, morte sacrificial substitutiva, ressurreição, elevação ao céu e exaltação eterna.

Se estiver pregando para gentios, seu objetivo será levá-los à salvação ou à

adoração, dependendo da condição espiritual deles.

A maioria dos gentios provavelmente aceitaria, sem questionar muito, que o Servo é Jesus, embora possa ser útil usar alguns momentos para mostrar a identidade do Servo em Isaías.

Mas como a identidade do Servo não é um obstáculo para a maior parte dos gentios, um sermão que fique fazendo referência às citações do Novo Testamento para provar essa identidade pode ser um uso imprudente do tempo, e o efeito provavelmente será um exercício acadêmico, não uma experiência espiritual. Parece melhor fazer alguns comentários iniciais para estabelecer que o cântico fala de Jesus e, depois, manter o sermão dentro de sua passagem primária, deixando que a força poética das palavras de Isaías toque o coração deles em gratidão pela obra do Servo.

DOIS EXEMPLOS DE SERMÃO

Nos apêndices, ofereço dois sermões sobre Isaías 52.13–53.12 que foram pregados em domingos sucessivos para o mesmo público. Em ambas as ocasiões, a passagem foi lida inteiramente num momento anterior do culto.

A primeira mensagem é uma exposição relativamente direta baseada na estrutura quiástica do cântico. Como ela tenta identificar brevemente o Servo como um indivíduo e depois cobrir todas as unidades de um modo completo (mas não detalhado), é apresentada em cerca de quarenta minutos. Slides de PowerPoint® são usados para poupar os ouvintes de procurarem outras passagens e para revelar a estrutura quiástica. Como inúmeros crentes não batizados estavam entre o público, um incentivo para que tomassem essa decisão foi incluído no fim do sermão.

A segunda mensagem faz uma abordagem um tanto criativa – uma mensagem dramática/narrativa baseada nas vozes do cântico – Deus, os reis gentios, os crentes judeus e um profeta. O único uso do PowerPoint® é para indicar qual voz está falando em um dado momento. Na medida em que a mensagem se desenvolve, o público é levado a visualizar um Jesus crucificado no ponto central da plataforma, aparecendo sobre os reis gentios e os judeus crentes

quando eles falam. A voz de “Deus” começa a mensagem num ponto elevado sobre o público, bem à esquerda. Ele aponta para a cruz visualizada no centro da plataforma e começa a falar sobre seu Servo, cobrindo o material de 52.13-15. A voz seguinte é a de dois reis gentios, que são posicionados na base da cruz, abaixo de Deus, mas ainda à esquerda do público. Os reis conversam entre si sobre a figura crucificada na cruz, como pode ser imaginado com base em 52.15. A terceira voz é a de dois judeus crentes que relatam, com tristeza, o conteúdo de 53.1-6. Eles conversam entre si e falam diretamente para o público. Os judeus crentes estão à direita da cruz, no mesmo nível que os reis gentios. A quarta voz é o outro falante do cântico, muito provavelmente o profeta Isaías. Ele é posicionado bem à direita do público, no mesmo nível de “Deus”. Ele transmite o material de 53.7-11a. Finalmente, “Deus” retorna ao ponto elevado, bem à esquerda, e encerra a mensagem com as afirmações de 53.11b-12.

Não posso dizer se essas mensagens tiveram algum impacto sobre os meus ouvintes, mas sei que me afetaram profundamente enquanto as preparava. Nunca estive mais consciente do meu pecado e nunca fui mais grato ao meu Salvador.

Conclusão

Darrell Bock

A ideia-chave por trás deste livro é que Isaías 53 está entre os capítulos mais importantes de toda a Tanakh. Esse é um capítulo que tem mudado vidas – no entanto, também é um capítulo controvertido, como os capítulos deste livro mostraram. Este livro tem o objetivo de guiá-lo pela densa floresta de opiniões que cercam os versículos e a teologia de Isaías 53, e a tarefa desta conclusão é unir as principais ênfases brevemente, de modo que se possa perceber o que Isaías 53 é, mesmo em meio às suas complexidades. Resumirei o argumento e darei uma série de passagens-chave de cada capítulo. [01] Essas citações são destacadas, de modo que você possa ler quantas vezes desejar.

Richard Averbeck começa com uma importante análise dos elementos coletivos e individuais na apresentação que Isaías faz do Servo Sofredor. Ao discutir o tema do Servo, as pessoas geralmente imaginam uma dicotomia entre a ideia do Servo como uma pessoa e a ideia do Servo como Israel ou o remanescente. Averbeck argumenta que essa é uma escolha falsa. Como um funil que vai se estreitando ou como uma pirâmide, Isaías trabalha a partir de uma descrição ampla de Israel para um remanescente e, finalmente, para uma pessoa que condensa tudo o que era esperado pelo povo de Deus. Em vez de escolher entre as interpretações coletiva e individual, precisamos apreciar como Isaías as une e trabalha com elas dentro do tema do Servo. A figura do Servo envolve, por sua vez, a nação escolhida de Israel, o remanescente justo dentro da nação e o Servo individual que sofre vicariamente em favor de Israel.

Averbeck também examina as interpretações divergentes de Isaías 53. O papel do Servo e do seu sacrifício como uma oferta pela culpa recebe atenção especial, assim como o uso da primeira pessoa no capítulo. O uso da primeira pessoa não implica a personificação da nação de Israel, mas descreve uma pessoa que age em favor da nação. Aqui estão algumas sentenças-chave de seu estudo:

Do ponto de vista de Isaías, o sofrimento do Servo de Isaías 53 era tão essencial para a restauração dos exilados que voltaram para a Terra Prometida quanto a oferta pela culpa era essencial para a restauração à comunidade de uma pessoa com enfermidade de pele.

As referências na primeira pessoa no início e no fim de Isaías 53, portanto, estruturam toda a seção com as intenções declaradas do próprio Senhor. Isso coloca Isaías 53 à parte dos primeiros dois Cânticos do Servo (Is 49.1-13; 50.4-11), em que o profeta, não o Senhor, é o “eu, me, meu”, que se refere a si mesmo como o Servo a quem o Senhor chamou (veja, p. ex.,Is 49.1-4; 50.4-6).

É importante reconhecer aqui, todavia, que essa mudança produz uma mudança de perspectiva em Isaías 53. O profeta que escreve isso se inclui entre o “nós, nosso”..., não no “eu, me, meu”. Ele não se identifica como o Servo sofredor em Isaías 53, como faz em Isaías 49 e 50. Em vez disso, ele olha para além de si mesmo, para aquele que não apenas suportaria o sofrimento pelo seu povo, mas realmente se entregaria como uma oferta sacrificial para suportar os pecados de seu povo. Isaías 53, portanto, é único em Isaías 40–66, se não em todo o Antigo Testamento.

O ponto principal é que Isaías 53 estende esse sofrimento para além do sofrimento do profeta-atalaia, para aquele que sofre em favor dele e do povo de Israel como um todo. Além disso, há, também, nessa passagem, um “eles, deles”. O sofrimento desse Servo fornece redenção e restauração para o “eles” (Is 52.15c-d), isto é, “muitas nações” e seus “reis” (52.15a-b; cf. 53.11d-e; 12e-f). O interesse do Senhor pelas nações, e não apenas por Israel, é declarado em outros lugares, no contexto mais amplo (veja Is 49.6-7; 56.6-7; etc.) e, agora, a mesma redenção sacrificial e a mesma restauração se aplicam também a eles.

O estudo de Michael Brown traça a longa história da interpretação de Isaías 53

em fontes judaicas. Grande parte dessa discussão judaica é uma reação à interpretação cristã, especialmente no período moderno. Antes disso, havia alguma aceitação de uma leitura messiânica desse capítulo na exegese judaica. Todavia, a interpretação coletiva do Servo como Israel por Rashi, Ibn Ezra e Radak passou a dominar as leituras mais recentes. Brown questiona essa leitura exclusivamente coletiva porque ela ignora elementos-chave do argumento de Isaías – particularmente aqueles que apontam para Yeshua como a única figura que se encaixa na descrição da passagem. A figura de Isaías 53 é a de alguém que sofre vicariamente para expiar os pecados da nação – como Yeshua fez. Aqui estão algumas sentenças-chave do seu estudo:

O Targum Jonathan interpreta Isaías 53 com referência ao Messias, mas com uma reelaboração bastante radical da passagem, enfatizando a vitória do Messias, em vez de seu sofrimento, e com alguma aplicação da passagem à nação de Israel como um todo.

Rambam (Maimônides) associa Isaías 53.2 (juntamente com a profecia "secundária" de Zc 6.12) ao Messias em sua Carta a Yemen (Iggeret Teman); embora afirme que a passagem, na verdade, refere-se a Israel, seguiu a interpretação messiânica do texto encontrada no Midrash, começando com o estado elevadíssimo do Messias, baseado em 52.13.

As interpretações messiânicas, no entanto, não se tornaram predominantes no pensamento judaico, especialmente porque os chamados "três grandes", a saber, os comentaristas Rashi, Ibn Ezra e Radak (que escreveram nos séculos 11 e 12) interpretaram Isaías 53 como referindo-se à nação de Israel como um todo, ou, mais particularmente, aos justos dentro da nação.

De modo significativo, as referências ao Servo como povo realmente terminam em 48.20, enquanto as referências ao Servo como uma pessoa entram em foco, inquestionavelmente, a partir do início do capítulo 49 e continuam até o fim do capítulo 53. Assim, quando chegamos a Isaías 52.13, o foco é sobre uma pessoa, não sobre um povo. A figura se torna totalmente clara!

E isso nos leva ao ponto central desse capítulo, ou seja, que a interpretação vicária do texto, quando aplicada a Israel (ou aos remanescentes justos dentro de Israel) não funciona, pois os sofrimentos de Israel no exílio não trouxeram cura às nações, enquanto, inversamente, é impossível ler a passagem de forma honesta eliminando o conceito de sofrimento efetivo e vicário. Isaías 53, indisputavelmente, coloca os sofrimentos vicários do Servo justo como o tema central, e o Servo justo não pode ser Israel, cujos sofrimentos não produziram expiação e perdão para as nações. Em nossa sinopse, observamos como Ibn Ezra lutou com os versículos que apontavam mais claramente para os sofrimentos vicários do Servo, com Radak ainda alegando que os gentios erradamente supunham que os sofrimentos de Israel lhe trariam cura, certamente um exemplo das mais fracas exposições bíblicas de Radak.

Walter Kaiser também examina a identidade do Servo em Isaías 53. A Bíblia Hebraica aplica especificamente a denominação “Servo do Senhor” para distinguir pessoas como Moisés, Davi, Josué e a nação de Israel. Depois, Deus se refere tanto a reis quanto a profetas como “meu(s) servo(s)”. O termo “servo” torna-se, então, uma designação messiânica e, finalmente, se refere ao “novo Davi”, o Rei messiânico que restaurará Israel e inaugurará a paz mundial. Kaiser argumenta que há boa razão para se interpretar “servo”, em Isaías 52.13–53.12, como “o Messias que daria sua vida pelos pecados do mundo”. Ele examina e questiona outras leituras dessa expressão e conclui mostrando como Yeshua interpretava seu ministério nesse contexto. Eis aqui algumas sentenças-chave do seu estudo:

O “Servo do Senhor/Yahweh” é um título dado àquele cujo chamado, missão, sofrimento, morte e exaltação são descritos em Isaías 52.13–53.12 e nos outros três (talvez quatro) Cânticos do Servo (Is 42.1-4[9]; 49.1-6[13]; 50.4-9[11]; 61.1-30). Muito embora o termo “Servo do Senhor” não seja explicitamente usado em Isaías 52.13–53.12, o Senhor se dirige àquele a quem nos referimos como o “Servo do Senhor” como “meu Servo” em Isaías 52.13 e em 53.11, como ele também se dirige a ele em 42.1; 49.3, 6; e pelo título semelhante de “seu servo [de Yahweh]”, em 49.5.

Embora a nação de Israel seja designada Servo de Deus em várias passagens importantes, o termo “servo” ou “servo do Senhor” não pode, em todos os casos de seu uso, significar a nação de Israel, como a maior parte do povo judeu de hoje, especialmente desde Rashi, o tem interpretado. Em vez disso, há fortes indicações do contrário.

A primeira evidência é encontrada em Isaías 49.5-6, em que esse Servo é apresentado de tal maneira a não deixar dúvida de que, em vez de ser a nação de Israel, tinha uma missão de levantar a tribo de Jacó e restaurar Israel.

Uma segunda peça de evidência vem de Isaías 42.6, em que o Senhor chamou seu Servo e fez com ele uma “aliança com o povo”. O “povo” (hebraico U~m) a quem o Servo deve ministrar é colocado em justaposição com os “gentios” nessa passagem, de modo que o “povo” deve significar Israel. Portanto, o Servo deve ser a Nova Aliança prometida ao povo de Israel em Jeremias 31.30; Ezequiel 34.24 e 37.26. Mas se o Servo é a aliança prometida, então ele não pode ser o próprio Israel e, ao mesmo tempo, servir a Israel dessa maneira.

Um terceiro argumento pode ser acrescentado com base em Isaías 53.8. Ali Isaías, por inspiração do Espírito de Deus, declarou que o Servo “foi cortado da terra dos viventes; por causa da transgressão do meu povo, foi ele ferido”. Se o povo é o Servo, então como ele pode ser “cortado”, isto é, morrer pelo seu próprio pecado e ainda sobreviver?

Uma quarta razão aparece mais tarde, depois do século 8º (o século de Isaías), mas antes dos tempos cristãos. Zacarias 3.8, no ano 518 a.C., associou o título “meu servo” a outro título messiânico, “o Renovo”.

Mas a quinta e mais importante razão contra Israel ser identificado como o "Servo" é que a descrição do Servo em Isaías 52.13–53.12 não se encaixa na descrição que o profeta Isaías fez da nação de Israel ou de qualquer outro mortal deste planeta.

Um sexto argumento aponta para pelo menos quatro outros lugares nesses chamados Cânticos do Servo em que os textos parecem distinguir o Servo do remanescente justo de Israel, aos quais o Servo ministra. Assim, em Isaías 42.3, o Servo é diferenciado dos israelitas necessitados a quem o Servo não esmagará nem apagará. O mesmo fenômeno ocorre em Isaías 42.6 e 49.8, onde, como já mencionado, é prometido ao Servo que ele morrerá "pela transgressão do meu povo [Israel]" (Is 53.8).

O texto de Isaías 53 conclui, no versículo 12, com quatro razões divinas pelas quais o selo de aprovação de Deus é colocado sobre seu Servo, que entendemos ser Yeshua: (1) "porquanto derramou sua alma na morte"; (2) permitiu ser "contado com os transgressores"; (3) "levou sobre si o pecado de muitos"; e (4) "pelos transgressores intercedeu."

Michael Wilkins volta nossa atenção para o modo como Isaías 53 aparece nos Evangelhos, focando duas questões em particular: (1) Jesus se via como o Servo? (2) O escritor do evangelho faz essa identificação? Wilkins observa como a natureza coletiva/individual da figura e a justaposição de sofrimento com vitória poderosa tornam a passagem difícil de ser interpretada. Com o foco em Mateus, Wilkins também observa cerca de cinquenta e poucas alusões ao Servo que permitem que as duas perguntas feitas sejam respondidas positivamente. Sim, Yeshua e os evangelistas associaram Isaías 53 a Yeshua. Aqui estão algumas sentenças-chave de seu artigo:

Vermos claramente, como R. T. France declara, que "a figura do Servo de Isaías foi um fator importante no entendimento de Jesus de sua própria missão e a base crucial sobre a qual seus seguidores descobriram ser possível dar sentido à sua

morte como cumprimento da Escritura”.

O Cântico do Servo de Isaías 53 também exerceu profunda influência sobre o povo judeu do século 1º e sobre os escritores do Novo Testamento. Muitos viram imediatamente a relação entre o Servo e Jesus. Mas nem todas as pessoas de Israel no tempo de Jesus viram essa relação.

Pelo menos sete vezes, um autor do Novo Testamento faz uma citação de Isaías 52.13–53.12. Dessas sete, três citações diretas de Isaías 53 são encontradas nos Evangelhos.

Citações diretas de Isaias 53 no Novo Testamento	
Isaías	Novo Testamento
52.15 lxx	Romanos 15.21
53.1 lxx	João 12.38
	Romanos 10.16
53.4	Mateus 8.17
53.7-8 lxx	Atos 8.32-33
53.9	1 Pedro 2.22
53.12	Lucas 22.37...

Alusões a Isaías 53 no Novo Testamento	
Isaías	Evangelhos
52.13 (exaltado)	João 3.14; 8.28; 12.32
53 (Mois’s e todos os profetas)	Lucas 24.27
53 (padecer e ressuscitar)	Lucas 24.46
53 (entregue)	Mateus 17.22 (e paralelos)
53 (entregue)	Mateus 20.18 (e paralelos)
53 (entregue; “está escrito”)	Mateus 26.24 (e paralelos)
53 (entregue)	Mateus 26.45 (e paralelos)
53.2 (como uma raiz)	Mateus 2.23
53.3 (padecer; ser aviltado)	Mateus 17.12b; Marcos 9.12b
53.4 (zombado e escarnecido)	Mateus 27.39-43 (e paralelos)
53.5 (castigo)	Mateus 26.67
53.6-7 (pecado de todos)	João 1.29
53.7 (vida de pastor de ovelhas)	João 10.11, 15, 17
53.7 (permaneceu em silêncio)	Mateus 26.63; Marcos 14.61
53.7 (permaneceu em silêncio)	Mateus 27.12
53.7 (permaneceu em silêncio)	Mt 27.14; Mc 15.5; Jo 19.9
53.7 (permaneceu em silêncio)	Lucas 23.9
53.9 (sepultura com os ímpios)	Mateus 26.24
53.9 (homem rico)	Mateus 27.57
53.10-12 (suportou o pecado de muitos)	Mateus 20.28; Marcos 10.45
53.11 (o justo torna justos)	Mateus 3.15
53.12b (divisão do espלlio)	Lucas 11.22

53.12b (divisão do espקlio)	Lucas 23.34
53.12 (contado com os transgressores)	Mateus 27.38
53.12b (contado com os transgressores)	Lucas 23.33)
53.10, 12c (alma na morte)	Mt 26.28; Mc 14.24; Lc 22.20

O entendimento que Jesus tinha de sua missão e de sua morte à luz de Isaías 53 foi a raiz do entendimento da igreja primitiva. Jesus adotou a interpretação messiânica geral de Isaías 53 corrente no judaísmo do Segundo Templo, mas entendeu seus sofrimentos de modo totalmente independente da tradição predominante. Ele entendeu seu sofrimento à luz da Palavra de Deus dada a ele em Isaías 43.3-4; 53.11-12. Depois da conclusão da missão de Jesus na cruz e na ressurreição, o Cântico do Servo Sofredor foi aplicado a ele pela igreja primitiva sob o ensino que o próprio Jesus tinha dado aos seus discípulos.

O estudo de Darrell Bock faz uma análise detalhada do uso de Isaías 53 em Atos 8. É surpreendente que a porção de Isaías 53 usada não seja a imagem sacrificial de substituição, mas a seção sobre a injustiça do sofrimento do Servo. Essa é a única citação da Escritura Hebraica que Lucas faz em Atos; também é a citação mais longa de seu livro. Bock compara as diferenças técnicas entre as versões hebraica e grega para mostrar que o uso do texto em Atos não depende de nenhuma das duas versões, mas da força do conjunto, inclusive a expectativa da morte do Servo. Em Atos 8, Filipe, o evangelista, defende a interpretação de que a figura descrita na passagem não é o profeta Isaías, mas Jesus – reivindicando, assim, cumprimento profético explícito. A humilhação da morte de Jesus contrasta com a exaltação e a justificação que Deus proporciona a Jesus por meio da ressurreição e da ascensão. Aqui estão algumas sentenças-chave do seu artigo:

Embora Isaías 53 seja conhecido nos círculos cristãos por sua relação com o motivo pelo qual Jesus sofreu pelo pecado, não é assim que a passagem é usada aqui.

Um último ponto a ser observado sobre o contexto de Isaías 53 é que, embora essa passagem descreva a morte do Servo, ela também declara sua justificação. De fato, a justificação para o seu sofrimento, independentemente de como seja concebida, é enfatizada se considerarmos a unidade inteira (52.13-15; 53.10-12). O modo de justificação não é descrito em detalhes. A justificação é

simplesmente afirmada com firmeza. Temos confiança de que a morte (ou o sofrimento injusto) não é o último estágio do destino do Servo, mas a exata natureza da justificação não é apresentada explicitamente na passagem do Antigo Testamento... Nossos dois versículos, em seu contexto veterotestamentário, descrevem a morte inocente e submissa do Servo. Essa morte envolve injustiça e produz uma situação humilhante que surge da morte chocante de alguém que era inocente. Ninguém está interessado nos acontecimentos ignominiosos que cercam essa figura porque ela é rejeitada – e, provavelmente, morta. Silenciosamente, como um cordeiro levado ao matadouro, ela encara a morte. Esse é o significado de Isaías 53.7-8 em contexto, provavelmente tanto na Escritura Hebraica quanto na lxx, embora seja um pouco mais claro em hebraico.

... O ponto central desses versículos da passagem de Isaías é destacar a humilhação e o sofrimento inocente do Servo Jesus em sua morte. Esse tema repete o tema anterior por trás da citação de Isaías 53 em Lucas 22.37. O texto de Atos 8 torna explícito o que o texto de Lucas 22 tinha deixado implícito, isto é, a clara identificação de Jesus como o Servo Sofredor, aquele que sofreu e morreu injustamente. Diante de toda a linguagem do servo e das alusões feitas por Lucas, essa conclusão não deveria surpreender o leitor. Todavia, não se pode esquecer que essa morte é especial, cheia de injustiça e de representação. Não estamos discutindo uma morte injusta qualquer aqui, mas de uma que fala da morte por muitos e pelos pecados deles. Isaías 53 é uma passagem única na Escritura Hebraica a esse respeito. Normalmente, nesses textos sagrados, as pessoas assumem a responsabilidade pelo seu próprio pecado, mas o choque dessa morte injusta é que ela é sofrida com o objetivo de lidar com o pecado de outros.

Essa passagem deve ser classificada como um cumprimento profético explícito. O sofrimento e a morte injustos do Servo, que ele sofreu em silêncio no meio daquela rejeição, em favor até mesmo daqueles que o rejeitaram, é o que Lucas quis que o leitor de Atos percebesse e o que Filipe quis que o eunuco entendesse.

Nossa passagem é importante porque enfatiza um ponto que Lucas ama sobre Jesus. Não apenas Jesus é a figura descrita e predita com séculos de antecedência, mas a aparente incongruência de sua morte é uma parte dessa descrição. Justapor a humilhação de Jesus na crucificação injusta com a vindicação feita por Deus na ressurreição de Jesus mostra onde está o voto de Deus nos debates sobre quem é Jesus. Sua vergonha era, na verdade, uma parte da obra divina de pagar o preço, mesmo por aqueles que o rejeitaram. Sua morte como um resgate pelo pecado conecta Jesus a todos nós, potencial e realmente.

Craig Evans apresenta material de Pedro, Paulo e João. Assim como Wilkins fez com os Evangelhos, Evans fornece uma lista de citações e alusões. Ele analisa especialmente como Isaías 52.7 influencia todo o material do Servo no hino que segue. Ele argumenta que o tema do Servo influencia os discursos de Pedro em Atos 3 e 10 e em 1 Pedro. A relação que o Targum faz entre o Servo e o Messias fica em segundo plano. Pode-se ver a influência da imagem do Servo sobre Paulo no livro de Romanos. O texto-chave em João está em 12.38, que cita Isaías 53.1. Evans argumenta em favor de uma ampla influência de Isaías 53 sobre vários autores importantes do Novo Testamento. Apenas o livro de Hebreus não faz muito uso dessa imagem (com exceção de Is 53.12 em Hb 9.27-28). Aqui estão algumas sentenças-chave de seu artigo:

Citações e ecos de Isaías 52.13–53.12 em Pedro	
Isaías	1 Pedro e Pedro em Atos
52.13	Atos 3.13 (Pedro); 4.27, 30 (Pe
53	1 Pedro 1.11
53.4	1 Pedro 2.24
53.5	1 Pedro 2.24
53.1, 5-6 (+ 52.7)	Atos 10.43 (Pedro) (+ Atos 10.
53.6	1 Pedro 2.25
53.7	1 Pedro 2.23

53.9	1 Pedro 2.21-22; 4.1
53.12	1 Pedro 2.24

Citações e ecos de Isaías 52.13–53.12 em Paulo	
Isaías	Paulo
52.15	Romanos 15.21; 1Coríntios 2.9
53.1 (+ 52.7)	Romanos 10.16 (+ Rm 10.15; 2
53.4-5	Romanos 4.25
53.7	1 Coríntios 5.7
53.8-9	1 Coríntios 15.3
53.11	Romanos 5.19

Citações e ecos de Isaías 52.13 – 53.12 em Hebreus e João	
Isaías	Hebreus e escritos jo
53.1	João 12.38
53.6-7	João 1.29
53.10	1 João 3.5

Em resumo [no discurso de Pedro de At 3], temos negação, morte e justificação. Esse resumo do ministério e da paixão de Jesus resume os pontos principais do hino do Servo Sofredor: o fato de não crer no relato (Is 53.1), o desprezo e a rejeição ao Servo (53.3), o sofrimento e a morte do Servo (53.4-10, 12b-c) e a justificação do Servo (53.11-12a).

Em Atos 3.18, torna-se explícito que Pedro tem em mente a profecia do Antigo Testamento, pois ele declara: “Deus, assim, cumpriu o que dantes anunciara por boca de todos os profetas: que o seu Cristo havia de padecer”. Onde, nos profetas, somos informados que o Cristo [ou Messias] de Deus “havia de padecer”? Isaías 53 é o único candidato viável, não apenas porque fala de uma figura que sofre, mas também porque, na paráfrase aramaica, essa figura que sofre é explicitamente identificada como o Messias (cf. Tg. Is 52.13: “Eis meu Servo, o Messias”; 53.10).

Inicialmente, deve ficar claro que não havia entendimento pré-cristão do Servo como o Messias, pelo menos nada veio à luz para indicar isso. Mas a interpretação judaica do século 1º ou 2º, especialmente como vista no Targum e, claro, na interpretação cristã entendeu o Servo de Isaías 52.13–53.12 como o Messias.

Ao comparar o Targum com o entendimento cristão, Evans escreve:

[No Targum] por meio do papel intercessório do Messias, o povo de Israel é restaurado; os exilados são levados para casa; a expiação pelos pecados do povo é feita. As nações opressoras são colocadas em seu devido lugar. Israel é exaltado, e aqueles que cumprem a lei prosperarão. De algumas maneiras, essa exegese notável é coerente com a interpretação cristã. O resultado final de ambas as interpretações não é diferente demais. Em essência, a interpretação judaica e a cristã ensinam que Israel será salvo pela obra do Messias Servo.

Pode haver pouca dúvida de que a cristologia do apóstolo Pedro foi profundamente influenciada por Isaías 52.13–53.12. A identidade de Jesus, o significado de sua vida, morte e ressurreição e a importância que tudo isso tem para aqueles que creem nele são esclarecidos por essa importante passagem da Escritura. Ela está no cerne da pregação pública do apóstolo, como visto no livro de Atos, e no cerne do ensino em sua epístola conhecida como 1 Pedro.

...[O] hino do Servo Sofredor orienta Paulo, assim como Pedro, a um entendimento mais profundo da identidade de Jesus e da importância de sua morte e sua relação com as boas-novas do governo de Deus.

Sobre Romanos 4.25:

[V]árias porções de Isaías 53 fornecem um pano de fundo convincente e significativo para o pensamento de Paulo: “Ele foi traspassado pelas nossas transgressões e moído pelas nossas iniquidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e pelas suas pisaduras fomos sarados” (Is 53.5); “o Senhor fez cair sobre ele a iniquidade de nós todos” (Is 53.6); “por causa da transgressão do meu povo, foi ele ferido” (53.8b); “quando der ele a sua alma como oferta pelo pecado” (53.10b); “o meu Servo, o Justo, com o seu conhecimento, justificará a muitos, porque as iniquidades deles levará sobre si” (53.11b); “levou sobre si o pecado de muitos e pelos transgressores intercedeu” (53.12b).

Trifo [o judeu] reconhece esse ponto, aparentemente concordando que Isaías 53 fala, de fato, do Messias. Contudo, ele não fica convencido, mas argumenta:

Convença-nos, então, pela Escritura, de que podemos ser persuadidos por você; pois sabemos que ele sofreria e seria levado como um cordeiro. Mas prove que

ele devia ser crucificado e morrer tão desgraçada e desonradamente pela morte maldita na lei. Porque sequer podemos imaginar isso. ([Justino Mártir, Dialogue with Trypho] §90).

Trifo admite que o Messias pode sofrer como um cordeiro levado ao matadouro (Is 53.7). Contudo, ele não consegue aceitar que esse sofrimento envolva uma morte humilhante na cruz, uma morte que, à luz de Deuteronômio 21.23, devia ser vista como sofrendo uma maldição de Deus. Essa parte do debate entre Trifo, o judeu, e Justino, o cristão, remonta ao século 1º, ao tempo da composição do Evangelho de João e, provavelmente, até os primórdios da igreja.

A multidão, no quarto Evangelho, não consegue aceitar um Messias crucificado mais do que Trifo, o judeu, no século seguinte. A única forma de convencer os judeus céticos é mostrar que os sofrimentos de Jesus, incluindo seu levantamento numa cruz romana, cumpriram a Escritura, incluindo a Escritura entendida em referência ao Messias, como o Messias Servo Sofredor de Isaías 52.13–53.12. "Isto disse Isaías", diz o evangelista, "porque viu a glória dele e falou a seu respeito" (Jo 12.41). Isto é, o profeta Isaías viu a "glória do Senhor" (veja Is 6.1, 5, em aramaico, não em hebraico ou grego) e falou do Messias Servo, isto é, falou as palavras encontradas em Isaías 52.13–53.12.

O sofrimento e a morte de Jesus não provam que ele não era o Messias. Na verdade, provam que era, pois cumpriram a Escritura, até mesmo as passagens que falavam do Messias Servo Sofredor.

O estudo de David Allen trata da expiação substitutiva e dos elementos cúlticos de Isaías 53, que são ideias centrais na apresentação da passagem. A substituição é uma parte central das imagens cúlticas e sacrificiais que Isaías usa, bem como a representação que vem do Dia da Expiação. Allen conclui seu capítulo recorrendo à lenda talmúdica, que diz que a nação de Israel sentia que não tinha sido perdoada no período anterior à destruição do templo, no século 1º. Aqui estão algumas sentenças-chave de seu artigo:

Embora os Cânticos do Servo em Isaías frequentemente tenham sido identificados com Israel coletivamente, e seja possível que os três primeiros Cânticos do Servo incluam uma referência a Israel como nação, um estudo cuidadoso de Isaías 53 não sustentará a interpretação coletiva do quarto Cântico do Servo.

O Servo sofre como resultado dos pecados do povo de Israel (ou das nações) ou sofre em lugar deles? Aqueles que, como Harry Orlinsky e R. N. Whybray, assumem a primeira posição, argumentam que Israel já sofreu e, por isso, o Servo não pode sofrer por Israel. Tudo o que ele pode fazer é participar do sofrimento do seu povo junto com o seu povo. A maioria dos que sustentam essa opinião interpreta o Servo como o profeta Isaías, Deutero-Isaías ou algum outro profeta. Seja quem for o servo, ele é justo, mas, por causa do pecado do povo, deve sofrer junto com ele. Há vários problemas com esse ponto de vista, dois dos quais são fatais.

Primeiro, essa interpretação viola o contexto mais amplo de Isaías 53. Nos capítulos 49–52, Isaías fala da antecipação da salvação do povo. Nos capítulos 54–55, Deus convida o povo a participar de sua salvação. Isaías 53 é o capítulo-chave que liga essas duas seções, identificando o meio dessa salvação como sendo a expiação realizada pelo Servo Sofredor. Como o Servo é identificado com o “braço do Senhor” que efetua essa salvação, não é possível que o Servo seja identificado com o profeta Isaías, que acaba sofrendo por causa dos pecados de seu povo.

Segundo, a punição pelo pecado em vista em Isaías 53 não é temporal, mas espiritual (eterna). Todo o sistema sacrificial levítico tratou dessa questão para a nação de Israel. Levítico 17.11 é o versículo-chave que realça o fato de que, sem derramamento de sangue não há remissão de pecados. O propósito geral do sistema sacrificial é fazer expiação pelo povo. As muitas alusões, em Isaías 53, a aspectos do sistema sacrificial, especialmente o ritual do dia da Expiação, tornam impossível interpretar a natureza do sofrimento como algo menos que

substitutivo.

[Isaías 53.5a] fala de “nossas transgressões” e “nossas iniquidades”. Essas referências preparam o caminho para o que se segue no versículo 5b, “onde o sofrimento vicário do Servo fica totalmente evidente”. O verbo traduzido como “traspassado” é usado com frequência por Isaías em contextos nos quais a morte está em vista. A palavra hebraica traduzida como “moído” significa “quebrado em pedaços” ou “pulverizado”. Não somente o Servo se coloca no lugar do povo, mas também as ações do Servo trazem benefícios positivos para o povo: “Por suas pisaduras fomos sarados”. A palavra hebraica traduzida como “castigo” frequentemente significa punição, como nesse contexto. A expressão “castigo que nos traz a paz” é traduzida literalmente por J. Alec Motyer como “nosso castigo da paz”, que semanticamente comunica o significado de “punição necessária para assegurar ou restaurar a nossa paz com Deus”. Esses dois versículos afirmam claramente a substituição por parte do Servo.

Isaías 53.11-12 afirma claramente que o Servo sofreu pelos pecados do povo: “As iniquidades deles levará sobre si” (lB)s+y! aWh, v. 11); “levou sobre si o pecado de muitos” (af+h@-myB!r~ av*n, v. 12). Deve-se observar que Levítico 16 usa essas frases em pares reversos. Ambas falam de suportar culpa e punição. Além disso, somente em Isaías 53 essas frases são usadas deste modo referindo-se a uma pessoa, não a um animal. Combine isso com a sintaxe incomum nesses dois versículos e a conclusão é inevitável: o Servo oferece um sacrifício substitutivo penal pelos pecados do povo.

O desfecho de Isaías 53 é triplo: (1) Isaías claramente afirma que Deus ordenou o sofrimento do Servo; (2) o Servo não está sofrendo por causa dos seus próprios pecados; e (3) O Servo substitui o povo e sofre por ele. Não deve haver dúvida de que a expiação substitutiva é ensinada em Isaías 53.

Rosh HaShanah 32a diz: “e isto é ensinado na autoridade tanaítica: Por quarenta anos antes da destruição do templo, o cordão carmesim não ficou branco, mas, em vez disso, permaneceu vermelho”. O mesmo é encontrado no Talmude de Jerusalém (Yoma 6:4, A-B): “Isto foi ensinado: Quarenta anos antes da

destruição do templo, a luz oriental se foi, o cordão carmesim permaneceu carmesim e a porção para o Senhor sempre surgiu na mão esquerda. Eles fechavam os portões do templo à noite e, ao se levantar pela manhã, encontravam-nos totalmente abertos". No Talmude de Jerusalém, algumas dessas mudanças são associadas ao "tempo em que Simeão, o Justo, estava vivo". Por exemplo: "Durante todo o tempo em que Simeão, o Justo, estava vivo, o cordão carmesim ficou branco. Quando Simeão, o Justo, morreu, às vezes ele ficava branco, às vezes, vermelho".

Em outras palavras, como Jim Sibley ressaltou, "até 'quarenta anos antes da destruição do templo', havia forte consciência de que a expiação tinha sido assegurada pelas ofertas do dia da Expiação. Como o templo foi destruído em 70 d.C., 'quarenta anos' antes de sua destruição seria em torno de 30 d.C. (grosso modo, a época da crucificação). O que o Talmude está dizendo é que, depois disso, não houve expiação pelo pecado (ou, pelo menos, não houve certeza de expiação)."

O capítulo de Robert Chisholm trata dos temas de perdão e salvação em Isaías 53. O tópico de Isaías 53 é não apenas a história do Servo, da desgraça à glória, mas também da condição do povo como ovelhas desviadas em total necessidade; é por isso que perdão e salvação são centrais para o capítulo. O Servo, como representante de Deus, justificará a muitos – indicando, no mínimo, que ele declarará que os ofensores não são mais legalmente responsáveis pelos seus pecados anteriores. É interessante observar que é o Servo, não Deus, que perdoa e absolve os culpados. É possível que o perdão do Servo contenha até mesmo um aspecto transformacional. Chisholm continua, mostrando como o Servo não apenas perdoa a nação, mas também cura pecadores e lhes dá saúde plena, o que ilustra o tema da salvação. O restante do artigo responde a quatro perguntas feitas pela linguagem e pelas imagens da passagem: (1) Quem são os pecadores que se beneficiam do sofrimento do Servo? (2) Qual é a realidade por trás da enfermidade dos pecadores? (3) Quais pecados estão em vista? (4) O que a salvação acarreta? Ele chega a quatro conclusões: (1) Os beneficiários do sofrimento do Servo são Israel e as nações. (2) As enfermidades e dores descritas por Isaías referem-se à destruição de Jerusalém – incluindo o exílio – e injustiça, morte e guerra. (3) A quebra da aliança é o pecado fundamental que produziu

essas consequências. (4) A obra redentora do Servo propicia perdão divino, o que torna possível a renovação da aliança e a transformação moral. Aqui estão algumas sentenças-chave do artigo de Chisholm:

Assim, vemos que o quarto Cântico do Servo de Isaías é realmente uma história da desgraça à glória, sobre um Servo desprezado que é, no devido tempo, exaltado porque sofreu voluntariamente pelos pecadores e suportou as consequências horríveis das transgressões deles. Mas, embutida na história do Servo, há outra história da desgraça à glória, sobre ovelhas que se desviam, rebeldes contumazes contra Deus, enfermas e destinadas à destruição que, por causa do sofrimento do Servo, acabam sendo curadas e transformadas.

Resumindo, pelo menos dois dos elementos-chave do perdão vistos em outros lugares do Antigo Testamento são evidentes aqui. Primeiro, o Servo elimina, pelo seu próprio sofrimento, as persistentes consequências dos pecados passados. Segundo, ele "justifica a muitos", o que significa, pelo menos, que o Servo, como representante de Deus, declara que os ofensores não são mais legalmente responsáveis pelas suas transgressões passadas. Mas, dependendo de como se entende a forma hiphil qyD!x=y~~ no versículo 11, é possível que a transformação do caráter dos pecadores esteja em vista aqui como parte do plano de Deus de reconciliar o povo da aliança consigo mesmo. Nesse caso, a obra santificadora do Servo tem uma dimensão transformadora (cf. Sl 51.10).

Pode-se pensar que o fato de o Servo levar os pecados em Isaías 53 envolveu simplesmente identificação com "os muitos" e o compartilhamento do sofrimento deles, mas o versículo 5 sugere muito mais do que isso, pois descreve os pecadores sendo curados.

O conceito de salvação também está presente no versículo 6, que descreve os pecadores como ovelhas desviadas que são vulneráveis a ataques. Mas o Servo intervém e absorve o ataque no lugar delas, facilitando a libertação descrita nos versículos anteriores. Do mesmo modo, o versículo 12 fala do Servo

“intercedendo” pelos rebeldes.

O ministério do Servo é em favor tanto do Israel exilado quanto das nações. Já pode haver uma pista disso no primeiro Cântico do Servo, em que o Servo faz a mediação de uma aliança em favor do povo (42.6; cf. tyr]b=l! mu*), que parece ser identificado como as “nações” na linha paralela (cf. roal= <y]oG) e como aqueles que habitam na face da terra no versículo precedente (42.5).

Quais pecados estão em vista?

Com respeito a Israel, violações da lei mosaica estão em vista (cf. Is 42.24; 48.18-19). Quanto às nações, novamente é mais difícil determinar o referente. Os capítulos 40-55 focalizam a idolatria das nações (veja, entre outros, 49.9-20), que o Senhor considera uma ofensa à sua honra real (42.8). Se formos além desses capítulos, descobriremos que as nações, como Israel, quebraram a aliança com Deus. De acordo com Isaías 24.5, o povo da terra quebrou “a aliança eterna” (ou o “tratado permanente”), uma provável referência à aliança noética, que promoveu o crescimento da população (Gn 9.7) e proibiu sua antítese, o derramamento de sangue (cf. Gn 9.4-6). Mas as nações eram culpadas de derramamento de sangue indiscriminado, que contaminou toda a terra (Is 26.21; cf. 24.5; Nm 35.33).

É o sofrimento do Servo, em conjunção com sua missão de instituir renovação pactual (cf. 49.8) que estabelece o fundamento para o perdão e a redenção divinos. A salvação de Israel, então, não é simplesmente libertação do exílio. Para Israel, a salvação acarreta renovação pactual e transformação moral (cf. 55.1-7), algo que sua punição no exílio, em e por si mesma, não podia produzir. Para aqueles que fossem assim transformados, haveria “paz” (<Wl)v*, 57.19, [cf. 53.5]), mas para aqueles que persistissem em rebelião não haveria “paz” (57.21; cf. 48.22).

De que maneira o sofrimento do Servo traz salvação às nações? Como no caso de Israel, o Servo também faz a mediação de uma aliança entre Deus e as nações (cf. 42.5-6). Como observado acima, essa seção de Isaías descreve as nações como adoradoras de ídolos (cf. 44.9-20) que privaram o Senhor da honra que lhe é devida como o seu criador soberano (42.5,8). As nações, como Israel, quebraram a aliança com Deus pelo derramamento de sangue e pela contaminação da terra (Is 24.5; 26.21; cf. Gn 9.4-6). Consequentemente, elas são destinadas à destruição, mas Deus as estimula a voltarem para ele para receberem libertação (45.22) antes do dia do juízo, quando todos os inimigos de Deus se curvarão diante dele (45.23-24). Aqueles que voltarem para Deus em busca de misericórdia podem esperar por um tempo em que Deus governará as nações em um reino de paz e justiça (2.2-4; 19.23-25).

Extraímos as seguintes conclusões:

Os beneficiários do sofrimento do Servo, mencionados como “os muitos” em Isaías 53.11-12, incluem aqueles que testemunharam o sofrimento do Servo. Esse grupo abrange os que falam em 53.1-6, que parece ser Israel, bem como as nações e seus reis (cf. 52.15), a quem o primeiro e o segundo Cânticos do Servo identificam como os beneficiários da obra redentora do Servo.

As enfermidades e dores mencionadas em Isaías 53.4 referem-se às consequências do pecado. Para Israel, essas consequências são naturalmente entendidas nesse contexto como a desolação de Jerusalém e o sofrimento no exílio que a acompanha. No que se refere às nações, provavelmente, os referentes são injustiça, guerra e morte.

Para Israel e as nações, a quebra da aliança foi o pecado fundamental que produziu essas consequências...

A obra redentora do Servo em favor de Israel acarreta, no nível da superfície, libertação do exílio e restauração à Terra Prometida. Mais fundamentalmente, ao

levar os pecados de Israel, o Servo estabelece o fundamento do perdão divino, que, por sua vez, torna possíveis a renovação pactual e a transformação moral.

John Feinberg inicia uma seção de três capítulos finais que aplicam as ideias e conclusões extraídas dos estudos técnicos anteriores. O estudo de Feinberg mostra temas populares na visão de mundo pós-moderna que Isaías 53 reflete. O primeiro tema é a predileção por narrativas e relacionamentos, pois a história do Servo e a restauração do relacionamento orientam o ensino de Isaías 53. Segundo, a história revela um Deus que se importa, que é relevante e para quem nós importamos. Terceiro, há uma ênfase na comunidade e em pertencer aos outros que a obra do Servo apoia. Finalmente, há o tema de que Deus toma a iniciativa de dar espaço para nós, e devemos aproveitar esse convite. Aqui estão algumas sentenças-chave de seu artigo:

Você não acharia a Escritura um lugar muito provável para pessoas pós-modernas encontrarem ajuda e consolo para o seu ponto de vista. Especialmente o Antigo Testamento, em que muitos pensam descrever Deus como distante e austero e como aquele que raramente torna sua presença conhecida, exceto para derramar sua ira em juízo sobre alguma pessoa, grupo étnico ou nação. Porém, considere novamente o livro de Isaías, no Antigo Testamento.

Os pós-modernos gostam de narrativas, histórias. Eles têm dúvidas sobre raciocínios abstratos e seus resultados, mas gostam de histórias, especialmente histórias pessoais. A verdade que você vivenciou pode não ser verdade para todos, mas pode me ajudar em minha jornada. Se não for por nenhum outro motivo, se devemos construir relacionamentos (outra virtude pós-moderna), é difícil fazer isso sem conhecer nossas respectivas histórias. Isaías 53 contém uma narrativa pessoal. É uma história de tragédia e triunfo. É a história de um homem aparentemente comum com amor extraordinário por aqueles que o odiavam e abusavam dele. Seu amor até hoje não é correspondido e é rejeitado. Essa é a história do pior caso de identidade equivocada que já houve. É uma história contada com muitos detalhes, muito embora o autor, Isaías, não tenha

vivido para conhecer a pessoa sobre quem escreveu. Mas ainda há mais. Essa é também a história de um Deus que quer ter um relacionamento com o seu povo que chegou a enviar o seu Servo para lhes dizer e lhes mostrar o quanto se importa com eles.

...a história de Isaías 53 não é apenas sobre o Servo Sofredor. Também é sobre aquele que o enviou. E esta pessoa é nenhum outro senão o Deus de Abraão, Isaque e Jacó, o Deus e Pai de todos que creem e confiam nele.

Pós-modernos, como poderia haver um Deus que satisfaça sua "descrição de funções" de um Deus vulnerável e cuidadoso melhor do que o Deus de quem Isaías 53 fala? Ninguém poderia se encaixar melhor no Deus que os pós-modernos querem. Se tiver alguma dúvida, examine novamente o Pai e o Servo de Isaías 53. Ele se importa com justiça? Claro que sim. A penalidade pelo pecado que a justiça requer é imensurável. Deus é Deus de justiça, por isso não pode ignorar o débito que o pecado gerou. Mas ele também é um Deus de graça. Como Deus gracioso, ele generosamente paga o débito, não requerendo que seu povo assuma um débito que não pode pagar. Ao fazer isso, ele demonstra justiça e misericórdia!

Sim, [o Servo] morreu para que ele e Deus Pai pudessem ter um povo seu, uma comunidade. Mas sua morte e nova vida não criaram automaticamente essa comunidade. Deus não força pessoas a terem um relacionamento com ele se elas não quiserem. Mas aqueles que, pela fé, livremente escolhem aceitar o pagamento do Servo por seus pecados tornam-se membros da família de Deus. Essa não é uma comunidade de pecadores. Nessa comunidade, cada membro é um escravo – um escravo do pecado. A comunidade de Deus é um povo liberto do fardo e da escravidão ao pecado, porque o Servo/Messias pagou o preço para libertá-la. Isaías 53 trata das questões cruciais da vida de todos. Essas questões não são sobre se Deus quer uma comunidade e se ele só está preocupado em controlar cada movimento nosso. Em vez disso, as questões-chave são sobre se queremos ser parte de sua comunidade.

Isaías 53 e sua mensagem crucial existem há muito mais tempo que o pós-modernismo. E você não precisa do pós-modernismo para interpretar essa passagem ou para conhecer Jesus como seu Salvador. No entanto, para aqueles que são pós-modernos em seu ponto de vista e não conhecem o Messias de Israel como seu Salvador, espero que nosso estudo de Isaías 53 tenha despertado o seu interesse.

O capítulo de Mitch Glaser conta uma história pessoal de um judeu que contemplou o que Isaías 53 ensina, como sua família reagiu a isso e como o capítulo deve ser lido e considerado por todos os judeus. Quer se analise o período imediatamente depois de Jesus, os debates ao longo dos séculos ou movimentos judaicos mais recentes, como o movimento Lubavitch, Isaías 53 sempre foi um ponto de conversa, controvérsia e reflexão. Expiação, profecia e libertação vêm juntos de uma forma especial nesse capítulo da Escritura. A segunda metade do capítulo de Glaser oferece conselhos práticos sobre como compartilhar Isaías 53 com um judeu, incluindo várias armadilhas a serem evitadas. Este texto deve ser a base para diálogos com o povo judeu. Ele é, afinal, um texto judaico. Aqui estão algumas sentenças-chave do capítulo de Glaser:

Estudiosos judeus sinceros têm lutado com Isaías 53 e decidido não interpretar essa passagem como sendo cumprida por Jesus de Nazaré. Talvez alguns estudiosos tenham decidido não adotar essa possibilidade por causa das penalidades potencialmente severas que podem sofrer dentro da comunidade judaica.

Expliquei minha decisão aos meus pais com muito medo e sua reação foi tão ruim quanto eu havia temido. Embora discordassem quanto a quem culpar por minha decisão, concordaram que eu tinha que sair de casa. Fui informado de que não estava autorizado a falar aos meus avós, vizinhos ou irmãs sobre minhas crenças. Minha mãe também me proibiu de levar cruzes para casa, de ir à igreja e de ler o Novo Testamento.

Naquela noite memorável [quando Glaser contou aos seus pais sobre sua nova fé] – supostamente minha última noite em casa – perguntei à minha mãe se podia lhe mostrar por que eu acreditava que Jesus era o Messias. Li para ela Isaías 53, em total expectativa de que ela entendesse a referência do profeta a Jesus. Eu esperava que ela se arrependesse e aceitasse Jesus como seu Messias, abrindo o caminho para a conversão do resto da família.

Em vez disso, no versículo 7, ela dormiu. Eu a acordei e perguntei se podia continuar lendo, ela concordou balançando a cabeça num estupor sonolento, e terminei a passagem. Depois perguntei. “E então? O que acha?”

Ela disse: “Já lhe disse para não ler o Novo Testamento para mim”.

As implicações messiânicas desse capítulo foram reconhecidas pelos primeiros pais da igreja, e sua interpretação formou um ponto de debate primitivo entre líderes judeus e cristãos, como evidenciado no diálogo entre Justino Mártir e o rabino Trifo. A interpretação messiânica de Isaías 53 também foi um elemento importante nos debates medievais.

Talvez esse seja o uso mais comum [na evangelização de judeus] de Isaías 53. A passagem é usada juntamente com muitas outras passagens do Antigo Testamento para demonstrar que Jesus é o Messias e que ele teve que morrer pelos nossos pecados e ressuscitar. Às vezes, as passagens são listadas, outras vezes são explicadas.

A maneira mais comum em que Isaías 53 é usado hoje para alcançar o povo judeu é o testemunho pessoal. Embora não tenha um panorama formal para demonstrar isso, creio que Isaías 53 é a passagem messiânica mais conhecida e bem usada tanto por crentes judeus quanto por crentes gentios. Essa é a passagem que a maioria dos crentes entende como fornecendo a mais clara

apresentação da pessoa e da obra do Messias no Antigo Testamento. E, pelo menos na mente da maioria dos crentes, é o modo mais fácil de mostrar a um judeu que Jesus é o Messias de Israel predito pelo Antigo Testamento.

Portanto, é justo perguntar: “Como Israel pode ser morto em favor de Israel?” A resposta totalmente óbvia é que isso é impossível e que aquele que está sendo “cortado” é distinto daqueles em favor de quem ele está sendo cortado.

A maioria dos judeus nunca estudou Isaías 53. Isso não é simplesmente porque Isaías 53 está fora das leituras Haftorah, mas porque a maioria dos judeus não frequenta a sinagoga. E, assim, mesmo que Isaías 53 fosse lido como parte das porções cíclicas de leitura, eles ainda não o teriam ouvido. Mesmo que um judeu vá à sinagoga e ouça a leitura da Torá semanalmente, ele geralmente não estuda os Profetas detalhadamente.

Devemos reconhecer que, embora Isaías 53 possa ser uma clara profecia da morte expiatória do Messias, a maioria dos judeus não crê na natureza pessoal do pecado e seu impacto.

A mensagem de Isaías 53 não é simplesmente que Jesus é o Messias, mas que ele morreu como um sacrifício substitutivo pelo nosso pecado. A maioria dos judeus, hoje, não acredita no pecado e, caso acredite, é questionável se eles creem que a expiação feita em nosso favor por alguém é possível. Esse é um obstáculo muito grande na apresentação de Isaías 53 a um judeu contemporâneo.

Se a ideia de sacrifício humano é repugnante ao povo judeu, pode-se imaginar como um judeu se sente ao ouvir que Isaías 53 fala sobre Deus assumindo a carne e morrendo como um ser humano. Apresentar esse conceito requer alguma capacidade de persuasão e sensibilidade.

Antes que possamos proclamar Isaías 53, devemos nos tornar Isaías 53. O povo judeu precisa ver Isaías 53 em ação antes de ganharmos um público para o evangelho e a mensagem de sacrifício e expiação no capítulo. Para fazer isso, devemos nos aproximar bastante de judeus, fazendo amizade com eles, para que possam ver o Messias sofredor e ressurreto em nós.

É assim que um verdadeiro diálogo começa. Você deve ganhar o judeu demonstrando um caráter servil e amizade e, depois, dialogar pacientemente com ele sobre essa maravilhosa passagem.

Hoje, muitos cristãos não estão familiarizados com a passagem e não conseguiriam explicar nem a passagem nem sua importância profética a seus amigos judeus. Isso é verdade, em parte, porque a maior parte dos crentes não estuda o capítulo sozinha e não sabe o que o povo judeu pensa sobre ela. No entanto, este livro é escrito para ajudar crentes que desejam desesperadamente alcançar seus amigos e familiares judeus para Jesus, nesse empreendimento santo.

O último capítulo do livro envolve sugestões de Donald Sunukjian sobre como pregar um sermão sobre Isaías 53. Ele discute em detalhes o movimento do significado para a aplicação. Desenvolver uma só sentença que resuma todo o sermão é central para esse esforço. A consideração de pregar uma só mensagem ou várias – bem como a natureza do público – também afeta o modo como o sermão é elaborado. Aqui estão algumas sentenças-chaves do seu capítulo:

Quando usa o melhor comentário e os melhores artigos para determinar o significado linha por linha, você também será guiado, em suas decisões interpretativas finais, por outros dois fatores: sua determinação da estrutura geral do capítulo e a tradução com base na qual você pretende pregar.

Esse processo de determinar as interpretações é enfadonho e rigoroso, mas absolutamente essencial se quisermos pregar com exatidão e segurança.

O Servo não merecia a rejeição deles, mas a suportou calma e voluntariamente. O sistema judicial o oprimiu injustamente, mas ele não resistiu. Ele morreu no auge da vida, sem descendentes para levarem seu nome. Ele foi destinado a um sepultamento vergonhoso. E tudo isso apesar do fato de nunca ter feito nada errado.

E, no entanto, por intermédio de sua morte inocente e imerecida, o Senhor estava realizando sua vontade. Quando a vida do Servo se tornou uma oferta pelos pecados do mundo, a vontade de Deus foi plenamente cumprida. E quando o sofrimento do Servo passou, Deus lhe permitiu ver sua posteridade espiritual e desfrutar de dias sem-fim. E o Servo ficou satisfeito.

Como o Servo agiu de maneira sábia/inteligente ao aspergir/justificar a muitos, o Senhor declara que o recompensará, dando-lhe a porção do vitorioso entre seus seguidores. E o Servo dividirá e compartilhará com eles o espólio das bênçãos de sua grande vitória.

As pessoas pensaram que ele estava morrendo como um criminoso, mas ele, na verdade, estava carregando os pecados de muitos e abrindo o caminho para os transgressores chegarem a Deus.

Uma vez que você estudou completamente a passagem e determinou sua estrutura, é relativamente fácil elaborar aquela sentença que se torna o resumo do sermão. Você simplesmente olha para o fluxo estrutural e pergunta: “Qual é a principal pergunta que está sendo tratada nesse fluxo de pensamento e qual é a

resposta a ela?” Essa combinação de pergunta e resposta lhe fornece a verdade a ser levada para casa – o que você quer que seus ouvintes se lembrem se esquecerem de tudo o mais.

As linhas iniciais (52.13) nos apontaram a direção da pergunta principal:

Vejam, o meu Servo procederá com sabedoria;

será engrandecido, elevado e muitíssimo exaltado. (NVI)

As perguntas naturais são: “Por que o Servo será engrandecido? Que ação sábia ele fará que lhe dará essa honra? Por que o Servo do Senhor será exaltado?”

O restante do cântico fornece respostas a essas perguntas. Elas emergem no cerne da unidade intermediária e são reforçadas pela última unidade – “O Servo do Senhor será exaltado porque seu sofrimento por nós e em nosso lugar nos traz salvação”. Essa é a ideia central que deve pulsar em toda a mensagem.

Há vantagens nas duas abordagens – uma mensagem sobre o cântico todo ou uma série de mensagens sobre as unidades menores – e você provavelmente usará as duas durante seu ministério.

Primeiro, você pode demonstrar que Isaías 53 se refere a uma figura messiânica e não à nação de Israel. Você pode fazer isso apresentando a história da interpretação judaica da passagem ou desenvolvendo os Cânticos do Servo anteriores para mostrar como a identidade do servo muda da nação para uma pessoa dentro da nação.

Segundo, você também pode demonstrar a identidade messiânica do Servo mostrando que as declarações de Isaías sobre o Servo são idênticas a outras declarações do Antigo Testamento que são inquestionavelmente messiânicas.

Este volume como um todo argumenta que Isaías 53 é um dos mais importantes e controvertidos capítulos da Bíblia, quer pensemos na Escritura Hebraica ou nos Testamentos cristãos. Tentamos examinar o texto de todos os ângulos: do texto e de seus temas teológicos até seu uso por judeus e cristãos e suas aplicações práticas. Mostramos como Isaías 53 pode ser associado, com credibilidade, com a esperança judaica profundamente arraigada de que, um dia, o Messias virá e libertará seu povo, mesmo sofrendo e morrendo por ele como um pagamento pelo pecado. Muitos judeus consideram essa interpretação altamente improvável, mas cremos profundamente que isso é o que o texto afirma e fornecemos provas para essa interpretação. Alguns de nós temos crido nisso com grande sacrifício pessoal de nossos relacionamentos, o que reflete o compromisso de aceitar a verdade e a esperança que essa passagem contém, a qualquer custo.

As palavras da passagem são importantes. De fato, Isaías 53 diz que a vida depende de como a esperança oferecida pelo Servo é entendida. A morte e a exaltação do Servo nunca foram planejadas para serem apenas por ele mesmo; em vez disso, o Servo veio para aqueles que viram sua própria necessidade de perdão, restauração e vida. O Servo Sofredor não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida como resgate por muitos. Para nos beneficiarmos do que Deus oferece, devemos aceitá-lo. Um presente que fica sobre a prateleira e não é aberto não traz nenhum bem ao seu beneficiário.

Escrevemos este livro com a esperança de que o que Deus dá por intermédio do Servo de Isaías 53 seja seu, para que você o receba e desfrute dele para sempre. Nossa oração é que este livro possa ajudá-lo a receber essa esperança ou a compartilhá-la com aqueles que podem se beneficiar dela. Isaías 53, basicamente, oferece nada menos que vida: uma vida restaurada, inteira e eterna com o Deus vivo.

Apêndice A

SERMÃO EXPOSITIVO SOBRE ISAÍAS 53

Donald R. Sunukjian

Cresci numa das primeiras megaigrejas da América – a Church of the Open Door, em Los Angeles. A igreja tinha quatro mil lugares – dois mil no piso principal, mil na primeira galeria, que ficava ao redor do piso principal, e mil na segunda galeria, que ficava acima da primeira.

A igreja celebrava a Ceia do Senhor no primeiro domingo do mês. Para servir a ceia a esse grande público, eram necessários de quarenta a cinquenta homens durante cinco minutos para percorrer todas as seções e galerias. E enquanto eles estavam servindo os elementos, o pastor lia diferentes passagens da Escritura que falavam sobre o sacrifício do Senhor em nosso favor. Muito frequentemente ele lia Isaías 53. E, como garoto, eu ouvia as palavras familiares: “Todos nós andávamos desgarrados como ovelhas; cada um se desviava pelo caminho”.

Quando minha mente jovem ouvia essas palavras, eu visualizava alguém desviando várias pessoas e movendo-as para uma direção diferente. Eu ouvia o versículo dizendo: “Nós desviamos todos – desviamos este, aquele, aquela – desviamos todos e os fizemos seguir por um caminho diferente”. Em outras palavras, eu ouvia “todos” como o objeto direto de “desviamos” – “nós desviamos todos”.

Quando cresci, aprendi que não era isso que o profeta estava dizendo. “Todos” não é o objeto de “desviamos”. Em vez disso, é uma descrição amplificadora e esclarecedora do “nós” – “Todos nós andávamos desgarrados como ovelhas. Nós nos desviamos, cada um de nós, para seu próprio caminho. Todos nós, cada um de nós, toda a raça humana desviou-se de Deus e seguiu o seu próprio caminho”. E, é claro, isso dava muito mais sentido às palavras de Isaías.

Se você tivesse me perguntado, quando eu era garoto: “Você entende o que o pastor está lendo?”, a resposta seria “Não”.

Há muito tempo, um homem estava lendo a mesma passagem de Isaías, e alguém lhe fez a mesma pergunta: “Compreendes o que vens lendo?” E sua resposta também foi “Não”. Mas sua confusão era mais penetrante e séria do que a minha.

O homem era um oficial etíope, responsável por todo o tesouro daquele país africano. Ele tinha ido a Jerusalém para adorar e agora estava seguindo para o sul, indo para casa. Ele estava sentado em sua carruagem lendo em voz alta o livro de Isaías (ler em voz alta era costume no passado, porque ajudava a fixar a leitura na memória). Filipe, um dos primeiros líderes da igreja, estava naquele mesmo caminho, e ouviu o homem lendo. Filipe aproximou-se calmamente da carruagem e andou ao lado dela por alguns metros, ouvindo a leitura do homem. Depois de alguns momentos, ele lhe perguntou: “Compreendes o que vens lendo?” E o homem respondeu: “Como poderei entender, se alguém não me explicar?”.

O oficial convidou Filipe para a carruagem e lhe mostrou a passagem que estava lendo. Era de Isaías 53:

Foi levado como ovelha ao matadouro;

e, como um cordeiro mudo perante o seu tosquiador,

assim ele não abriu a boca.

Na sua humilhação, lhe negaram justiça;

Quem lhe poderá descrever a geração?

Porque da terra a sua vida é tirada.

Então, o eunuco disse a Filipe:

Peço-te que me expliques a quem se refere o profeta.

Fala de si mesmo ou de algum outro (At 8.32-34)?

De quem o profeta está falando? Essa pergunta tem atravessado os séculos. E por que a resposta a essa pergunta é chamada de boas-novas?

Hoje, queremos ver como Filipe chegou à resposta de que a passagem fala de Jesus e por que essa resposta é boa-nova para você e para mim. Queremos ver como Filipe pôde dizer que o profeta estava falando sobre Jesus, muito embora tenha escrito oitocentos anos antes de Jesus nascer. Depois queremos ver por que o profeta diz que Jesus é a boa-nova para você e para mim.

Voltemos à passagem de Isaías que o oficial estava lendo. Vejamos como ela fala de Jesus e por que ela é boa-nova.

As palavras que o oficial estava lendo vêm de uma unidade que começa em Isaías 52.13 e vai até o fim de Isaías 53. Começaremos ali. As divisões do nosso capítulo – que não eram parte do escrito original, mas foram feitas no século 13 – não destacam a unidade que Isaías escreveu. Mas você verá que a tradução NIV * tenta indicar toda a unidade, colocando um título acima do versículo 13:

O sofrimento vicário do Servo do Senhor

Vejam, o meu Servo agirá com sabedoria,

será engrandecido, elevado e muitíssimo exaltado.

Esse título abrange todos os versículos até Isaías 53, e só há outro título no início do capítulo 54. Assim, toda a unidade que queremos examinar é Isaías 52.13–53.12.

No início da unidade, Deus está falando. Isaías 52.13:

Vejam, o meu Servo agirá com sabedoria;

será engrandecido, elevado e muitíssimo exaltado.

Quem é o Servo de quem Deus está falando e por que ele será exaltado? A quem Deus está se referindo? Esta é a pergunta que o oficial fez: “Peço-te que me expliques a quem se refere o profeta. Fala de si mesmo ou de algum outro?” Quem é esse Servo, e por que ele será tão exaltado?

Até esse ponto, ao longo de todo o seu livro, Isaías estava escrevendo sobre esse Servo. Ele mencionou o Servo várias vezes. Ele escreveu outras unidades sobre o Servo antes dessa. Os estudiosos bíblicos chamam essas unidades de Cânticos do Servo de Isaías porque todos falam do Servo de Deus. Quem é ele? Quem é esse Servo?

Quando Isaías começou a escrever sobre ele no seu livro, o servo era toda a nação de Israel. Deus originalmente escolheu Israel como seu servo para ser uma luz para o mundo, levando a verdade de Deus às nações. Aqui estão algumas coisas que Isaías tinha dito sobre o servo anteriormente em seu livro:

Você, porém, ó Israel, meu servo

Jacó, a quem escolhi,

vocês, descendentes de

Abraão, meu amigo,

eu os tirei dos confins da terra, de seus recantos mais distantes

eu os chamei.

Eu disse: Você é meu servo; eu o escolhi e não o rejeitei (Is 41.8-9).

Eu, o

Senhor

, o chamei para justiça,

segurarei firme a sua mão.

Eu o guardarei e farei de você

um mediador para o povo

e uma luz para os gentios;

para abrir os olhos aos cegos (Is 42.6-7).

O servo é Israel, chamado para ser luz para o mundo e abrir os olhos aos cegos.

Mas Israel não cumpriu seu chamado. Israel se rebelou contra Deus e se recusou a honrá-lo. E, em vez de ser uma luz para as nações, tornou-se cego. Por isso, quando o profeta Isaías escreve novamente sobre o servo, ele diz:

Quem é cego senão o meu servo,

e surdo senão o mensageiro

que enviei?

Quem é cego como aquele

que é consagrado a mim,

cego, como o servo do

Senhor

(Is 42.19)?

Você não me invocou, ó Jacó,

embora você tenha ficado exausto por minha causa, ó Israel.

... Não foi para mim que você trouxe ovelhas para holocaustos

nem foi a mim que você honrou com seus sacrifícios

... Mas você me sobrecarregou com seus pecados

e me deixou exausto com suas ofensas (Is 43.22-24).

Em vez de conduzir as nações a Deus, Israel afastou-se de Deus. Em vez de levar a salvação de Deus a outros, a própria nação de Israel agora precisa que alguém a leve de volta a Deus.

Mas quem fará isso? Quem primeiro levará Israel de volta para Deus e depois se tornará luz para as nações? Quem fará isso acontecer?

A resposta é que Deus, agora, confiará numa pessoa dentro da nação – uma pessoa que será fiel a ele e que fará a obra de Deus – primeiro para levar Israel de volta a ele e depois para ser luz de Deus para as nações. Por isso Deus leva Isaías a escrever novamente sobre o seu Servo, mas, dessa vez, sobre uma pessoa dentro da nação, uma pessoa que trará a salvação de Deus – primeiro a Israel e depois às nações da terra:

E agora o

Senhor

diz,

aquele que me formou no ventre para ser o seu servo,

para trazer de volta Jacó

e reunir Israel a ele mesmo,

pois sou honrado aos olhos do

Senhor

,

e o meu Deus tem sido a minha força;

e ele diz:

“Para você é coisa pequena demais ser meu servo

para restaurar as tribos de Jacó

e trazer de volta aqueles de Israel que eu guardei.

Também farei de você uma luz para os gentios,

para que você leve a minha salvação até os confins da terra” (Is 49.5-6).

Agora, um indivíduo será Servo de Deus. Uma pessoa restaurará Israel a Deus e trará a salvação de Deus às extremidades da terra. E, quando fizer isso, será honrado aos olhos do Senhor. Ele será exaltado pelo que faz.

Nessas palavras, temos nosso primeiro vislumbre do motivo pelo qual o Servo de Deus será honrado – porque ele restaurará Israel a Deus e levará a salvação de Deus às nações. Essa é a nossa primeira breve explicação do motivo pelo qual ele será exaltado.

Mas Deus quer que tenhamos uma explicação mais completa, um entendimento mais completo do motivo pelo qual seu Servo será exaltado. Por isso ele leva o profeta a escrever um último Cântico do Servo, que é nossa passagem hoje. E, nesse último Cântico do Servo, Deus nos diz, do modo mais claro possível, por que o seu Servo será exaltado.

Quando chegamos a Isaías 52.13 e o último cântico começa, Deus está falando e está pronto a nos dizer, da forma mais completa possível, por que o seu Servo

será tão exaltado. Observe Isaías 52.13:

Vejam, o meu Servo agirá com sabedoria,

será engrandecido, elevado e muitíssimo exaltado.

O Servo agirá com sabedoria. Isso significa que ele agirá eficazmente e será bem-sucedido. O Servo fará exatamente o que precisa ser feito para cumprir o propósito de Deus para ele. E quando tiver realizado tudo o que Deus tinha para ele realizar, ele será ressuscitado do túmulo, será elevado ao céu e será muito exaltado acima de toda a criação. O Servo fará exatamente o que Deus tinha para ele fazer, e isso levará à sua grande exaltação.

E agora estamos prontos para a resposta completa às perguntas: “Por que o Servo será exaltado? Qual ação sábia ele realizará para receber essa honra? Por que o Servo do Senhor será exaltado?” A resposta a essas perguntas emergirá na medida em que o cântico se desenvolve.

Para vermos a resposta emergir no cântico, precisamos entender como o profeta está organizando seus pensamentos. Nesse último Cântico do Servo, ele está usando um arranjo, ou estrutura, que era muito comum em sua época, mas que não costumamos usar. Ele está usando o que chamamos de estrutura quiástica.

A

B

C

D

C

B

A

Numa estrutura quiástica, as seções de cima e de baixo são paralelas, equivalentes quanto ao foco. As duas seções seguintes – as seções B – também se equivalem ou se correspondem de alguma maneira. O mesmo é verdade sobre as seções C. Quando chega a D, a seção intermediária, você chega ao cerne do tema do autor. Numa estrutura quiástica, a seção intermediária, o ponto do V, é o ponto central de todo o fluxo de pensamento.

A primeira seção A é 52.13-15. Quando chegamos a essa seção A, temos uma resposta parcial à pergunta: “Por que o Servo do Senhor será grandemente exaltado?” A resposta parcial é: “O Servo do Senhor será exaltado porque o seu sofrimento traz salvação”.

(52.13-15)

O Servo será exaltado porque seu sofrimento traz salvação.

B

C

D

C

B

A

Na primeira seção A, lemos que o Servo do Senhor sofrerá, e sofrerá horrivelmente. Mas esse sofrimento levará à purificação das nações, e, por isso, ele será exaltado. Ele será desfigurado quase além do reconhecimento humano,

mas isso permitirá que ele purifique as nações do pecado, por isso Deus o exaltará grandemente.

A primeira seção A, nos versículos 13-15:

O meu servo agirá com sabedoria;

será engrandecido, elevado e muitíssimo exaltado.

Assim como houve muitos que ficaram pasmados diante dele;

sua aparência estava tão desfigurada,

que ele se tornou irreconhecível como homem;

não parecia um ser humano;

De igual modo ele aspergirá muitas nações,

e reis calarão a boca por causa dele.

Pois aquilo que não lhes foi dito verão,

e o que não ouviram compreenderão.

O Servo do Senhor sofrerá horrivelmente. Seu rosto será brutalmente golpeado e esmagado, quase além do reconhecimento humano. Ele não será necessariamente desfigurado mais do que qualquer outro homem, mas o seu rosto ficará tão desfigurado que facilmente se poderá reconhecer seus traços. Ele mal parecerá humano. Todos que o virem ficarão pasmos ou chocados com a extensão de seu sofrimento.

Mas de alguma maneira o seu sofrimento o capacitará a “aspergir muitas nações” – o capacitará a purificar as nações da terra. A descrição é de um sacerdote que vem para adorar, declarando-os limpos e aceitos. De alguma maneira – de uma maneira que o profeta não nos diz – o seu sofrimento torna possível que as nações da terra sejam aceitáveis a Deus.

E quando as nações entenderem o que ele fez, quando os reis gentios da terra virem o seu sofrimento e como ele abriu o caminho para Deus, eles ficarão em silenciosa reverência – “calarão a boca por causa dele”, porque estarão vendo algo de que nunca tinham sido informados antes. Eles estarão aprendendo sobre algo pela primeira vez e estarão começando a entender que, de algum modo, por causa do sofrimento do Servo, eles, sendo gentios, foram purificados e feitos aceitáveis a Deus.

E, assim, o próprio Deus abre o último Cântico do Servo nos versículos 13-15. “Vejam, o meu Servo”, diz ele, ele agirá com sabedoria e realizará eficazmente o que lhe ordenei. Ele sofrerá horrivelmente. Todos que olharem para ele ficarão espantados com o quanto ele está desfigurado. Mas todos que continuarem olhando começarão a perceber que, de algum modo, o seu sofrimento torna possível que eles sejam purificados e aceitos”. Essa é a primeira seção A – O Servo será exaltado porque, de algum modo, o seu sofrimento trará salvação.

Quando chegamos à primeira seção B, a cena muda. Quem fala não é mais Deus no céu. Agora é o povo judeu sobre a terra – o povo judeu que, inicialmente, rejeitou a mensagem sobre o Servo, mas que no devido tempo veio a crer nele. Quando a mensagem foi dada ao povo judeu pela primeira vez, quase nenhum deles creu. Eles não conseguiam ver como este Servo podia ser o poderoso e salvador braço do Senhor. Mas, finalmente, alguns vieram a crer nele. E, na primeira seção B, eles olham para trás com tristeza e confessam como se recusaram a aceitar a mensagem, quando ela veio a eles pela primeira vez.

52.13-15

O Servo será exaltado porque seu sofrimento traz salvação.

53.1

Ninguém creu que ele era o meio da salvação do Senhor.

C

D

C

B

A

Nenhum deles tinha olhos para ver o que Deus estava revelando. Veja o versículo 1:

Quem creu em nossa mensagem?

E a quem foi revelado o braço do

Senhor

?

Eles estavam esperando que o poderoso braço do Senhor se mostrasse por meio de um herói militar, que conduziria uma revolta contra os romanos, expulsaria o opressor de sua terra e governaria sobre eles como um rei glorioso. Era desse modo que o braço do Senhor havia agido em tempos passados – magnífica, poderosa e irresistivelmente. Era isso que eles estavam esperando novamente. Nenhum deles tinha crido na mensagem de que esse Servo aparentemente insignificante seria o meio da salvação do Senhor.

“Ele não parecia qualificado”, dizem eles, “por isso o desprezamos. Nada nele nos atraía, por isso o repudiamos. Não o estimávamos, por isso o rejeitamos.”

52.13-15

O Servo será exaltado porque seu sofrimento traz salvação.

53.1

Ninguém creu que ele era o meio da salvação do Senhor.

53.2-3 Por isso ele foi rejeitado.

D

C

B

A

Nos versículos 2-3 ele foi rejeitado

Ele cresceu diante dele como um broto tenro

e como uma raiz saída de uma terra seca.

Ele não tinha qualquer beleza ou majestade que nos atraísse,

nada havia em sua aparência para que o desejássemos,

Foi desprezado e rejeitado pelos homens,

um homem de dores e experimentado no sofrimento,

Como alguém de quem os homens escondem o rosto,

Foi desprezado, e nós não o tínhamos em estima.

Durante todo o tempo ele estava crescendo para ser Servo de Deus, mas, quando Israel olhava para ele, tudo o que via era um “renovo tenro”, uma “raiz numa terra seca” (um renovo tenro é um broto indesejável que nasce na base de uma árvore. Não produz nada. Não tem valor. Uma raiz numa terra seca não tem nada a oferecer. É inútil. O solo é estéril, pouco promissor. Pode alguma coisa boa vir de uma terra seca?) Não havia nada distintivo nele quando o viram pela primeira vez. Sua aparência física não chamava atenção. Ele não se parecia com a ideia

que eles tinham de um rei – não tinha beleza majestosa, nem magnetismo, nem dignidade real. Ele parecia muito comum.

Por isso eles o repudiaram e não lhe deram atenção. Eles o desprezaram e rejeitaram.

Parece que isso lhe causou tristeza e dor. Ele parecia oprimido pelo modo como haviam reagido. Mas eles não se importaram. Eles o ignoraram. Eles viraram o rosto e não tiveram estima por ele.

“Mas agora”, eles confessam, “sabemos a verdade.”

52.13-15

O Servo será exaltado porque seu sofrimento traz salvação.

53.1

Ninguém creu que ele era o meio da salvação do Senhor.

53.2-3 Por isso ele foi rejeitado.

53.4-6 No entanto, o seu sofrimento foi por nós e em nosso lugar.

C

B

A

“Seu sofrimento foi por nós”, dizem eles. “Ele se colocou em nosso lugar e sofreu em nosso lugar. Ele estava pagando a nossa penalidade. Ele morreu em nosso lugar. E por ele ter feito isso, fomos curados”.

Esta é a seção central – o cerne do que o profeta está dizendo. Seu sofrimento foi por nós e em nosso lugar. Observe os versículos 4-6:

Certamente ele tomou sobre si as nossas enfermidades

e sobre si levou as nossas doenças;

contudo nós o consideramos castigado por Deus,

por Deus atingido e afligido.

Mas ele foi transpassado por causa das nossas transgressões,

foi esmagado por causa de nossas inquidades;

o castigo que nos trouxe paz estava sobre ele,

e pelas suas feridas formos curados.

Todos nós, tal qual ovelhas, nos desviamos,

cada um de nós se voltou para o seu próprio caminho;

e o

Senhor

fez cair sobre ele

a iniquidade de todos nós.

“Agora percebemos”, eles confessam, “que o seu sofrimento foi por nós e em nosso lugar. Ele tomou sobre si a culpa do nosso pecado. Ele carregou as tristes consequências de nossa rebelião”.

Eles haviam assumido que o sofrimento do Servo era por algo que ele tivesse feito e que Deus o estava punindo fisicamente por isso – golpeando-o, afligindo-o. Eles estavam certos sobre quem o estava golpeando, mas errados sobre o motivo. Deus não o estava golpeando pelos seus pecados, mas pelos pecados deles e pelos nossos. A punição que devia ter caído sobre nós caiu sobre ele, e foi por causa das nossas iniquidades que ele foi esmagado.

Ele foi traspassado – perfurado – pelas nossas transgressões. Cada flecha do juízo divino que devia ter-nos atingido individualmente, cada flecha que devia ter vindo em nossa direção, cada uma delas foi lançada contra ele – todas as flechas de todos os pecados por todos nós. E como todas as flechas foram para ele, ele tomou as feridas e nós recebemos a cura.

Esse é o coração do cântico! Isso é o que os respeitosos e calados reis da terra agora entenderam – a razão pela qual ele pode aspergi-los e purificá-los é porque o seu sofrimento pagou a penalidade pelo pecado deles. Essa é a resposta completa à pergunta: “Por que o Servo será exaltado?” o Servo será exaltado porque o seu sofrimento por nós e em nosso lugar nos traz salvação.

Cada um de nós merece ser punido. Cada um de nós afastou-se de Deus. “Todos nós, tal qual ovelhas, nos desviamos”. Cada um de nós deliberadamente se rebelou e seguiu o seu próprio caminho. Cada um de nós fez o que queria fazer, independentemente da vontade de Deus. E cada um de nós merece ser punido. Mas, em vez disso, Deus colocou sobre ele o pecado de todos nós e o entregou à morte por eles. Ele morreu por nós e em nosso lugar. Ele mesmo não merecia nada disso.

52.13-15

O Servo será exaltado porque seu sofrimento traz salvação.

53.1

Ninguém creu que ele era o meio da salvação do Senhor.

53.2-3 Por isso ele foi rejeitado.

53.4-6 No entanto, o seu sofrimento foi por nós e em nosso lugar.

53.7–9 Ele não merecia ser rejeitado.

B

A

Mas ele não resistiu. Ele quieta e voluntariamente foi para a morte. Observe os versículos 7-9:

Ele foi oprimido e afligido;

e, contudo, não abriu a sua boca;

como um cordeiro foi levado para o matadouro,

como uma ovelha que diante de seus tosquiadores fica calada,

ele não abriu a sua boca.

Com julgamento opressivo ele foi levado.

E quem pode falar dos seus descendentes?

Pois ele foi eliminado da terra dos viventes;

por causa da transgressão do meu povo ele foi golpeado.

Foi-lhe dado um túmulo com os ímpios,

e com os ricos em sua morte,

Embora não tivesse cometido nenhuma violência

nem houvesse nenhuma mentira em sua boca.

Ele não merecia ser tratado de maneira tão vergonhosa nem ser rejeitado. O sistema judicial injustamente o oprimiu. Um julgamento injusto foi pronunciado contra ele. No entanto, ele foi quieta e voluntariamente para a morte, como um cordeiro para o matadouro.

Ele foi cortado no auge da vida, sem filhos ou descendentes para levarem seu nome. E a intenção era sepultá-lo numa sepultura para criminosos comuns – com homens ímpios, com ladrões que se tinham enriquecido por meio de sua violência contra os outros. Designaram-lhe um sepultamento vergonhoso, muito embora não tivesse feito nada errado, muito embora não tivesse cometido um só

pecado.

Ele não merecia nada disso. Não obstante, era por meio dessa morte inocente e imerecida que Deus estava cumprindo sua vontade e efetuando nossa salvação.

52.13-15

O servo será exaltado porque seu sofrimento traz salvação.

53.1

Ninguém creu que ele era o meio da salvação do Senhor.

53.2-3 Por isso ele foi rejeitado.

53.4-6 No entanto, o seu sofrimento foi por nós e em nosso lugar.

53.7-9 Ele não merecia ser rejeitado.

53.10-11a O Senhor está usando o seu sofrimento para efetuar a nossa salvação.

A

Era da vontade de Deus fazer da vida dele a oferta de sacrifício pela nossa culpa. Veja os versículos 10-11a:

Contudo, foi da vontade do

Senhor

esmagá-lo e fazê-lo sofrer,

e, embora o

Senhor

tenha feito da vida dele uma oferta pela culpa,

ele verá sua prole e prolongará seus dias;

e a vontade do

Senhor

properará em sua mão.

Depois do sofrimento de sua alma,

ele verá a luz e ficará satisfeito.

Em tudo o que aconteceu, Deus estava cumprindo o seu propósito. “Foi da vontade do Senhor esmagá-lo”. Deus estava fazendo da vida dele uma oferta de sacrifício que satisfaria todos os erros cometidos.

Embora tenha morrido antes de ter filhos, por meio de sua morte um tipo diferente de progênie nasceu – uma descendência espiritual, filhos e filhas de Deus. Embora tenha entregue a sua vida, ele vive novamente porque Deus o ressuscitou dos mortos para ver a luz da vida e prolongou os seus dias até a eternidade. E de todas as maneiras o Servo ficou satisfeito porque cumpriu completamente a vontade de Deus.

E quando o Servo fez tudo o que Deus lhe ordenou, quando o seu sofrimento por nós e em nosso lugar nos trouxe salvação, o Senhor o exaltou ao lugar de vitorioso sobre toda a criação.

52.13-15

O Servo do Senhor será exaltado porque seu sofrimento traz salvação.

53.1

Ninguém creu que ele era o meio da salvação do Senhor.

53.2-3 Por isso ele foi rejeitado.

53.4-6 No entanto, o seu sofrimento foi por nós e em nosso lugar.

53.7-9 Ele não mereceu ser rejeitado.

53.10-11a

O Senhor está usando o seu sofrimento para efetuar a nossa salvação.

53.11b-12

O Servo será exaltado porque o seu sofrimento por nós e em nosso lugar nos traz salvação.

Quando o cântico termina, a cena muda novamente para o céu. O próprio Deus encerra o cântico como começou – prometendo exaltar seu Servo porque seu sofrimento por nós e em nosso lugar nos trouxe salvação. Veja os versículos 11b-12:

Pelo seu conhecimento, meu servo justo justificará a muitos

e levará as iniquidades deles.

Por isso eu lhe darei uma porção entre os grandes,

e ele dividirá os despojos com os fortes,

porquanto ele derramou sua vida até a morte

e foi contado entre os transgressores.

Pois ele levou o pecado de muitos

e pelos transgressores intercedeu.

Nos versículos 11b-12, Deus fala novamente: “Eu exaltarei meu Servo porque o

seu sofrimento pagou a penalidade deles e lhes trouxe salvação. Por seu conhecimento, o meu Servo justo justificará a muitos. Pela sua ação sábia e eficaz, pelas suas ações inteligentes, meu Servo fez o que lhe ordenei, ele realizou minha vontade. Ele tomou sobre si as iniquidades de todo o mundo e, por meio de seu sacrifício, justificou a muitos, tornando-os aceitáveis aos meus olhos.

“Ele derramou a sua vida na morte. As pessoas pensavam que ele estava morrendo como um criminoso. Elas o contaram entre os transgressores, dizendo: ‘Há vários transgressores ali, e ele é um deles’. Elas pensavam que ele estava sofrendo as consequências de seu próprio pecado, mas, na verdade, ele estava levando o pecado de todo o mundo, intercedendo por eles, abrindo o caminho para eles chegarem à minha presença.

“E quando ele tiver realizado completamente tudo o que eu lhe disse para fazer, eu lhe darei a porção do vitorioso entre todos os seus seguidores. E ele dividirá e compartilhará com eles o espólio, os resultados e as bênçãos de sua grande vitória. Meu Servo será exaltado porque o seu sofrimento por eles e em seu lugar lhes trará salvação”.

E, dessas palavras do profeta Isaías, Filipe contou ao eunuco as boas-novas sobre Jesus.

O Servo do Senhor será exaltado

porque o seu sofrimento por nós e em nosso lugar

nos traz salvação.

Filipe explicou as boas-novas de Jesus – Jesus é o Servo do Senhor que será grandemente exaltado porque o seu sofrimento por nós e em nosso lugar nos trouxe salvação.

Meus amigos, estas são as boas-novas. Vocês as aceitam? Vocês têm fundamentado sua vida e sua eternidade nessas boas-novas?

Ele foi traspassado por causa das nossas transgressões

e moído pelas nossas iniquidades;

o castigo que nos trouxe paz estava sobre ele,

e pelas suas feridas, fomos sarados.

Vocês confiam no que ele fez – e somente nisso – para torná-los aceitáveis a Deus? Seu coração tomou essa decisão?

E vocês deram testemunho dessa decisão a outras pessoas? O acontecimento em Atos termina assim:

Seguindo eles caminho fora, chegando a certo lugar onde havia água, disse o eunuco: Eis aqui água; que impede que eu seja batizado?... e Filipe batizou o eunuco (At 8.36-38).

Senhor, em nome daquele que morreu por nós, eu lhe dou graças. Amém.

* Nesta edição em português, NVI – 7ª. edição. Sociedade Bíblica Internacional (N. da R.).

Apêndice B

SERMÃO DRAMÁTICO-NARRATIVO SOBRE ISAÍAS 53

Donald R. Sunukjian

(Deus está posicionado bem à esquerda do público; então, em ordem, na direção do público, à direita, ficam os reis gentios, o Jesus crucificado, os judeus crentes e o profeta. Um slide PowerPoint® informa à congregação quem está falando).

Deus

(Apontando para o centro do palco)

"Quero lhes falar sobre alguém – alguém que vocês precisam conhecer. Quero lhes falar sobre o meu Servo.

"Eu o chamo de 'Servo' porque ele vai me servir de uma maneira muito especial. Há algo que precisa ser feito, e ele fará exatamente como deve ser feito.

"E, quando terminar o que tenho em mente, eu o recompensarei além da imaginação. Eu o honrarei mais do que jamais honrei qualquer outra pessoa. Eu o farei sentar-se à minha direita, exatamente aqui, e todos no universo se curvarão a ele – meu Servo.

"No início, não parecerá que ele é meu Servo ou que receberá esta honra. Não, no início, o seu rosto será brutalmente esmagado e golpeado e ele mal parecerá humano. O que os homens farão com ele o deixará tão desfigurado que vocês mal reconhecerão seus traços. Vocês ficarão pasmos; vocês ficarão atônitos – o

que ele sofrerá será incompreensível para vocês. Mas quando vocês entenderem por que isso foi necessário, vocês olharão fixamente para ele, em reverência silenciosa e adoração".

Reis gentios

(Olhando para o Jesus crucificado, conversando entre si)

Rei 1: "Você entende isso?"

Rei 2: "Parcialmente".

Rei 1: "Explique-me".

Rei 2: "Bem, não estou muito certo. Não tínhamos sequer uma palavra a respeito disso. Ele nunca apareceu nos nossos escritos ou na nossa literatura. Mas acho que o que aconteceu com ele foi para o nosso benefício".

Rei 1: "Como assim? Como os açoites e a morte brutal de um homem pode ser para o nosso benefício?"

Rei 2: "Eu sei – ainda estou tentando entender direito. Mas, pelo que entendi, isso aconteceu com ele para que não acontecesse conosco. Deus fez isso com ele para não fazer conosco".

Rei 1: “O que você quer dizer com ‘Deus fez isso com ele’? Os romanos fizeram isso com ele. Este é um açoite romano. Esta é uma crucificação romana’.

Rei 2: “Eu sei. Mas acho que esse era o plano de Deus – a vontade de Deus. Acho que os romanos estavam apenas cumprindo o propósito de Deus”.

Rei 1: “Ainda não entendo. Este homem morto e desfigurado – como isto pode ser a vontade de Deus, e que benefício isso nos traz?”

Rei 2: “Como disse, não entendi completamente. Mas acho que o que aconteceu com ele significa que, interiormente, você e eu podemos ser puros. Acho que isso significa que tudo o que você e eu fizemos de errado não será contado por Deus contra nós. É isso o que quero dizer – Deus fez isso com ele para não ter que fazer conosco”.

Rei 1: “Isso parece bom demais para ser verdade”.

Judeus crentes

(Olhando para Jesus, às vezes falando entre si, e às vezes para o público)

Crente 1: (Olhando para Jesus e depois para o público) “Não cremos nisso. (Para o Crente 2) E fomos informados sobre isso”.

Crente 2: (Para o crente 1) “Sim (Para o público) Tivemos alguns escritos, alguma literatura que nos falava sobre ele. Mas, de algum modo, não a entendemos. Devemos ter saltado essas partes dos nossos escritos, ou porque

não as entendíamos ou talvez porque o que estavam dizendo parecia muito improvável. Quero dizer, se você fosse informado para esperar alguém que seria 'o braço poderoso do Senhor' que viria libertá-lo, o que você esperaria? Esperaria por um homem jovem, vistoso, de uma das famílias mais importantes, esperaria uma figura carismática que tivesse todas as qualidades – instrução superior, treinamento militar, habilidades políticas; alguém que inflamasse a opinião popular, reunisse a nação para expulsar os opressores e governasse como um de seus filhos naturais. Se você fosse informado de que deveria esperar um libertador, não seria por isso que você esperaria? (Para o Crente 1) Era por isso que estávamos esperando".

Crente 1: (Para o Crente 2) "Sim, era por isso que esperávamos (para o público). E quando o vimos pela primeira vez, não demos uma segunda olhada. Ele não correspondia às expectativas. Ele não veio de uma das famílias mais importantes. Seu pai era um trabalhador que recebia por dia – um carpinteiro, eu acho. Sua mãe – há alguma dúvida sobre se ela era casada quando ele nasceu. E ele não cresceu na nossa capital. Ele cresceu numa cidade atrasada – Nazaré. 'Pode alguma coisa boa vir de Nazaré?' e Nazaré era uma cidade da Galileia, nossa província mais ao norte. Nós a chamamos de 'Galileia dos gentios' porque muitos estrangeiros pagãos se fixaram ali, e o estilo de vida imoral deles se espalhou por toda a província".

Crente 2: (Para o Crente 1) "Está certo. (Para o público) Não há nada nele que pudesse nos atrair. O contexto do qual ele proveio não parecia ser o que precisávamos. Sua aparência física não era impressionante. Se você fosse a uma floricultura comprar uma flor, não seria atraído pela escória da calçada. Você não daria uma segunda olhada a uma erva daninha que nasce na rachadura do cimento. Bem, era assim que ele parecia a nós, por isso o rejeitamos".

Crente 1: (Para o crente 2) "Na verdade, 'rejeitamos' provavelmente é um termo bem ameno para o que sentimos em relação a ele. (Para o público) Seria mais correto dizer que o 'desprezamos'. Quando ele tentou nos convencer de que era quem estávamos esperando, ficamos irados e o repudiamos. (Apontando para o Cristo açoitado e morto) E este foi o resultado – todo este sofrimento e dor. (Para o Crente 2) Porém, não nos importamos. (Para o público) Apenas viramos o rosto e continuamos a cuidar da nossa vida".

Crente 2: (Acena de cabeça para o Crente 1, concordando; depois, volta-se para o público) "Mas desde então voltamos aos nossos escritos, à nossa literatura, e

os lemos de novo. E dessa vez não pulamos nenhuma parte. Examinamos aquelas que diziam que o nosso Libertador sofreria e morreria. E quanto mais cuidadosamente líamos essas partes, mais víamos que ele sofreria por nós (olhando para Cristo e para o Crente 1) e morreria em nosso lugar".

Crente 1: (Para o Crente 2) "Sim. (para o público) Quando vimos isso pela primeira vez (apontando para o Jesus crucificado), pensamos que ele estava sendo punido pela sua própria tolice e estupidez. Pensamos que estava recebendo o que merecia – por alegar ser o Servo de Deus, o Rei de Deus. Para os romanos, isso era rebelião; para nós, blasfêmia. E, assim, pensamos que Deus estava lhe dando o que merecia – afligindo-o, pregando-o na cruz. (Para o Crente 2) Foi isso o que pensamos quando o vimos na cruz".

Crente 2: (Para o crente 1) "Sim. (Para o público) Mas agora sabemos a verdade. Sabemos que, quando aquele centurião enfiou a espada do seu lado, ele estava sendo traspassado para pagar pelos nossos pecados. Quando o peso sufocante da crucificação tirou a vida dele, ele estava sendo esmagado para pagar pelas nossas iniquidades. Ele tomou a punição que nos curou. Pelas suas feridas, fomos sarados. (Para o Crente 1) Agora sabemos a verdade".

Crente 1: (Acena de cabeça para o Crente 2, concordando; depois, volta-se para o público) "Todos nós éramos como ovelhas, afastando-nos de Deus, perdidos. Todos nós seguimos pelo nosso próprio caminho. E Deus empilhou todos os nossos pecados – cada erro que cometemos – (olhando para a cruz) e colocou tudo sobre ele e o fez pagar por eles".

O profeta

"Bateram nele. Eles o torturaram. E, finalmente, o mataram.

"Ele de modo algum resistiu. Ele quieta e voluntariamente deixou que isso acontecesse – ele foi como um cordeiro levado ao matadouro.

"Isso foi o que ele veio fazer; isso é o que devia acontecer com ele. E, como uma ovelha sendo tosquiada, ele silenciosamente deixou tudo acontecer.

“Quando a paródia de um julgamento terminou, a sentença foi a que todos sabíamos que seria – morte.

“Ele morreu no auge da vida – nenhum filho levou seu nome. Morreu pelo pecado do meu povo.

“Não quiseram sequer dar-lhe um sepultamento decente. Planejaram colocá-lo numa sepultura para criminosos, com assassinos e ladrões, muito embora ele não fosse um deles. Ele nunca foi violento nem cometeu nenhum tipo de fraude.

“Vejam tudo o que aconteceu com ele e lembrem-se – esta foi a vontade de Deus. Esta morte sofrida e sangrenta – isto foi Deus lidando com ele como vocês lidariam com uma oferta pelo pecado – um golpe mortal, sangue caindo pelo chão, um corpo sem vida.

“É claro que isso não foi o fim para ele. Como ele estava fazendo o que Deus queria, Deus o ressuscitou. E embora nunca tenha tido descendentes naturais, ele teve uma descendência espiritual inumerável: sua morte tornou possível que milhões se tornassem filhos e filhas espirituais de Deus. E ele continua a viver ao longo dos tempos, satisfeito em ver a sua família sempre crescendo.

“Ele morreu nas mãos de Deus. Era isso o que Deus tinha em mente.”

Deus

“Sim, isso era o que eu tinha em mente. É por isso que ele é o meu ‘Servo’ – ele se dispôs a tomar sobre si os pecados do mundo naquela cruz e pagar a penalidade por eles. E agora aqueles pecados não serão mais contados para aqueles que olharem para ele.

“E agora que ele terminou o que ordenei que ele fizesse, vou recompensá-lo além da imaginação. Eu o exaltarei à maior honra. De agora em diante, toda boa dádiva virá das suas mãos, e ele será generoso com aqueles que o seguirem.

“No início, todos pensavam que ele era apenas mais um criminoso – contaram um, dois, três pecadores nas cruzes. Mas ele não era um pecador. Em vez disso,

ele estava pagando a penalidade pelo pecado de todos, abrindo o caminho para eles chegarem até mim.

“Ele é meu Servo. Ele fez o que eu mandei. Ele fez isso por vocês.

“Se vocês crerem nisso, a punição dele lhes trará paz.

“E se crerem nisso, pensem frequentemente no que ele fez por vocês. Pensem frequentemente nisso. Lembrem-se disso”.

(Celebração da Ceia do Senhor)

Notas

Introdução

[01] GLASER, Mitch. Isaiah 53 Explained. Nova York: Chosen People Ministries, 2010. Esse livro evangelístico está disponível em Chosen People Ministries (www.chosenpeople.com) para uso no compartilhamento do evangelho com o povo judeu e será enviado sem custos a qualquer judeu que ainda não conheça o Messias.

[02] A pesquisa foi realizada em 2010 por Tony Carnes, do Values Research Institute.

[03] DRIVER, Samuel R. e NEUBAUER. Adolf (orgs.). The suffering servant of Isaiah. (reimpress.). Pasadena, CA: Wipf &Stock, 2000.

[04] BARON, David. Rays of Messiah's glory. Eugene, OR: Wipf &Stock, 2001.

[05] MILLS, Sandford. A Hebrew Christian looks at Isaiah 53. Nova York: American Board of Mission to the Jews, 1971; FRUCHTENBAUM, Arnold. Jesus was a Jew. Nashville: Broadman Press, 1974; BUKSBAZEN, Victor. Isaiah 53: Of whom does the prophet speak?. West Collingswood, NJ: Friends of Israel Gospel Ministry.

[06] ASTON, Frederick. The challenge of the ages: new light on Isaiah 53. 21ª ed. Scarsdale, NY: Research Press, 1970.; ARCHER, Gleason Archer. In the shadow of the cross: insights into the meaning of calvary, drawn from the Hebrew text of Isaiah 53. Grand Rapids: Zondervan, 1957; CALVIN, John. The gospel according to Isaiah, seven sermons on Isaiah 53 concerning the passion and death of Christ. Grand Rapids: Eerdmans, 1953; CULVER, Robert Culver. The sufferings and the glory of the Lord's righteous servant. Moline, IL: Christian Service Foundation, 1958; DEHAAN, M. R. The gospel in Isaiah: An exposition of Isaiah 53 setting forth the gospel of Christ, crucified, buried, and risen again: four sermons. Grand Rapids: Radio Bible Class, 1930; KIMBALL, Earl. Isaiah 53: Of whom does Isaiah 53 speak?. Englewood Cliffs, NJ: Sar Shalom Publications, 1970; YOUNG, Edward. Isaiah fifty-three: A devotional and expository study. Grand Rapids: Eerdmans, 1957.

[07] SIGAL, Gerald. Isaiah 53: Who is the Servant?. Replica Books, 2007. Veja também SINGER, Tovia. Let's get biblical. Monsey, NY: Outreach Judaism, 2001. O debate entre o rabino ortodoxo Shmuley Boteach e o erudito judeu messiânico Michael Brown também fornece noções sobre a corrente polêmica da comunidade judaica contra Isaías 53 ter sido cumprido em Jesus. Veja BOTEACH, Shmuley; BROWN, Michael L. Did Jesus die for our sins?. Nova York: Chosen People Productions, 2007.

[08] BELLINGER, William H. Jesus and the Suffering Servant: Isaiah 53 and Christian Origins. Pasadena, CA: Wipf & Stock, 2009; JANOWSKI, Bernd; STULMACHER, Peter. The Suffering Servant. Grand Rapids: Eerdmans, 2004.

[09] Sua argumentação completa pode ser encontrada na sua série de livros: BROWN, Michael L. Answering Jewish objections to Jesus. Grand Rapids: Baker Books, 2000. Na mesma tendência, veja SANTALA, Risto. "The suffering Messiah and Isaiah 53 in the light of rabbinic literature". In: Springfielder 39, 1976: p. 177–82.

Capítulo 1

[01] Sou profundamente grato pela atenção concentrada dada a este ensaio pelo Deerfield Dialogue Group, patrocinado pelo Henry Center, Trinity Evangelical Divinity School (TEDS) na noite de 30 de abril de 2009. O seguinte grupo de professores de vários departamentos acadêmicos de TEDS leu o artigo, participou da discussão e ofereceu muitas sugestões úteis para melhorar o capítulo: Stephen Greggo (Aconselhamento psicológico), Dana Harris (Novo Testamento), Thomas McCall (Teologia Sistemática), David Pao (Novo Testamento), Robert Priest (Missões e Evangelismo), Eckhard Schnabel (Novo Testamento), Douglas Sweeney (História da Igreja), Kevin Vanhoozer (Teologia Sistemática) e K. Lawson Younger (Antigo Testamento). Este artigo ficou muito melhor depois da interação oferecida por esse excelente grupo de colegas e amigos. É claro, somente eu permaneço responsável pelo principal trabalho exegético e pelas ideias interpretativas apresentadas aqui e por quaisquer deficiências que tenham permanecido.

[02] A menos que seja indicado de modo diferente, as citações bíblicas são extraídas da ARA [isso para esta edição em português; NIV na versão original (N. da R.)].

[03] NORTH, Christopher R. The suffering servant in deutero-Isaiah: An historical and critical study. 2ª ed. Londres: Oxford University Press, 1956; KRUSE, C. G. “The Servant Songs: Interpretative trends since C. R. North”. In: Studia Biblica et Theologica 8, 1978: p. 3-27; ROWLEY, H. H. “The Suffering Servant and the davidic Messiah”. In: ROWLEY, H. H. The Servant of the Lord and other essays on the Old Testament. 2ª ed. Oxford: Basil Blackwell, 1965, p. 63-93; HESKETT, Randall. Messianism within the scriptural scroll of Isaiah. Nova York e Londres: T&T Clark, 2007, p. 133-224.

O resumo recente mais útil que encontrei num comentário é BLENKINSOPP,

Joseph. Isaiah 40–55: A new translation with introduction and commentary. AB 19A, Nova York: Doubleday, 2002, p. 76-120. Veja também os resumos muito úteis de interpretações e interações com o texto de Isaías 53 em CLINES, David J. A. I, he, we, and they: A literary approach to Isaiah 53. JSOTSup 1, Sheffield: JSOT Press, 1976 e, mais recentemente, HÄGGLUND, Fredrik. Isaiah 53 in the light of homecoming after exile. Tübingen: Mohr Siebeck, 2008. Ambos fornecem suas próprias soluções um tanto peculiares para os problemas.

[04] HERMISSON, Hans-Jürgen. “The fourth Servant Song in the context of Second Isaiah”. In: JANOWSKI, Bernd; STULMACHER, Peter (orgs.). The Suffering Servant: Isaiah 53 in Jewish and Christian sources. Trad. Daniel P. Bailey. Grand Rapids: Eerdmans, 2004, p. 46-47.

[05] WRIGHT, N. T. “The Servant and Jesus: The relevance of the colloquy for the current quest for Jesus”. In: BELLINGER, William H., Jr.; FARMER, Wilima R. (org.). Jesus and the Suffering Servant: Isaiah 53 and Christian origins. Harrisburg, PA: Trinity Press International, 1998, p. 289-91. A abordagem de Wright está em oposição direta a abordagens como a de DUNN, James D. G. Jesus remembered. Grand Rapids: Eerdmans, 2003, p. 809-24, em que qualquer consciência que Jesus tivesse de sua própria relação com o cumprimento de Isaías 53 é negada.

[06] Romanos 1.16. Veja BOCK, Darrell L.; GLASER, Mitch (orgs.). To the Jew first: The case for Jewish evangelism in Scripture and history. Grand Rapids: Kregel, 2008.

[07] DELITZSCH, Franz. The prophecies of Isaiah. Commentary on the Old Testament. Trad. James Martin. Grand Rapids: Eerdmans, 1973, 2:174-75.

[08] Delitzsch argumentou, nas primeiras duas edições do seu extenso

comentário sobre Isaías, que o Isaías dos capítulos 40–66 é o mesmo dos capítulos 1–39, mas, na sua quarta edição (na verdade, também em sua terceira edição), ele inverte isso e aceita a perspectiva dos dois Isaías (i.e.,um “segundo Isaías”). Compare Franz Delitzsch, “Isaiah”, v. 2 em KEIL, C. F.; DELIZTSCH, F. Commentary on the Old Testament. Grand Rapids: Eerdmans, 1973, p. 132–38, com DELITZSCH, Franz. Biblical commentary on the prophecies of Isaiah. 4ª ed. v. 2. Edimburgo: T&T Clark, 1892, p. 120-33. Veja também a discussão em LONGMAN, Tremper, III; DILLARD, Raymond B. An introduction to the Old Testament. 2ª ed. Grand Rapids: Zondervan, 2006, p. 303-11.

[09] Veja as importantes considerações históricas e composicionais discutidas em SEITZ, Christopher R. Zion’s final destiny: The development of the Book of Isaiah; a reassessment of Isaiah 36–39. Minneapolis: Fortress, 1991, p. 99-102.

[10] Veja especialmente a edição de KNIBB, M. A. “Martyrdom and ascension of Isaiah”. In: CHARLESWORTH, James H. (org.). The Old Testament Pseudepigrapha: expansions of the Old Testament and legends, wisdom and philosophical literature, prayers, psalms, and odes, fragments of lost Judeo-Hellenistic works. v. 2. Garden City, NY: Doubleday, 1985, p. 143, 156-64 (1.1–3.12; 5.1-16).

[11] Contra Blenkinsopp e outros, não estou convencido de que o “Servo” Sofredor individual em Isaías 40–48 seja Ciro e que mude dele para outra pessoa em Isaías 49–57; veja BLENKINSOPP. Isaiah 40–55, p. 77, etc., e HESKETT. Messianism within the Scriptural Scroll of Isaiah, p. 172-79. Ciro é mencionado como um ty~~v!m*, “Messias” do Senhor (“ungido”) em Isaías 45.1, mas nunca como o “Servo” do Senhor. Esse termo é reservado para fazer referência coletivamente a Israel naquele mesmo contexto: “Por amor do meu servo Jacó e de Israel, meu escolhido, eu te chamei pelo teu nome e te pus o sobrenome, ainda que não me conheces” (Is 45.4).

[12] Veja as úteis observações em OSWALT, John N. “Isaiah 52:13–53:12:

Servant of all”. In: Calvin Theological Journal 40. (2005): p. 86-87 e notas 3 e 4.

[13] A igreja tem sido uma instituição essencialmente profética desde seu início, no dia de Pentecostes, quando o Espírito profético foi derramado sobre todos que confiavam em Jesus. O apóstolo Pedro, de fato, fez extensas alusões a Isaías 53 e/ou citações dessa passagem e a aplicou aos escravos cristãos que eram estimulados a suportar o sofrimento injusto (1Pe 2.18-25). Veja a discussão mais detalhada sobre o assunto em AVERBECK, Richard E. “The Holy Spirit in the Hebrew Bible and its connections to the New Testament”. In: WALLACE, Daniel B.; SAWYER, M. James (orgs.). Who’s afraid of the Holy Spirit? An investigation into the ministry of the Spirit of God today. Dallas: Biblical Studies Press, 2005, p. 15-36.

[14] Aqui está uma lista de ocorrências de “meu servo” e suas variantes em Isaías 40–66: 41.8-9; 42.1,19 (duas vezes, “meu servo” uma vez e “servo do Senhor” uma vez); 43.10; 44.1,2,21 (duas vezes), 26 (“seu servo”); 45.4; 48.20 (“seu servo”); 49.3,5 (“seu servo”), 6-7 (“um servo”); 50.10 (“seu servo”); 52.13; 53.11 (“meu Servo, o Justo”); 54.17 (“os servos”); 56.6 (“seus servos”); 63.17 (“teus servos”); 65.8 (“meus servos” aqui e nos v. 9,13,14,15) (“seus servos”); 66.14 (“seus servos”).

[15] DUHN, Bernhard. Das Buch Jesaja. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1922, p. 19 e 311. Veja a útil explicação da tese de Duhm em BLENKINSOPP. Isaiah 40–55, p. 76-77. As delimitações dos Cânticos do Servo diferem, dependendo da interpretação específica que o pesquisador aceita sobre os cânticos em oposição a uma suposta adição editorial a eles; daí os versículos entre colchetes na lista apresentada – por exemplo, 42.1-4[-9]. Além disso, alguns têm defendido a existência de um quinto Cântico do Servo, em Isaías 61.1-3; veja CHISHOLM, Robert B., Jr. “The christological fulfillment of Isaiah’s Servant Songs”. In: BSac 163. 2006: p. 401-4 e a literatura citada ali.

Outros argumentam que isolar os Cânticos do Servo dos contextos deles seria, em primeiro lugar, um erro. Veja, p. ex., METTINGER, Tryggve N. D. A

farewell to the Servant Songs: A critical examination of an exegetical axiom. Lund: Liber/Gleerup, 1983 (Scripta minora Regiae Societatis humaniorum litterarum Lundensis 3); BARSTAD, Hans M. “The future of the ‘Servant Songs’: Some reflections on the relationship of biblical scholarship to its own tradition”. In: BALETINE, Samuel E.; BARTON, John (orgs.). Language, theology, and the Bible: Essays in honour of James Barr. Londres: Oxford University Press, 1994, p. 261-70.

[16] HÄGGLUND. Isaiah 53 in the light of homecoming after exile, p. 4, 26-27.

[17] Veja, p. ex., Shalom Paul como discutido in HESKETT, Messianism within the scriptural scroll of Isaiah, p. 143.

[18] A discussão a seguir apoia-se grandemente em HESKETT, Messianism within the scriptural scroll of Isaiah, p. 134-224, por causa de seu resumo e sua avaliação muito úteis dessas interpretações individuais.

[19] WALTON, John. “The imagery of the substitute king ritual in Isaiah’s fourth Servant Song”. In: JBL 122, 2003, p. 734-43.

[20] Veja, p. ex., BLENKINSOPP. Isaiah 40–55, p. 77 e as observações na n. 11, acima.

[21] Veja, recentemente, p. ex.,a excelente discussão sobre Isaías 53 desse ponto de vista em CHISHOLM. “Christological fulfillment of Isaiah’s Servant Songs”, p. 387-404.

[22] Para uma apresentação completa e bem articulada da interpretação de que a figura do servo em Isaías 40–66 é o esperado “profeta como Moisés” (Dt 18.15, 18; 34.10; cf. Jo 1.21, 25; At 3.22), veja HUGENBERGER, Gordon P. “The Servant of the Lord in the ‘Servant Songs’ of Isaiah: A second Moses figure”. In: SATTERTHWAITE, Philip E.; HESS, Richard S.; e WENHAM, Gordon J. (orgs.). The Lord’s anointed: Interpretation of Old Testament messianic texts. Grand Rapids: Baker Books, 1995, p. 105-39. Veja também a discussão útil em CLEMENTS, R. E. “Isaiah 53 and the restoration of Israel”. In: Jesus and the Suffering Servant, p. 39-54. Com variações substanciais, alguns dos argumentos nesses artigos contribuem para o propósito que apresento abaixo.

[23] Veja a discussão muito útil desse problema em GROVES, J. Alan. “Atonement in Isaiah 53”. In: HILL, Charles E.; JAMES, Frank A., III (org.). The glory of the atonement. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2004, p. 61-89.

[24] A NRSV ([e a ARA – N. do T.] traz na segunda linha: “Quando der ele a sua alma como oferta pelo pecado” (cf. também do mesmo modo a ESV). BLENKINSOPP. Isaiah 40–55, 354 escreve que essa linha “é o desespero do exegeta”. Há dois grandes problemas na leitura e na tradução dessa linha. Primeiro, o verbo (“faça/faz”) como está no MT pode ser segunda pessoa do masculino (veja a leitura marginal NIV acima e a NRSV) ou, como prefiro, terceira pessoa do feminino, tomando “sua vida” como o sujeito (vp#n#, “alma/vida”, é feminino), traduzindo a linha como “se/quando embora sua vida/alma faça uma <v*a*”. Veja mais sobre essa tradução mais adiante neste ensaio.

Segundo, há muita discussão sobre o significado de <v*a*”. como é usado aqui. Teoricamente, o termo pode se referir simplesmente ao objetivo judicial “culpa” (i.e.,o fato de que uma pessoa é considerada culpada no tribunal), à “culpa’ que alguém sente, ao pagamento feito pela culpa ou, como defenderei aqui, ao termo sacrificial específico geralmente traduzido como “oferta [reparação] pela culpa”.

Na minha opinião, a tradução da NRSV, “uma oferta pelo pecado”, é generalizada demais. A discussão que se segue no texto focará especialmente o significado e a importância desse termo e suas implicações para a interpretação de Isaías 53 como um todo.

Sou especialmente grato pela útil interação e pelas sugestões úteis oferecidas para esta seção do ensaio por meu colega do departamento de Antigo Testamento no Trinity Evangelical Divinity School, professor K. Lawson Younger.

[25] JANOWSKI, Bernd. “He bore our sins: Isaiah 53 and the drama of taking another’s place”. In: Suffering Servant, p. 65.

[26] Ibid.,p. 65.

[27] Ibid., p. 68-69. Veja também os úteis resumos e explicações da interpretação de Janowski por BAILEY, Daniel P. “Concepts of Stellvertretung in the interpretation of Isaiah 53”. In: Jesus and the Suffering Servant, p. 245-50, e cf. também a discussão em HENNING-HESS, Von Heike. “Bermerkingen zum ASCHAM-Begriff in Jes 53,10”. In: ZAW109, 1997, p. 618-26; GRÄTZ, Sebastian. “Die unglaubliche Botschaft: Erwägungen zum Vierten Lied des Gottesknechts in Jes 52,13–53:12”. In: Scandinavian Journal of the Old Testament 18: (2004), 202.

Não há espaço suficiente aqui para discutir os méritos da aplicação de O. Hofius da interpretação de H. Gese da expiação no Antigo Testamento a Isaías 53; veja bibliografia, resumo e explicação de BAILEY. “Concepts of Stellvertretung”, p. 236-45.

[28] Do mesmo modo, em Gênesis 26, Abimeleque se preocupou que Isaque, ao apresentar Rebeca como sua irmã, e não como sua esposa, pudesse ter feito com que os filisteus fossem culpados de usurpar sua esposa. Nessa passagem, <v*a* significa “culpa”, não “oferta pela culpa” (v. 10). Ao contrário do que

acontece em 1 Samuel 6, o tema de fazer uma “oferta pela culpa” nunca aparece em Gênesis 26.

[29] Veja, p. ex.,as observações in BLENKINSOPP. Isaiah 40–55, p. 354-55.

[30] Veja uma discussão completa sobre o assunto in MILGROM, Jacob. Leviticus 1–16. AB, Nova York: Doubleday, 1991, p. 319-78. Há muito que pode e deve ser dito sobre a natureza e a prática da oferta pela culpa aqui. Uma discussão completa deve esperar por outra ocasião, mas, para um resumo dos problemas de interpretação, veja a discussão relativamente detalhada em Richard E. Averbeck, “guilt offering (<v*A*)”, In: VANGEMEREN, Willem A. (org.) New International Dictionary of Old Testament Theology and Exegesis, Grand Rapids: Zondervan, 1997, p. 1.557-66 e a literatura citada ali, como também a discussão abaixo.

[31] Distinguir entre o impuro versus o puro é o segundo princípio, mas este está associado primariamente à “oferta pelo pecado/purificação” (taF*h^). Sobre a oferta pelo pecado, veja especialmente as regulamentações básicas em Levítico 4 e sua importância para os procedimentos rituais no dia da Expiação (Lv 16) para a purificação anual do tabernáculo.

[32] Para uma discussão completa desse e de outros elementos do sistema sacrificial israelita, veja AVERBECK, Richard E. Priest, people, and ritual: a priestly theology of the Old Testament (no prelo).

[33] Veja a extensa discussão sobre as “coisas sagradas” mencionadas aqui in Milgrom, Leviticus 1–16, p. 320-26.

[34] A referência correspondente à oferta pela culpa não é certa em Levítico 22, embora a NRSV traduza hm*v=a^ (forma feminina de <v*a*) nos versículos 15-16 como tal: “Ninguém profanará as doações sagradas do povo de Israel, que eles oferecem ao Senhor, fazendo-os receber a culpa que requer uma oferta pela culpa, ao comer de suas doações sagradas; pois eu sou o Senhor; eu as santifico”. Alternativamente, o versículo16a pode significar simplesmente “trazer sobre eles a culpa que requer pagamento” (i.e.,referindo-se à restituição mais um quinto mencionados anteriormente). Veja a útil discussão em MILGROM, Jacob. Leviticus 17–22. AB, Nova York: Doubleday, 2000, p. 1869-70.

[35] A segunda unidade de regulamentações da oferta pela culpa é especialmente complicada e representa um caso especial que não diz respeito à presente discussão (Lv 5.17-19). Tratarei disso em detalhes em AVERBECK, Priest, people, and ritual (no prelo).

[36] Veja MILGROM. Leviticus 1–16, p. 365-73, seguido por KNOHL, Israel. The sanctuary of silence: The priestly Torah and holiness school. Minneapolis: Fortress, 1995, p. 139-40 e muitos outros.

[37] KNOHL. The sanctuary of silence, p. 86-87, 175-79. Knohl aceita a interpretação de Milgrom de que a oferta pela culpa é necessária em Levítico 6.1-7 [5.20-26] por causa do falso juramento. Ele simplesmente argumenta que a passagem de Levítico 6[5] pertence à teologia sacerdotal, enquanto a passagem paralela de Números 5 pertence à posterior escola de santidade e sustenta uma posição distinta sobre o assunto, diferente da teologia sacerdotal.

[38] MILGROM. Leviticus 17–22, p. 1335-37.

[39] DAVIES, John A. A royal priesthood: Literary and intertextual perspectives on an image of Israel in Exodus 19:6. Londres: T&T Clark, 2004, p.

119-24. Estudiosos anteriores defenderam essa interpretação, embora nenhum tenha feito isso tão completamente quanto Davies. Veja, p. ex., NICHOLSON, Ernest W. God and his people: Covenant and theology in the Old Testament. Oxford: Clarendon Press, 1986, p. 172-74 e a literature citada ali.

[40] Para a tradução “enfermidade de pele”, em vez de “lepra/leproso”, compare as extensas discussões em MILGROM. Leviticus 1–16, p. 775-76, 816-20; HAETLEY, John E. Leviticus, WBC 4. Dallas: Word Books, 1992, p. 187-89; HARRISON, R. K. Leviticus: An introduction and commentary. TOTC. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1980, p. 136-39. Não é certo se a atual “lepra” (i.e., “hanseníase”) está incluída nessa designação, mas ela claramente se refere a um espectro muito mais amplo de enfermidades de pele que se manifestam de modo severo.

[41] É importante observar aqui que o verbo usado para fazer a oferta pela culpa em Isaías 53.10 não é a palavra regular para “oferecer” ou “apresentar” uma oferta, seja uma oferta pela culpa ou qualquer outra. Simplesmente é o verbo comum usado para “colocar”. Alan Groves faz uma observação especial sobre a mistura de expressões cúlticas técnicas com terminologia não técnica. Ele argumenta que, como Isaías 53 está adaptando a ideia de expiação à situação exclusiva do Servo Sofredor, ele está fora das regulamentações gerais cúlticas sacerdotais. Veja Groves, “Atonement in Isaiah 53”.

[42] Tanto estudiosos antigos quanto modernos observaram que a terminologia e as descrições do Servo Sofredor de Isaías 53 são reminiscentes da lepra em alguns lugares (i.e.,a pessoa com enfermidade de pele). O Talmude Babilônico (rabino doutor EPSTEIN, I. The Babylonian Talmud. Londres: Soncino, 1935), por exemplo, expressa esse ponto de vista da seguinte maneira: O rabino Joshua ben Levi encontrou Elias “na entrada” do túmulo do rabino Simeon ben Yohai e lhe perguntou: “Quando o Messias virá?” Elias respondeu: “Vá e pergunte você mesmo a ele”. O rabino, então, perguntou: “Onde ele está sentado?” A resposta de Elias foi: “Na entrada [do túmulo do rabino Simeon ben Yohai]”. Então ele perguntou a Elias: “E por qual sinal posso reconhecê-lo?” Elias respondeu: “Ele

está sentado entre os leprosos pobres: todos eles se desatam ao mesmo tempo e se reatam juntos, enquanto ele desata e reata cada um separadamente [antes de tratar do próximo], pensando: se eu fosse esperado [se fosse o momento de meu aparecimento como Messias], eu não me atrasaria [por ter que atar várias chagas]" (b. Sanh. 98b). Outra passagem sobre o nome do Messias também diz: "Os rabinos disseram: seu nome é 'o sábio leproso', como está escrito: Certamente, ele tomou sobre si as nossas enfermidades e as nossas dores levou sobre si; e nós o reputávamos por aflito, ferido de Deus e oprimido" (ibid. citando Is. 53.4).

DUHM, Bernhard. Das Buch Jesaia: übersetzt und erklärt. 4 ed. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1922, p. 396-401 argumentou que o Servo era um mestre da lei desconhecido que contraiu lepra/enfermidade de pele em seus últimos anos e finalmente morreu por isso, baseado, por exemplo, na interpretação de Isaías 53.5 ("ele foi traspassado pelas nossas transgressões e moído pelas nossas iniquidades") como discurso figurado sobre os efeitos da lepra, e observando a estreita associação de "ferido" (ug~~n#) em Isaías 53.8 com a lepra. Outros argumentaram de modo semelhante, p. ex., K. F. Bardt (1783), J. C. W. Augusti (1797–1800), Theodore Robinson, Sigmund Mowinckel (1944) e H. S. Nyberg; veja o resumo em NORTH. Suffering Servant, p. 14, 40-41, 48, 125, 149, 199-200, 220, 225. Mais recentemente, alguns estudiosos mencionaram essa interpretação da enfermidade de pele como uma possibilidade distinta que não é provável; veja, p. ex., BLENKINSOPP, Isaiah 40–55, p. 352, 354.

[43] Veja a discussão in KOOLE, Jan L. Isaiah III, v. 2: Isaiah 49–55, Historical Commentary on the Old Testament. Trad. Anthony P. Runia. Leuven: Peeters, 1998, p. 317, 319-20.

[44] Veja também, p. ex., ibid., p. 317, 323–24: "quando sua alma fizer uma oferta pelo pecado" (contra HESKETT, Messianism within the scriptural scroll of Isaiah, p. 202, que acha que "sua vida/alma" está muito distante do verbo para servir como sujeito").

[45] O TM traz apenas “ele verá”, mas a LXX e o rolo de Isaías de Qumran acrescentam “luz”. A expressão “da vida”, da NIV, não está lá. Parece ser um acréscimo interpretativo.

[46] Veja o tratamento mais extenso de Isaías 53.11-12 em GROVES. “Atonement in Isaiah 53”.

[47] Veja as questões interpretativas e propostas revistas em KOOLE. Isaiah III, p. 324-26; HESKETT. Messianism within the Scriptural Scroll of Isaiah, p. 202-3.

[48] RAHLFS, Alfred (org.). Septuaginta. v. 2. Stuttgart: Wuerttembergische Bibelanstalt, 1935, p. 638.

[49] Veja, p. ex., BLENKINSOPP. Isaiah 40–55, p. 347 nota f.

[50] BLENKINSOPP. Isaiah 40–55, p. 346–47 nota f. Ele traduz a linha da seguinte forma: “então ele surpreenderá muitas nações”, seguindo a LXX. Ele também acrescenta: “E, de qualquer forma, a construção está errada porque a preposição ‘^l seria necessária”. Deve-se reconhecer, todavia, que a linguagem em Isaías 53 não é tão precisa como seria nas regulamentações sacerdotais por causa da singularidade e da natureza metafórica da aplicação daquelas regulamentações a essa situação (veja a nota cima, citando a obra de Alan Groves). Em Isaías 52.15a, não há material indicado com o qual o Servo deva “aspergir” as “muitas nações”, por isso, acrescentar a preposição não faria sentido aqui.

[51] Veja, p. ex., as discussões úteis in CERESKO, Anthony R. “The rhetorical

strategy of the fourth Servant Song (Isaiah 52.13–53.12): Poetry and the Exodus–New Exodus". In: CBQ 56, (1994): p. 50-54; OSWALT. "Isaiah 52.13–53.12", p. 90-94. Bergey interpreta Isaías 53.10-11b como a quarta sub-unidade em 53.1-11b, não como parte da unidade final, que combina combina com 52.13-15. Por um lado, ele está correto ao dizer que 53.10-11b não está na primeira pessoa, referindo-se ao Senhor, como 53.11c-12, mas, por outro lado, nos versículos 10-11b há uma mudança e o sujeito principal passa a ser o Senhor, embora na terceira pessoa. Isso me sugere que os versículos 10-11b são transicionais dos versículos 1-9 para os versículos 11c-12 e, provavelmente, devem ser considerados parte da última unidade, em BERGEY, Ronald. "The rhetorical role of reiteration in the Suffering Servant poem". In: JETS 40, 1997: p. 177-79 Considere, também, a análise estrutural mais complexa em BARRÈ, Michael L. "Textual and rhetorical-critical observations on the last Servant Song (Isaiah 52:13–53:12)". In: CBQ 62, 2000:p. 1-3.

[52] Isaías 53.6b é a única exceção, onde "seu" é uma referência a "nós" "cada um [de nós] se desviava pelo [seu] caminho".

[53] As questões da crítica textual aqui são especialmente importantes para o significado da passagem. As propostas feitas aqui, como foi observado, são baseadas em evidência textual, não em pura conjectura. Todos os outros pronomes em Isaías 53.8 estão na terceira pessoa, não na primeira. Talvez o TM "meu povo" tenha surgido por uma confusão com "meu [i.e.,de Deus] Servo" (Is 52.13; 53.11), etc., já que o povo de Israel é, certamente, o povo de Deus. Mesmo que o "meu" de "meu povo" esteja correto em 53.8, ele estaria se referindo ao profeta, que é o autor do capítulo.

Isaías 52.14a ("Como pasmaram muitos à vista dele") é uma declaração comparativa. Ela compara a terrível situação e a terrível condição do povo de Israel no exílio babilônico (cf. também, p. ex., Is 52.1-6) com a aparência severamente desfigurada do Servo Sofredor na linha seguinte. Em certo sentido, o profeta e seu povo passaram por tempos difíceis. Talvez essa estreita identidade entre o profeta servo e o povo servo de Israel esteja por trás de Isaías 49.3: "Ele me [i.e.,o profeta] disse: Tu és o meu servo, és Israel, em quem hei de ser glorificado". Parece que a razão para o servo profético do Senhor ser tão

identificado com Israel nessa passagem é porque ele cumpre os propósitos que Israel teria cumprido como servo do Senhor se tivesse sido fiel. Mas agora Israel precisava dos serviços de um servo profético do Senhor para ser restaurado como Servo do Senhor.

[54] Veja a útil articulação da singularidade de Isaías 53 em SPIECKERMANN, Hermann. “The conception and prehistory of the idea of vicarious suffering in the Old Testament”. In: JANOWSKI, Bernd; STULMACHER, Peter (orgs.). The Suffering Servant: Isaiah 53 in Jewish and Christian sources. Trad. Daniel P. Bailey. Grand Rapids: Eerdmans, 2004, p. 1-15.

Capítulo 2

[01] Keil and Delitzsch commentary on the Old Testament. New Updated Edition: Electronic Database, Hendrickson Publishers, 1996, de Isaías 52.13.

[02] Veja, p. ex., www.jewsforjudaism.org/index.php?option= com_content&task =view&id=137&Itemid=211. Todas essas objeções são extraídas da monografia de Gerald Sigal; veja n. 3, imediatamente abaixo.

[03] SIGAL, Gerald. Isaiah 53: Who is the Servant?. n.p.: Xlibris, 2007. Para outros ataques contra-missionários, veja www.messiahtruth.com/haftorah.html (que trata do motivo perlo qual Is 53 não está incluído no ciclo annual de leituras na sinagoga); www.messiahtruth.com/targum.html (que trata do Targum de Is 53); www.messiahtruth.com/targum.html (que trata de Is 53 no Zohar).

[04] Cf. a discussão in LEVEY, Samson H. The Messiah: An Aramaic

interpretation. Cincinnati: Hebrew Union College-Jewish Institute of Religion, 1974; veja também CHURGIN, Pinkhos. Targum Jonathan to the prophets. Reimpresso com SMOLAR, Leivy e ABERBACH, Moses. Studies in Targum Jonathan to the prophets. Nova York: Ktav, 1983; mais recentemente, veja CHILTON, Bruce D. The Aramaic Bible: The Isaiah Targum: introduction, translation, apparatus and notes. Collegeville, MN: Michael Glazier, 1999. Para o texto em aramaico e inglês, veja DRIVER, S. R.; NEUBAUER, Ad. (org. e trads.). The fifty-third chapter of Isaiah according to the Jewish interpreters. Nova York: Ktav, 1969, 1:4–5; 2:5–6 (daqui por diante citado como DRIVER-NEUBAUER).

[05] DRIVER-NEUBAUER, 1:6; 2:7.

[06] Ibid., 1:7; 2:9. Os comentários de Alschech parecem se aplicar em particular a Isaías 52.13-15.

[07] Ibid., 1:9; 2:11.

[08] Esse é o midrash do Salmo 2.6, que trata da palavra hebraica T!ys@n*, interpretada aqui como significando “eu o teci”, com referência a Juízes 16.14: “i.e.,eu o tirei do castigo. R. Huna, sobre a autoridade de R. Aha, diz: ‘Os castigos são divididos em três partes: uma por Davi e os patriarcas, uma por nossa própria geração e uma pelo Rei Messias; por isso é que está escrito: ‘Ele foi ferido pelas nossas transgressões, etc.’”. Veja DRIVER-NEUBAUER, 1:7-8; 2:9-10.

[09] Veja PYLE, Douglas. What the Rabbonim say about Moshiach. n.p.: Douglas H. Pyle, 2008, p. 57-58, citando HALKIN, Abraham, S. Moses Maimonides’ epistle to Yemen. Editado com base em MSS. Tradução para o inglês de Boaz Cohen, Nova York: American Academy for Jewish Research,

1952, p. 8. Para a edição online gratuita da útil compilação de Pyle, veja www.moshiachontheweb.com.

[10] Veja DRIVER-NEUBAUER, 1:75-82; 2:78-85.

[11] Ibid., 1:231-42; 2:258-74.

[12] Ibid., 1:10-16; 2:12-16.

[13] Há, também, algumas interpretações corporativas de expressões de Isaías 53 no midrashim (veja Pirke de rabino Eliezer), com referência primária aos justos em Israel (minha apreciação ao rabino Yisroel C. Blumenthal por me indicar isso). Todavia, não há interpretação sistemática de Isaías 53 – seja com um objeto corporativo ou individual – até o tempo de Rashi, já que os comentários sistemáticos sobre os livros bíblicos começaram com ele.

[14] DRIVER-NEUBAUER, 1:37-39; 43-47; 48-54; 2:37-39; 43-48; 49-56, respectivamente.

[15] Contra Celsum, 1.55. A resposta de Orígenes foi: “Muitos argumentos foram empregados nessa ocasião durante a discussão para provar que essas predições a respeito de uma pessoa em particular não eram corretamente aplicadas por eles a uma nação inteira. Então perguntei a quem seria apropriada a seguinte expressão: “Este homem suporta os nossos pecados e sofre dor por nossa causa”; e esta: “Ele foi ferido pelos nossos pecados e pisado pelas nossas iniquidades”; e a quem pertencia apropriadamente a expressão “por seus açoites fomos curados”. Pois é manifesto que são aqueles que tinham sido pecadores e tinham sido curados pelos sofrimentos do Salvador (quer pertença à nação

judaica ou sejam convertidos dentre os gentios), que usam essa linguagem nos escritos dos profetas, que predizem esses acontecimentos e que, sob a influência do Espírito Santo, aplicam essas palavras a uma pessoa. Mas parece que os apertamos muito com a frase “Por causa das iniquidades do meu povo ele foi levado à morte”. Pois se o povo, de acordo com eles, é o sujeito da profecia, como se pode dizer que um homem foi levado à morte por causa das iniquidades do povo de Deus, se ele não for uma pessoa diferente do povo de Deus? E quem é essa pessoa, senão Jesus Cristo, por cujos açoites aqueles que creem nele são curados, quando ele despojou os principados e potestades (que estavam sobre nós) e os expôs publicamente na cruz?” As datas sugeridas para essa interação com esses interlocutors judeus são 215-17 ou 230-31; veja MARSKSCHIES, Christoph. “Jesus Christ as a man before God: Two interpretive models for Isaiah 53 in the patristic literature and their development”. In: JANOWSKI, Bernd; STULMACHER, Peter (orgs.). The Suffering Servant: Isaiah 53 in Jewish and Christian sources. Trad. Daniel P. Bailey, Grand Rapids: Eerdmans, 2004, p. 225-323, esp. p. 284-92.

[16] Para o argumento de que o comentário de Rashi sobre Isaías deve ser visto contra o pano de fundo das Cruzadas, veja REMBAUM, Joel E. “The development of a Jewish exegetical tradition regarding Isaiah 53”. In: HTR 75, 1982: p. 289-311. Ele afirma que “a Primeira Cruzada simboliza uma confluência de duas tendências inportantes e inter-relacionadas na Europa Ocidental: primeiro, um forte zelo religioso que atingia judeus e cristãos do mesmo modo; e, segundo, uma expressão de intolerância beligerante contra os não crentes que também se manifestou nos adeptos das duas fés”. Isso, de acordo com Rembaum, é uma das razões “pelas quais o tratamento coletivo-nacional de Isaías adquiriu popularidade entre os judeus da Europa medieval”. Ibid., 293.

[17] DRIVER-NEUBAUER, 2:49; cf. 1:48.

[18] DRIVER-NEUBAUER, 2:43-44; cf. 1:43.

[19] Ibid., 2:55-56; cf. 1:54.

[20] Para reflexões recentes, veja BAUCKHAM, Richard. Jesus and the God of Israel: God crucified and other studies on the New Testament's Christology of divine identity. Grand Rapids: Eerdmans, 2008; BOWMAN, Robert M., Jr.; KOMOSZEWSKI, J. Ed. Putting Jesus in his place: The case for the deity of Christ. Grand Rapids: Kregel, 2007; HURTADO, Larry. Lord Jesus Christ: Devotion to Jesus in earliest Christianity. Grand Rapids: Eerdmans, 2005; para uma perspectiva muito diferente, veja, p. ex.,RUBENSTEIN, Richard E. When Jesus became God: The struggle to define Christianity during the last days of Rome. Nova York: Harvest Books, 2000; para um relevante contexto veterotestamentário e judaico antigo, veja COLLINS, Adela Yarbro; COLLINS, John J. King and Messiah as Son of God: Divine, human, and angelic messianic figures in biblical and related literature. Grand Rapids: Eerdmans, 2008; é interessante observar que Collins e Collins são mais habilidosos em ver figuras messiânicas na linguagem do Antigo Testamento do que na do Novo.

[21] Ao citar Rashi, usei a tradução amplamente aceita do rabino A. J. Rosenberg, publicada em múltiplos volumes pela Judaica Press. Ao citar Radak, segui a tradução de Driver em Driver-Neubauer, mas sempre consultando o original; ao citar Ibn Ezra, primariamente segui Driver, mas, novamente, com atenção constante ao original; o mesmo prcedimento foi adotado com referência à tradução anotada de FRIEDLÄNDER, M. The commentary of Ibn Ezra on Isaiah. Nova York: Philip Feldheim, 1964. Observe que a ênfase nos originais de Rashi, Radak e Ibn Ezra indica citação da Escritura.

[22] Mais recentemente, o significado "aspergir" foi defendido por GOLDINGAY, John; PAYNE, David. A critical and exegetical commentary on Isaiah 40–55. V. 2. ICC, Londres; Nova York: T&T Clark, 2006, p. 294-95, que traduzem: "assim ele borrifará muitas nações", observando que as versões gregas de Áquila e Teodósio traduzem r(awti/sei, "aspergir", enquanto a Vulgata tem asperget (novamente, "aspergir") e a Peshita, mdk' ("purificar"). Os autores concluem que "essas traduções sugerem que as versões foram capazes de

mostrar que esse é um uso distinto do verbo, sem a preposição usual".

[23] Para uma rara exceção cristã a essa regra, veja MACRAE, Alan A. The Gospel of Isaiah. Chicago: Moody, 1977, que lê Isaías 53 em termos estritamente cristológicos, mas vê as nações, não Israel, como falando no início de Isaías 53.1.

[24] Para reflexões sobre essa questão filosófica, cf. BROWN, Michael L. "Lamentations, theology of". In: NIDOTTE, 4:884-93.

[25] É interessante observar que os comentários finais de Ibn Ezra sobre wm)l* têm sido interpretados ou como para as nações (cf. DRIVER-NEUBAUER; SCHREINER, Stephan. "Isaiah 53 in the Sefer Hizzuk Emunah ["Faith strengthened"] of Rabbi Isaac ben Abraham of Troki". In: JANOWSKI e STULMACHER. Suffering Servant. 455 [o capítulo vai de p. 418-61]; ele interpreta Ibn Ezra como se referindo "às várias nações") ou para os israelitas (cf. FRIEDLÄNDER. Commentary of Ibn Ezra on Isaiah). Embora o significado geral seja o mesmo em termos daquele que sofre por quem, a diferença nas duas interpretações das palavras de Ibn Ezra tem a ver com se wm)l* aponta para um Servo plural, algo que não fica explícito em Ibn Ezra. Alternativamente, a diferença entre as interpretações pode ser traçada a uma leitura de <k#l* "por/para vocês", em vez de wm)l*, em alguns manuscritos.

[26] Literalmente, "o edifício construído sobre um túmulo"; veja também BARRICK, W. Boyd. "The rich man from Arimathea (Matt. 27:57–60) and 1QIsaa". In: JBL 96, 1977: p. 235-39; BARRICK, W. Boyd Barrick. BMH as body language: A lexical and iconographical study of the word BMH when not a reference to cultic phenomena in Biblical and post-biblical Hebrew. Edimburgo: T&T Clark International, 2008.

[27] A maior parte do material nos parágrafos seguintes, que tratam da resposta às objeções tradicionais judaicas a Isaías 53, foi extraída de BROWN, Michael L. Answering Jewish objections to Jesus V. 3; Messianic prophecy. Grand Rapids: Baker Books, 2003. Meus agradecimentos à Baker Books pela permissão para usar esse material.

[28] 1QIsaª traz [nwG‘ lmw] wml ugwn, interpretado por Mitchell Dahood como uma forma passiva (um passivo Qal, para ser exato), consequentemente, “golpeado a favor deles (veja seu capítulo “Phoenician elements in Isaiah 52:13–53:12”, In: GOEDICKE, Hans (org.). Near Eastern studies in honor of William Foxwell Albright. Baltimore: Johns Hopkins, 1971, p. 69-70). Essa leitura remove completamente a própria base dessa parte da objeção do “Servo plural”. Observe, todavia, que o sentido passivo não é assegurado, segundo KUTSCHER, Edward Yechezkel. The language and linguistic background of the Dead Sea Isaiah scroll. Heb.; Jerusalém: Magnes, 1959; trad. para o inglês Elisha Qimron; Leiden: Brill, 1979. Kutscher explica a forma anômala como uma variação fonética comumente encontrada nos manuscritos de Qumran.

[29] Veja BROWN. Answering Jewish objections to Jesus, 3:66-67. Observe também que a LXX traz no singular (anti. tou/ qana,tou auvtou/, “em lugar de sua morte”) e 1QIsaa traz [BwmTw] wtmwb, ou “em sua morte” (se admitirmos uma metatese de [w] w e [m] m) ou “seu túmulo” (cf. acima, n. 26, para a relevante discussão filológica e exegética de W. Boyd Barrick), traduzido como “sua tumba” em ABEGG, Martin, Jr.; FLINT, Peter; e ULRICH, Eugene (trads). The Dead Sea Scrolls Bible: the oldest known Bible translated for the tirst time into English. San Francisco: HarperSanFrancisco, 1999, p. 360. Veja também SAPP, David A. “The LXX, 1QIsa, and MT versions of Isaiah 53 and the Christian doctrine of atonement”. In: BELLINGER, William H.; FARMER, William R. (orgs.). Jesus and the Suffering Servant: Isaiah 53 and Christian origins. Harrisburg, PA: Trinity Press International, 1998, p. 170-92, especificamente 178 e 190 (observe que o texto hebraico na n. 10 da p. 178 está sem o [w~w] w em [BwmTw] wtmwb, portanto, erradamente [BmTw] wtmb).

[30] FRIEDLÄNDER. Commentary of Ibn Ezra on Isaiah. p. 170-171, com n. 40; p. 246-47, com n. 19-20.

[31] DRIVER-NEUBAUER, 1:20-32; 2:19-31.

[32] Veja BROWN. Answering Jewish objections to Jesus, 3:41-42.

[33] Veja ibid., 63, em que ressalto que os oráculos de Balaão não podem ser usados como paralelos aos reis gentios alegadamente sendo os que falam em Isaías 53.1s., “pois (1) Isaías 53 é apresentado como uma reflexão cuidadosa, enquanto as profecias de Balaão são declarações divinamente inspiradas contrárias aos seus próprios desejos; (2) os oráculos de Balaão não apresentam profundas verdades redentoras, como a teologia do sofrimento vicário esboçada em Isaías 53, mas mensagens referentes ao fato de Deus ter escolhido Israel dentre as nações”.

[34] Em Isaías, “meu povo” sempre se refere a Israel como povo de Deus ou como povo do profeta.

[35] Veja BROWN. Answering Jewish objections to Jesus, 3:62-65. Comumente é argumentado, nos círculos judaicos tradicionais e contramissionários, que a palavra Wnt@u*m%v= [sh#m%’^t#n%], “nosso relato, o que ouvimos”, em Isaías 53.1, está ligado a Wum=v* [sh^m’%], “eles ouviram”, como se os reis gentios que tinham ouvido sobre o Servo do Senhor (significando Israel) agora compartilhassem com o mundo o que tinham ouvido. Mas dificilmente isso é convincente. Pode ser mais facilmente argumentado que o relato de 53.1 é o que eles ouviram sobre o Servo do Senhor em 52.12, não o que eles compartilharam. Contextualmente, tanto no contexto imediato quanto no contexto bíblico mais amplo, é a interpretação do sofrimento vicário que faz muito mais sentido.

[36] DRIVER-NEUBAUER, 1:163; 2:178.

[37] Ibid., 1:162; 2:177.

[38] Ibid., 2:76; cf. 1:73.

[39] Cf. HÄGGLUND, Fredrick. Isaiah 53 in the light of homecoming after exile. FAT 2.31, Tübingen: Mohr Siebeck, 2008, que entende que o Servo do Senhor aqui são os exilados que sofreram vicariamente em favor dos que "ficaram em casa", dos que não foram exilados. Nem mesmo essa leitura crítico-histórica do texto nega a presença da expiação vicária em Isaías 53. Com relação à leitura de R. N. Whybray em termos não vicários, em Thanksgiving for a liberated prophet. JSOTSup 4, Sheffield: JSOT Press, 1978, p. 29-76, comentei anteriormente que "posso apenas observar que a tentativa de R. N. Whybray de ler Isaías 53 sem qualquer referência ao sofrimento vicário parece eliminar a força cumulativa dos versículos e frases que ele disseca... acho inescapável a simples conclusão de que 'quando ele [i.e.,o sujeito de Is 52.13–53.12] foi açoitado, nós fomos curados'", citando ALEXANDER, J. A. The Prophecies of Isaiah. Grand Rapids: Zondervan, 1974, 1/2:296; veja BROWN, Michael L. Israel's divine healer. Grand Rapids: Zondervan, 1995, p. 393 n. 121 (Studies in Old Testament biblical theology).

[40] REMBAUM. "Development of a Jewish exegetical tradition", p. 289.

[41] SPIECKERMANN, Hermann. "The conception and prehistory of the idea of vicarious suffering in the Old Testament". In: JANOWSKI e STULMACHER. Suffering Servant, p. 5-7 (o capítulo são as pags. 1-15).

[42] JANOWSKI, Bernd. “He bore our sins: Isaiah 53 and the drama of taking another’s place”. In: JANOWSKI e STULMACHER. Suffering Servant, 71 (o capítulo vai das págs. 48-74).

[43] DRIVER-NEUBAUER, 2:72-73; cf. 1:69-70.

[44] Citado em SCHREINER. “Isaiah 53 in the Sefer Hizzuk Emunah”. In: JANOWSKI e STULMACHER, Suffering Servant, p. 446.

[45] Citado em DRIVER-NEUBAUER, 2:15; o Zohar afirma que isso explica um versículo de Eclesiastes: (7.15): “Tudo isto vi nos dias da minha vaidade: há justo que perece na sua justiça, e há perverso que prolonga os seus dias na sua perversidade”. Cf. também b. Shab. 33b: “Os justos são tomados pela iniquidade da geração.”

[46] DRIVER-NEBAUER, 1:394-95 (o valor numérico para a oferta pela culpa é 341, que é igual ao valor numérico de Menahem, filho de Ammiel); no original, a ênfase indica citações da Escritura. O midrash conclui com outra citação de Isaías 53: “E o que está escrito depois disso? Ele verá a sua posteridade e prolongará os seus dias; e a vontade do Senhor prosperará nas suas mãos”.

[47] WEIN, Berel. The triumph of survival: The story of the Jews in the Modern Era 1650–1990. Brooklyn, NY: Shaar, 1990, p. 14.

[48] SCHLINK, M. Basilea. Israel, my chosen people: A German confession

before God and the Jews. Trad. ing. Old Tappan, NJ: Chosen, 1987, p. 33-34.

[49] Veja PATAI, Raphael. The Messiah texts. Detroit: Wayne State University Press, 1979, p. 116.

[50] Para uma discussão mais extensa do conceito rabínico de que “a morte do justo expia”, com aplicação específicva, veja BROWN, Michael L. Answering Jewish objections to Jesus. v. 2: Theological objections. Grand Rapids: Baker Books, 2000, sec. 3.15.

Capítulo 3

[01] Os números entre colchetes dão os limites mais extensos que alguns intérpretes dizem que esses cânticos alcançam no texto.

[02] DUHM, Bernhard. Das Buch Jesaia: übersetz und erklärt. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1892.

[03] “Rashi” é o rabino Shlomo ben Isaac (1040-1105), nascido em Troyes, França.

[04] Em Isaías 53.9, a frase “Designaram-lhe a sepultura… com o rico esteve na sua morte” é alegadamente plural (wyt*m)B=). No entanto, essa mesma suposta forma plural é usada em Ezequiel 28.10 para designar a ideia singular, como argumentado em BARON, David. Rays of Messiah’s glory: Christ in the Old Testament. 1886 reimpr., Grand Rapids: Zondervan, 1955(?), p. 249, n. 1.

De qualquer modo, o pronome da terceira pessoa do singular “sua”, argumenta Baron, deve decidir a questão.

[05] BARON, David. The Servant of Jehovah: the sufferings of the Messiah and the glory that should follow. 1922; reimpr. Grand Rapids: Zondervan, 1954, p. 109, n. 2 comenta: “Muita controvérsia tem se concentrado em torno da última linha desse versículo [Is 53.8]. É argumentado pelos apologetas judeus que l^m” [wm)l*]… tem um sufixo plural e deve ser traduzido como “sobre eles”, e isso é acrescentado por alguns como prova de que o profeta, nesse capítulo, fala de um sujeito coletivo, a saber, Israel. Mas, [em] primeiro [lugar,] Kimchi, que originou esse argumento, o negou. Em seu comentário, ele diz: ‘Gostaria de pedir aos nazarenos que explicam a Parashah de Jesus, como o profeta pode ter dito a eles (l^m^” [wm)l*]) quando deveria ter dito ‘a ele’ (l^” [ol]), pois l^m^” [om)l*] é plural, sendo equivalente a l^-h#m [mh#l*]’. Mas, em sua gramática, ele diz: ‘l^” [wl], ocorre como afixo da terceira pessoa do singular, como em Jó 20.23; 22.2’. E novamente: ‘m^” [om] é usado tanto para muitos quanto para um’... Mas mesmo que ele admitisse que l^m^” [wm)l*], aqui, é plural, não haveria fundamento para a afirmação de que o sujeito é coletivo. A tradução seria: “Porquanto ele foi cortado da terra dos viventes; por causa da transgressão do meu povo – o golpe ou punição que deveria ter caído sobre eles”. Isso é admitido na New American Jewish tradução da Bíblia, que traduz assim: “Pela transgressão do meu povo, a quem o golpe era devido” (ênfase dele).

[06] Kimchi, também conhecido como Radak, é o rabino David Kimchi (1160-1235), nascido em Narbonne, França.

[07] Como foi observado por BARON. Rays of Messiah’s glory, p. 107 n. 1. Baron argumentou também que “aplicar o título ‘o Renovo’ a qualquer outra pessoa que não o Messias contradiria a analogia da linguagem profética, pois em Isaías 4.2 e Jeremias 23.6, o próprio Kimchi reconhece que “Renovo” significa “Messias”. Além do mais, as palavras não concordam com o caráter ou as circunstâncias de Zorobabel. Deus diz “meu servo, o Renovo”, mas Zorobabel tinha vindo muito antes e já era um príncipe entre eles, e, como Abarbanel diz...

depois dessa profecia, Zorobabel não alcançou nenhuma realeza, nem domínio, nem outra dignidade além da que já possuía" (ibid.).

[08] DUHM, Bernhard. Das Buch Jesaja: üebersetzt und erklärt. 4ª ed. Göettingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1922, p. 311; conforme citado por HUGENBERGER, Gordon P. "The Servant of the Lord in the 'Servant Songs' of Isaiah: a second Moses figure". In: SATTERTHWAITE, Philip E.; HESS, Richard S.; e WENHAM, Gordon J. (orgs.). The Lord's Anointed: Interpretation of Old Testament messianic texts. Grand Rapids: Baker Books, 1995, p. 109.

[09] Veja as discussões sobre essa tripla divisão das interpretações in NORTH, Christopher R. The Suffering Servant in Deutero-Isaiah: An historical and critical study. 2ª ed. Londres: Oxford University Press, 1956, p. 6-116; ROWLEY, H. H. The Servant of the Lord and other essays on the Old Testament. 2ª ed. Oxford: Basil Blackwell, 1965, p. 4-48.

[10] YAMAUCHI, Edwin M. "Tammuz and the Bible". In: JBL 84, n. 3, 1965: p. 283-90; YAMAUCHI, Edwin M. "Additional notes on Tammuz". In: JSS 11, n. 1, 1966: p. 10-15.

[11] Veja a forte evidência disso apresentada por FRANCE, R. T. Jesus and the Old Testament: His application of Old Testament passages to himself, 1971; reimpr.; Grand Rapids: Baker Book House, 1982, p. 114-32.

[12] Assim argumentou Joachim Jeremias, "pais theou", em FRIEDRICH, Gerhard. Theological dictionary of the New Testament. Trad. Geoffrey W. Bromiley, Grand Rapids: Eerdmans, 1967, 5:712.

[13] BEECHER, Willis J. The prophets and the promise. 1905; reimpr.; Grand Rapids: Baker Book House, 1975, p. 285.

[14] Ibid., p. 286.

[15] Ibid., 287.

[16] Ibid., 266.

[17] Ibid.

[18] Devo grande parte desse esboço ao tratamento magistral dado a essa passagem pelo meu professor, CULVER, Robert D. The sufferings and the glory of the Lord's righteous servant. Moline, IL.: Christian Service Foundation, 1958.

[19] CULVER. Sufferings and the glory of the Lord's righteous servant, p. 30, observa que, embora o verbo usado aqui seja apropriadamente traduzido como "aspergir" em vários casos, a situação aqui é diferente. Em cada um dos casos mencionados, a ideia de "aspersão" é sempre um objeto do verbo, i.e.,o objeto desse verbo é a coisa aspergida, como sangue ou água. Ele nunca é traduzido como "aspergiu" quando significa algo mais, como "o sacerdote aspergiu o altar". Portanto, as nações "saíram em jato", ou melhor, ficaram "perplexas".

[20] BARON, Servant of Jehovah, p. 109, n. 2. Veja nota anterior sobre essa fonte.

[21] DAHOOD, Mitchell Joseph. “Isaiah 53:8-12 and Massoretic misconstructions”. In: Biblica 63, 1982: p. 566-70.

Capítulo 4

[01] FRANCE, R. T. “Servant of Yahweh”. In: GREEN, Joel B.; MCKNIGHT, Scot; MARSHALL, I. Howard (orgs.). Dictionary of Jesus and the Gospels. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1992, p. 746.

[02] Veja também seu artigo: GLASER, Mitch. “The use of Isaiah 53 in Jewish evangelism”. In: Isaiah 53: Of whom is the prophet speaking?. Mishkan 43, 2005: p. 34-46.

[03] Veja OSWALT, John N. The Book of Isaiah: Chapters 40–66, NICOT. Grand Rapids: Eerdmans, 1998, p. 90, n. 63-64.

[04] OSWALT, Book of Isaiah, p. 90. Para uma contagem um tanto diferente, veja BEYER, Bryan E. Encountering the Book of Isaiah: A historical and theological survey, EBS. Grand Rapids: Baker Academic, 2007, p. 175; WATTS, John D. W. Isaiah 34–66, WBC 25. Waco: Word, 1987, p. 115-18.

[05] WERBLOWSKY, R. J. Zwi; WIGODER, Geoffrey (orgs.). The encyclopedia of the Jewish religion, ed. rev., Nova York: Adama, 1988, p. 350.

[06] NEUSNER, Jacob; SCOTT, William Green (orgs.). “Servant of the Lord”. In: Dictionary of Judaism in the biblical period: 450 b.c.e. to 600 c.e. Peabody, MA: Hendrickson, 1999, p. 569.

[07] Citação extraída de Josefo, Jewish Antiquities. Livros 16-17, trad. Ralph Marcus, org. Allen Wikgren; LCL 410, Cambridge: Harvard University Press, 1963, p. 293.

[08] SAFRAI, Shmuel; STERN, Menahem (orgs.), The Jewish people in the first century: Historical geography, political history, social, cultural and religious life and institutions. Em colaboração com David Flusser e Willem Cornelius van Unnik, Compendia rerum iudaicarum ad Novum Testamentum, sec. 1. Assen, Países Baixos: Van Gorcum; Filadélfia: Fortress, 1974, 1:280.

[09] Veja a discussão de antigas declarações messiânicas em WILKINS, Michael J. “Peter’s declaration concerning Jesus’ identity in Caesarea Philippi” In: BOCK, Darrell L.; WEBB, Robert L. (orgs.). Key events in the life of the historical Jesus, WUNT I 247. Tübingen: Mohr Siebeck, 2009, p. 293-381, esp. p. 349-65.

[10] Esse é um dos pontos importantes ressaltados por WRIGHT, N. T. Jesus and the victory of God: Christian origins and the question of God, v. 2. Minneapolis: Fortress, 1996, p. 588-92; veja também WRIGHT, N. T. “The Servant and Jesus: The relevance of the colloquy for the current quest for Jesus”. In: BELLINGER, William H. Jr.; FARMER, William R. (orgs.). Jesus and the Suffering Servant: Isaiah 53 and Christian origins. Harrisburg, PA: Trinity Press International, 1998, p. 281-97.

[11] Para estudos técnicos que medem a influência de Isaías 53 sobre os escritos do Novo Testamento, veja MOYISE, Steve; MENKEN, Maarten J. J.

(orgs.). Isaiah in the New Testament. Londres: T&T Clark, 2005; JANOWSKI, Bernd; STULMACHER, Peter (orgs.). The Suffering Servant: Isaiah 53 in Jewish and Christian sources. Trad. Daniel P. Bailey, 1996. Grand Rapids: Eerdmans, 2004; BELLINGER, William H. Jr.; FARMER, William R. Jesus and the Suffering Servant: Isaiah 53 and Christian origins. Harrisburg, PA: Trinity Press International, 1998; HUGENBERGER, G. P. "The Servant of the Lord in the 'Servant Songs' of Isaiah: A second Moses figure". In: SATTERTHWAITE, Philip E.; HESS, Richard S.; WENHAM, Gordon J. (orgs.). The Lord's anointed: interpretation of Old Testament messianic texts. Grand Rapids: Baker Books, 1995, p. 105-39; LITWAK, Kenneth D. "The use of quotations from Isaiah 52:13–53:12 in the New Testament". In: JETS 26, n. 4, dez./1983, p. 385-94; BUNDY, D. "Interpretation of Isaiah 53 in East and West". In: SCHMIDT, Margot; GEYER, Carl Friedrich (orgs.). Typus, symbol, allegorie bei den östlichen Vätern und ihren Parallelen im Mittelalter. Regensburg: Pustet, 1982, p. 17-34. Para uma abordagem mais popular, veja KJÆR-HANSEN, Kai (org.). Isaiah 53: Of Whom is the prophet speaking?. In: Mishkan 43, 2005. Para um panorama amplo das passagens individuais, veja BEALE, G. K. e CARSON, D. A. (orgs.). Commentary on the New Testament use of the Old Testament. Grand Rapids: Baker Academic, 2007.

[12] ALAND, Barbara; ALAND, Kurt; KARAVIDOPOULOS, Johannes; MARTINI, Carlo; METZGER, Bruce (orgs.). The Greek New Testament. 4ª ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1993, p. 888.

[13] Quinze alusões e paralelos verbais são relacionados em ALAND et al. Greek New Testament, p. 897; cf. MOO, Douglas J. The Old Testament in the Gospel Passion narratives. Sheffield: Almond, 1983, p. 163-64, que relaciona 21, um tanto diferente da relação de ALAND et al.; e FRANCE, R. T. Jesus and the Old Testament: His application of Old Testament passages to himself and his mission. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1971, p. 259-63, que relaciona seis vezes em que Jesus cita Isaías 53 ou alude a essa passagem, algumas das quais se sobrepõem às listas de ALAND et al. e MOO.

[14] Veja mais completamente WILKINS, Michael J. Matthew, NIVAC. Grand Rapids: Zondervan, 2004.

[15] P. ex., GROGAN, Geoffrey W. Isaiah, EBC 6. Grand Rapids: Zondervan, 1986, p. 62-65; HAGNER, Donald A. Matthew 1–13, WBC 33A. Dallas: Word, 1993, p. 20-21; BLOMBERG, Craig L. Matthew, NAC. Nashville: Broadman, 1992, p. 58–59; SAILHAMMER, John H. "The Messiah and the Hebrew Bible". In: JETS 44, n. 1, mar/2001: p. 5-23.

[16] Tradução bíblica da English Standard Version (ESV [nesta edição em português, a citação é da versão ARA]).

[17] Quando o]ti introduz um discurso indireto, ele não é uma citação, mas uma partícula declarativa, i.e.,a cláusula o]ti contém o discurso ou o pensamento relatado – Mateus relata a substância de várias passagens proféticas do Antigo Testamento que indicam que Jesus seria chamado Nazareno. Veja WALLACE, Daniel B. Greek grammar beyond the basics: An exegetical syntax of the New Testament. Grand Rapids: Zondervan, 1996, p. 454-57; cf. CARSON, D. A. Matthew, EBC 8. Grand Rapids: Zondervan, 1984, p. 97; HAGNER, Matthew 1-13, p. 40.

[18] BAUCKHAM, Richard. "The messianic interpretation of Isa. 10:34 in the Dead Sea Scrolls, 2 Baruch and the preaching of John the Baptist". DSD 2, n. 2, 1995, p. 202-16. Bauckham realmente diz que essa passagem era a "mais popular" (p. 202).

[19] Para uma reconstrução plausível, veja LESKE, Adrian M. "Isaiah and Matthew: The prophetic influence in the first Gospel: A report on current research". In: Jesus and the Suffering Servant, p. 162-63, e RIESNER, Rainer. "Archeology and geography". In: DJG, p. 36.

[20] P. ex., as Dezoito bênçãos recitadas na sinagoga: “Faz o Renovo de Davi, teu Servo, brotar rapidamente, e que este chifre seja exaltado por tua salvação” (Dezoito Bênçãos 15 [14]).

[21] P. ex., 4QWar Scrollg 5.3-4: “o Renovo de Davi. Então [todas as forças de Belial] serão julgadas... e o príncipe da congregação, o Renovo [de Davi] o entregará à morte”. Também 4QIsaiah Pesherª 3.18 (4Q161 [4QpIsaª]): “A interpretação da palavra diz respeito ao ramo de Davi que brotará nos últimos dias”. Todas as traduções dos textos de Qumran citados são de MARTÍNEZ, Florentino García. The Dead Sea Scrolls translated: The Qumran texts in English. 2ª ed. Trad. Wilfred G. E. Watson. Grand Rapids: Eerdmans, 1992.

[22] Alusões a um broto ou renovo descrevendo uma era messiânica são encontradas em 1QHª 14.15; 15.19; 16.5-10 [=1QHª 6.15; 7.19; 8.5-10] e 4QIsaiah Pesherª 3.15-26 (4Q161[4QpIsaª]).

[23] Veja a discussão in BROWN, Raymond E. The birth of the Messiah. ed. rev. 1977; reimpr. Nova York: Doubleday, 1993, p. 211-13, 217-19; HAGNER. Matthew 1-13, 41; DAVIES, W. D.; ALLISON, Dale C. A critical and exegetical commentary on the Gospel according to Saint Matthew: Volume I. Edimburgo: T&T Clark, 1988, p. 277-79.

[24] Salmos 22.6-8,13; 69.8,20-21; Isaías 11.1; 49.7; 53.2-3,8; Daniel 9.26; esp. Isaías 53.

[25] Cf. Mateus 3.15; 5.6, 10, 20; 6.1, 33; 21.32.

[26] FRANCE. “Servant of Yahweh”, p. 746.

[27] HAGNER, Donald A. “Righteousness in Matthew’s Gospel” In: WILKINS, Michael J.; PAIGE, Terence (orgs.). Worship, theology and ministry in the early Church: Essays in honor of Ralph P. Martin. JSNTSup 87. Sheffield: JSOT, 1992, p. 116-17.

[28] KEENER, Craig S. A commentary on the Gospel of Matthew. Grand Rapids: Eerdmans, 1999, p. 132.

[29] BEASLEY-MURRAY, George R. Baptism in the New Testament. Grand Rapids: Eerdmans, 1962, p. 45-67; MORRIS, Leon. The Gospel according to Matthew, PNTC. Grand Rapids: Eerdmans, 1992, p. 65.

[30] CAPES, David B. “Intertextual echoes in the Matthean baptismal narrative”. BBR 9, 1999: p. 37-49; cf. WRIGHT. Jesus and the victory of God, p. 536-37.

[31] Veja WITHERINGTON, Ben, III. The Christology of Jesus. Minneapolis: Fortress, 1990, p. 148-55.

[32] Cf. FRANCE. “Servant of Yahweh”, p. 745-46.

[33] STULMACHER, Peter. “Isaiah 53 in the Gospels and Acts”. In: Suffering Servant, p. 149-50.

[34] STULMACHER. “Isaiah 53 in the Gospels and Acts”, p. 150.

[35] Mateus segue mais de perto o TM (“Ele mesmo suportou nossas aflições/enfermidades e, quanto aos nossos sofrimentos, ele ficou sobrecarregado com eles”) que a LXX (“este homem leva nossos pecados e sofre angústia por nossa causa”) e, por isso, muito provavelmente, faz sua própria tradução da passagem; veja GUNDRY, Robert H. Matthew: A commentary on his handbook for a mixed Church under persecution. 2ª ed. 1982; reimpr.; Grand Rapids: Eerdmans, 1994, p. 150.

[36] ERICKSON, Millard. Christian theology. Grand Rapids: Baker Books, 1984, 2:836-41.

[37] CARSON. Matthew, p. 206.

[38] P. ex., HOOKER, Morna D. “Did the use of Isaiah 53 to interpret his mission begin with Jesus?”. In: Jesus and the Suffering Servant, p. 88-103.

[39] HILL, David. The Gospel of Matthew, NCB. Londres: Marshall, Morgan & Scott, 1972, p. 161; p. ex., b. Sanh. 98a–b: “Certamente ele tinha levado nossas dores e carregado os nossos pecados, mas nós o estimávamos atingido por lepra, ferido por Deus e aflito”.

[40] Para uma discussão mais extensa da identificação do Rei davídico messiânico profetizado com o Servo Sofredor de Isaías 52.13–53.12, veja GRONINGEN, Gerard van. Messianic revelation in the Old Testament. Grand

Rapids: Baker Book House, 1990, p. 619-50. Para uma interpretação que nega o sentido do sofrimento vicário aqui, mas que vê as curas de Jesus como a intenção de Mateus de focar Jesus como o Messias davídico, veja NOVAKOVIC, Lidija. “Matthew’s atomistic use of Scripture: Messianic interpretation of Isaiah 53.4 in Matthew 8.17”. In: HATINA, Thomas R. (org.). Biblical interpretation in early Christian Gospels. Vol. 2: The Gospel of Matthew. Library of New Testament studies 310. Londres; Nova York: T&T Clark, 2008, p. 147-62.

[41] COLLINS, John J. “The works of the Messiah”. In: DSD 1, n. 1, 1994: p. 71-97; COLLINS, John J. Scepter and the star: The Messiahs of the Dead Sea Scrolls and other ancient literature, Nova York: Doubleday, 1995, p. 205; MARTÍNEZ, Florentino García. “Messianic hopes in the Qumran writings”, In: MARTÍNEZ, Florentino García; BARRERA, Julio Trebolle (orgs.). The people of the Dead Sea Scrolls: Their writings, beliefs and practices. Trad. Wilfred G. E. Watson; 1993; reimpressão. Leiden: Brill, 1995, p. 159-89; esp. p. 168-69.

[42] MEADORS, Edward. “The ‘messianic’ implications of the Q material”. In: JBL 118, n. 2, 1999: p. 259.

[43] ROWLAND, Christopher. Christian origins: The setting and character of the most important messianic sect of Judaism. 2ª ed., 1985; reimpr. Londres: SPCK, 2002, p. 177-78; BOVON, François. Luke 1: A Commentary on the Gospel of Luke 1:1–9:50. Helmut Koester (org.). Christine M. Thomas (trad.). Hermeneia, Minneapolis: Fortress, 2002, p. 277-88.

[44] BEATON, Richard. “Messiah and justice: A key to Matthew’s use of Isaiah 42.1–4?”. In: JSNT 22, n. 75, set./1999: p. 5-23.

[45] FRANCE. “Servant of Yahweh”, p. 746.

[46] BEASLEY-MURRAY, George R. John. 2ª ed., WBC 36. Nashville: Thomas Nelson, 1999, p. 215-16; CARSON, D. A. The Gospel according to John, PNTC. Grand Rapids: Eerdmans, 1991, p. 448.

[47] Cf. BAUER, W.; DANKER, F. W.; ARNDT, W. F.; GINGRICH, F. W. Greek-English lexicon of the New Testament and other early Christian literature. 3ª ed. Chicago: University of Chicago Press, 1999.

[48] A preposição avnti. virtualmente nunca significa “em favor de”, mas requer o uso de “em lugar de” (cf. WALLACE. Greek grammar beyond the basics, p. 365-67). O “muitos” (pollw/n) tem sido entendido ou como tendo um sentido exclusivo, “muitos, mas nem todos”, restringindo a aplicação à comunidade dos eleitos (p. ex.,1QS 6:1-23), ou com um sentido inclusivo, “muitos, a totalidade que abrange muitos indivíduos”, abrindo a aplicação a todos, sem limitação. O argumento histórico e linguístico mais convincente afirma o segundo; cf. JEREMIAS, Joachim. “polloi,”. In: KITTEL. G.; FRIEDRICH, G. (orgs.). Theological dictionary of the New Testament. Trad. G. W. Bromiley, trad. Vol. 10. Grand Rapids: Eerdmans, 1964-1976, 6:536-45.

[49] TUCKETT, Christopher. “The Son of Man and Daniel 7: Inclusive aspects of early Christologies”. In: O’MAHONY, Kieran J. (org.). Christian origins: worship, belief, and society. JSNTSup 241. Londres: Sheffield Academic Press, 2003, p. 164-90, esp. p. 184. Veja também DUNN, James D. G. “‘Are You the Messiah?’: Is the crux of Mark 14:61–62 resolvable?”. In: HORRELL, David G.; TUCKETT, Christopher M. (org.). Christology, controversy and community: New Testament Essays in honour of David R. Catchpole. NovTSup 99, Leiden: Brill, 2000: p. 1-22, esp. p. 12.

[50] COLLINS, Adela Yarbro. Mark: A commentary. Hermeneia. Minneapolis: Fortress, 2007, p. 402-5.

[51] Veja BOCKMUEHL, Markus. “A ‘slain Messiah’ in 4Q Serekh Milhamah (4Q285)?”. In: TynBul 43, n. 1, 1992: p. 155-69. Bockmuehl encontra pouca expectativa de um Messias assassinado dentro da interpretação judaica das profecias do Antigo Testamento no século 1º e, provavelmente, também nos Rolos do Mar Morto, mas a coloca como probabilidade em círculos judaicos mais amplos (veja p. 167-69).

[52] STULMACHER. “Isaiah 53 in the Gospels and Acts”, p. 150-51.

[53] ROUTLEDGE, Robin. “Passover and Last Supper”. In: TynBul 53, nº 2, 2002: p. 219; HAGNER. Matthew 1-13, p. 773.

[54] Cf. HAM, Clay. “The Last Supper in Matthew”. In: BBR 10, n.1, 2000: p. 53-69.

[55] HAGNER. Matthew 1–13, p. 799.

[56] Cf. BARRICK, W. Boyd. “The rich man from Arimathea (Matt 27:57–60) and 1QIsaa”. In: JBL 96, n. 2, 1977: p. 235-39.

[57] FRANCE, R. T. The Gospel of Matthew, NICNT. Grand Rapids: Eerdmans, 2007, p. 1089.

[58] BLOMBERG, Craig L. “Matthew”. In: BEALE, G. K. ; CARSON, D. A.

(orgs.). Commentary on the New Testament use of the Old Testament. Grand Rapids: Baker Academic, 2007, p. 98.

[59] GUNDRY. Matthew, p. 580; KINGSBURY, Jack Dean. Matthew as story. 2ª ed. Minneapolis: Fortress, 1988, p. 27.

[60] WILKINS, Michael J. “Named and unnamed disciples in Matthew: A literary/theological study”. In: SBLSP 30, Atlanta: Scholars Press, 1991, p. 418-39.

[61] OSWALT, John N. Isaiah, NIVAC. Grand Rapids: Zondervan, 2003, p. 586-87.

[62] OSWALT. Book of Isaiah, p. 403.

[63] Veja, por exemplo, HOOKER. “Did the use of Isaiah 53 to Interpret his mission begin with Jesus?”, p. 88-103. Hooker responde negativamente a essa pergunta.

[64] STULMACHER. “Isaiah 53 in the Gospels and Acts”, p. 149; veja também DUNN, James J. G. New Testament theology: An introduction. Nashville: Abingdon, 2009, p. 24.

[65] TORRANCE, Thomas F. Incarnation: The person and life of Christ. Ed. rev. Robert T. Walker (org.). Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2008, p. 70.

Capítulo 5

[01] Observe que a introdução ao texto diz: “Ora, a passagem da Escritura que estava lendo era esta”.

[02] A outra citação é Lucas 22.37. Alusões, em Lucas-Atos, ao título de Servo em passagens relacionadas ao seu sofrimento ou perseguição são encontradas em Atos 3.13; 4.27,30.

[03] Minhas traduções nas discussões sobre TM e LXX de Isaías 53.7-8.

[04] CLINES, David J. A. I, he, we, & they: A literary approach to Isaiah 53. JSOTSup 1, Sheffield: JSOT Press, 1976, p. 17.

[05] Argumentando por uma leve distinção de ênfase, veja SAPP, Donald A. “The LXX, 1QIsª, and MT versions of Isaiah 53 and the Christian doctrine of atonement”. In: BELLINGER, William H., Jr.; FARMER, William R. (orgs.). Jesus and the Suffering Servant: Isaiah 53 and Christian origins. Harrisburg, PA: Trinity Press International, 1998, p. 179-92, esp. p. 176-77.

[06] PAYNE, David F. “The Servant of the Lord: Language and interpretation”. In: EvQ 43, n. 3, 1971: p. 138.

[07] SAPP. “LXX, 1QIsª and MT versions”, p. 177-78. Sapp diz: “Quem ler o

versículo 8 de uma perspectiva cristã, não verá diferença suficiente entre os textos grego e hebraico para interpretar um deles como descrevendo algo diferente da morte do Servo" (p. 178). Mas Sapp continua em seu artigo a argumentar que a LXX coloca o Servo parando subitamente antes da morte. Sapp pode estar valorizando demais essas diferenças, dado que a LXX é clara sobre levar o pecado, em 12c, algo que, no culto e no contexto hebraico, muito provavelmente requeriria a morte, não meramente sofrimento humilhante e injustiça, como Sapp argumenta (p. 186). A questão aqui não é se "ser cortado" pode ser uma figura para o sofrimento. Pode, como Lamentações 3.54 mostra, mas a combinação de coisas ditas aqui empurra na direção da morte. É interessante observar que Sapp usa sua distinção para argumentar que a tradição cristã conhecia a versão semita de Isaías e tomou-a como base para seu ensino sobre Isaías 53. Isso pode estar correto.

[08] CLINES. I , he, we, & they, p. 27-29.

[09] DRIVER, G. R. "Isaiah 52.13–53.12: The Servant of the Lord". In: BLACK, Matthew; FOHRER, Georg (orgs.). In memoriam Paul Kahle. BZAW 103, Berlim: A. Topelmann, 1968, p. 104-5. SOGGIN, J. Alberto. "Tod und Auferstehung des leidenden Gottesknechtes Jesaja 53.8–10". In: ZAW 87, 1975: p. 346-54, esp. p. 354, distingue entre o uso de trk para "morte' e o uso de rzg, como encontrado em Isaías 53.8, para uma descrição hiperbólica de lamento em passagens de situações próximas da morte. Os exemplos dessa distinção são misturados. O livro de 2Crônicas 26.21 e Lamentações 3.54 são uma referência fora da morte (mas uma situação limítrofe), enquanto o Salmo 88.6 (como cadáveres destituídos de poder como uma analogia para o salmista, mas a comparação é com os mortos) e Ezequiel 37.11 (metáfora dos ossos secos, como Israel morto) são dois exemplos em que o verbo rzg é usado com a morte claramente em vista. O que Soggin não ressalta a respeito das passagens acima é que o que elas, às vezes, têm em vista não é o salmista ou o profeta, mas a comparação dele com aqueles que já morreram, a quem essas expressões, por sua vez, se referem. Ezequiel 37.11 é particularmente instrutivo, pois antevê uma ressurreição de ossos secos e mortos! WHYBRAY, R. N. Isaiah 40–66, NCB. Londres: Oliphants, 1975, p. 177, cita Lamentações 3.54 como uma referência que significa "perto da morte". Aquele que se lamenta, aqui, usa essa expressão

porque percebe que está se afogando e vai morrer. A conveniência dessa expressão aqui depende de a frase ser entendida como referindo-se à morte, não à sua proximidade, como algo que todos os usos partilham. Observe também que ser cortado da terra dos viventes é mais enfático do que meramente ser cortado, como em Lamentações 3.54.

[10] Veja os comentários de NORTH, Christopher R. The Second Isaiah: Introduction, translation, and commentary to chapters XL–LV. Oxford, Clarendon Press, 1964, p. 241; WESTERMANN, Claus Isaiah 40–66. Trad. David M. G. Stalker, OTL. Filadélfia: Westminster, 1969, p. 265; SLOTKI, I. W. Isaiah. Soncino Books of the Bible. Londres: Soncino, 1949, p. 263; e PAYNE. "Servant of the Lord", p. 136-39.

[11] PAYNE. "Servant of the Lord", p. 137.

[12] Ibid.

[13] Essas oito passagens, no TM, são as seguintes (traduções minhas): 52.15 – "aspergirá muitas nações" ou "estremecerá/agitará muitas nações"; 53.5 – "traspassado por nossas transgressões", em paralelo com 53.5 – "moído pelas nossas iniquidades"; 53.8 – "cortado da terra dos viventes"; 53.9 – "designaram-lhe uma sepultura com os ímpios", em paralelo com 53.9 – "com o rico esteve na sua morte"; 53.10 – "der sua alma como oferta pelo pecado" ou, talvez melhor, "fizer de sua vida uma limpeza da culpa"; e 53.12 – "derramou a sua alma na morte". *As traduções da primeira e da sétima passagens são debatidas, mas as outras parecem ser menos problemáticas.

[14] WESTERMANN. Isaiah 40–65, 265.

[15] Ibid.

[16] Para detalhes, veja BOCK, Darrell L. Acts, BECNT. Grand Rapids: Baker Academic, 2007, p. 341-42.

[17] Em favor de uma limitação física e contra uma limitação simbólica no termo “eunuco”, está o fato de que, se fosse simbólica, seria uma repetição da menção do seu ofício. Além disso, era comum os oficiais próximos à rainha serem fisicamente limitados dessa maneira (HERÓDOTO. Hist. 8.5; Et 2.3,14; 4.4-5; DEMÉTRIO. Eloc 25.5; veja BRUCE, F. F. “Philip and the Ethiopian”. In: JSS 34, 1989: p. 377-86; esp. p. 381). A repetição do termo coloca ênfase aqui (At 8.34,36,38-39). Outro elemento importante é que ser um eunuco era ser desprezado em muitas culturas antigas (HERÓDOTO. Hist. 8.104-06; LUCIANO. Eunuco, 6-11). Essa atitude também existia entre os judeus (JOSEFO. Ant. 4.290-91). Luciano, nesse texto, diz que eles eram vistos como “um tipo ambíguo de criatura, como um galo, que não tem a ver nem com uma pomba nem com um corvo”. Veja PARSONS, Mikael. “Isaiah 53 in Acts 8: A reply to professor Morna Hooker”. In: Jesus and the Suffering Servant, p. 104-19, esp. p. 107-10.

[18] BRUCE. “Philip and the Ethiopian”, p. 381; WITHERINGTON, Ben, III. The Acts of the Apostles: A socio-rhetorical commentary. Grand Rapids; Eerdmans; Carlisle: Paternoster, 1998, p. 290. Esse local está na região hoje conhecida como Núbia, não na atual Etiópia, como Bruce e Yamauchi argumentam; YAMAUCHI, Edwin. “Acts 8:26–40: Why the Ethiopian eunuch was not from Ethiopia”. In: BOCK, Darrell L.; FANNING, Buist M. (orgs.). Interpreting the New Testament Text: Introduction to the art and science of exegesis. Wheaton: Crossway Books, p. 351-65. Essa região fica no sul do Egito, do lado oeste do Nilo, 16 mil quilômetros ao sul do Mediterrâneo. Em outras palavras, é bem no interior da África.

[19] PARSONS. “Isaiah 53 in Acts 8”, p. 111-15.

[20] METZGER, Bruce M. A textual commentary on the Greek New Testament: A companion volume to the United Bible Societies' Greek New Testament. 3ª ed. Londres; Nova York: United Bible Societies, 1971, p. 359; HOLTZ, Traugott. Untersuchungen über die alttestamentlichen Zitate bei Lukas, TU 104. Berlim: Akademie-Verlag, 1968, p. 31, interpreta auvtou/ como uma glosa.

[21] RESE, Martin. Alttestamentliche Motive in der Christologie des Lukas, STN 1. Gutersloh: Gutersloher Verlagshaus G. Mohn, 1969, p. 98, crê que a natureza do significado da passagem, aqui, requer a LXX. SCHNEIDER, Gerhard. (Die Apostelgeschichte, HTKNT 5. Freiburg: Herder, 1980, 1:498), considera esse acontecimento extraído da tradição pré-lucana com o texto do Antigo Testamento como elemento-chave no material. Ele vem de círculos helenistas. Para apoio, ele cita BAUERNFEIND, Otto. Kommentar und Studien zur Apostelgeschichte, WUNT 22. Tubingen: Mohr, 1980; CONZELMANN, Hans. Die Apostelgeschichte. 2ª. ed. HNT 7. Tubingen: JCB Mohr, 1972. E HAENCHEN, Ernst. The Acts of the Apostles: A commentary. Trads. Bernard Noble, Gerald Shinn, Hugh Anderson e R. McL. Wilson. Oxford: Blackwell, 1971. Há um consenso a respeito do contexto tradicional desse acontecimento. ROLOFF, Jurgen. (Die Apostelgeschichte, Texte zum Neuen Testament 5. Gottingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1981, p. 138), acredita que Lucas pode ter substituído a passagem de Isaías aqui por uma referência mais geral à Escritura na tradição. Todavia, não são apresentadas razões claras para essa interpretação, e Atos 8.35, que Roloff não considera como lucano, sugere que uma passagem específica foi citada e, mais tarde, outras passagens foram usadas por Filipe em sua explicação. O versículo 35 fala de Filipe começando sua explicação com essa passagem.

[22] RESE. Alttestamentliche Motive, p. 96-103.

[23] Veja HAENCHEN. Acts of the Apostles, p. 312, para essa interpretação.

Os Pais pensavam que havia aqui uma alusão ao nascimento virginal e à preexistência de Jesus. Outros viram a referência à "geração" como um comentário sobre a falta de atenção dada ao sofrimento injusto de Jesus. Para as interpretações, veja KRÄNKL, Emmeram. Jesus, der Knecht Gottes: die heilsgeschichtliche Stellung Jesu in den Reden der Apostelgeschichte, Biblische Untersuchungen 5. Regensburg: F. Pustet, 1972, p. 113-16. Este último uso seria um paralelo mais próximo à referência veterotestamentária.

[24] CONZELMANN. Die Apostelgeschichte, p. 63; SCHNEIDER. Die Apostelgeschichte, p. 505. A sugestão de que a última parte de Isaías 53.8 é omitida, visto que uma referência à exaltação não seria seguida por uma referência à morte de Jesus, é geralmente incluída na exposição dessa interpretação. A sugestão é de valor incerto, pois depende de uma leitura matizada dos detalhes do texto, não de sua descrição geral, o que deve ser questionado (veja parágrafo seguinte no texto).

[25] HOOKER, Morna D. Jesus and the Servant: The influence of the servant concept of Deutero-Isaiah in the New Testament. Londres: SPCK, 1959, p. 113-14. Não há referência explícita nessa citação de Atos 8 ao sofrimento de Jesus pelo pecado. A símile do cordeiro, embora possa fazer alusão ao contexto sacrificial de ofertas substitutivas, é de natureza incerta demais para ser usada como referência soteriológica. A símile pode apenas se referir facilmente à morte de um cordeiro, sem referência ao contexto do Templo.

[26] Um livro que trata da singularidade de Isaías 53 e da natureza de seus usos no Novo Testamento com atenção cuidadosa aos detalhes é JANOWSKI, Bernd e STULMACHER, Peter (orgs.). The Suffering Servant: Isaiah 53 in Jewish and Christian sources. Trad. Daniel P. Bailey. Grand Rapids: Eerdmans, 2004. Todo o livro é valioso, mas os ensaios sobre a leitura intertestamental da passagem de Martin Hengel e Daniel Bailey, bem como os de Bernd Janowski, Peter Stulmacher e Otfried Hofius, ajudam a colocar o uso do Novo Testamento no seu contexto do século 1º.

[27] Estou focado apenas no uso que Lucas faz da passagem e do título aqui. Há outros usos no Novo Testamento. Há, provavelmente, uma alusão a Isaías 53 em Marcos 10.45, na imagem do resgate "por muitos". Mateus 8.17 recorre a Isaías 53.4 para descrever a obra de cura de Jesus. Outros usos aparecem em João 12.38; 1 Pedro 1.21-25; Romanos 10.16.

[28] O'TOOLE, Robert. "Philip and the Ethiopian eunuch (Acts VIII 25–40)". In: JSNT 17, 1983: p. 25-34, apresenta o relato como relacionado a Lucas 4.16-30, com seu uso de Isaías 61.1-2, e a Atos 13.13-43 e suas afirmações sobre como, para Lucas, Jesus cumpre a promessa do plano de Deus. Eu acrescentaria que Lucas 13.47 é relevante para a segunda passagem, já que Isaías 49 aparece ali e completa a cena. Lucas está enfatizando como Jesus cumpre as promessas da Escritura hebraica.

[29] RESE. Alttestamentliche Motive, p. 99. Rese diz que não há indicação de um contexto de profecia e cumprimento na própria passagem.

[30] A confissão de Jesus como o Filho de Deus em Atos 8.37 não deve ser incluída na discussão do contexto cristológico dessa passagem, pois o v. 37 é claramente uma inserção secundária na tradição textual de Atos 8. Veja IERSEL, B. M. F. Van. "Der Sohn" in den synoptischen Jesusworten: Christusbezeichnung der Gemeinde oder Selbstbezeichnung Jesu?. 2ª ed., NovTSup 3. Leiden: Brill, 1964, p. 73-74; WENGST, Klaus. Christologische Formeln und Lieder des Urchristentums, SNT 7, Gutersloh: Gutersloher Verlagshaus Gerd Mohn, 1972, p. 105-7.

Capítulo 6

[01] Para estudos recentes que avaliam a influência de Isaías 53 sobre os escritos do Novo Testamento, veja JANOWSKI, Bernd e STULMACHER, Peter (orgs.). Der leidende Gottesknecht: Jesaja 53 und seine Wirkungsgeschichte; mit einer Bibliographie zu Jes 53, FAT 14. Tübingen: Mohr Siebeck, 1996; William BELLINGER, H. Jr.; FARMER William R. (orgs.), Jesus and the Suffering Servant: Isaiah 53 and Christian origins. Harrisburg, PA: Trinity Press International, 1998. Veja também LITWAK, Kenneth D. "The use of quotation from Isaiah 52:13–53:12 in the New Testament". In: JETS 26, n. 4, 1983: p. 385-94; AEJMELAEUS, Anneli. "The Suffering Servant: Isaiah 53 as an intertexto of the New Testament". In: MUSTAKALLIO; LEPPÄ, Heikki; RÄISÄNEN, Heikki (orgs.). Lux Humana, Lux Aeterna: Essays on biblical and related themes in honour of Lars Aejmelaeus, Antti Publications of the Finnish Exegetical Society 89. Helsinki: Finnish Exegetical Society; Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2005, p. 475-94.

[02] Fui tentado a incluir Isaías 52.7 na terceira tabela, como possivelmente aludido em 1 João 1.2-3: "Nós… vo-la anunciamos, a vida eterna, a qual estava com o Pai… o que temos visto e ouvido anunciamos também a vós outros". Em outras palavras, os líderes da comunidade joanina tinham assumido o papel de "proclamar" (avpagge,llw) as boas-novas, que é o que o mensageiro faz em Isaías 52.7. O paralelo é sugestivo, mas vago e incerto. E, de qualquer modo, se concluirmos que é feita uma alusão a Isaías 52.7, sua conexão com 1 João 3.5, que pode fazer uma alusão a Isaías 53.10, é, na melhor das hipóteses, remota. Observe que, a menos que seja indicado de outro modo, as citações da Escritura são da ARA [No caso desta edição em português; no original, o autor cita da RSV (N. da R.)].

[03] O sinal é bem visível nas fotografias de John Trever. Veja TREVER, John C. Scrolls from Qumrân Cave I. Jerusalém: Shrine of the Book, 1974, p. 50 (pl. 43). O rolo data do século 2º a.C.

[04] Veja TREVER. Scrolls from Qumrân Cave I, 51 (pl. 44).

[05] O s~m#Kh grande é totalmente perceptível no Códex Leningrado, folio 240, coluna da esquerda, com s~m#Khà direita (i.e., entre a coluna do meio e a da esquerda). Veja FREEDMAN, David Noel (org.). The Leningrad Codex: A facsimile edition. Grand Rapids: Eerdmans, 1998, p. 492. O Códex é datado de 1008 d.C.

[06] Veja Códex Leningrado, fólio 241, e FREEDMAN. Leningrad Codex, p. 493.

[07] Até mesmo comentaristas modernos chamam a nossa atenção para linhas de conexão, tais como o modo como 52.7-10 chega a uma conclusão apropriada em 52.11-12, e como a segunda passagem prepara para a "epifania" de 52.13 e tudo o que se segue. Para alguns exemplos, veja BALTZER, Klaus. Deutero-Isaiah: A commentary on Isaiah 40–55, Hermeneia. Minneapolis: Fortress, 2001, p. 376-94 (veja p. 393 para o comentário sobre a "epifania"); CHILDS, Brevard S. Isaiah, OTL. Louisville: Westminster John Knox, 2001, p. 406-7. Childs observa que 52.11-12 prepara o "efeito do hino de louvor" em 52.7-10 (p. 407). Sobre esse ponto, veja também BALTZER. Deutero-Isaiah, p. 387, n. 1, na qual os versículos 11-12 são descritos como "um excelente fechamento" para os versículos 7-10. Para mais comentários sobre a unidade de Isaías 52.1-12 e sua relação com o hino do Servo, veja SMART, James D. History and theology in Second Isaiah: A commentary on Isaiah 35, 40–66. Filadélfia: Westminster, 1965, p. 191-92; YOUNG, Edward J. The Book of Isaiah. Grand Rapids: Eerdmans, 1965, 3:329-34.

[08] WATTS, John D. W. Isaiah 34–66, 2ª. ed., WBC 25. Nashville: Thomas Nelson, 2005, p. 782: Aqui Watts diz: "O tema de 53.1 está relacionado ao mensageiro de 52.7". Concordo plenamente. A proclamação do mensageiro em Isaías 52.7 é chamada de "relato" ou "algo ouvido" (u^ym!v=m^/avkoh,n), que é exatamente a mesma coisa que as pessoas se recusaram a ouvir em Isaías 53.1.

[09] WRIGHT, N. T. “The Servant and Jesus”. In: BELLINGER e FARMER (orgs.). Jesus and the Suffering Servant, p. 281-97, esp. p. 290-93, com citação da p. 290.

[10] A LXX liga Isaías 52.6 com 52.7, de modo que as palavras do v. 7 são as palavras do próprio Senhor. A fraseologia do texto também é alterada em alguns pontos, de modo que ele fica assim: “Portanto, meu povo conhecerá meu nome naquele dia, porque eu mesmo sou aquele que fala: ‘Estou aqui, sobre os montes, como os pés daquele que traz boas-novas de um relato de paz, como aquele que traz boas-novas de coisas boas, porque eu farei ouvida a tua salvação, dizendo a Sião: O teu Deus reina”. Para o texto grego e a evidência textual, veja ZIEGLER, Joseph. Isaías. Septuaginta, Vetus Testamentum Graecum 14. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1939, p. 318. Ross Wagner corretamente observa que o uso que Paulo faz de Isaías 52.7 reflete a tradição semítica, não a grega. Veja WAGNER, J. Ross. Heralds of Good news: Isaiah and Paul “in concert” in the Letter to the Romans, NovTSup 101. Leiden: Brill, 2002, p. 176-77, n. 170. Consequentemente, o que foi dito com respeito às versões hebraica e aramaica provavelmente se aplica, pelo menos em parte, ao entendimento que Paulo tinha de Isaías 52.7. Para mais discussão sobre as traduções de Isaías 53, especialmente como vista no grego, veja HEGERMANN, Harald. Jesaja 53 in Hexapla, Targum, und Peschitta, BFCT 2/56. Gütersloh: C. Bertelsmann, 1954; BETZ, Otto. “Die Übersetzungen von Jes 53 (LXX, Targum) und die Theologie Crucis des Paulus”. In: BETZ, Otto. Jesus, der Herr der Kirche: Aufsätze zur biblischen Theologie II, WUNT 52. Tübingen: Mohr Siebeck, 1990, p. 197-216; SAPP, David A. “The LXX, 1QIs^{a}, and MT Versions of Isaiah 53 and the Christian doctrine of atonement”. In: BELLINGER e FARMER (orgs.). Jesus and the Suffering Servant, p. 170-92. Devo acrescentar que o paralelo Naum 1.15a (“Eis sobre os montes os pés do que anuncia boas-novas, do que anuncia a paz”), faz alusão à queda de Nínive (612 a.C.). Do mesmo modo, parte das boas-novas de Isaías 52.7 pode ser uma alusão à queda de Babilônia (539 a.C.). Se Isaías 40–55 for datado no período pós-exílico, então Isaías 52.7 é uma alusão ao anúncio anterior das boas-novas de Naum. É claro que, se essa parte de Isaías data do tempo do grande profeta e seus sucessores imediatos, então Naum 1.15a é uma alusão a Isaías 52.7. Para a interpretação de que Naum 1.15a se baseou em Isaías 52.7, veja BLENKINSOPP, Joseph. Isaiah 40–55, AB 19A. Nova York:

Doubleday, 2002, p. 342.

[11] Para mais sobre Isaías 53 em Atos, veja STULMACHER, Peter. “Jes 53 in den Evangelien und in der Apostelgeschichte”. In: JANOWSKI e STULMACHER (orgs.). Der leidende Gottesknecht, p. 93-105.

[12] O Novo Testamento grego frequentemente cita, parafraseia ou faz alusão à LXX. A tradução da LXX é minha.

[13] Corretamente, entre outros, PESCH, Rudolf. Die Apostelgeschichte, EKKNT 5.1–2. Zurique: Benziger Verlag, 1986, 1:153; BARRETT, C. K. A critical and exegetical commentary on the Acts of the Apostles, ICC. Edimburgo: T&T Clark, 1994, 1:194; FITZMYER, Joseph A. The Acts of the Apostles, AB 31. Nova York: Doubleday, 1998, p. 284.

[14] Também deve ser mencionado Atos 4.27 e 30, em que Pedro e os apóstolos se unem em oração, referindo-se a Jesus como “santo Servo”. A alusão a Isaías 52.13 é provável, mas Pedro não é citado como quem fala. No máximo, ele está falando com mais alguém.

[15] Sobre a interpretação messiânica do Salmo 2 no Targum, veja EDWARDS, Timothy. Exegesis in the Targum of The Psalms: The Old, the New, and the rewritten, Gorgias Dissertations 28, Biblical Studies 1. Piscataway, NJ: Gorgias Press, 2007, p. 39-42. A antiguidade da interpretação messiânica do Salmo 2 é apoiada por sua alusão em 1QSa 2.11-12 (“Quando Deus tiver gerado o Messias entre eles”), sua citação em Atos 4.25-27 e uma provável alusão a ele no batismo de Jesus (Mc 1.11 [“Tu és o meu Filho amado”] e paralelos; observe a leitura no Tg. Sl 2.7: “Tu és tão amado para mim quanto um filho para um pai”).

[16] As palavras de Pedro no sermão de Pentecostes também podem fazer alusão ao hino do Servo Sofredor. O apóstolo resume o ministério, a paixão e a ressurreição de Jesus (At 2.22-24), dizendo: “este... vós o matastes, crucificando-o por mãos de iníquos [dia. ceiro.j avno,mwn]” (v. 23). A morte nas mãos de “iníquos” pode ser uma alusão a Isaías 53.5: “Ele foi traspassado pelas nossas transgressões e moído pelas nossas iniquidades [dia. ta.j avnomi,aj h`mw/n]” e 53.8: “Por causa da transgressão do meu povo, foi ele ferido [avpo. tw/n avnomiw/n tou/ laou/ mou]”.

[17] Corretamente, BRUCE, F. F. The Acts of the Apostles: The Greek text with introduction and commentary. Grand Rapids: Eerdmans, 1951, p. 111, pace BARRETT. Acts of the Apostles, 1:202: “Não há alusão a Isaías 53 e ao Servo Sofredor”. Pedro, o que fala em Atos 3, também recorre a Isaías 53 em sua carta, o que será discutido posteriormente.

[18] CHILTON, Bruce D. The glory of Israel: The theology and provenience of the Isaiah Targum, JSOTSup 23. Sheffield: JSOT Press, 1982, p. 91-96, data a paráfrase aramaica de Isaías 52.13–53.12 no intervalo entre a grande rebelião de 66-70 a.C. e a revolta de Bar Kokhba, de 132-135 a.C. O Targum provavelmente pressupõe uma interpretação messiânica mais antiga da passagem.

[19] See BRUCE. Acts of the Apostles, p. 192-94.

[20] Veja a discussão em JUEL, Donald. Messianic exegesis: Christological interpretation of the Old Testament in early Christianity. Filadélfia: Fortress, 1988, p. 125-31. O Messias como “Servo” parece ser atestado em 4 Esdras que, em 7.28-29, traz: “Meu Messias será revelado... depois destes anos, meu filho [ou servo], o Messias, morrerá”. Para essa tradução e a discussão da probabilidade de que a referência ao “servo” serviu de base para o texto original, veja STONE, Michael E. Fourth Ezra: A commentary on the Book of Fourth Ezra, Hermeneia. Minneapolis: Fortress, 1990, p. 202-17. Muitos admitem que 4 Esdras foi composto por volta do ano 100 d.C. É claro que a identificação do

Messias como o Servo é anterior à composição de 4 Esdras, mas quanto? A identificação messiânica do Servo, testemunhada também no Targum, é anterior ao tempo de Jesus? Para uma discussão mais aprofundada, veja HENGEL, Martin. “Zur Wirkungsgeschichte von Jes 53 in vorchristlicher Zeit”. In: JANOWSKI e STULMACHER (orgs.). Der leidende Gottesknecht, p. 49-91; reimpressão em HENGEL, Martin. Judaica, Hellenistica et Christiana: Kleine Schriften II, WUNT 109. Tübingen: Mohr Siebeck, 1999, p. 72-114.

[21] Observe também o último versículo do Salmo 18: “É ele quem dá grandes vitórias ao seu rei e usa de benignidade para com o seu ungido [wj)yv!m=], com Davi e sua posteridade, para sempre” (v. 50 na ESV [e na ARA], 51 em hebraico). O Targum parece entender esse versículo como uma referência ao Messias.

[22] A tradução é baseada em CHILTON, Bruce D. The Isaiah Targum, ArBib 11. Wilmington: Glazier, 1987, p. 103-5. Para as traduções aramaica e inglesa que, em alguns pontos, diferem ligeiramente, veja STENNING, John F. The Targum of Isaiah. Oxford: Clarendon Press, 1949, p. 178-81.

[23] Para uma discussão acadêmica da notável reformulação do Servo no texto aramaico, veja ÅDNA, Jostein. “Der Gottesknecht als triumphierender und interzessorischer Messias. Die Rezeption von Jes 53 im Targum Jonathan untersucht mit besonderer Berücksichtigung des Messiasbildes”. In: JANOWSKI e STULMACHER (orgs.). Der leidende Gottesknecht, p. 129-58. Veja também LEVEY, Samson H. The Messiah: An Aramaic interpretation; The messianic exegesis of the Targum, MHUC 2. Cincinnati: Hebrew Union College Press, 1974, p. 63-67. Para um compêndio de traduções, paráfrases e comentários antigos, veja DRIVER, Samuel R.; NEUBAUER, Adolf. The fifty-third chapter of Isaiah according to the Jewish Interpreters. Oxford: J. Parker, p. 1876-77; reimpressão, com Prolegômena de Raphael Loewe. Nova York: Ktav, 1969.

[24] Em exatamente que sentido o Messias do Targum perdoa pecados é uma questão complicada. Para discussão adicional, veja HOFIUS, Otfried. “Kennt der Targum zu Jes 53 einen sündenvergebenden Messias?”. In: HOFIUS, Otfried. Neutestamentliche Studien, WUNT 132. Tübingen: Mohr Siebeck, 2000, p. 70-107.

[25] Reconheço que os intérpretes cristãos, no passado, exageraram no alcance da influência de Isaías 52.13–53.12 sobre a literatura do Novo Testamento. Esse ponto foi claramente compreendido por HOOKER, Morna D. Jesus and the Servant: The influence of the servant concept of Deutero-Isaiah in the New Testament. Londres: SPCK, 1959; e, novamente, em seu ensaio, HOOKER, Morna D. “Did the use of Isaiah 53 to interpret his mission begin with Jesus?”. In: BELLINGER e FARMER (orgs.). Jesus and the Suffering Servant, p. 88-103. Todavia, muitos estudiosos corretamente responderam que Morna exagerou em sua análise e, ao fazer isso, subestimou a extensão e a influência do hino do Servo Sofredor no pensamento da igreja primitiva.

[26] Veja PESCH. Die Apostelgeschichte, 1:342-43; FITZMYER. Acts of the Apostles, p. 463.

[27] BARRETT. Acts of the Apostles, 1:528, sugere Isaías 33.24 (“perdoar-se-lhe-á a sua iniquidade”) e 55.7 (“é rico em perdoar”). BRUCE, F. F. (Commentary on the Book of Acts, NICNT. Grand Rapids: Eerdmans, 1954, p. 228-29), acredita que a referência de Pedro inclua “a profecia do Servo Sofredor, que justificará ‘a muitos’ e ‘as iniquidades deles levará sobre si’” (Is 53.11).

[28] Veja CRANFIELD, C. E. B. The First Epistle of Peter. Londres: SCM Press, 1950, p. 29; MICHAELS, J. Ramsey. 1 Peter, WBC 49. Dallas: Word, 1988, p. 47; WITHERINGTON, Ben, III, Letters and homilies for hellenized Christians: A socio-rhetorical commentary on 1–2 Peter. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2007, p. 84.

[29] WITHERINGTON. Letters and homilies for hellenized Christians, p. 154.

[30] Sobre esse ponto, veja PATSCH, Hermann. “Zum alttestamentlichen Hintergrund von Römer 4,25 und I.Petrus 2,24”. In: ZNW 60, 1969, p. 273-79. Patsch corretamente argumenta que toda a passagem de Isaías 52.13–53.12 serve de base para 1 Pedro 2.21-25 (p. 278-79). O mesmo faz CRANFIELD. First Epistle of Peter, p. 67-68.

[31] Corretamente, KELLY, J. N. D. A commentary on the Epistles of Peter and Jude, BNTC. Londres: A & C Black, 1969, p. 121; MICHAELS. 1 Peter, p. 146; DAVIDS, Peter H. The First Epistle of Peter, NICNT. Grand Rapids: Eerdmans, 1990, p. 111; ACHTEMEIER, Paul J. 1 Peter, Hermeneia. Minneapolis: Fortress, 1996, p. 200; WITHERINGTON. Letters and homilies for hellenized Christians, p. 156-57.

[32] Para mais discussão, veja KELLY. Commentary on the Epistles of Peter and Jude, p. 124-26; MICHAELS. 1 Peter, p. 150-51; ACHTEMEIER. 1 Peter, p. 203-4. Ezequiel também fornece parte do pano de fundo (cf. Ez 34.11-12).

[33] Para uma discussão acadêmica, veja WAGNER. Heralds of Good News, p. 170-80. O autor corretamente diz que Isaías 52.7 e 53.1 são “estreitamente associados” no entendimento que Paulo tem do evangelho. Veja WAGNER, J. Ross. “The Heralds of Isaiah and the mission of Paul: l: An investigation of Paul’s use of Isaiah 51–55 in Romans”. In: BELLINGER e FARMER (org.). Jesus and the Suffering Servant, p. 193-222, esp. p. 208-11.

[34] CRANFIELD, C. E. B. A critical and exegetical commentary on the Epistle to the Romans, vol.1: Introduction and commentary on Romans I–VIII,

6ª ed., ICC. Edimburgo: T&T Clark, 1975, p. 251-52; DUNN, James D. G. Romans, WBC 38A. Dallas: Word, 1988, 1:224-25; FITZMYER, J. A. Romans: A new translation with introduction and commentary, AB 33. Nova York: Doubleday, 1993, p. 389; JEWETT, Robert. Romans, Hermeneia. Minneapolis: Fortress, 2007, p. 342 e n. 225.

[35] FITZMYER. Romans, p. 421; JEWETT. Romans, p. 387; SAPP. “LXX, 1QIsa, and MT Versions of Isaiah 53”, p. 187-88.

[36] WAGNER. Heralds of Isaiah and the mission of Paul, p. 194, corretamente diz: “Isaías exerceu uma influência profunda e normativa sobre a concepção paulina de seu ministério apostólico. Paulo encontra em Isaías uma prefiguração ou prenotificação de sua própria proclamação do evangelho de Cristo a judeus e gentios, nos lugares em que Cristo ainda não é conhecido”.

[37] Veja ROBERTSON, A. T.; PLUMMER, A., A critical and exegetical commentary on the First Epistle of St Paul to the Corinthians, 2ª ed., ICC. 1911; reimpr. Edimburgo: T&T Clark, 1914, p. 333; FEE, Gordon D. The First Epistle to the Corinthians, NICNT. Grand Rapids: Eerdmans, 1987, p. 724.

[38] É a declaração ao rei, que foi convidado a se sentar à destra de Deus, de que ele é “sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque” (Sl 110.4), que inspira a cristologia característica do autor de Hebreus. Assim como Melquisedeque era rei e sacerdote (cf. Gn 14.18), assim também Jesus é rei e sacerdote. Para uma discussão da cristologia de Hebreus, veja LANE, William L. Hebrews 1–8, WBC 47A. Dallas: Word, 1991, p. cxl-cxliii; WITHERINGTON, Ben, III. Letters and homilies for Jewish Christians: A socio-rhetorical commentary on Hebrews, James and Jude. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2007, p. 59-67.

[39] SCHAEFER, James R. “The relationship between priestly and servant messianism in the Epistle to the Hebrews”. In: CBQ 30, 1968: p. 359-85. Schaefer observa: “A cristologia sacerdotal de Hebreus parece ter absorvido totalmente sua cristologia do Servo” (p. 383).

[40] Para uma defesa da influência de Isaías 53 sobre 1 João 3.5, veja ARGYLE, A. W. “1 John iii. 4f.”. In: ExpTim 65, 1953-54: p. 62-63.

[41] Embora a referência primária do evangelista em 1 João 1.29 seja o cordeiro pascal (como fica claro em Jo 19.33, 36), a afirmação de que esse cordeiro “tira o pecado do mundo” muito provavelmente faz alusão ao cordeiro de Isaías 53.7, sobre quem é lançada a iniquidade da humanidade (53.6), que faz expiação pelo pecado da humanidade (53.11-12). As duas imagens do cordeiro se fundiram na obra do Cordeiro de Deus. Veja BROWN, Raymond E. The Gospel according to John, AB 29. Garden City: Doubleday, 1966-70, 1:63. Brown acredita que o evangelista, em João 1.29, quis se referir tanto ao cordeiro pascal quanto ao Servo Sofredor. Para a mesma opinião, mas com maior documentação, veja KEENER, Craig S. The Gospel of John: A commentary. Peabody, MA: Hendrickson, 2003, 1:452-54. Veja também GENTRY, Peter John. “The atonement in Isaiah’s fourth Servant Song (Isaiah 52:13–53:12)”. In: Southern Baptist Journal of Theology 11, n. 2, 2007: p. 20-47.

[42] O primeiro sinal é a transformação da água em vinho (2.1-11), o sétimo é a ressurreição de Lázaro (11.38-53).

[43] Como em Números 14.11 (“Até quando me provocará este povo e até quando não crerá em mim, a despeito de todos os sinais que fiz no meio dele?”) ou especialmente Deuteronômio 29.2-4 (“Tendes visto tudo quanto o Senhor fez na terra do Egito, perante os vossos olhos... as grandes provas que os vossos olhos viram, os sinais e grandes maravilhas; porém o Senhor não vos deu coração para entender, nem olhos para ver, nem ouvidos para ouvir, até ao dia de hoje”).

[44] Pode-se perguntar se as introduções em João 12.39 (“Isaías disse ainda”) e 19.37 (“outra vez diz a Escritura”) são exceções. Não são. Essas duas introduções são meramente estensões das introduções anteriores, em 12.38 e 19.36. Realmente vemos esses exemplos compondo introduções, cada uma recorrendo a uma passagem importante da Escritura.

[45] Estudos recentes favorecem a interpretação de que o material do Dialogue atribuído a Trifo é material judaico genuíno. A construção do diálogo em si pode ser artificial, mas o material é autêntico. Para mais sobre isso e temas relacionados, veja HORNER, Timothy J. “Listening to Trypho”: Justin Martyr’s dialogue reconsidered, CBET 28. Leuven: Peeters, 2001.

[46] As citações de Dialogue with Trypho são baseadas em ROBERTS, Alexander; DONALDSON, James (org.). The ante-Nicene Fathers. Edimburgo: T&T Clark, 1898; reimpr. Grand Rapids: Eerdmans, 1989, 1:244.

[47] A objeção é antiga, como atestado em Gálatas 3.10-13.

[48] O hebraico e o grego trazem: “Vi o Senhor assentado sobre um alto e sublime trono”. O aramaico (i.e.,o Targum) traz: “Vi a glória do Senhor sobre um trono, alta e sublime, nos céus”. Essa “glória” do Senhor sentada sobre o trono divino, alto e sublime, não é nenhum outro senão o Verbo encarnado. Quando Isaías viu Deus, ele também viu sua glória, alta e sublime, que, no tempo, apareceria como o Messias Servo, que também seria alto e sublime. A exegese do quarto evangelista é absolutamente notável.

[49] João 20.30-31 constitui a conclusão do quarto Evangelho, quer se

interprete o capítulo 21 como um adendo ou como parte do Evangelho original. De qualquer modo, o capítulo 21 funciona como um epílogo. Para argumentos em favor da tradução que foi proposta, veja CARSON, D. A. “The purpose of the fourth Gospel: John 20:31 reconsidered”. In: JBL 106, 1987: p. 639-51. Carson está correto em dizer que a questão tratada no quarto Evangelho não é “Quem é Jesus?”, mas “Quem é o Messias, o Filho de Deus?” Lembre-se que, no século 1º, vários supostos profetas, messias e libertadores entrariam em cena.

Capítulo 7

[01] BETZ, Otto “Jesus and Isaiah 53”, em Jesus and the Suffering Servant: Isaiah 53 and Christian origins. In: BELLINGER, William H., Jr.; FARMER, William R. (orgs.). Harrisburg, PA: Trinity Press International, 1998, p. 73.

[02] Veja ALAND, Barbara; ALAND, Kurt; KARAVIDOPOULOS, Johannes; MARTINI, Carlo; e METZGER, Bruce (orgs.). The Greek New Testament, 4ª ed. Stuttgart: Deutsche Biblegesellschaft, 2001, p. 888.

[03] Ibid., p. 899-901.

[04] JEREMIAS, Joachim. In: TDNT, 5:682-700. Veja ALOBAIDI, Joseph. In: The Messiah in Isaiah 53: The commentaries of Saadia Gaon, Salmon ben Yeruham, and Yefet ben Eli on Is 52:1–53:12. In: La Bible dans l’histoire: Textes et etudes. Bern: Peter Lang, 1998. O comentário de Saadia sobre Isaías 53 representa uma das interpretações antimessiânicas mais antigas. Salmon ben Yeruham e Yefet ben Eli opuseram-se a Gaon, argumentando em favor de categorias messiânicas tradicionais. Do século 9º ao 11, os rabanitas, representados por Gaon, defenderam suas interpretações talmúdicas contra os karaítas, representados por Salmon e Yefet. Todos os três interpretam o Servo

como uma pessoa, rejeitando, assim, a interpretação coletiva. Uma excelente fonte que narra a interpretação de Isaías 53 entre exegetas judeus e cristãos durante os tempos medievais e modernos é de REMBAUM, Joel. “The development of Jewish exegetical tradition regarding Isaiah 53”. In: HTR 75, n. 3, 1982: p. 289-311. Rembaum observa: “O Servo como Messias é o tema dominante nas fontes rabínicas. Nos tempos medievais, os exegetas judeus tendiam a interpretar o Servo como o povo judeu sofrendo no exílio” (p. 291-92).

[05] BOCK, Darrell L. Luke 9:51–24:53, ECNT 3B. Grand Rapids: Baker Academic, 1996, p. 1748.

[06] HOOKER, Morna D. Jesus and the Servant. Londres: SPCK, 1959.

[07] WOLFF, H. W. “Jesaja 53 im Urchristentum”, Dissertação de Doutorado. Halle, 1942; 4ª ed., Gieben: Brunnen Verlag, 1984, p. 7-11.

[08] OSWALT, John N. The Book of Isaiah: Chapters 40–66, NICOT. Grand Rapids: Eerdmans, 1998, p. 384.

[09] Ibid.

[10] WHYBRAY, R. N. Thanksgiving for a liberated prophet: An interpretation of Isaiah chapter 53, JSOTSup 4. Sheffield: JSOT Press, 1978; ORLINSKY, Harry Studies on the second part of the Book of Isaiah, VTSup 14. Leiden: E. J. Brill, 1967.

[11] OSWALT. Isaiah 40–66, p. 385. Oswalt observou um problema adicional na posição de Whybray: “Se o profeta foi colocado na prisão por pregar contra a Babilônia, em que sentido ele estava lá como resultado dos pecados de seus companheiros exilados? Em que sentido esse aprisionamento poderia produzir cura para o povo? Por que o seu povo sentiria que ele estava, de alguma maneira, fazendo isso por causa deles e ficaria profundamente envergonhado pelo modo como tinham pensado sobre ele? Novamente, essa passagem é profunda demais e ampla demais para se apoiar nos ombros pequenos de um profeta hipotético” (OSWALT. Isaiah 40–66, p. 394).

[12] Ibid. Observe que Hebreus 9.1-14 fala sobre isso da perspectiva do Novo Testamento.

[13] Ibid., p. 386.

[14] SPIECKERMANN, Hermann “The conception and prehistory of the idea of vicarious suffering in the Old Testament”. In JANOWSKI, Bernd; STULMACHER, Peter (org.). The Suffering Servant: Isaiah 53 in Jewish and Christian sources. Trad. Daniel P. Bailey. Grand Rapids: Eerdmans, 2004, p. 6.

[15] KOOLE, Jan L. Isaiah 49–55, vol. 2, parte 3. Trad. A. Runia. Louvain: Peeters, 1998, p. 292.

[16] O substantivo hebraico que significa “pó” deriva desse verbo. Veja OSWALT. Isaiah 40-66, p. 387.

[17] MOTYER, J. Alec. The Prophecy of Isaiah: An introduction and commentary. Downer Grove, IL: InterVarsity Press, 1993, p. 430.

[18] Ibid.

[19] KOOLE. Isaiah 49–55, p. 296.

[20] OSWALT. Isaiah 40–66, p. 389. Veja DOUTY, Norman F. The death of Christ. Swengel, PA: Reiner Publications, 1972, p. 72, para uma discussão de Isaías 53.6 e o uso de “todos” referindo-se a todo o Israel e, por extensão, a toda a humanidade. Mesmo se Isaías 53 estivesse falando somente de um contexto judaico, obviamente muitos gentios estariam entre os eleitos, e, se o Servo é Jesus, sua morte não foi somente por Israel. O comentário de Calvino sobre esse versículo é interessante: “Sobre ele [Cristo] foi lançada a culpa de todo o mundo”; Veja CALVIN, John. Commentary on Isaiah, vol. 4, Calvin Translation Society Series, 90 v. Edimburgo: T&T Clark, 1845-1854, p. 131. Calvino também afirmou: “Deus fica satisfeito e apaziguado, pois ele levou toda a impiedade e todas as iniquidades do mundo” em CALVIN. Sermons on Isaiah’s prophecy of the death and passion of Christ, p. 70.

[21] KOOLE. Isaiah 49–55, p. 296.

[22] GOLDINGAY, John; PAYNE, David. Commentary on Isaiah 44.24–55.13, vol. 2. In: A critical and exegetical commentary on Isaiah 40–55, ICC. Londres: T&T Clark, 2006, p. 308.

[23] MOTYER. Isaiah, p. 431. “Enquanto o Servo sofre, ainda estamos nos desviando, e o Senhor, agindo como sumo sacerdote em relação ao Servo-Vítima (6c; cf. Lv 16.21), carrega-o com os nossos erros” (ibid., p. 429).

[24] OSWALT. Isaiah 40–66, p. 389.

[25] Veja WHYBRAY, Thanksgiving for a liberated prophet, p. 79-105. Whybray afirma que a palavra hebraica traduzida como “cortado” é usada num sentido hiperbólico. Embora essa palavra possa ser usada nesse sentido, ela nem sempre é usada assim. Das oito ocorrências no Qal, cinco são literais (veja OSWALT. Isaiah 40–66, p. 395-96).

[26] OSWALT. Isaiah 40–66, p. 393.

[27] Para discussões detalhadas, consulte Goldingay e Payne, Commentary on Isaiah 44.24–55.13, 318-22; Motyer, Isaiah, 438–40; e Oswalt, Isaiah 40–66, 400-403.

[28] Koole, Isaiah 49–55, p. 318.

[29] Levítico 5.16,18; 7.7.

[30] Richard Averbeck, “Sacrifices and offerings”, Dictionary of the Old Testament: Pentateuch, T. Desmond Alexander e David W. Baker (orgs.) Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2003, p. 720.

[31] Veja Sigmund Mowinckel, He that cometh, G. W. Anderson (trad.) Nova York: Abingdon, 1954, p. 204-5.

[32] Oswalt, Isaiah 40–66, 403.

[33] Ibid., p. 405.

[34] Ibid., p. 407. “O tema doutrinário unificador é o entendimento da morte do Servo como uma oferta pela culpa (9-10b), um sacrifício pelo pecado que remove o pecado e imputa a justiça (11-12ab) e uma autoidentificação e interposição voluntárias (12c-f)” (MOTYER. Isaiah, p. 437).

[35] JEFFREY, Steve; OVEY, Michael; e SACH, Andrew. Pierced for our transgressions: Rediscovering the glory of penal substitution. Wheaton, IL: Crossway, 2007, p. 60. GROVES, J. Alan. “Atonement in Isaiah 53”. In: HILL, C.; JAMES, F., III (orgs.). The glory of the atonement: Biblical, historical, and practical perspectives: Essays in honor of Roger Nicole. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2004, p. 86, afirmou: “A sintaxe única é bem adequada para indicar um significado único, ‘fazer expiação’”. Veja os elementos incomuns adicionais em Isaías 53.11-12 discutidos por Groves que realçam ainda mais as declarações únicas de Isaías sobre o sofrimento do Servo (p. 80-86).

[36] PAO, David; SCHNABEL, Eckhard. “Luke”. In: BEALE, Greg; CARSON, D. A. (org.). Commentary on the New Testament use of the Old Testament. Grand Rapids: Baker Academic, 2007, p. 386.

[37] MOTYER. Isaiah, p. 437.

[38] JEFFERY, OVEY e SACH. Pierced for our transgressions, p. 44-48. Para uma discussão mais detalhada, veja PETERSON, David. “Atonement in the Old Testament”. In: PETERSON, David (org.). Where wrath and mercy meet:

Proclaiming the atonement today. Carlisle: Paternoster, 2001, p. 1-25; veja também a obra crucial de MORRIS, Leon L. The apostolic preaching of the cross. Londres: Tyndale, 1955, p. 160-78.

[39] Goldingay erra quando alega que “a questão da propiciação da ira de Deus… teve pouco lugar em Levítico. A palavra ira raramente aparece. As linguagens de expiação/propiciação/ira não aparecem juntas… O sacrifício não se relaciona diretamente com a ira”. GOLDINGAY, John. “Your iniquities have made a separation between you and your God”. In: GOLDINGAY, John (org.). Atonement today. Londres: SPCK, 1995, p. 51.

[40] JEFFERY, OVEY e SACH. Pierced for our transgressions, p. 49.

[41] Ibid., p. 49-50. Veja também WILLIAMS, Garry. “The cross and the punishment of sin”. In: Where wrath and mercy meet, p. 68-81.

[42] Veja a discussão em ROOKER, Mark. Leviticus, NAC 3A. Nashville: Broadman & Holman, 2000, p. 221. Rooker observou que Ben-Shammai argumentava que o Servo sofredor desempenhou o papel do bode expiatório ao levar os pecados do povo (p. 226).

[43] PETERSON. “Atonement in the Old Testament”, p. 21.

[44] Consulte AVERBECK, Richard. “rpq”. In: NIDOTTE 2:689-710.

[45] GROVES. “Atonement in Isaiah 53”, p. 65-66.

[46] Ibid., p. 66.

[47] Ibid., p. 68.

[48] WHYBRAY. Thanksgiving for a liberated prophet. Veja também HOOKER, Morna D. “Did the use of Isaiah 53 to interpret his mission begin with Jesus?”. In: Jesus and the Suffering Servant, p. 88-103.

[49] HOFIUS, Otfried. “The fourth Servant Song in the New Testament letters”. In: The Suffering Servant, p. 163-72.

[50] GROVES. “Atonement in Isaiah 53”, p. 69.

[51] OSWALT. Isaiah 40–66, p. 407-8.

[52] GROVES. “Atonement in Isaiah 53”, p. 81.

[53] Trad. AVERY-PECK, A. J. The Talmud of Babylonia: An American translation, IX: Tractate Rosh Hashanah. Atlanta: Scholars Press, 1995, p. 407.

[54] Trad. NEUSNER, Jacob. The Talmud of Babylonia, p. 409.

[55] Trad. NEUSNER, Jacob. The Talmud of the Land of Israel: A preliminary translation and explanation, Yoma, v. 14. Chicago: University of Chicago Press, 1990, p. 176. Veja também JOSEFO. Jewish wars, 6.6.3.

[56] NEUSNER. Talmud of the Land of Israel, p. 176.

[57] SIBLEY, Jim. “The birth of messianic faith”, texto não publicado, p. 13-14.

[58] PAO e SCHNABEL. “Luke”, p. 385.

[59]JEREMIAS, Joachim. “This is my body…”. In: ExpTim 83, n. 7, abr./1972: p. 203.

[60] GUTHRIE, Donald. New Testament theology. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1981, p. 446. Veja também NOLLAND, John. Luke 18:35-24:53, WBC 35C. Dallas: Word, 1993, p. 1077. Joseph Fitzmyer concluiu o oposto, contudo, em The Gospel according to Luke X-XXIV, AB 28A. Garden City, NY: Doubleday, 1985, p. 1418. Veja a discussão em BILLINGS, Bradley S. Do this in remembrance of me: The disputed words in the Lukan institution narrative (Luke 22:19b): An historico-exegetical, theological, and sociological analysis, Library of New Testament Studies 314, M. Goodacre (org.). Londres: T&T Clark, 2006, p. 42-43.

[61] Compare isso com a atividade de Simão, o sumo sacerdote em Siraque 50.19-20. Veja também MEKKATTUKUNNEL, Andrews. The priestly blessing of the risen Christ: An exegetico-theological analysis of Luke 24:50–53, European University Studies, series 23, vol. 714. Nova York: Peter Lang, 2001,

que defende conclusivamente exatamente esse ponto.

[62] TALBERT, C. H. Reading Luke: A literary and theological commentary on the third Gospel. Nova York: Crossroad, 1982, p. 233. Cf. HENDRICKSEN, William Exposition of the Gospel according to Luke, NTC. Grand Rapids: Baker, 1978, p. 43. Veja SYLVA, Dennis D. “The temple curtain and Jesus’ death in the Gospel of Luke”. In: JBL 105, 1986: p. 239-50. Veja especialmente a n. 22, na p. 257, que relaciona aqueles que veem no levantar das mãos de Jesus para abençoar os discípulos (Lc 24.50-53) uma bênção sacerdotal: Schlatter, Daube, Ellis, Tinsley, Arndt, Schmitals. Aqueles que o interpretam especificamente como uma bênção sacerdotal incluem STEMPVOORT, P. A. Van. “The interpretation of the ascension in Luke and Acts”. In: NTS 5, 1957-1958: p. 30-42; GRUNDMANN, Walter. Das Evangelium nach Lukas, THKNT 3. Berlim: Evangelische, 1971, p. 453-54; SCHNEIDER, Gerhard. Das Evangelium nach Lukas, 2 v., Ökumenischer Taschenbuch-Kommentar zum Neuen Testament. Gerd Mohn: Güterslogar; Würzburg: Echter, 1977; STUHLMUELLER, C. “The Gospel according to Luke”, in The Jerome Bible commentary. Londres: Chapman, 1968, p. 115-64; e KARRIS, Robert J. “Luke 23:47 and the Lucan view of Jesus’ death”. In: JBL 105, 1986: p. 65-74.

[63] DAUBE, David. “For they know not what they do: Luke 23:24”. In: StPatr 4, TU 79. Berlim: Akademie, 1961, p. 58-70.

[64] Ibid., p. 65-67.

[65] Veja também HOULDEN James L., “The purpose of Luke”. In: JSNT 21, 1984: p. 56-59.

[66] Esse é um dos muitos exemplos que tenho usado para defender o caráter judaico de Lucas e que ele foi o autor do livro de Hebreus. Veja ALLEN, David

L. Hebrews, NAC 35. Nashville: B & H Academic, 2010; idem, The Lukan authorship of Hebrews. New American Commentaries Studies in Bible and Theology. Nashville: B & H Academic, 2010.

Capítulo 8

[01] O resumo de Isaías 52.13–53.12 na primeira seção deste capítulo é uma versão resumida da exposição do cântico pelo autor em CHISHOLM, Robert B., Jr. Handbook on the prophets. Grand Rapids: Baker Academic, 2002, p. 117-22. Usado com permissão.

[02] O Senhor está claramente falando no versículo 11b; não é certo se o seu discurso começa aqui ou no versículo 11a. As referências na terceira pessoa ao Senhor, no versículo 10, sugerem que não é ele quem fala ali.

[03] A terminologia-padrão para perdão na Bíblia hebraica inclui rhf, “purificar”; sbk, “lavar”; rpk, “cobrir, expiar” (cf. Is 47.11); hjm, “apagar, esquecer” (cf. Is 43.25; 44.22); acn, “retirar, remover”; jls, “perdoar” (cf. Is 55.7); e rbu, “ignorar, deixar passar”, no qal, e “remover”, no hiphil.

[04] Os termos-padrão para “salvar, libertar, resgatar e redimir” incluem lag, uvy, lxn, flm e hdp.

[05] Claro, alguns argumentam que 52.15 e 53.10 contribuem para o tópico. A declaração <yB!r~~ <y]w{G hZ#y~~, em 52.15, tem sido tradicionalmente entendida como “ele aspergirá muitas nações”, sugerindo um papel sacerdotal purificador exercido pelo Servo. A associação do Servo com <v*a*, “oferta pelo pecado”, em 53.10, também tem sido entendida por alguns como apontando para

a obra expiatória do Servo.

[06] O termo /k@a* pode ser entendido como afirmativo (“certamente”) ou adversativo (“mas, todavia”) (cf. HALOT, 47, que sugere a segunda possibilidade aqui). Se entendermos o versículo 4a como estando em relação sintática primária com o versículo 4b, então podemos traduzir: “Certamente ele tomou nossas enfermidades e levou as nossas dores, mas pensávamos que ele estava sendo punido, atacado por Deus, e afligido (i.e.,por algo que tinha feito)” (veja a tradução de BALTZER, Klaus. Deutero-Isaiah: A commentary on Isaiah 40–55. Trad. Margaret Kohl, Peter Machinist (org.), Hermeneia. Minneapolis: Fortress 2001, p. 392, embora seu comentário [p. 408] discuta ambas as possibilidades como viáveis). Mas se a relação sintática primária for com o versículo 3b, então podemos traduzir: “Todavia, ele tomou...”. Nesse caso, há um contraste entre a perspectiva do versículo 3 (o Servo foi desprezado por causa de sua enfermidade) e a do versículo 4a (o sofrimento do Servo realmente era devido ao fato de ele levar as enfermidades dos que estão falando) (veja KOOLE, Jan L. Isaiah III, volume 2: Isaiah 49–55. Trad. Anthony P. Runia, Historical commentary on the Old Testament. Leuven: Peeters, 1998, p. 288.). Esse uso adversativo é encontrado no segundo Cântico do Servo (49.4), mas o paralelo sintático mais próximo parece ser Gênesis 28.16, em que uma cláusula introduzida por /k@a* é seguida por uma cláusula iniciada por um pronome independente, como em Isaías 53.4. Nesse caso, /k@a* tem uma força afirmativa com a segunda cláusula sendo adversativa: “Certamente, o Senhor está neste lugar, mas eu não o sabia” (Gn 28.16).

[07] O texto hebraico literalmente traz “e nossas dores, ele suportou”. O sufixo pronominal em “nossas dores” é um acusativo absoluto, retomado pelo sufixo aposicional pronominal do verbo “as suportou”.

[08] Como observado acima, essa cláusula iniciada pelo pronome é entendida como adversativa, depois do /k@a* precedente (cf. Gn 28.16).

[09] O texto hebraico literalmente traz: “o consideramos punido”. Depois do sufixo pronominal no verbo, o particípio passivo u^Wgn` funciona substantivamente como um acusativo de estado.

[10] O termo myh!l)a$ é, às vezes, interpretado como superlativo aqui e traduzido como um advérbio, “horrivelmente golpeado” (veja WHYBRAY, R. N. Thanksgiving for a liberated prophet: An interpretation of Isaiah chapter 53. In: JSOTSup 4. Sheffield: University of Sheffield, 1978, p. 96). Todavia, como Whybray reconhece (p. 116), a ideia de rejeição de um sofredor por parte de Deus “é um tema frequente na literatura de lamentação/ação de graças” (cf. Sl 10.1,11; 22.2,12,20; 31.23; 38.22; 42.10; 43.2; 44.10; 60.3; 71.9,18; 77.8-11; 119.8 – veja ibid., p. 165, n. 37).

[11] A cláusula iniciada pelo pronome é entendida como adversativa; ela contrasta a nova perspectiva refletida do que fala com sua perspectiva limitada anterior (v. 4b).

[12] A tradução entende a raiz como a relativamente rara llj II, “traspassado, ferido” (HALOT, p. 320), não como a raiz mais comum llj I, “profano, secularizado” (HALOT, p. 319). (Para uma defesa da segunda possibilidade, que requer que a forma a ser revocalizada seja pual, veja BALTZER. Deutero-Isaiah, p. 410.) A imagem do Servo sendo traspassado ou ferido cria um paralelo melhor com aK*d%m=, “esmagado”, e w{tr*b%j&b^, por suas feridas, que aparece posteriormente no versículo.

[13] A preposição é causal, tanto aqui quanto na linha seguinte.

[14] O substantivo plural é escrito aqui de modo incorreto (cf. o rolo A de Isaías de Qumran).

[15] O texto hebraico traz literalmente: “a punição de nossa paz [está/estava] sobre ele”. O genitivo indica propósito ou resultado/efeito aqui. Veja GKC, p. 417 (par. 128q); IBHS, p. 146 (par. 9.5.2c).

[16] A forma é singular; talvez seja coletiva (HALOT, p. 285), embora o singular possa sugerir que o Servo “está todo ferido” (KOOLE. Isaiah III, Volume 2: Isaiah 49–55, p. 295). O rolo A de Isaías (1QIsa^{a}) traz o plural aqui. BALTZER. Deutero-Isaiah, p. 392, traduz como “comunhão/invocação”, entendendo que a raiz é rbj II, “aliar-se, tocar” (cf. HALOT, p. 287-88).

[17] O texto hebraico, traz literalmente, “e por sua ferida [há/houve] cura para nós”. O sujeito do niphal passivo perfeito (ou um particípio não confirmado) é impessoal. Veja GKC, p. 387 (par. 121a).

[18] O artigo é genérico, indicando classe. Veja GKC, p. 407 (par. 126o).

[19] Sobre o uso da forma verbal qatal para indicar ação anterior aqui, veja DAVIDSON, A. B. Hebrew syntax, 3 ed. Edimburgo: T&T Clark, 1901, p. 59, par. 39 Rem. 1.

[20] O texto hebraico traz literalmente “um homem, para seu caminho nos voltamos”. O termo vya! é usado aqui em seu sentido distributivo de “cada, todo” (para esse uso do termo, veja HALOT, p. 44, categoria 12.

[21] O texto hebraico traz, literalmente, “a iniquidade de todos nós”. O termo /ou*, “iniquidade”, pode se referir, aqui, à “culpa” pelo pecado deles (cf. NJPS),

mas a tradução acima entende que ele se refere à “punição” que o pecado deles merecia, um uso metonímico do substantivo. Esse nome tem o significado primário de “ação perversa, pecado”, mas pode ser usado metonimicamente como “culpa causada pelo pecado” e, por extensão, “punição pela culpa” (veja HALOT, p. 800).

[22] Em outros lugares o hiphil de ugp significa “interceder, intervir” (Is 53.12; 59.16; Jr 15.11) ou “insistir” (Jr 36.25). (O significado do verbo em Jó 36.22 é incerto). Nenhum dos dois significados parece se encaixar em Isaías 53.6. No qal, o verbo significa (1) “encontrar alguém”; (2) “cair sobre” (num sentido hostil); (3) “suplicar” (cf. HALOT, p. 910). Em Isaías 53.6, o hiphil parece ser um uso causativo do significado qal “cair sobre” (cf. HALOT, que sugere o significado “deixar que algo fira alguém” para Is 53.6). Quando o qal tem o sentido de “cair sobre”, a preposição B= geralmente introduz o objeto do ataque ou assalto (cf. Js 2.16; Jz 8.21; 15.12; etc.), como acontece com o hiphil em Isaías 53.6. Parece que a iniquidade dos que falam (isto é, culpa ou punição) é personificada como um assaltante que ataca o Servo.

[23] Como no versículo 5, a preposição é entendida como causal.

[24] O rolo A de Isaías de Qumran traz “seu povo”. KOOLE. Isaiah III, volume 2: Isaiah 49–55, p. 309-10, rejeita essa leitura como uma harmonização. O texto hebraico tradicional traz “meu povo”, em cujo caso a identidade do falante singular é incerta. Para mais discussão, veja abaixo a seção intitulada “Investigando mais a fundo”.

[25] O texto hebraico traz literalmente “havia uma ferida para eles”. A tradução entende isso como uma cláusula relativa implícita com elipse do pronome relativo, “a quem a ferida era devida” (cf. NJPS, “pelo pecado do meu povo, que merecia a punição”). Nesse caso, o sufixo na preposição pode ser entendido como plural e referindo-se ao coletivo <u*, “povo”. Uma outra opção é interpretar o sufixo na frase Wml* como singular, em vez de plural (cf. GKC, p.

302n3, e Is 44.15), em cujo caso pode-se traduzir “ele foi ferido”. A LXX aceita a leitura tw#M*l~~, “morrer”, mas é difícil ver como a letra taw teria sido omitida se essa fosse a leitura original (a sequência waw-taw proposta é seguida por uma sequência waw-yod-taw na forma seguinte [/T@Y!w~~], tornando a halografia uma possibilidade remota). Parece mais provável que a LXX tenha sido influenciada pela leitura tw#M*l^, “morrer”, no versículo 12.

[26] O texto hebraico traz literalmente “do sofrimento de sua alma”. A preposição é interpretada como temporal aqui, “depois, quando” (cf. BDB, p. 581, categoria 4.b).

[27] Tanto o rolo A de Isaías de Qumran quanto a LXX acrescentam “luz” como um objeto aqui.

[28] Várias questões surgem sobre w{Tu=d^^B=, literalmente “em/pelo conhecimento dele”: (1) A expressão acompanha o que precede ou o que vem depois? A acentuação do TM sugere a segunda, bem como o rolo A de Isaías de Qumran, que acrescenta a conjunção waw no início da forma. Em outros lugares, a expressão “em conhecimento”, quando usada isoladamente, e não numa fileira de expressões (como em Êx 31.3; 35.31; Ec 2.21), geralmente precede o verbo com o qual é colocada (Jó 34.35; Pv 11.9; 24.4 – mas veja Pv 13.16 para uma exceção). O único outro caso da expressão com um sufixo pronominal está em Provérbios 3.20, em que o verbo vem depois. (2) Qual é a força da preposição? Se a expressão for interpretada com o que precede, então a preposição provavelmente é temporal (“quando”), mas, se for colocada com o que segue, como sugerimos, é mais bem entendida como instrumental (“por, por meio de”). (3) O sufixo pronominal é subjetivo ou objetivo? Na única outra passagem em que aparece, o sufixo é subjetivo (Pv 3.20, que traz, literalmente, “pelo seu conhecimento as profundezas são abertas”). Se o sufixo for subjetivo, pode-se interpretar “conhecimento”, no sentido de “lealdade, devoção, comprometimento” (veja NJPS, que interpreta a expressão com o que precede e traduz “ele desfrutará plenamente por meio de sua devoção”. A nota marginal na tradução de NJPS apropriadamente cita Isaías 11.2, 9 como passagens paralelas

em que “conhecimento” tem esse mesmo significado). Pode-se, então, traduzir: “Por meio de sua devoção, meu servo justo justificará a muitos”. Nesse caso, o foco é sobre a lealdade do Servo como uma base para sua ação. Se o sufixo for interpretado como objetivo, pode-se traduzir: “Por meio do conhecimento [i.e.,reconhecimento] dele, meu servo justo justificará a muitos”. Nesse caso, o foco é sobre a resposta ao Servo, que é essencial para a ação ser realizada. Isso pode se referir ao reconhecimento da obra do Servo, descrita em 52.15 e implícita em 53.1-6. Para essa interpretação, veja YOUNG, E. J. The Book of Isaiah, NICOT. Grand Rapids: Eerdmans, 1972, 3:357.

[29] O texto hebraico traz, literalmente, “ele tornará justos, justos, meu servo, os muitos”. O adjetivo qyD!x^, “justo”, pode ser ditográfico (observe o verbo precedente, qyD!x=y~), mas a tradução entende que ele é substantival e aposicional a “meu servo” (cf. GKC, p. 428, para. 132b).

[30] A preposição l~m#D aqui introduz o objeto (GKC, p. 366, par. 117n). O uso da forma verbal imperfeita sugere que a ação descrita está em andamento ou ainda no futuro. No contexto, o sofrimento do Servo é descrito como passado, mas o uso do imperfeito indica que o benefício que ele traz a “muitos” é um acontecimento posterior.

[31] A cláusula iniciada pelo objeto é entendida como causal. A forma verbal prefixada pode ser interpretada como um imperfeito e traduzida como futuro (cf. NRSV e NIV 2011) ou presente (cf. NJPS), mas a forma é mais bem entendida como um pretérito ou como um uso passado progressivo do imperfeito (“ele estava levando”). O ministério do Servo de “levar/carregar” é descrito como passado nos versículos 4 (observe o uso das formas perfeitas ac*n* e <l*b*s=) e 12b (observe novamente o uso do perfeito ac*n*).

[32] Devido à presença da imagem militar em 12a, alguns entendem os termos paralelos <yB!r~~ e <ym!Wxu& como referência aos “grandes” e “fortes” (cf. NIV). No entanto, o uso geral dos termos sugere que, mais provavelmente,

referem-se à força numérica (cf. NJPS: “Eu lhe darei os muitos como sua porção, ele receberá a multidão como seu espólio”). Veja OLLEY, John W. “‘The many’: How is Isa 53,12a to be understood?”. In: Biblica 68, 1987: p. 330-56. Um outro problema no versículo 12a refere-se ao uso de B= e ta#. Nossa tradução assume que B= introduz o objeto do verbo qlj (cf. Jó 39.17). Veja KOOLE. Isaiah III, volume 2: Isaiah 49–55, p. 337-38. Pode-se pensar que ta# na linha paralela é o sinal do acusativo (como GOLDINGAY, John; PAYNE, David. A critical and exegetical commentary on Isaiah 40–55, ICC. Londres: T&T Clark, 2006, p. 329; eles argumentam que, na poesia, o objeto não precisa ser definido, cf. Is 41.7). Mas é mais provável que ta# seja uma preposição (OLLEY. “The many”, p. 346-47), como o paralelo sintático de Provérbios 16.19 sugere. Nesse caso, o Servo, tendo recebido os “muitos” de Deus, agora divide o espólio da vitória “com” uma multidão. Reconhecidamente, isso é problemático. Que espólio é distribuído? Goldingay e Payne argumentam que essa interpretação “gera um entendimento implausível da linha como um todo em que muitos/poderosos são os objetos e os beneficiários do ato de Yhwh” (Isaiah 40–55, p. 329). No entanto, a interpretação deles também cria um cenário estranho, em que Deus reparte “os muitos” com o Servo, que, então, os distribui (admitindo que “uma multidão” e os “muitos” são o mesmo grupo) a outros como espólio (a colocação qlj [piel] + ll*v* coerentemente significa “dividir/distribuir o espólio”. Veja Gn 49.27; Êx 15.9; Jz 5.30; Sl 68.12; Pv 16.19; Is 9.3[2]). Mas quem seriam os beneficiados, nesse caso? KOOLE (Isaiah III, volume 2: Isaiah 49–55, p. 339) argumenta que a colocação significa “possui o prêmio”, em vez de “divide o prêmio”, mas Juízes 5.30 sugere diferente.

[33] Sobre o sentido causal de rv#a& th^T^, veja BDB, p. 1066, categoria 3.a. (b).

[34] O texto hebraico traz literalmente “entregou à morte sua alma”.

[35] A tradução entende a cláusula iniciada pelo objeto como circunstancial com sentido causal. Veja NORTH, Christopher R. The Second Isaiah: Introduction, translation, and commentary to chapters 40–55. Oxford:

Clarendon, 1964, p. 246.

[36] A tradução entende o imperfeito como passado progressivo. Se a intercessão do Servo refere-se ao seu sofrimento (cf. v. 6, onde o hiphil de ugP também aparece), então a ação deve ser vista como passado (cf. as três linhas precedentes). Observe que as traduções de NRSV, NIV e NJPS traduzem no tempo passado (“fez intercessão”).

[37] Os verbos usados no versículo 4 são empregados em outros lugares em referência ao sofrimento (geralmente de natureza física) produzido por Deus. O termo ugn é usado para o castigo divino na forma de pestes físicas (Gn 12.17; 1Sm 6.9; 2Rs 15.5; 2Cr 26.20; Jó 1.11; 2.5; 19.21; Sl 73.14). Deus geralmente aparece como o sujeito do verbo hkn. Frequentemente, é com uma enfermidade física que ele golpeia o objeto (veja BDB, p. 646, hiphil, 4.a). A raiz hophal (cf. Is 53.4) é usada para o castigo divino de natureza física em 1 Samuel 5.12. Deus é o sujeito de hnu (piel), “afligir”, em várias passagens (veja BDB, p. 776, piel, 3 – observe esp. Sl 88.8; cf. 102.24). Uma forma pual (cf. Is 53.4) é usada para aflição divina no Salmo 119.71.

[38] Tanto yl!h(quanto ba)k=m^ nos versículos 3-4 são usados em outros lugares para descrever os efeitos do pecado. Para exemplos de yl!h(usado dessa maneira, veja Deuteronômio 28.59,61; 2Crônicas 21.15,18-19; Salmo 41.3[4]; Isaías 1.5; Oseias 5.13. Sobre ba)k=m^~~, veja 2Crônicas 6.29; Salmos 32.10; 38.18; 69.27; Jeremias 30.15; 51.8; Lamentações 1.12, 18. O substantivo yl!h(, “enfermidade”, é colocado com acn, “levar, carregar”, somente aqui, embora em Jeremias 10.19 o verbo tenha como seu objeto um sufixo pronominal cujo antecedente é yl!h(. O verbo tem o sentido de “suportar, sustentar sob”. O substantivo ba)k=m^, “dor”, é colocado com o verbo lbs, “carregar”, somente em Isaías 53.4.

[39] Veja KOOLE. Isaiah III, volume 2: Isaiah 49–55, p. 290.

[40] Quando o sujeito leva o seu próprio pecado, as expressões taF*h~^ acn e /ou)* acn têm o significado de “incorrer em culpa/sofrer punição”, mas quando Deus é o sujeito têm o sentido de “remover o pecado, perdoar”. A expressão uc^P# acn é usada exclusivamente para perdão.

[41] É importante reiterar que a colocação frequentemente usada de acn, “levar, carregar”, e /ou)*, “pecado”, não é usada em Isaías 53. Em vez disso, acn é usado com af=j@, e o verbo lbs é usado com /ou)*.

[42] Outros casos em que um terceiro (diferente de Deus) leva os pecados de outra pessoa parecem menos instrutivos. Em Números 30.15, um marido que confirma os votos de sua esposa se torna a parte responsável se o voto for subsequentemente violado. Nesse caso, ele não é uma parte inocente; ele simplesmente sofre a punição que de outro modo seria estritamente devida à sua esposa. Em Ezequiel 4.4-6, o profeta leva os pecados de Israel e Judá, num sentido simbólico, como parte de uma elaborada lição concreta. Em Ezequiel 18.19-20, o Senhor declara que um filho não levará o pecado de seu pai, nem o pai levará o pecado de seu filho. Nesse caso, sofrer a punição que outro merece está em vista; o Senhor anuncia que, ao lidar com a geração do exílio, seguirá o princípio da responsabilidade individual.

[43] Veja GOLDINGAY, John. The message of Isaiah 40–55: A literary-theological commentary. Londres: T&T Clark, 2005, p. 515.

[44] Veja YOUNG. Book of Isaiah, 3:357-58.

[45] Veja KOOLE. Isaiah III, volume 2: Isaiah 49–55, p. 333.

[46] COLLINS, John J. Daniel, Hermeneia. Minneapolis: Fortress, 1993, p. 393.

[47] MOTYER, J. Alec. The prophecy of Isaiah: An introduction and commentary. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1993, p. 442.

[48] ADAMS, Jim W. The performative, nature and function of Isaiah 40–55, Library of Hebrew/Old Testament Studies 448. Nova York: T&T Clark, 2006, p. 208.

[49] Veja WHYBRAY. Thanksgiving for a liberated prophet, p. 72.

[50] Veja ibid., p. 72-74.

[51] Veja KOOLE, Isaiah III, volume 2: Isaiah 49–55, p. 310; GOLDINGAY, Message of Isaiah 40–55, p. 508. OSWALT, John N. The Book of Isaiah: Chapters 40–66, NICOT. Grand Rapids: Eerdmans, 1998, p. 396, aponta para 1Samuel 5.10, que sugere que a expressão “meu povo” pode ser uma variante sinônima de “nós”.

[52] Sobre a identidade do Servo como Israel idealizado em Isaías 49.3-8, veja CHISHOLM, Robert B., Jr., “The Christological fulfillment of Isaiah’s Servant Songs”. In: BSac 163, 2006: p. 394-98.

[53] OLLEY. “The many”, p. 353-55. A interpretação de que os reis de 52.15 são os que falam em 53.1-6 parece improvável, uma vez que eles são descritos como calados em 52.15. Mesmo se eles fossem os que falam em 53.1-6, o Israel exilado não pode ser o Servo Sofredor, pois essa seção de Isaías não retrata Israel como sofrendo inocentemente ou redentoramente. Pelo contrário, seu sofrimento é devido aos seus próprios pecados. Veja ORLINSKY, Harry M. The so-called “Suffering Servant” in Isaiah 53, Goldenson Lecture, 1964. Cincinnati: Hebrew Union College Press, 1964, p. 8-10.

[54] CHISHOLM. “Christological fulfillment of Isaiah’s Servant Songs”, p. 395.

[55] Veja CHISHOLM, Robert B., Jr., “The ‘everlasting covenant’ and the ‘city of chaos’: Intentional ambiguity and irony in Isaiah 24”. In: CTR 6, 1993: p. 237-53; CHILDS, Brevard S. Isaiah, OTL. Louisville: Westminster John Knox, 2001, p. 179; e MASON, Steven D. “Another flood? Genesis 9 and Isaiah’s broken covenant”. In: JSOT 32, n. 2, 2007: p. 177-98.

[56] OSWALT. Book of Isaiah, p. 385, habilidosamente observa: “Sim, Israel tinha sofrido os resultados temporais pelos seus pecados, mas isso não significava que ele estava automaticamernte restaurado à comunhão com Deus. Para que isso acontecesse, para que Israel fosse capacitado a ser Servo de Deus, a expiação era necessária”.

[57] WESLEY, Charles. “Hymn 36”. In: WESLEY John; WESLEY, Charles. Hymns on the Lord’s Supper, 10ª ed. Londres: J. Paramore 1794, v. 1-3, citado por RATTENBURY, J. Ernest The evangelical doctrines of Charles Wesley’s hymns, 3ª ed. Londres: Epworth Press, 1954, p. 192.

[58] WESLEY, Charles. “The invitation”, v. 1-2; citado por TYSON, John R.

Assist me to proclaim: The life and hymns of Charles Wesley. Grand Rapids: Eerdmans, 2007, p. 69.

Capítulo 9

[01] Estou em dívida com meu amigo e colega Richard Averbeck pelos seus úteis comentários sobre um esboço inicial deste capítulo. Quaisquer erros que tenham permanecido são meus.

[02] Os comentários que acabaram de ser feitos estabelecem o contexto de quando essa história seria cumprida. Até hoje, nenhum evento desse tipo aconteceu na história de Israel. Na verdade, é questionável se Israel como um todo chegará a essa percepção antes de sua conversão a Cristo, como predito em Zacarias 12.10, quando, no seu segundo advento, no fim da tribulação (o contexto de Zc 12), olharem para aquele que foi traspassado e prantearem por ele. Por isso, parece melhor entender Isaías 53 como, entre outras coisas, predizendo o que a nação de Israel entenderá e o tipo de coisas que seu povo dirá no segundo advento e na eternidade. Para esse entendimento do provável contexto em que a nação de Israel pensará e dirá as coisas registradas em Isaías 53, estou em débito com comentários feitos numa aula de exegese hebraica dada pelo meu pai, Charles Lee Feinberg.

* Ninguém pode dizer que Deus não existe, nem os pós-modernos, se eles forem coerentes com suas crenças. A partir deste ponto, o autor usa o próprio raciocínio pós-moderno para lhes apresentar Jesus (N. do E.).

[03] Algumas traduções trazem “quando ele se entregasse”. “Se” e “quando” são possíveis. Mas, se escolher “se”, este não é um “se” que levanta dúvida sobre se o Servo entregaria como uma oferta pela transgressão ou se teria uma

posteridade ou prolongaria seus dias. Em vez disso, com “se”, a sentença torna-se uma condição de acordo com o fato. Isto é, o que é colocado como possibilidade de fato acontecerá.

[04] O autor afirma que Deus, como se revela na Escritura, é o Deus que os pós-modernos querem. Ele é certamente o Deus de quem eles precisam, não há outro, mas não vão admitir isso (N. do E.).

[05] É lamentável que as mentes pós-modernas continuem a rejeitar isso (N. do E.).

** Mateus 1.21 ensina que “ele salvará o seu povo dos pecados deles” (meu destaque) e Gálatas 3.7 que “os da fé é que são filhos de Abraão” (N. do E.).

[06] É como o autor diz que os pós-modernistas deveriam raciocinar em relação aos cristãos (N. do E.).

[07] O autor usa a expressão “ultimate insider” para referir-se ao que está no poder, a maioria dominante de que ele falou acima. O ser humano, por outro lado, é o “outro”, o diferente, a minoria (N. do E.).

Capítulo 10

[01] A porção da Haftorah refere-se à seção da Escritura lida semanalmente na sinagoga que era escolhida, porque os sábios judeus acreditavam haver algum tipo de congruência da passagem com a outra que era lida dos cinco livros de

Moisés. Esses pontos de congruência podem ser temáticos, ou léxicos ou extraídos de uma tradição judaica específica relacionada à passagem. Já que nem toda passagem dos Escritos ou dos Profetas é lida, não se pode afirmar com certeza que Isaías 53 tenha sido deixado de fora intencionalmente.

No entanto, parece incomum terminar uma semana de leituras em Isaías 52.12 e começar a seguinte em Isaías 54. Quando se aceita a interpretação messiânica de Isaías 53 como cumprida na pessoa de Jesus, então a razão para deixar essa passagem de fora é óbvia. As leituras para o período de duas semanas são as seguintes:

Parsha Shoftim: Deuteronômio 16.18–21.9

Haftorah: Isaías 51.12–52.12

Parsha Ki Tetze: Deuteronômio 21.10–25.10

Haftorah: Isaías 54.1-10

[02] “The fourth Isaianic Servant Song (Isaiah 52:13–Isaiah 53:12): A majestic prediction of the suffering Messiah and a powerful aid in Jewish evangelism”, apresentado em To the Jew first in the New Millennium Conference, First Baptist Church, West Palm Beach, Flórida, 10/fev./2001, por Robert Raymond, professor emérito de Teologia Sistemática, Knox Theological Seminary.

[03] ROBERTS, Alexander et al. The ante-Nicene fathers. Peabody, MA: Hendrickson, 1994.

[04] CHAZAN, Robert. Barcelona and beyond: The disputation of 1263 and its aftermath. Berkeley: University of California Press, 1992, p. 158-71.

[05] http:///www.chabadworld.net/page.asp?pageID=1104AEE3-3064-4CC9-A4D8-A4355AF2A77C&moshHdr=1 (acessado no dia 20 de julho, 2009).

[06] BERGER, David. The Rebbe, the Messiah, and the scandal of orthodox indifference. Londres: Littman Library of Jewish Civilization, 2001.

[07] Tratado distribuído no Brooklyn, no trigésimo dia depois da morte de Schneerson.

[08] SANTALA, Risto. The Messiah in the Old Testament in the light of rabbinical writings. Jerusalém: Keren Ahvah Meshihit, 1992.

[09] FRUCHTENBAUM, Arnold. Jesus was a Jew. Nashville: Broadman Press, 1974.

[10] BROWN, Michael. Answering Jewish objections to Jesus. Grand Rapids: Baker Books, 2000.

[11] KAISER, Walter C., Jr. The Messiah in the Old Testament. Grand Rapids: Zondervan, 1995.

[12] KJÆR-HANSEN, Kai (org.), The death of Messiah. Baltimore: Lederer Publications, 1994; BARON, David. The Servant of Jehovah. Grand Rapids: Zondervan, 2001; Fruchtenbaum, Jesus was a Jew; KAC, Arthur W. The

messianic hope. Grand Rapids: Baker, 1975; COOPER, David L. The Messianic series. Los Angeles: Biblical Research Society, 1961.

[13] ASTON, Fredrick. em The challenge of the ages. Wilmington, DE: Great Christian Books, 1977, resume os argumentos da seguinte maneira:

1. O Servo é retratado como divino; uma pessoa humana (Is 52.14; 53.2-3); um sofredor inocente, sem pecado (53.4-5, 8d, 9cd, 12d); um sofredor voluntário (53.7a); um sofredor obediente, humilde e silencioso (53.7).

2. Seu sofrimento nasce do seu amor pelos pecadores, até mesmo seus executores, que agem em ignorância (53.4cd, 7,12); cumpre a vontade intencional e o propósito divinos (53.10); lida com o pecado e todos os seus aspectos (53.12, 5); é vicário e substitutivo (53.8b, 5ab, 6c, 8-9d, 10b, 11d, 12e); é redentor em espírito e por natureza (53.5cd, 11d); termina na sua morte (53.8a, cd, 10a, 12c); leva-o a ser sepultado com o rico (53.9-10); dá lugar à sua ressurreição (53.10bcd, 11); leva as pessoas desviadas pelas quais ele morreu à confissão e ao arrependimento (53.4-6).

Como sua obra redentora em implementar um plano divino em que sofrimento, humilhação e morte são centrais, ele inaugura uma vida proveitosa e vitoriosa pelos séculos sem-fim (53.10cd, 11ab, 12ab).

[14] TROKI, Isaac. Faith strengthened. Nova York: Hermon Press, 1970.

[15] http://en.wikipedia.org/wiki/Tovia_Singer (acessado no dia 10 de julho de 2009).

[16] Os judeus religiosos aceitam os Treze Artigos de Fé escritos por Maimônides. Seus artigos de fé continuam sendo o que o judaísmo tem de mais próximo de uma declaração doutrinária. http://www.religionfacts.com/judaism/beliefs/13_articles.htm (acesso no dia 20

de julho de 2009). Veja também KAPLAN, Aryeh. Maimonides' principles: The fundamentals of Jewish faith, nova edição. Nova York: National Conference of Synagogue Youth, 2002. Os treze artigos de fé propostos por Maimônides são:

Deus existe.

Deus é um e único.

Deus é incorpóreo.

Deus é eterno.

A oração é a Deus somente.

Os profetas falaram a verdade.

Moisés foi o maior dos profetas.

A Torá escrita e oral foi dada a Moisés.

Não haverá outra Torá.

Deus conhece os pensamentos e os atos dos homens.

Deus recompensará os bons e punirá os maus.

O Messias virá.

Os mortos serão ressuscitados.

[17] BOTEACH, Shmuley; BROWN, Michael. Did Jesus die for our sins? Nova York: Chosen People Productions, 2007.

Capítulo 11

* No original: “All we like sheep have gone astray; we have turned every one to his own way” (N. da R.).

[01] Quase todos concordam que a unidade literária de Isaías vai de 52.13 a 53.12, e essa é a passagem que examinarei. É um dos Cânticos do Servo de Isaías.

[02] Embora seja verdade que suas decisões, linha por linha, levam a um sentido da estrutura geral, também é verdade que, quando você vê essa estrutura se desenvolvendo, isso influenciará algumas dessas decisões. Por exemplo, sua conclusão sobre se 52.13 deve trazer “aspergir” ou “espantar-se” pode ser influenciada pela sua noção de que a estrutura mais ampla é uma inclusão ou um quiasma. Mais será dito sobre isso à frente.

[03] Obviamente, quanto mais coerentes suas interpretações forem com as palavras a que seus ouvintes estão considerando, melhor será para eles. Quanto menores as correções que você tiver que fazer, mais fácil será para eles acompanhá-lo e mais confiança eles terão na leitura de sua Bíblia.

[04] Minha preferência é pregar com base na NIV, mas também levarei em consideração as traduções NASB, ESV e NKJV nas discussões a seguir.

* A ARA traz “causará admiração” (N. do T.).

[05] Um broto é um desenvolvimento improdutivo que nasce da base de uma árvore; uma raiz em uma terra seca também não é promissora por causa da falta de água.

[06] GOLDENGAY, John; PAYNE David. A critical and exegetical commentary on Isaiah 40–55, v. 2: Commentary on Isaiah 44:24–55:13, ICC. Londres: T&T Clark, 2006, p. 316.

[07] LINDSEY, F. Duane. “The career of the Servant in Isaiah 52:13–53:12”. In: BSac 139, n. 556, out.-dez./1982: p. 312-20, e p. 140, n. 557, jan./mar./1983: p. 21-39.

[08] MOTYER, J. Alec. The prophecy of Isaiah: An introduction and commentary. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1993, p. 423.

[09] As mesmas raízes hebraicas ocorrem em “tomar” (53.4) e “levar” (53.12); em “levou’ (53.4) e “levará” (53.11); em “transgressões” (53.5; 53.12 - 2x); em “iniquidades” (53. 4, 6; e 53.11); e em “fez cair” (53.6) e “intercedeu” (53.12).

[10] CHILDS, Brevard S. Isaiah, OTL. Louisville: Westminster John Knox, 2001, p. 411.

[11] Alguns dividem essa seção intermediária em duas partes para distinguir entre o “nós” que falam nos versículos 1-6 e o outro que fala, nos versículos 7-11a; veja BERGEY, Ronald. “The rhetorical role of reiteration in Isaiah 52:13–53:12”. In: JETS 40, n. 2, jun./1997: p. 177-88, e BARRE, Michael S. “Textual and rhetorical-critical observations on the last Servant Song (Isaiah 52:13–53:12)”. In: CBQ 62, n. 1, jan. 2000: p. 1-27. Veja Apêndice B para uma mensagem dramática/narrativa baseada nas diferentes vozes do cântico.

[12] GOLDINGAY e PAYNE. Commentary on Isaiah 44:24–55:13, p. 277.

[13] SUNUKJIAN, Donald R. Invitation to Biblical preaching: Proclaiming truth with clarity and relevance, Invitation to theological studies series. Grand Rapids: Kregel, 2007, p. 65-83.

[14] Outros assuntos também terão que ser meramente sugeridos em uma frase ou duas, ou omitidos. Entre eles estão o pequeno quiasma em 52.14-15 de "muitos/desfigurado/arruinado/muitos" e em 52.15b-53.1 de "ver/ouvir/ver/ouvir"; as inclusões de "todos nós... nós todos", em 53.6; "abriu a boca... não abriu a boca", em 53.7-9; e "ao Senhor agradou... a vontade do Senhor", em 53.10; o padrão ABBA, em 53.8, e ABAB, em 53.9, ambos mencionados acima; os elementos característicos de "oferta pela culpa", em 53.10; e os diferentes significados de "sofrimento", em 53.11.

[15] O conteúdo específico de cada abordagem é fornecido em outros capítulos deste livro.

[16] O sermão no Apêndice A tenta mostrar essa mudança de identidade por meio de uma breve revisão dos Cânticos do Servo anteriores.

Conclusão

[01] As passagens-chave deste capítulo podem diferir levemente em fraseologia em cada capítulo.